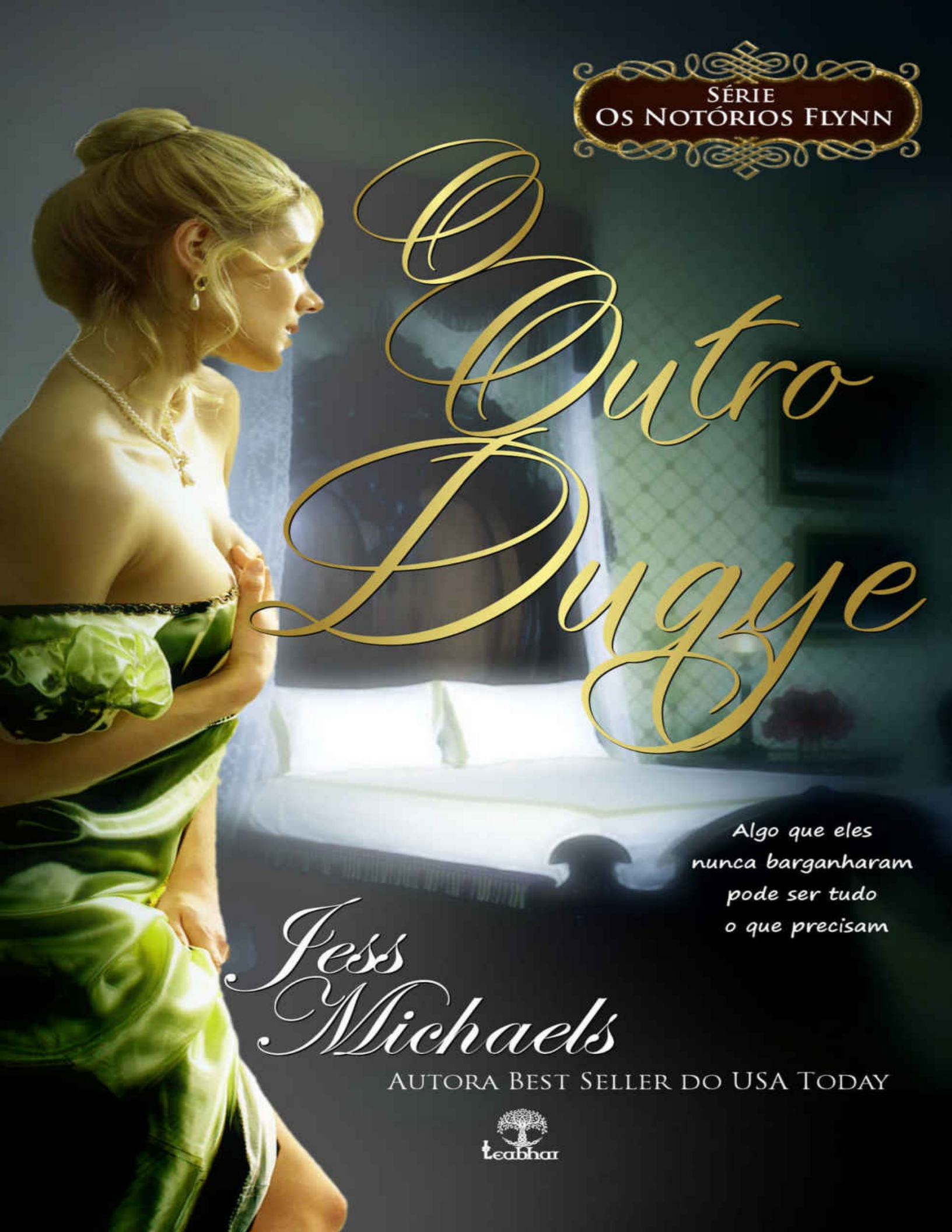

Série
Os Notórios Flynn
Outro Lugar
Algo que eles
nunca barganharam
pode ser tudo
o que precisam
Jess Michaels
Autora Best Seller do USA Today
Leabhar

O Outro Duque



Jess Michaels

SÉRIE OS NOTÓRIOS FLYNN

Leabhar
2019
Ribeirão Preto/SP

O Outro Duque

(OS NOTÓRIOS FLYNN - LIVRO 1)

por

Jess Michaels



2019

Índice

Página do título
Direitos autorais
Nota do Autor
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Epílogo
Sobre a Autora
Informações Leabhar Books®
Próximo Lançamento da série
Conheça outros Títulos

Créditos

Título original: The Other Duke
The Notorious Flynns Livro 1

Copyright © Jesse Petersen, 2015
Copyright © LEABHAR Books® 2019

Tradução: Regiane Moreira
Revisão: D. Marquezi
Diagramação: Jaime Silveira
Capa: Luis Cavichiolo

Todos os direitos reservados.
Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer maneira sem a permissão expressa por escrito do editor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha literária.

J58

Michaels, Jess
Título: O outro duque (recurso eletrônico)
Os Notórios Flynn Livro1

Tradução de: The Other Duke
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-80754-03-8

1. Romance inglês. 2.Histórico I. Moreira, Regiane. II. Título

CDD 823
80754 CDU 82-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora Ltda.
14026-970 – Cx.Postal 5008 - RP/SP - Brasil
E-mail: leabharbooksbr@leabharbooks.com.br
www.leabharbooks.com

Nota do Autor

Depois de muitos anos e muitos tipos de publicações, decidi ir completamente para o individual. Este é um momento excitante, emocionante e aterrorizante para mim. Alguém disse uma vez que você pula do penhasco e cria suas asas na descida. Bem, aqui vai. É engraçado, porém, quando se passa para "indie", não faz isso sozinho. Portanto, há muitas pessoas a agradecer por tornar este livro, esta escolha e esta vida possíveis.

Primeiramente, quero agradecer a vocês leitores, por me darem uma plataforma suficientemente forte para começar a fazer essa escolha. Espero que amem todos os livros futuros e me acompanhem como em todas as outras jornadas.

Em segundo lugar, a todos aqueles que ajudaram no processo do livro. Para Mackenzie Walton, meu editor destemido, gentil e maravilhoso. Obrigado por tudo. Para Millie Bullock, não apenas a melhor redatora, mas a melhor mamãe de todos os tempos: Eu te amo! Aos meus amigos que me encorajaram nessa mudança - Grace Callaway, Delilah Marvelle, Heather Boyd, Vicki Lewis Thompson e Lila DiPasqua: Seu generoso compartilhamento de informações e apoio ocasional fez uma enorme diferença. Para Beth Neuman, pelos jogos barulhentos de Cards Against Humanity e conversas incríveis que me fazem lembrar que sou humana, assim como escritora: Meninas estranhas para sempre!

E finalmente e acima de tudo para Michael Petersen. Você deu o salto comigo de todas as maneiras imagináveis. Você é minha caixa de ressonância, meu melhor amigo, meu assistente e o amor da minha vida. Eu mal conseguiria respirar sem você, muito menos ser corajosa o suficiente para tentar isso.

Capítulo 1



Verão de 1813

Serafina McPhee se encolheu quando a costureira puxou alguns dedos de tecido mais apertado em torno de sua cintura e enfiou um alfinete nas camadas para segurá-los no lugar.

— Se continuar a perder peso, Srta. McPhee, eu não posso garantir que ficará bonita no dia do seu casamento — a mulher estalou. — E não será minha culpa, asseguro-lhe.

— Sinto muito, senhorita Windle — disse Serafina em voz baixa, enquanto a costureira se arrastava para rabiscar figuras em um caderninho sobre a mesa a poucos metros de distância.

— Que mulher horrível ela é — disse Emma, a melhor amiga de Serafina, ao se aproximar e apertar sua mão. — Nunca poderia ser nada além de bonita. Aqui, olhe.

Sua amiga virou Serafina suavemente até que elas enfrentaram o espelho de corpo inteiro atrás dela. Serafina olhou para seu reflexo e seu coração afundou. Havia uma parte dela que desejava que a costureira desagradável estivesse certa. Que ela se olharia e veria que sua beleza desaparecera, desbotada, alterada para algo menos atraente.

Mas parecia a mesma de sempre. E o vestido, o lindo vestido que uma dúzia de jovens teria dado a seus dedinhos para vestir, apenas aumentou o que o Senhor tinha sido cruel o suficiente para presenteá-la.

Seu pai não poupara despesas e isso mostrava. A seda creme-pálido, tinha sido fiada com prata e ouro, de modo que os brocados ao longo do corpete quase brilhavam à luz. O tecido estava perfeitamente cortado para cair sobre seu corpo da maneira mais lisonjeira possível, realçando seus seios antes que caísse em cascata sobre o resto de sua forma, apenas beijando suas curvas.

No momento, seu cabelo loiro estava preso em um coque simples, mas no dia do casamento o elaborado véu sobre a mesa atrás dela, estaria

perfeitamente colocado em seus cachos, emoldurando seu rosto, provavelmente fazendo dela o motivo de inveja de amigos e conhecidos, todos que foram convidados para o casamento da década.

E tudo o que Serafina queria fazer era fugir.

— Oh não, não chore — Emma sussurrou, pegando um lenço do bolso do seu vestido.

Serafina aceitou a oferta e bateu nas lágrimas indesejáveis que agora ameaçavam cair de seus olhos. Ela lançou um olhar para a Srta. Windle, esperando que a mulher não tivesse visto. A costureira diria ao mundo e a vida de Serafina era complicada o suficiente sem que especulações a perseguissem.

— Sinto muito — ela sussurrou de volta. — É só ... é só que eu sei que *ele* apenas ficará ainda pior quando nos casarmos.

Emma respirou fundo, suas bochechas corando enquanto ela lentamente assentia em compreensão. Mas antes que ela pudesse falar, a porta do quarto de Serafina se abriu e seu pai entrou.

— Sr. McPhee — disse a Srta. Windle com um sorriso, de repente toda doçura e gentileza quando se deparou com o homem que lhe pagava contas pesadas. — Não o esperava hoje. Sua filha não está linda?

Serafina ficou tensa quando seu pai lançou um rápido olhar em sua direção. Ela esperava críticas, mas sua expressão era distante e perturbada quando ele se virou para a costureira.

— Senhorita Windle, poderia nos dar licença?

A costureira olhou rapidamente para Serafina e depois assentiu. — C-claro, senhor.

Ela pegou o bloco de notas e lançou um olhar para Serafina, como se ela tivesse feito esse pedido, antes de sair para o corredor. Depois que ela se foi, o pai de Serafina deu a Emma um olhar duro.

— A senhorita também, Emma. Preciso falar com Serafina a sós por um momento.

Emma engoliu em seco, apertou a mão de Serafina e então saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Serafina desceu da plataforma elevada onde a Srta. Windle a forçou a ficar de pé durante a última hora. Quando ela esticou as costas, olhou para o pai mais de perto. Ele parecia ... quase *doente*.

— O que foi, papai? — Ela perguntou.

Ele limpou a garganta algumas vezes. — Sim, bem, não há como dizer

isso que alivie as notícias, suponho.

O coração de Serafina começou a bater. A última vez que seu pai gaguejou e balbuciou dessa maneira foi quando ela era uma menina e ele anunciou que sua mãe tinha finalmente morrido depois de uma longa doença.

— O que aconteceu? — Ela perguntou, sua voz parecendo tocar no quarto ao seu redor.

— Serafina, Cyril está ... ele está...

A mente errante de Serafina começou a preencher os adjetivos para descrever seu noivo: *Cruel. Horrível. Repugnante. Odioso.*

— ... morto — seu pai terminou.

Ela olhou para ele, incapaz de fazer qualquer outra coisa. O sangue rugia como um rio furioso em suas veias e tocavam seus ouvidos enquanto aquela simples palavra ricocheteava através dela como uma bala bem colocada.

— Morto? — Ela repetiu lentamente quando conseguiu encontrar sua voz. — Como assim?

Seu pai soltou um suspiro de alívio. — Ele foi morto em um acidente de carruagem esta manhã. Infortúnio sujo.

Ele continuou a falar, mas Serafina não o ouviu mais. Três palavras ecoaram em sua mente, bloqueando o zumbido de seu pai.

Cyril está morto. Cyril está morto.

Ela se afastou de seu pai e andou até a janela, cobrindo a boca quando a verdade penetrou. Ao se dar conta, teve uma reação que não podia controlar, uma com a qual estava absolutamente chocada.

Alegria. Absoluta felicidade passando por todo o seu ser. Cyril estava *morto*. Isso significava não passar mais tardes horríveis em sua companhia, sem mais razões falsas para levá-la sozinha para que ele pudesse ... *cortejá-la*.

Não havia mais casamento.

Ela olhou para o vestido que desprezara dez minutos antes e de repente adorou mais do que qualquer coisa que já tivesse usado. Ela não se casaria. Estava livre!

— Mas isso dificilmente importa agora — disse o pai dela com uma sacudida de cabeça.

Serafina se esforçou para afastar seu sorriso do rosto e virou-se para ele, determinada a não ser a pior pessoa a andar na terra.

— Como pode dizer isso, pai? — Ela perguntou, medindo seu tom cuidadosamente. — Cyril está morto. Não importa o que ele foi ou fez na

vida, há certamente aqueles que irão chorá-lo. Sua mãe ficará devastada.

Ela franziu a testa com o pensamento. A duquesa adorava seu filho com um desespero fervoroso. Isso poderia matar a mulher horrível. Ou simplesmente afastá-la da beira da sanidade.

Seu pai franziu a testa como se não entendesse Serafina.

— O que está falando, menina? Não estou falando dos enlutados de Cyril, estou falando de *sua* posição.

Ela balançou a cabeça. — Minha posição?

— Eu não vim lhe contar sobre esse acontecimento mais cedo porque passei a manhã revisando o contrato de casamento com o advogado. Temos muita sorte, Serafina.

A alegria que Serafina começara a sentir começou a sangrar com o largo sorriso que atravessou o rosto do pai.

— Como pode ser sorte quando o fato de eu casar com um duque foi tão importante para o senhor? — Ela sussurrou, não querendo ouvir a resposta, mas sabendo que tinha que fazê-lo.

— O contrato foi escrito de tal forma que diz que se casará com o duque de Hartholm — disse o pai, erguendo as sobrancelhas.

— Mas ele está morto — disse ela.

— Não, duques nunca morrem — seu pai riu. — Homens o fazem. Já existe um novo duque de Hartholm, entende. Ou haverá uma vez que as formalidades sejam conduzidas já no final do dia. O advogado acredita que o homem não será capaz de quebrar nosso contrato. Se casará como planejado, minha querida.

Serafina deu um passo para trás, cambaleando pela cauda do vestido, ouvindo o delicado tecido rasgar-se sob os chinelos, quando sentiu o coração se partindo ao meio. Sentia como se houvesse uma pedra em seu estômago, puxando-a para baixo.

— Mas..., mas Cyril não tinha irmãos — ela conseguiu fazer passar pela garganta seca. — Então, *quem* é o novo duque?



Raphael Flynn andava de um lado para o outro na sala, com a raiva e a indignação percorrendo suas veias, subindo em seu peito, que o sufocava até mal conseguir ver, pensar ou falar.

Virou-se e encarou sua família. Sua irmã Annabelle estava sentada na escrivaninha, examinando documentos sem olhar ou reconhecê-lo.

Na lareira estava seu irmão mais novo, Crispin. Apesar de ser cedo, ele agarrava um copo de uísque com força. O rosto do seu irmão estava repleto de emoções intensas, assim como Rafe sabia que o seu também estava.

E no sofá, a mãe observava tudo, os lábios franzidos e as bochechas pálidas de preocupação.

Tinha sido assim por dois dias, desde a notícia de que o primo de Rafe, o raramente visto e menos apreciado Duque de Hartholm, havia morrido em um acidente súbito e bastante escandaloso. Dois dias desde que a vida de Rafe mudou completamente.

— Eu nunca *gostei de* Cyril — Rafe conseguiu latir, direcionando seus comentários para Crispin, que era seu irmão e amigo mais próximo. — Por que eu deveria ser forçado a herdar sua vida?

Ele se virou para andar de novo, mas sua mãe se levantou e deu um passo à frente, impedindo o seu movimento implacável enquanto levantava as mãos para gentilmente esticar sua gravata.

— Silêncio — ela disse, mas sua voz era suave e não continha nada além de bondade. — Tenha um pouco de respeito pelos mortos, Raphael.

— Como posso? — Ele perguntou, mesmo quando cobriu as mãos dela com as suas e olhou para o seu rosto, procurando por uma resposta que ela não podia lhe dar. — Eu não *quero* ser um duque.

Annabelle levantou os olhos dos papéis e retirou lentamente os óculos. Ela soltou um suspiro que apunhalou Rafe em sua alma.

— O que quer, temo, não importa mais — disse ela com uma carranca. — Os incisos de herança são muito claros. Como primo mais velho, é o próximo na fila para o título.

As têmporas de Rafe começaram a latejar e ele estendeu a mão para cobrir os olhos. — E a *outra* questão?

Sua irmã procurou nos papéis e segurou alguns deles. — Quer dizer o contrato de noivado?

As náuseas que iam e vinham em ondas por dois dias o atingiram de novo e ele engoliu a bílis que se acumulava em sua garganta. Ele lutou por ar antes de sussurrar: — Sim.

Annabelle baixou os papéis e lentamente se pôs de pé. Ela atravessou a sala, os olhos cheios de pena. Sua expressão lhe deu a resposta antes mesmo que ela levantasse na ponta dos pés e apertasse um beijo em sua bochecha.

— Eu sinto muito, querido. Parece que o contrato foi muito bem escrito . O advogado estava correto em sua avaliação inicial. Herdou a noiva de Cyril junto com seu título, terras e o pouco que resta na vinculação.

Rafe se afastou dela e foi até a janela. Encostou a cabeça no vidro frio. Desejou poder derreter através da barreira e fugir. Para longe.

— Deus, maldição — ele latiu antes de bater a palma da mão contra o vidro, fazendo-o vibrar.

— Rafe — sua mãe disse, sua voz muito apertada. — Não blasfeme.

Ele se virou para olhar para ela. Ele não herdou muito da aparência dela. Ele e seu irmão sempre favoreceram o pai, mas naquele momento a expressão dela era um espelho perfeito de seus próprios sentimentos. Ela parecia doente de preocupação, o rosto pálido esgotado e cansado.

— Sinto muito, mãe — disse ele, sacudindo a cabeça. — Mas Deus, *droga*.

Sua mãe sorriu levemente para pegar sua mão. Ela a apertou suavemente, claramente olhando para oferecer conforto que simplesmente não existia para ele. Agora não. Não por muito tempo ainda.

— Eu sei, querido — disse ela. — E não desejaria que tivesse essas cargas pressionando seus ombros. Nem que se casasse com alguma estranha. Mas devemos manter a calma. Afinal, tudo tem sido instável nos últimos dias e quem sabe o que virá a seguir, para melhor ou para pior. Tudo o que podemos fazer agora é ir ao funeral como planejado. Vai conhecer esta jovem dama e sua família e vamos resolver tudo. De alguma forma.

Rafe sorriu para ela, mas a expressão destinava-se apenas a oferecer à mãe a segurança que ele não podia conceder a si mesmo. Afinal, suas palavras podiam estar perfeitamente corretas, mas não lhe deram consolo. Porque ele não podia acreditar que as coisas dariam certo no final. Elas deram muitas vezes em sua vida encantada.

Mas não desta vez.



Rafe se mexeu, desejando poder arrancar sua jaqueta e a braçadeira preta amarrada como um torniquete em torno de seu bíceps, desamarrar a gravata que o sufocava e sair correndo da sala de estar. Todos na sala pareciam olhar para ele. Mais da metade nem sequer compareceu ao serviço curto na igreja e

ao enterro depois. Eles haviam simplesmente descido à casa de Cyril para comer sua comida e beber o vinho que agora fluía ao redor deles.

— Bom Deus, isso é um pesadelo — disse Crispin quando se aproximou de Rafe e entregou-lhe uma taça de vinho. — É assim que a vida como duque será?

Rafe bebeu em um gole. — Parece que sim. Sabia que quatro pessoas vieram me *parabenizar*? No funeral de Cyril. Como se eu tivesse ganho uma mão de cartas contra ele ou algo parecido. Eu não me importava com o homem, mas ele está morto. É totalmente inadequado.

— Tem agora a influência que vem com o maldito título — disse Crispin com um encolher de ombros. — E todo mundo sabe que trouxe dinheiro para a equação também. Eles se curvarão por anos.

Rafe estremeceu. — Eu odeio esse pensamento.

— O que poderia fazer, abandonar o seu posto? — Crispin disse com um meio sorriso para seu irmão. — Isso só aumentaria a reputação que temos atualmente.

Rafe tentou sorrir de volta com a provocação, mas não conseguiu controlar. — Uma coisa é jogar até o amanhecer no Masquerade de Donville ou beber e andar nu pelo St. James Park ou até mesmo dormir com uma dúzia de damas dispostas. Mas me afastar do título? Isso seria ir longe demais. Eu não faria isso com mamãe ou Annabelle. Elas sofrem o suficiente por nossa notória reputação.

Crispin inclinou a cabeça como se não entendesse as palavras vindas da boca de Rafe. — Elas não reclamam.

Rafe sacudiu a cabeça. — Acredito que os suspiros ocasionais de mamãe e os olhares de Annabelle devem ser registrados como queixas.

— E a sua noiva? *Ela* vai reclamar? — Crispin perguntou.

Rafe examinou a sala. — Eu ainda não a vi.

— Por que ela não estava no funeral e no enterro? — Perguntou seu irmão.

— Alguém estava falando sobre as constituições delicadas das mulheres — Rafe disse com um revirar de olhos. — Também ouvi sussurros de que a tia Hesper estava histérica demais para comparecer aos serviços de seu único filho e insistiu para que a srta. McPhee não fosse devido a algum ressentimento ou ciúme. Há muitos que estão ansiosos para me dizer que Hesper não se importava com a futura noiva de seu filho.

Crispin ergueu as sobrancelhas. — Isso pode contar como uma marca a

favor da jovem, se me recordo da tia Hesper. Essa parte da família nos afastou quando eu ainda era jovem, mas me lembro dela como não sendo a mais gentil das mulheres. Ainda assim, ela não nos interessa. O que mais dizem sobre a senhorita McPhee?

— Só que ela...

Ele foi cortado quando uma porta lateral da sala abriu e uma jovem entrou no braço de um homem mais velho. Ela tinha o cabelo loiro mel que estava puxado para trás em um coque severo, mas o penteado simples e apertado só servia para destacar seu rosto. Era em forma de coração, com pele lustrosa e clara. Ela tinha lábios rosados e pálidos olhos azuis que o lembraram de paisagens geladas. Ela estava vestindo luto completo, e ele percebeu com um sobressalto que *esta* era a senhorita McPhee.

— O que eles dizem sobre ela? — Seu irmão disse, balançando a cabeça.

Rafe engoliu em seco. — Que ela é a mulher mais bonita de Londres — disse ele, olhando para ela porque não conseguia desviar o olhar.

Crispin seguiu seu olhar e seus olhos se arregalaram. — Essa é a dama em questão?

Rafe conseguiu confirmar com a cabeça. — Acho que deve ser.

Crispin soltou um assobio baixo. — Então eu diria que a fofoca não é um exagero.

Rafe sacudiu a cabeça. — Não. Não é.

Ele já tinha visto muitas mulheres bonitas antes, é claro. Ele estava com elas em praticamente todos os sentidos imagináveis. Normalmente, não se sentia atraído pelo frio decoro ou mesmo por mulheres de classe. Elas vinham com muitas complicações, a menos que fossem viúvas e ansiosas para permanecer livres como ele próprio estava.

Mas olhando para essa mulher, ele foi tomado por um súbito e poderoso choque de desejo que pareceu abrir caminho por todo o corpo e se acomodar desconfortavelmente entre as pernas.

Ele não conseguia explicar a reação. Ele só podia supor que era por causa do choque dos últimos dias e pelo conhecimento de que ele não poderia escapar de um futuro com a senhorita McPhee a menos que algo inteiramente inesperado acontecesse, que encorajasse seu corpo a se comportar de tal maneira.

— Quando se encontrar com ela, vai babar sobre ela como agora? — Perguntou seu irmão.

Rafe se forçou a parar de olhar para a noiva de seu primo e olhou para o irmão. — Cale-se.

— Eu só estou querendo saber se essa será a parte principal do seu plano hoje — Crispin continuou, seu lábio se inclinando em diversão às custas de Rafe.

— Eu não quero discutir isso — Rafe disse com os dentes cerrados.

Seu irmão deu de ombros. — Bem, certamente estará falando sobre isso mais cedo ou mais tarde, mesmo que não seja comigo.

Rafe olhou para o outro lado da sala e descobriu que o pai da senhorita McPhee parecia tê-lo notado. O homem disse alguma coisa para sua filha e então começou a atravessar a sala em direção a Rafe e Crispin. Rafe endireitou os ombros e se preparou para o pior.

— Parece que está correto, Crispin. Algo que sei que ama ouvir. Por que não se afasta, pois parece que não posso evitar o que está prestes a acontecer?

Capítulo 2



Serafina, particularmente, sempre odiou a sala de estar onde os presentes estavam reunidos para comer, beber e pensar na vida de Cyril, além de fofocar pelas costas, sobre sua morte. Apenas dois dias após o acidente e os detalhes dos acontecimentos daquela manhã já haviam começado a se espalhar, chegando até seus ouvidos. Ela corou enquanto tentava não pensar muito neles.

Tudo o que ela sabia era que se sentia mais triste pela prostituta que estava andando no faeton com Cyril e que conhecera o mesmo destino que teve seu noivo. Esse fato deixou um gosto amargo em sua boca.

Do outro lado da sala, ela teve um vislumbre de sua futura sogra. Hesper estava de pé com uma mulher que Serafina não conhecia. As duas conversaram por um momento, a Duquesa viúva com a cara irritada e frágil. Então a viúva fez um gesto para ela com desdém. Serafina se virou corando. Pelos sussurros dos outros enlutados e os olhares de Hesper, parecia até que Sua Graça culpava Serafina pela morte de Cyril. O que era um completo absurdo.

Antes que pudesse encontrar uma maneira de se desculpar por um momento e pegar um pouco de ar no terraço, sentiu uma mão em seu cotovelo e se virou para encontrar seu pai ao seu lado.

— Venha, ─ disse ele, segurando seu braço um pouco mais forte. Seus olhos se encontraram e viu sua determinação, como se pensasse que ela poderia resistir. Na verdade, o pensamento passou por sua cabeça.

— Onde? ─ Ela perguntou, embora tivesse adivinhado o que estava prestes a acontecer e tivesse pouca escolha a não ser cambalear na direção em que ele a puxou.

— Para conhecer o novo duque de Hartholm ─ disse ele, a voz e o rosto carregados de uma sombria resolução.

Serafina começo a tentar se soltar quando o repentino terror a atingiu.

— Não, ─ ela sussurrou. — Eu não quero. Por favor, não me obrigue.

Seu pai a olhou. — Não há mais como fugir disso agora, criança. Venha,

ou vou arrastá-la desta sala chutando e gritando, não importa como pareça.

Serafina ficou rígida. O mundo, ou pelo menos o seu mundo, estava tendo prazer suficiente com a morte de seu noivo. Um ataque em seu funeral a faria, ainda mais, um assunto de fofocas.

E como não adiantaria nada recusar, ela ergueu os ombros e seguiu o pai da sala por sua própria vontade. Enquanto caminhavam pelos corredores sinuosos da residência de Cyril, ela respirou profundamente. Mesmo que estivesse gritando por dentro, tinha que parecer calma. Cyril ensinou-lhe essa amarga lição muito bem, e ela pretendia usá-la contra seu primo, assim como tinha usado contra ele uma vez.

— Ele está nos esperando aqui, — disse o pai, abrindo a porta do escritório de Cyril. Serafina se forçou a não recuar quando entrou na sala com suas paredes ricamente revestidas e estantes altas cheias de tomos que Cyril nunca havia tocado em sua vida.

Pensando bem, Serafina odiava tanto esta câmara quanto a sala de visitas.

Um homem estava parado de costas em frente ao fogo e, quando o pai fechou a porta, ele se virou. Serafina perdeu o fôlego.

Ela nunca havia conhecido Raphael Flynn, o novo duque de Hartholm e primo de seu falecido noivo. Ele não era intitulado e se mudou para a periferia de Upper Ten Thousand. O que se dizia sobre ele eram murmúrios de uma reputação que tanto irritava quanto intrigava aqueles em seus círculos. Ele era rico, mas não era estranho ao comportamento escandaloso que frustrava repetidamente, as muitas regras da sociedade.

Mesmo Cyril mal tinha falado de seu primo no passado, exceto para difamá-lo, o que a amoleceu consideravelmente em relação ao homem.

E depois houve os rumores da sua beleza intensa. Agora que o encarava, apoiando-se no suporte da lareira com uma despreocupação casual que não refletia a importância do momento, não podia negar que ele *era* absolutamente lindo. Um Adônis. Não havia outro jeito de descrevê-lo.

Tinha os cabelos loiros despenteados que eram um pouco longos demais para a moda atual. Seu rosto era uma obra de arte, com uma mandíbula forte e angulosa, lábios carnudos e brilhantes olhos azuis que pareciam moldar o Mar Mediterrâneo em algumas de suas pinturas favoritas. Ele era um anjo, assim como aquele do qual recebeu o nome, embora parecesse mais como um anjo caído.

Mas um anjo caído ainda pode ser muito poderoso e perigoso. Ela limpou de sua mente os pensamentos de seu rosto agradável, recusando-se a ser movida por tanta tolice.

Seu pai se adiantou, estendendo a mão para ele. — Sua graça, obrigado novamente por nos encontrar. Este deve ser um momento difícil para o senhor e sua família. Essa perda, essa perda terrível.

Serafina mal conteve uma risada de escárnio, tanto pelo sentimento de seu pai quanto por sua ridícula e alegre bajulação ao novo duque.

Para sua surpresa, o lindo homem ignorou seu pai. Passou por ele, vindo em sua direção. Ela congelou em seu lugar, presa pela surpresa e distração causada, mais uma vez, por sua boa aparência.

— Senhorita McPhee, presumo ─ disse o duque, parando em frente a ela, olhando para baixo com uma expressão ilegível.

Engoliu em seco, tentando se lembrar de como formar palavras coerentes, e de alguma forma conseguiu dar um aceno de cabeça. — Sim.

Ele sorriu por ela gaguejar a admissão, o tipo de sorriso que provavelmente tinha seduzido muitos com a sua exibição deslumbrante. Ele estendeu a mão e pegou a dela, enviando calor através de suas luvas para os braços como se ele fosse um raio em uma tempestade de verão.

— Sou Rafe Flynn, senhorita McPhee. E parece que eu e a senhorita temos um problema. Tenho certeza de que poderemos resolver se nos dedicarmos a isso.



Rafe sabia ser charmoso. Era uma habilidade que ele dominara e aperfeiçoara ao longo dos anos, transformando o poder do seu carisma em vantagem. Certamente nunca deixou de ajudá-lo em uma dificuldade ou ao seduzir uma dama. Ou seduzir uma dama que fosse difícil.

Mas para sua surpresa, a senhorita McPhee retirou a mão da sua com uma expressão fria.

— Receio que não seja mais Rafe Flynn, Sua Graça, ─ ela disse, seu tom tão frio quanto sua expressão. — Pelo menos não aos olhos do mundo. Quanto ao nosso "*problema*", como diz, mesmo que a sua reputação lhe diga que pode ter tudo, neste caso não poderá evitar o inevitável. Deveremos nos casar, apesar dos meus próprios desejos.

Rafe arqueou uma sobrancelha. Sua relutância ele esperava, mas não a essa profundidade. Mas por outro lado, talvez ela tivesse amado Cyril.

Olhou-a de cima a baixo uma segunda vez, de uma proximidade maior do que a que se poderia conseguir em um salão de baile. Sua beleza só foi reforçada por essa proximidade. Ele pensou em Cyril, seu cabelo liso e sua cintura gorda apertada em um espartilho. Poderia uma criatura adorável como essa realmente ter sentimentos por um homem como *aquele*?

Antes que ele pudesse pensar mais sobre o assunto, o Sr. McPhee correu para a frente e empurrou sua filha para fora do caminho.

— Serafina! ─ Ele disse, seu tom agudo como uma lâmina. — Modere sua língua para falar com o duque.

Rafe olhou para ela outra vez. Serafina. Seu nome não estava presente em nenhum dos documentos do contrato conjugal e agora passeava por sua cabeça. Era um nome muito original, mas lindo.

Isso se encaixava a ela perfeitamente.

— Afaste-se, menina, e deixe-me discutir isso com o duque, ─ continuou McPhee.

Rafe franziu os lábios ao ouvir o tom de McPhee. Sua arrogância e rejeição a sua filha irritou Rafe além da medida.

— Por que Serafina deveria se afastar? Este tópico certamente a afeta mais do que ao senhor.

A boca de McPhee abriu e ele soltou alguns sons incoerentes, agitado. Para o prazer absoluto de Rafe, Serafina virou a cabeça, sufocando um sorriso com a reação do pai. Ela era ainda mais bonita quando sorria.

— Os documentos são bem claros, Vossa Graça, ─ disse McPhee quando recuperou algum nível de compostura.

Qualquer prazer que Rafe havia experimentado ao ver o sorriso de Serafina desapareceu. Toda vez que alguém o chamava de "Sua Graça", trazia à tona seu pesadelo, agora seu futuro, e fazia seu estômago revirar.

— Eu suponho que eles devam ser, ─ respondeu com um suspiro.

— O senhor *vai se* casar, ─ insistiu McPhee, elevando a voz.

Rafe olhou para o homem. Ele aprendera um pouco sobre McPhee desde que ouvira falar da morte de Cyril e do fato chocante, de que ele talvez tivesse que se casar com Serafina. Dizia-se que o homem era rico e acostumado a conseguir o que queria, mas também que estava ansioso por ficar ligado a um título importante, como o que Rafe relutantemente, agora

detinha.

McPhee queria conseguir o que desejava, mesmo com a óbvia exclusão da felicidade de sua filha. Apesar de saber que seu destino provavelmente estava selado, como Serafina havia dito, Rafe não gostou da ideia de ceder tão facilmente.

— Vamos ver, — disse ele, apreciando o rubor de frustração nas bochechas de McPhee. — Este certamente não é o lugar para discutir o assunto, de qualquer forma. Vou visitá-lo amanhã e então falaremos sobre isso em detalhes.

— Sua Gr... — McPhee começou, mas Rafe ergueu a mão para silenciá-lo quando se virou para Serafina. Ela estava olhando para ele, no que parecia maravilhada, como se ninguém tivesse enfrentado o pai dela, e isso o tornara mais atraente para ela.

Observando esse fato, Rafe sorriu.

— Até amanhã, Serafina, — disse suavemente. — E minhas condolências por sua perda.

O olhar sereno no rosto dela vacilou um pouco. Na verdade, Rafe poderia jurar que a viu recuar um pouco ao ouvir suas palavras. Mas então ela acenou em despedida.

Saiu da sala sem ceder a um estranho desejo de olhar para ela, mas, enquanto caminhava pelo corredor para reunir sua família e se despedir de sua tia Hesper, não pôde deixar de pensar em Serafina de novo e de novo. Ela era difícil de decifrar e isso o interessava ainda mais do que sua intensa beleza.



Serafina tirou os chinelos e sentou sobre os pés no sofá. Quando Emma lhe entregou uma xícara de chá, ela sorriu para a amiga, depois a observou se sentar em uma cadeira a sua frente. Uma vez que ambas se acomodaram, Emma se inclinou para frente.

— Agora que estamos finalmente sozinhas, por que não me conta sobre ele?

Serafina se mexeu. — Sobre quem? — Perguntou, embora soubesse exatamente a quem Emma se referia.

Raphael Flynn.

Sua amiga arqueou uma sobrancelha. — O tempo, ─ disse ela, seu tom seco como um deserto.

Serafina sorriu apesar de tudo. — Está bastante quente neste verão e felizmente houve pouca chuva, ─ brincou. — Mas acredito que talvez prefira ouvir sobre o funeral e meu encontro com o misterioso novo duque de Hartholm.

Emma encolheu os ombros. — Se insistir em mudar de assunto, eu não a impedirei, esta é a sua casa, afinal.

Serafina riu pela primeira vez no que pareceram semanas.

— É por isso que eu a adoro. Mesmo nos meus piores momentos, me faz rir. E hoje foi certamente o pior momento.

— Qual parte?

— Todas. ─ Serafina parou, pensando em seu encontro com Rafe Flynn, como ele se apresentou, apesar de seu novo título. — Bem, quase todas. Tudo começou mal o suficiente. A mãe de Cyril olhou para mim a tarde inteira. Quando me aproximei dela para dar os meus cumprimentos, ela me cortou violentamente na frente de várias pessoas.

— Ela sempre foi amarga, ─ Emma disse enrugando seu nariz, como se tivesse cheirado algo vil. — A mulher mais desagradável da sociedade.

— Eu concordo. É quase como se ela pensasse que a morte de Cyril fosse de alguma forma minha culpa. Ou pelo menos que lucrei com isso de alguma forma. Como se eu quisesse *alguma coisa que* Cyril ou seu título tinham a oferecer na vida ou na morte.

— Certamente não! ─ Disse Emma, cruzando os braços em solidariedade. — Esse é seu pai, não é nada parecida com isso.

— Falando em meu pai, deveria vê-lo. Ele está desesperado agora, — disse Serafina.

— Por quê? ─ Emma perguntou, com os olhos arregalados. Ambas sabiam o que acontecia quando o pai de Serafina estava desesperado. Coisas ruins.

— O novo duque não se curva tão facilmente ─ explicou Serafina com um pequeno sorriso ao recordar como Rafe falara com o pai.

— Sim, vamos chegar a esse assunto. Estou morrendo de vontade de saber como é esse novo duque, ─ disse sua amiga. — Tem sido muito vaga.

Serafina ponderou a questão por um momento. — Se fui vaga, acho que é porque tenho poucas respostas sobre o homem. Ele é ... bem, ele é terrivelmente bonito.

— Isso é uma melhoria, ─ disse Emma com um sorriso.

— Sim, mas acho que ele é bem ciente disso. ─ Serafina suspirou. — E ele provavelmente nunca foi recusado por uma mulher em sua vida. Não que eu tenha essa opção de qualquer maneira.

Emma franziu os lábios. — Parece feliz por ter o título, pronto para usá-lo e exercer o poder que ele traz?

— Não. ─ Serafina pensou no homem novamente e em suas palavras e ações durante um breve momento. — Muito pelo contrário, na verdade. Alguns poderiam muito bem estar cantando, se divertindo e aproveitando cada momento de sua nova posição. Rafe parece tão perturbado por essa mudança de eventos quanto eu. E ele também não parece aceitar totalmente que nos casaremos.

Emma arregalou os olhos. — Acha que escapará do altar?

Serafina soltou uma risada. — Não. Não importa o que o novo duque pense, não haverá nada que impeça isso no final. Meu pai, como sempre, terá o que quer. ─ Serafina balançou a cabeça devagar. — E este Raphael Flynn e eu sofreremos por isso.

Emma ficou em silêncio por um momento e Serafina se afundou no sofá. Agora que ela havia declarado essa verdade em voz alta, parecia que um peso se amontoava em seus ombros e a apertava mais fundo nas almofadas. Como ela desejava poder se afundar mais e mais e se esconder para sempre.

Mas se aprendeu alguma coisa, desde o seu longo compromisso com Cyril, foi que se esconder era impossível. Este era seu destino, de um jeito ou de outro.

— E se não tivesse que sofrer?

A pergunta inesperada de Emma tirou Serafina de seu devaneio sentimental. Ela se sentou e balançou a cabeça para a amiga. — Eu já sei que meu pai não vai se curvar. Conhece-o, ele é como um buldogue com um osso quando se trata de ganhar um parentesco com um título através de mim.

— Não falei sobre mudar sua situação com seu pai, ─ esclareceu sua amiga. ─ Quero dizer que se estão sendo forçados a esta situação, se o Duque também está tão infeliz com isso, não teria uma oportunidade para ... para ...

Sua amiga parecia lutar por uma explicação e Serafina se inclinou para frente. — O que?

— Negociar, suponho que seja a melhor palavra para isso.

— Negociar o quê, exatamente?

Emma inclinou a cabeça. — Seu futuro. Com Raphael Flynn.

Serafina abriu a boca para protestar, mas depois pensou no que sua amiga dissera. Foi sempre tão focada no que seu pai faria, que nunca tinha considerado que *ela* poderia ter algum controle, e não sobre o casamento, mas no casamento. Era isso que Emma queria dizer, afinal de contas.

Ela pensou novamente em Rafe e como se aproximou dela antes que de seu pai, de como a incluiu na discussão e até mesmo derrubou seu pai quando ele precisava desesperadamente disso. Com base no que ela tinha ouvido falar através de fofocas, mas também sobre o que ela já tinha visto do homem, Rafael Flynn acreditava que poderia ter tudo.

— Suponho que ele *possa* ser receptivo a tal conversa ─ disse ela lentamente. — *Se* não for como seu primo.

Emma inclinou a cabeça. — Eu sinceramente espero que não seja.

— Eu também, ─ ela sussurrou.

Emma esticou o braço e pegou a mão dela, e se sentaram em silêncio por um momento antes de Serafina balançar a cabeça e se recompor.

— Ele virá amanhã, ─ disse Serafina enquanto se levantava e andava de um lado para o outro. — Então, de alguma forma, conseguirei encontrá-lo a sós e discutir nosso futuro.

— No mínimo, aprenderá mais sobre o verdadeiro caráter dele através da tentativa, ─ disse Emma.

Serafina assentiu. — E mesmo que não esteja aberto, não estarei em pior posição do que estou agora.

Olhou pela janela para a escuridão lá fora e se encontrou sorrindo. Porque pela primeira vez em anos, começou a acreditar que poderia estar em uma posição *melhor* do que antes.

Capítulo 3



Rafe ficou andando na sala de estar da casa de Serafina McPhee na tarde seguinte, enquanto esperava seu anfitrião e sua prometida. Embora ele só tenha sido deixado sozinho por alguns momentos, ele se viu irritado e mal-humorado.

Desde a morte de seu primo, Rafe ficou um pouco entorpecido com as consequências por herdar o ducado. Sim, havia sido o único assunto de discussão dentro de sua família por dias, mas apesar de todas as conversas e análises, o assunto não o havia impactado completamente até que conheceu Serafina.

Assim, sua noite após o encontro consistiu em uma grande quantidade de álcool e uma noite sem dormir em sua cama. A cama que logo abandonaria por ter que se mudar para a casa ducal, como foi informado por um advogado de nariz fino que parecia gostar de lhe dar a notícia. O homem simplesmente não conseguia entender por que alguém detestaria a ideia de herdar um título. Ninguém poderia.

Atrás dele, a porta da sala se abriu e ele se virou para ver Jonathon McPhee entrar com Serafina atrás dele. Os olhos dela se dirigiam ao chão quando entrou na sala, mas os ergueu por um momento e seu olhar pegou o dele e iluminou-se com ... bem, ele não tinha certeza de qual emoção flutuava em seu rosto, mas não era uma desagradável.

De repente, sua tristeza diminuiu uma fração.

Voltou quase imediatamente quando McPhee bateu a porta atrás de sua filha e caminhou até Rafe sem o menor preâmbulo.

— Seus advogados revisaram os contratos, tenho certeza Vossa Graça — disse ele, o rosto ficando vermelho quando se jogou no sofá e cruzou os braços.

Rafe arqueou uma sobrancelha para o homem mais velho e imediatamente voltou sua atenção para Serafina. — Boa tarde, senhorita McPhee.

Ela assentiu. — Sua Graça.

— Espero que esteja bem depois do dia difícil ontem, ─ continuou ele, amando como McPhee começava a fechar e abrir os punhos.

Serafina também parecia gostar desse fato. — Obrigada por sua preocupação. Posso pegar algo para o senhor comer?

— Isso seria muito bom, obrigado, ─ disse Rafe, sentando-se e observando enquanto ela caminhava para o aparador do outro lado da sala e reunia os pratos. Ela escolheu dois biscoitos e depois se virou para ele com as sobrancelhas levantadas em questionamento.

— Chocolate, obrigado, ─ disse ele em resposta à pergunta não dita sobre qual biscoito ele preferiria.

— Sua Graça, devo insistir em... ─ McPhee começou novamente.

Antes que ele pudesse terminar, Serafina virou-se para eles novamente. — Sinto muito, Sua Graça, posso incomodá-lo por alguma ajuda?

Rafe olhou para cima e a encontrou apontando para um dos pratos. Com McPhee ainda cuspindo fogo no sofá, Rafe se levantou e se juntou a ela do outro lado da sala. Quando Serafina lhe entregou o prato, ela se inclinou.

— Me peça para passear, ─ ela sussurrou, seu olhar disparando para o pai disfarçadamente.

Rafe olhou para ela. — Perdão?

Ela apertou os lábios em aparente frustração. — Vi seu extravagante faeton na entrada. Diga ao meu pai que deseja sair nele comigo *agora*.

Rafe pestanejou algumas vezes, incerto de como responder à sua insistência. Sua hesitação pareceu desampará-la. Ela deu um passo em sua direção até que quase se tocaram e ele sentiu um leve cheiro da essência de mel de sua pele. A fragrância escoava através dele, aquecendo-o, fazendo-o desejá-la, assim como nos poucos momentos chocantes em que a vira pela primeira vez do outro lado da sala, na reunião fúnebre de seu primo.

— Entendeu? ─ Ela retrucou, ainda sussurrando, mesmo que parecesse estar totalmente exasperada com ele.

— Sim, foi muito clara, ─ ele disse com uma risada que não conseguiu sufocar. Ele se virou para atravessar a sala e colocou o prato ao lado de uma cadeira.

— Sr. McPhee, eu gostaria de dar uma volta no parque com sua filha. Eu tenho uma carruagem aberta para dois, e o parque está tão perto. Espero que o senhor permita.

McPhee, não surpreendentemente, o encarou, incrédulo. — Precisamente *agora*? Quando acabou de chegar e ainda não tivemos um

momento para discutir os assuntos muito importantes que temos em mãos?

Serafina deu um passo à frente e passou para o pai seu próprio biscoito, que ele pegou no que parecia um silêncio atordoado.

— Papa, ─ disse ela, sua voz de repente toda doçura e luz. — Talvez se eu e Sua Graça nos conhecermos, o senhor não tenha que discutir seus pontos com ele.

McPhee lançou um olhar tão sério a Serafina que, por um momento, Rafe quis se colocar entre pai e filha. Mas quando a olhou, ela não parecia nem um pouco incomodada com a expressão de raiva do pai. O que fez com que Rafe se perguntasse o quão pior ela suportou nesta casa com este homenzinho ganancioso que a usaria para obter seus próprios desejos.

— Promete que não tentará nada desagradável? ─ Perguntou o pai dela.

Rafe voltou-se para ele surpreso. — Desagradável?

— Sua reputação ultrajante com as mulheres o precede, jovem, ─ disse McPhee. Rafe quase sorriu, pois parecia que McPhee ainda se importava um pouco com a filha. Mas o sorriso caiu quando McPhee acrescentou: — Até que suas obrigações sejam estabelecidas e acordadas, não posso arriscar que a estrague.

Serafina corou quando se afastou dos homens. — Eu prometo ao senhor, papai, que hoje não haverá estragos, ─ ela disse suavemente.

Rafe concordou e McPhee acenou em direção à porta. — Vão então. Mas essa conversa não acabou.

— Não, não acabou, ─ Rafe concordou enquanto caminhava até Serafina e oferecia-lhe o braço.

Ela hesitou um pouco antes de tomá-lo e não havia como confundir o aperto em torno de sua boca e olhos enquanto iam para o vestíbulo. Lá, ela falou por um momento com um criado e disse: — Eles trarão a carruagem imediatamente. Venha para o caminho e vamos esperar.

Ele assentiu, sem dizer nada sobre o assunto que tão desesperadamente desejava abordar. Na verdade, ele não disse nada quando o faeton chegou, nada quando a ajudou a subir e se acomodar, nada enquanto conduzia os cavalos pela rua.

Ele estava prestes a falar quando os cavalos sacudiram de repente e a égua do lado dele saltou, lançando a carruagem para a frente e quase fazendo os dois voarem.

— Whoa! ─ Ele chamou, puxando as rédeas com toda sua força. Seu coração batia forte quando os cavalos pararam.

— O que há de errado com eles? ─ perguntou Serafina, com a voz trêmula enquanto segurava a ponta do assento.

─ Eu não sei, ─ disse ele, entregando as rédeas para ela. — Segure-os se puder.

Ela não hesitou e agarrou as rédeas sem discutir. Observou quando ele desceu e se aproximou da égua nervosa com palavras gentis.

— Calma, calma, Moonfire. O que te assustou? — Ele perguntou, passando as mãos pela lateral da égua.

O animal ficou rígido e se afastou um pouco quando a mão dele se aproximou do freio. Cuidadosamente, ele deslizou os dedos sob o freio de tecido e afastou a mão, surpreso. Havia um pedaço de metal quebrado lá. Ele o extraiu de seu lugar, cavando a carne de Moonfire e puxou-o para encará-lo, incrédulo.

— Oh pobre animal! ─ Serafina engasgou quando ele o segurou contra a luz. — Ela está ferida?

Ele sentiu o freio novamente, mas desta vez o cavalo não se afastou. Quando ele retirou os dedos, não viu sangue e balançou a cabeça.

— Ela não parece estar machucada, ─ disse ele e se moveu para examinar o outro cavalo, Sunbean. Mas não havia nada para encontrar embaixo do freio e ela só ficou de olho no outro cavalo, em vez de reagir ao toque dele.

Ele colocou o fragmento no bolso e balançou a cabeça quando voltou ao banco do motorista.

— Terei que mostrar isso ao meu chefe de estábulo, ─ disse ele. — E mandar inspecionar meu equipamento.

Serafina entregou as rédeas para ele e inclinou no banco momentaneamente. — Esse foi certamente um começo inesperado para o nosso passeio.

Rafe açulou os animais e os cavalos começaram a se mover, desta vez sem drama. — Esse passeio todo foi inesperado, ─ ele disse com uma risada.

Ele manobrou o veículo na rua e em direção ao parque a uma curta distância. Foi só quando passou através do enorme portão que marcava a entrada do parque que ele falou novamente.

— Tudo bem, Serafina McPhee, me diga, o que está tramando?

Serafina deslocou-se ligeiramente, tanto pela pergunta direta de Rafe como pelo olhar aguçado que fixou nela. Elaborou o plano na noite anterior com grande prazer, mas agora era ... mais difícil.

— Eu... ─ ela começou, então se conteve para respirar fundo, calmamente. — Uma vez que quase morremos da mesma forma que seu primo, sinto que devo ser honesta contigo. Não quero me casar com o senhor.

Levantando as sobrancelhas ele balançou a cabeça. — A senhorita me feriu.

A nítida afetação em seu tom e a expressão sedutora em seus olhos, disseram a Serafina que ele a estava provocando. Era estranho como essa simples interação fazia seu estômago vibrar e suas bochechas esquentarem. Rafe Flynn era certamente um homem irritante.

— Por favor, não brinque, estou falando muito sério, ─ disse ela, cruzando os braços e olhando para outro lado. Era mais fácil pensar e respirar quando não o olhava.

— Percebo que está, ─ disse ele.

— E eu também não acredito que o senhor queira se casar comigo. ─ Ela olhou para ele novamente e pôde ver que ele estava lutando em achar uma maneira cavalheiresca de confirmar sua afirmação. — O senhor não precisa dizer nada sobre isso. Realmente não importa.

— Não? ─ Ele perguntou. — Não acha que tudo poderia ser mudado?

Ela sacudiu a cabeça com a crença repetida dele de que as coisas funcionariam. Devia ser uma vida notável a que levava antes de Cyril arruinar tudo para ele. Quase sentiu pena do homem.

— Seremos forçados a fazê-lo. Certamente o senhor deve ter lido os contratos.

Ele virou o faeton por uma rua pouco usada e estacionou para que eles olhassem para o lago. Uma vez que os protegeu da vista dos outros, se virou para encará-la.

— Eu li. Assim como meu advogado e, talvez o mais importante, minha irmã Annabelle. Seu pai é bastante meticuloso.

Serafina inclinou a cabeça, surpresa com o comentário dele sobre a irmã ter lido o contrato. Ela nunca tinha ouvido falar de um homem com tanta riqueza e poder entregando algo a um parente feminino, mas aparentemente ele confiava muito nessa Annabelle.

Ela balançou a cabeça para clarear esses pensamentos. — Havia algo

que Cyril queria - dinheiro - e algo que meu pai queria, uma maior conexão com o poder do título Hartholm. Mas com o senhor é diferente.

— Como assim? ─ Ele perguntou, inclinando-se contra o veículo como se estivesse descansando em seu clube.

Por um momento, sua expressão a distraiu, pois fez com que percebesse onde estavam... embora houvesse alguns outros no parque, era realmente muito isolado ali.

E ela sabia muito bem como os homens podiam tirar vantagem. De fato, a reputação de Rafe provavelmente diria que ele tentaria exatamente isso. Mas, de alguma forma, o velho medo, a tensão que sempre a acompanhara ao ficar sozinha com Cyril, não a perseguia agora.

— Serafina, ─ ele disse suavemente.

Ela balançou ao ouvi-lo dizer seu nome. — Sinto muito. Deve saber por que é diferente - tem mais dinheiro que o rei Midas.

Rafe inclinou a cabeça para trás e soltou uma grande gargalhada que fez Serafina congelar. Deus, mas ele era atraente. Seus dentes eram brancos e retos e havia uma covinha na bochecha direita que dava ao sorriso um elemento torto. Acreditava nunca ter visto um homem tão bem-apessoado antes.

O que fazia com que esperasse ainda mais que fosse concordar com os termos dela.

— Não exatamente, ─ disse ele quando sua risada desapareceu.

Ela encolheu os ombros. — O senhor não precisa de mais.

— Alguns diriam que um homem nunca poderia ter o suficiente, mas tendo a concordar com a senhorita, ─ disse ele.

Ela engoliu em seco. Ele a provocava novamente, não cruelmente, mas como se fossem *amigos*. Era tudo muito confuso.

— Parece-me que devemos negociar o que cada um de nós receberá se essa farsa de casamento continuar, ─ disse ela em uma rápida explosão de palavras.

O sorriso dele caiu e a encarou, claramente surpreso com a declaração dela.

— Negociar? ─ Ele repetiu.

Ela assentiu devagar.

Ele a examinou por um longo momento antes de se inclinar para frente. Embora o faeton fosse aberto, não deixava muito espaço entre eles, de repente ele parecia estar cercando-a por todos os lados. Podia sentir o cheiro

doce de sândalo e lavanda, e o calor do corpo dele.

Para sua surpresa, seu corpo reagiu de maneira muito diferente do que costumava em uma circunstância dessas. Sua respiração ficou curta, não por medo, mas algo que não podia nomear. Seu coração começou a falhar no peito. Ela sentiu calor e dor. Não era nada que já houvesse experimentado.

— E o que pretende me oferecer, Serafina? ─ Perguntou, sua voz profunda tão suave e atraente quanto o resto dele.

Mas suas palavras quebraram o feitiço. Sua mente conjurou imagens rápidas das mãos ásperas e da crueldade de Cyril. Com um suspiro, ela virou a cabeça.

— Liberdade, ─ disse ela, com a voz embargada. — Te darei um casamento apenas no nome, sem expectativas ou vinculações. Te darei *total liberdade*.



Rafe se afastou de Serafina, surpreso não apenas pelo que ela disse, mas pelo quão inflexível ela estava ao dizer isso. Seu rosto bonito estava esticado com a tensão e os nós dos dedos brancos por apertar os punhos no colo.

Ele estava gracejando e brincando com ela, esperando relaxá-la, mas agora podia ver que talvez precisasse adotar uma tática diferente.

— Entendo sua reticência, ─ disse suavemente. — A senhorita deveria se casar com meu primo até alguns dias atrás e seu noivado durou muitas temporadas. Sua morte repentina deve ter sido um golpe tão grande, que a senhorita não pode transferir nenhum tipo de afeto para outro homem, é óbvio.

A observou enquanto ela digeria o que ele havia dito. Seu rosto estava novamente ilegível e se perguntou se ela, de alguma forma, tinha ouvido falar sobre todos os detalhes da morte de Cyril. Seu primo morreu correndo com sua carruagem, enquanto uma prostituta o agredia. Mas esses eram detalhes discutidos por homens, não por mulheres. Ela *não podia* saber, nem deveria nunca, para que suas ilusões de seu noivo não fossem destruídas.

— Sim, é claro, ─ ela finalmente disse, seu tom estranhamente superficial e ainda mais tenso do que sua expressão. — O que diz é certo. Transferir meus afetos seria difícil. Então, o que acha da minha

oferta? Não me incomode e eu também não o incomodarei.

Rafe franziu a testa. Que ela estivesse chateada era claro, mas o fato de que ele não soubesse exatamente o motivo o incomodava. Ela concordou sobre não conseguir transferir seu afeto, mas não a viu chorar por Cyril nem mostrar emoções excessivamente quentes quando falou sobre ele.

Então talvez houvesse algo mais em jogo aqui. De qualquer maneira, Rafe não tinha escolha senão avançar e direcionar novos "termos" dela para o casamento.

— Eu não a incomodaria, como a senhorita diz, ─ ele disse, desconfortável com a mudança enquanto tentava encontrar uma maneira de continuar. Afinal, ela era uma dama e talvez não entendesse. — Mas... precisamos... há certas coisas que devemos fazer... coisas para - consumar...

Ela ficou vermelha, mas sua mandíbula endureceu com uma sombria determinação. — Eu sei o que está tentando dizer. Então, teremos uma noite de núpcias juntos.

Ele assentiu. Ela não parecia chocada com o assunto, então teve que assumir que ela havia conversado com uma parente ou amiga em preparação para sua noite de núpcias com Cyril. Com a data original do casamento deles para dali a alguns dias, supôs que isso fizesse sentido.

— Mas não apenas uma noite de núpcias, ─ continuou ele. — Também precisaremos fornecer pelo menos um herdeiro e um sobressalente para o título.

— Por quê? ─ Ela explodiu, de repente piscando demais enquanto se afastava dele até onde o assento estreito de faeton permitia. — *Por quê*?

Franziu a testa. Ela esteve calma diante de cavalos empinando perigosamente, mas a ideia de ter filhos dele a deixara em pânico. Isso era muito estranho.

— Estou surpreso que uma dama em sua posição deva me perguntar isso. Por eu ser um duque agora. Não é essa a expectativa?

— Mas o senhor não quer ser duque, ─ ela argumentou. — Por que corresponder às expectativas? Sua reputação mostra seu prazer em não o fazer, por que isso deveria ser diferente?

Ela estava perguntando coisas que ele já se perguntara. Coisas para as quais tinha as respostas, infelizmente.

— Porque eu não passaria esse fardo para meu irmão no caso de minha morte prematura, ─ ele disse suavemente. — Crispin seria ainda mais inadequado para o dever do que eu. Isso o destruiria.

Ela olhou para ele, seu pânico desaparecendo, mesmo que apenas por um momento. — Gosta tanto dele assim? ─ Ela perguntou suavemente.

— É claro ─ Rafe admitiu sem hesitar. — Ele é meu melhor amigo e também meu irmão.

Sua expressão suavizou com a admissão, embora ela parecesse lutar com o pedido dele por um momento. Finalmente assentiu. — Seria injusto da minha parte não cumprir meu dever. Eu posso concordar em fornecer-lhe filhos.

Ela dissera a palavra *dever* que agora pendia entre eles. Era engraçado, mas olhando para ela, a brilhante luz do sol dançando em seus cabelos cor de mel, áureo em seu lindo rosto, ali conversando, sexo não parecia muito um dever. Serafina estava distante e fria agora, mas mesmo que tivesse sentimentos persistentes por seu primo, Rafe poderia lhe mostrar o prazer? Afinal, a paixão não precisava estar ligada ao coração.

— Por que está me olhando assim? ─ Ela perguntou, sua voz suave e rouca.

Ele afastou os pensamentos de colocar o corpo dela nu em sua cama e disse: — Estava apenas pensando que temos negociado, como a senhorita diz, meus desejos, mas não sei o que quer, além de ser deixada sozinha, exceto para fins de procriação.

Ela puxou o lábio entre os dentes e mordiscou suavemente. A ação enviou um golpe de calor em seu pênis, e ele se mexeu para que ela não visse sua reação repentina e poderosa.

— Gostaria de uma renda razoável para não precisar implorar por tudo o que preciso, ─ disse ela. — E uma casa própria.

Ele balançou sua cabeça. — Pode ficar na casa ducal, Serafina.

— Não! ─ Ela disse, seu tom novamente agudo e em pânico. Ela respirou fundo, o que pareceu acalmá-la, pois quando falou novamente, seu tom era muito mais controlado: — Não, obrigada. Eu preferiria algo menos... menos grandioso.

Rafe conteve uma risada sem humor. — Assim como eu.

Ela sorriu um pouco e ele examinou seu rosto mais uma vez. Definitivamente, havia algo mais profundo sobre a senhorita Serafina McPhee. Sob aquelas águas calmas na superfície, teve uma sensação de tempestades. Ele só se perguntava se ela confiaria nele o suficiente para deixá-lo ver.

— Existe mais alguma coisa? ─ Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. — Não.

— Então acho que é uma pechincha, ─ disse ele. Ela estendeu a mão como se quisesse apertar e ele a ignorou. — Nesse caso, acredito que um beijo é a maneira correta de selar os termos.

Os lábios dela se separaram e ele pôde ver o protesto em seu rosto. Ele levantou a mão. — Prometi ao seu pai que nada de ruim aconteceria, Serafina, e eu quis dizer isso. Peço um simples beijo. Prometo não arrebatá-la.

— Por que eu deveria acreditar quando o senhor se deliciou em arrebatar tantas mulheres antes de mim? ─ Ela sussurrou.

— Estou surpreso que alguém falasse com a senhorita sobre essas coisas, ─ disse ele, procurando seu rosto.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Todo mundo sabe sobre o senhor e sua família. São sedutores, apostadores e agitadores. E *muitos* adoraram me contar isso desde a morte de Cyril.

— Agitadores, ─ Rafe disse com um leve sorriso, apesar de sua hesitação. — Sempre gostei dessa palavra.

— A viveu, o senhor quer dizer? ─ Ela perguntou suavemente.

Ele sorriu. — De tempos em tempos, sim. Mas lhe juro, com toda a honra que possuo, que não a obrigarei a fazer o que não deseja. Apenas um beijo, Serafina. O resto acontecerá em breve.

Ela estremeceu com a frase, mas depois levantou um pouco o queixo. — Faça o que quiser, ─ ela sussurrou.

Rafe hesitou. Ele havia beijado muitas mulheres e nenhuma delas parecia tão resignada ao desagradável de antemão. Isso o levou a mudar de ideia sobre o ato, sobre *ele*. Só teria que fazer isso delicadamente.

Ele se aproximou e estendeu a mão para segurar suavemente a parte de trás da cabeça dela. Tomando cuidado para não desmanchar o penteado, ele inclinou o rosto para o melhor ângulo. Ela fechou os olhos com força e seu corpo ficou rígido quando os lábios dele desceram.

Sua boca tocou a dela, apenas roçando para frente e para trás contra seus lábios apertados. Foi devagar até que o corpo dela relaxou uma fração e seus lábios se tornaram mais acessíveis.

Ela era tão suave, que ele queria se aprofundar mais, prová-la, mas se forçou a se segurar e se afastar antes de ir longe demais. Quando o fez, encontrou seus olhos bem abertos, observando-o com uma expressão de choque.

— Isso... isso foi tudo? ─ Ela sussurrou.

Ele arqueou uma sobrancelha. Agora *sabia que* ela tinha uma confidente que explicou um pouco do que acontecia entre um homem e uma mulher. Embora o fato de que ela aparentemente nunca fora beijada antes, fosse um pouco chocante. O que havia de errado com Cyril?

— Por enquanto, ─ ele disse suavemente.

Ela se afastou. — O senhor poderia me levar de volta, por favor?

Ele abriu a boca para dizer mais, questioná-la, tentar descobrir por que seus ombros estavam subitamente tão rígidos, suas mãos tão firmemente cruzadas. Mas então ele balançou a cabeça. Realmente não importava, não é? Se Serafina tinha medo dele, interrogá-la não ajudaria.

E se ela fosse apenas uma linda puritana, levaria tempo para trabalhar nisso também.

Então não disse nada e simplesmente dirigiu os cavalos para que retornassem à pista. Esse pequeno passeio deles havia revelado muita coisa, e tinha a sensação de que ainda havia mais por vir.

Capítulo 4



Rafe ajudou Serafina a descer do faeton e viu seu olhar disparar para o lado mais uma vez. A curta viagem de volta do parque fora muito tranquila. Qualquer avanço que tivesse feito com ela parecia ter desaparecido, embora não pudesse identificar o porquê.

— Eu a ofendi? ─ Ele perguntou enquanto estendia um braço para ela.

Ela ignorou a oferta e eles começaram a subir as escadas lado a lado.

— Não, Sua Graça não o fez. ─ Sua voz era suave e seu tom difícil de interpretar.

Explorou seu rosto quando entraram na casa. Não, ela não parecia ofendida. Algo mais havia interrompido sua pequena conexão. Era totalmente frustrante. Apenas alguns dias ou talvez uma semana o separavam de seu casamento com essa mulher, se o obstinado pai conseguisse o que queria. No entanto, Rafe não tinha a mínima ideia de qualquer coisa sobre a qual ela pensava, sentia ou não, além de seus estranhos termos de negociação.

Queria pressioná-la ainda mais pela verdade, mas antes que pudesse, o pai de Serafina apareceu na porta da sala. O rosto de McPhee estava vermelho e suado e ele obviamente estava quase espumando.

— Onde esteve? ─ Ele latiu.

Rafe suspirou. Lá se ia o seu tempo a sós com Serafina. Agora tinha que lidar com McPhee. Acotovelou o futuro sogro e passou para a sala.

— Desculpe-me, esqueceu nossos planos de ir ao parque?

— Saíram há meia hora! ─ O pai dela quase gritou.

Rafe piscou com a explosão repentina do homem. — Dificilmente daria tempo para ir e voltar, sem falar em qualquer tipo de conversa significativa. Meu Deus, homem, está me pondo à prova.

— Precisamos discutir...

Rafe acenou para ele. — Não há nada para discutir ─ ele interrompeu. — Como o senhor afirmou tantas vezes que me dá vontade de gritar, o contrato é claro. Eu poderia argumentar, mas levaria meses, desperdiçaria dinheiro e arruinaria ainda mais a reputação de todos os

envolvidos. Não apenas isso, mas a senhorita McPhee e eu chegamos a um acordo.

McPhee virou-se para a filha. — Acordo, Serafina?

Ela endireitou os ombros e deu ao pai um olhar que poderia ter murchado as flores na videira. — Não se preocupe, papai. Meus termos não têm nada a ver com o que lhe é *devido*.

Ele olhou para ela antes de se virar para Rafe. — Se casarão no sábado.

— Em três dias? ─ Rafe disse enquanto levantava as sobrancelhas. O homem devia estar desesperado para pressionar por uma solução tão rápida do assunto.

— Era quando o casamento original seria realizado e tenho toda a confiança de que poderá obter uma licença especial antes disso se exercer sua nova influência, ─ disse McPhee, com uma cruel inclinação nos lábios.

Rafe olhou além do homem para Serafina. — Será difícil para a senhorita casar comigo no mesmo dia em que deveria se casar com Cyril?

A expressão de Serafina suavizou, como no parque quando Rafe mencionou seu apego ao irmão. Mas, ao lado dessa emoção mais suave, também sentiu a surpresa dela por ele ter pedido sua opinião. Seria possível que ninguém tivesse obtido seu consentimento, mesmo no momento mais importante de sua vida? Ele não podia imaginar tratar sua irmã ou mãe dessa maneira.

— Estou de acordo, ─ disse ela suavemente.

— Então assim será, ─ Rafe disse, mas ainda não estava pronto para se despedir de sua futura noiva. Em vez disso, disse: — Bom dia, McPhee. Serafina, por favor me acompanhe.

Ela inclinou a cabeça em surpresa, mas não discutiu. Ela apontou para a porta. — Lidere o caminho, Sua Graça.



Serafina tentava não se mexer enquanto estavam juntos no vestíbulo. Não adiantaria revelar seu nervosismo. Sim, podia admitir, mesmo que fosse para si mesma: Rafe Flynn a deixava nervosa. Mas não era da mesma forma terrível que Cyril produzia nela antes de morrer. Isso era algo... *diferente*. Algo que não podia nomear ou localizar, mas não era

totalmente desagradável.

— Serafina? ─ A voz de Rafe era suave e a puxou de seus devaneios, enquanto esperavam que seu faeton chegasse à frente da casa.

—Sim? ─ Ela perguntou.

Ele se aproximou e de repente estendeu a mão, segurando seu queixo e inclinando o rosto para cima para olhá-la nos olhos. Como na carruagem, seu coração começou a bater forte, os joelhos começaram a tremer e não de maneira totalmente desagradável.

— Será melhor, ─ ele disse suavemente. — Melhor do que isso.

Serafina mordeu o lábio. Fazia uma promessa. Como desejava poder acreditar nele! Uma parte dela queria fazer exatamente isso, mas ela sabia bem. Enquanto não estivesse sozinha com Rafe, realmente sozinha, sabia que não veria o verdadeiro caráter dele. Apesar das negociações, apesar de sua aparente boa natureza, podia ser totalmente cruel quando a porta do quarto se fechasse. E ele poderia facilmente renegar qualquer barganha que tivessem feito, apenas porque isso o agradava. Assim era o mundo.

Quando ela não disse nada, seus lábios se contraíram. — Venha jantar na casa da minha mãe aqui em Londres amanhã, sozinha ─ disse ele. — Poderá conhecer minha família e ver que não somos ogros, apesar da reputação que continuam trazendo à tona.

— Meu pai nunca concordará com isso, ─ disse ela balançando a cabeça. — Ele se envolverá nisso.

Rafe deu um meio sorriso e Serafina sentiu um desejo estranho de se aproximar. Ela resistiu com grande esforço.

— Garantirei que seu pai permita, ─ Rafe disse. — Posso não ter todo o poder que desejo nessa situação, graças aos contratos que meu primo assinou. Mas garanto-lhe que ainda tenho muito mais do que seu pai. A senhorita virá?

Ela hesitou. O pensamento de ir ao encontro da família de Rafe fez seu estômago doer. Será que a odiariam mais do que a mãe de Cyril? Afinal, eles *deviam* acreditar que como ela havia prendido seu filho em casamento, fosse tão ávida quanto seu pai.

Mas isso era outra coisa que não poderia evitar.

Ela assentiu devagar. — Se o senhor puder providenciar, eu estarei lá. Adeus, Sua Graça.

Agora era ele quem se inclinava, seu rosto se aproximando perigosamente do dela. Ela podia sentir o sussurro da respiração dele contra

sua bochecha.

— Rafe, ─ ele a corrigiu.

Ela piscou. Sempre pensou nele pelo seu nome cristão, mas dizê-lo...

— Rafe, ─ ela repetiu, com a voz embargada.

O sorriso dele alargou. Para sua surpresa, ele se inclinou e reivindicou sua boca pela segunda vez. Onde o primeiro beijo foi leve e gentil, desta vez seus lábios estavam mais duros contra os dela, preenchidos por uma promessa que a assustou e intrigou.

Mas ele não forçou seus afetos por muito tempo. Recuou após apenas alguns segundos de contato.

— Parece que tenho um casamento para planejar. Até amanhã.

Ele a soltou e se virou para ir até o faeton. Ela acompanhou todos os seus movimentos com o olhar.

Estava tão concentrada nele, de fato, que não ouviu a aproximação do pai ao seu lado até que ele falou.

— Muito bem, Serafina, ─ ele disse, e ela pulou antes de se virar para encará-lo. Ele parecia poderosamente satisfeito. — Ele parece apaixonado.

Ela balançou a cabeça enquanto eles observaram Rafe açular e conduzir os cavalos pela rua. — Garanto-lhe, papai, que não é assim.

Ele encolheu os ombros. — Não importa como é, desde que se casem.

Se virou e a deixou em pé na porta, olhando para o local onde Rafe estivera pela última vez, apesar do fato de que se fora há algum tempo.

Sua mente girava sem parar agora que estava sozinha para considerar o encontro deles. Estava desesperada para não se casar com Cyril. A própria ideia disso a deixava à beira de atos desesperados. Mas, embora Rafe fosse, nesse momento, muito menos cruel, de certa forma ela temia se casar com ele ainda mais.

Mas, como tinha sido o tema de sua vida, ela não tinha escolha.

Capítulo 5



— Não pode estar me dizendo que realmente *quer* se casar com essa mulher, ─ Crispin cuspiu batendo seu copo de uísque no aparador fazendo líquido âmbar escorrer pela madeira.

Rafe balançou a cabeça. — Claro que não.

— E ainda assim não luta! ─ Seu irmão estremeceu enquanto passeava pela sala, passando a mão pelos grossos cabelos loiros escuros.

— Qual seria o sentido de lutar? ─ Rafe perguntou. — Ouviu o que o advogado disse.

— Maldito seja o advogado, ─ rosnou Crispin. — Ele é um idiota.

Rafe apertou os lábios. — Mas Annabelle não é e ela disse a mesma coisa. Nada pode ser feito afinal, Crispin. Eu terminaria em um duelo ou desperdiçaria boa parte de uma fortuna lutando apenas para terminar na mesma posição que estou agora.

— Droga, Rafe, — disse Crispin, se virando para atingi-lo novamente com um daqueles olhares de reprovação. Era desconcertante vê-los no rosto de seu irmão, pois normalmente eram o oposto.

— Temos má reputação suficiente. ─ Rafe afirmou.

— Como se algum de nós se importasse com isso, ─ disse Crispin com uma risada áspera. — Pelo contrário, sempre nos divertimos.

— É ótimo sermos chamados de os notórios Flynn...

— Fomos chamados assim apenas *uma vez* em uma página de fofocas, ─ Crispin argumentou. — Como é nossa culpa que a *ton* não aprecie que dancemos, bebamos e que ganhemos fortunas nas cartas e, ocasionalmente roubemos suas amantes?

— Tudo isso foi feito em público, ─ Rafe disse, em um tom calmo.

Crispin encolheu os ombros.

— Mas se eu me esquivar desse casamento, seremos piores que notórios. Seremos *infames*. E mamãe e Annabelle se importam com o que é dito sobre nós. Empurre demais e podemos arruinar as chances de nossa irmã fazer um casamento feliz, ou pelo menos bom. ─ Rafe passou a mão pelo rosto. —

Não estou disposto a sacrificá-la no altar do meu próprio prazer. Quer isso?

Crispin olhou para ele, mas grande parte do calor deixando seu tom quando ele disse: — Claro que não.

— Além disso, também há Serafina a considerar.

A mente de Rafe voltou-se para ela, como fazia há vinte e quatro horas. Sua beleza e sua personalidade intrigante eram um atrativo para ele. Não podia negar isso.

— Ela ficaria socialmente arrasada com o rompimento do noivado, ─ ele disse suavemente. — Especialmente porque o pai dela tem sido bastante indiscreto sobre o fato de que vou dar continuidade. A jovem é inocente, eu não poderia colocá-la em tal posição.

— Oh, uma *inocente*, ─ Crispin cuspiu, como se o rótulo fosse a maldição mais sombria. — Isso parece insuportavelmente monótono.

Rafe lembrou brevemente da suavidade dos lábios de Serafina, a inesperada ousadia de sua negociação de casamento, o semblante ilegível que ele começara a sentir escondia algo muito mais interessante do que Crispin assumia e acusava.

— Pode se surpreender, ─ Rafe disse, tomando um gole de sua bebida lentamente. ─ Verá quando ela vier hoje à noite. Serafina é mais imprevisível do que imagina.

— Como assim? ─ Seu irmão desafiou, cruzando os braços.

Rafe hesitou. Os dois sempre compartilharam as histórias sobre suas conquistas. Inferno, eles ocasionalmente compartilhavam uma ou duas de suas conquistas. Porém com Serafina parecia diferente.

Mas seu irmão continuava olhando-o com total descrença, e o desejo de Rafe de defender a mulher que seria sua esposa se tornou mais forte do que seu estranho e repentino impulso de discrição.

— Ela me forçou a levá-la para passear ontem, quando a visitei e exigiu que negociássemos os termos do nosso casamento, ─ ele admitiu.

Crispin piscou e sua presunçosa satisfação pelo fato de que Serafina deveria ser um tédio, diminuiu um pouco.

— Não me diga... ─ ele disse lentamente.

— Digo, ─ Rafe riu. — A jovem parece ser tão inteligente quanto bonita.

Crispin gemeu. — Sabemos pela experiência de viver com Annabelle o quão perigosa *essa* combinação pode ser. Ela alguma vez lhe concederá paz?

Rafe apertou os lábios. Se Serafina tivesse o que queria, nunca mais

voltariam a falar uma vez que o vigário os declarasse como marido e mulher legalmente casados. Acreditara que a reticência dela tinha a ver com seus sentimentos por Cyril, mas agora se perguntava: Quais eram os segredos que Serafina McPhee estava escondendo?

— Rafe? ─ Crispin pressionou.

— Não acho que a paz seja um problema, ─ disse ele, mas parecia mentira. — E certamente um pouco de atenção de uma senhora tão adorável não poderia ser tão terrível.

Seu irmão revirou os olhos. — Querido Deus! Faça o que fizer, não se apaixone pela mulher.

Rafe riu com desenvoltura dessa ordem. — Não, claro que não. Meu dever, como ela diz, será agradável o suficiente, tenho certeza. Mas lhe garanto irmão, isso não mudará nada.



Serafina estava achando quase impossível respirar quando saiu da carruagem com a criada seguindo-a silenciosamente. Levou um momento para se recompor, parando para olhar a casa de Alexandra Flynn. Sua nova futura sogra havia usado bem o dinheiro do marido, pois o local rivalizava com as casas célebres daqueles com o título mais alto.

— O que Rafe agora tinha, ─ ela murmurou para si mesma.

— O que disse, senhorita? ─ A empregada perguntou por trás dela.

— Nada, Berta, ─ disse Serafina com uma careta.

A porta da casa se abriu diante delas e Serafina se afastou. Não foram alguns criados de libré que os receberam, mas o próprio Rafe. Com a luz de dentro emoldurando-o, lembrou-se novamente do anjo do qual veio seu nome.

— Boa noite, Serafina, ─ disse ele enquanto mantinha a porta aberta para permitir que entrassem. Uma criada esperava no vestíbulo e imediatamente fez sinal para que Berta se juntasse a ela. A criada da senhorita pareceu irritada, mas fez como fora instruída.

Serafina soltou um suspiro de alívio quando Berta se foi.

— Boa noite, Vossa Graça. Estou surpresa ao encontrá-lo esperando por mim.

Ele sorriu. — Eu posso muito bem imaginar que se sentiria

impressionada com esta reunião. Eu queria que visse um rosto familiar antes que algum estranho a conhecesse. Também posso chamar sua criada. Annabelle é muito próxima da dela, então não ficamos chocados com um criado ocasional na mesa do jantar.

Serafina sacudiu a cabeça. — Para ser sincera, Berta é uma infeliz que relata todos os meus movimentos ao meu pai. Estou feliz por ela ter ido.

— Ah, ─ Rafe disse com uma careta repentina. — Então devemos garantir que ela não a acompanhe em nossa nova casa quando nos casarmos.

Os olhos de Serafina se arregalaram. — Está brincando?

— Não, não vejo razão para que deva conviver em sua casa com aqueles de quem não gosta. A criada de Annabelle pode fazer sugestões daqueles criados que podem ser seus melhores companheiros e a senhorita os entrevistará assim que a emoção das núpcias desaparecer. Eu cuidarei disso.

Serafina piscou surpresa. — O senhor cuida das coisas, não é?

Ele sorriu. — Qual é o sentido de ter poder ou dinheiro, se não puder cuidar delas?

Ela se viu querendo sorrir, mesmo que as palavras dele causassem um pouco de medo nela. Eles a lembraram de quão facilmente ele podia controlar *qualquer coisa que* ela fizesse ou não fizesse, apesar de suas promessas anteriores.

— Conseguiu controlar até meu pai, ─ ela se forçou a continuar sem permitir que ele visse seu nervosismo. — Admito que não acreditava que seria capaz de convencê-lo a me permitir vir aqui com apenas a espiã dele como acompanhante.

— Sou bastante persuasivo minha querida, como certamente descobrirá.

Ela se afastou por hábito enquanto seu estômago revirava. Imagens de Cyril "persuadindo" encheram sua mente e ela lutou para mantê-las afastadas. Lutou para lembrar que Cyril estava morto e que esse homem ainda não havia se mostrado algo parecido com seu primo.

— Está pálida, ─ Rafe disse, movendo-se em sua direção para pegar sua mão. Uma descarga de calor e choque elétrico a atravessaram com o toque. — Está bem?

Ela assentiu, mas o movimento foi instável e ela duvidou que isso conseguisse mascarar suas preocupações. — Claro. Simplesmente... simplesmente...

Lutou por uma palavra para se explicar a esse homem, que fosse sincera, pois a estava olhando tão de perto, que temia que ele pudesse ler uma mentira

em seu rosto. Mas uma que também acobertaria de seu coração, um pouco, alguns de seus medos. Rafe não tinha direito sobre essas coisas.

Ele a puxou para mais perto enquanto colocava a mão dela na dobra de seu braço. — Venha, se sentirá melhor depois de conhecer todos e ver que não estamos fora de controle, que não somos monstros ou escravos dos nossos piores impulsos.

Rafe a levou em direção a uma sala de estar. A porta estava fechada, mas podia ouvir o murmúrio de vozes dentro. Suas mãos começaram a suar, seus joelhos tremiam, e não pôde deixar de olhar para trás através do vestíbulo, em direção à porta da frente e à fuga que ela falsamente se prometera.

Rafe abriu a porta e a levou para dentro. Ela lutou contra o desejo de fechar bem os olhos e focou no que a esperava.

Uma mulher mais velha, com um rosto bonito e sorriso aberto, estava parada junto ao fogo, conversando com uma mulher mais jovem que parecia muito com ela. E um homem que era uma versão um pouco menos bonita de Rafe tomando um gole enquanto examinava o jardim escuro atrás da casa. A mãe de Rafe, sua irmã e seu irmão.

Quando Rafe entrou na sala, todos pararam o que estavam fazendo ao mesmo tempo e olharam. Serafina se mexeu, preparando-se para julgamentos ou recriminações. Mas, em vez disso, a mulher mais velha se moveu em direção à porta com um sorriso acolhedor.

— Olá, deve ser Serafina! ─ Disse ela ao se aproximar do filho. — Sou Alexandra Flynn. Quão felizes estamos em conhecê-la, finalmente.

Ela pegou as duas mãos de Serafina e apertou suavemente antes de se virar em direção dos outros. —Esta é minha filha, Annabelle, e meu filho mais novo, Crispin.

Os outros vieram em sua direção, mas não ofereceram menos bondade do que a mãe.

Annabelle Flynn sorriu e, embora houvesse alguma hesitação na expressão, também havia simpatia.

— McPhee ─ disse Annabelle. — Eu ouvi muito sobre a senhorita, tanto de amigos quanto do meu irmão. Estou tão feliz em conhecê-la. E eu lhe digo que será bom ter uma irmã para finalmente equilibrar os homens desta família.

Serafina piscou. Uma irmã. Ela nunca pensou nisso dessa maneira, que iria ganhar uma família. Cyril não tinha irmãos e sua mãe nunca tornara as

coisas agradáveis ou acolhedoras.

— Nos proteja de Annabelle tendo um grupo, ─ Crispin riu quando alcançou o pequeno grupo. Ele estendeu a mão em direção a Serafina com um sorriso que a fez lembrar fortemente de Rafe, embora não fizesse seu estômago tremer como seu noivo. — McPhee. Bem-vinda a nossa família.

Ela apertou a mão de Crispin. Assim como sentiu em sua irmã, viu a hesitação nos olhos do irmão mais novo, a maneira como seu olhar deslizou para Rafe brevemente. Não podia culpá-lo por isso.

— Obrigada a todos por esta calorosa recepção, ─ disse Serafina, enquanto a mãe de Rafe fazia sinal para que todos sentassem nos sofás em frente a lareira. Para sua surpresa, Rafe sentou ao seu lado, sua presença preenchendo todo o espaço ao redor, sem sequer se esforçar.

— Não merece nada menos depois do que sofreu, ─ disse a sra. Flynn com outro sorriso para ela. — Essas são circunstâncias difíceis para todos os envolvidos. Sinto muito por sua perda.

Serafina lutou para manter a expressão adequada diante de tais sentimentos. Ela não queria ofender a Sra. Flynn ou os outros, permitindo-lhes ver a feia verdade em seu coração.

— Obrigada. A morte de Cyril foi um choque ─ disse ela, mantendo parte da verdade para que uma mentira não fosse revelada com muita facilidade.

Annabelle assentiu com simpatia. — Toda essa situação tem sido um turbilhão para nós, não consigo imaginar como é para a senhorita.

Serafina lançou um olhar para Rafe. Ele deu um aceno encorajador, como se lhe desse a permissão para ser honesta ou amigável ou o que ela desejasse. Ela não tinha certeza de como responder a isso, na verdade.

— Sim, bem, espero que saiba que eu entendo se não puder me olhar gentilmente. ─ Serafina baixou o olhar. — Eu percebo que quer muito a Rafe... a Sua Graça.... Aos seus olhos, minha existência provavelmente lhe trará danos.

A sra. Flynn recuou no que parecia ser uma verdadeira surpresa. — Minha querida, esse é o seu medo? Garanto-lhe, reconheço que é tão afetada por esses eventos quanto meu filho. Ser forçada por contrato a se casar com outro quando planejou uma vida diferente... parece-me positivamente medieval! Reconheço o desejo de seu pai de permanecer conectado à casa de Hartholm, mas... ─ ela parou. — Não acho que lhe seja mais justo do que para Raphael.

— Mas como as circunstâncias são o que são, ─ acrescentou Annabelle. — A convidamos para nossa família.

Rafe olhou rapidamente para o irmão e até Crispin conseguiu dar um sorriso tenso. — De fato.

Serafina piscou com as lágrimas que de repente ardiam em seus olhos. Ela tinha tanto medo desse momento, de conhecer essas pessoas, e ainda assim elas a tratavam com respeito e carinho que iam muito além de seus sonhos mais loucos.

— Vejo Kitterage flutuando pela porta, lançando olhares para nós, ─ disse Annabelle. — Então deve ser hora do jantar.

Todos se levantaram em uníssono e, para surpresa de Serafina, foi sua futura cunhada que entrelaçou seu braço e a atraiu em direção à porta.

— Venha, ─ disse ela com uma risada por cima do ombro, que foi direcionada para Rafe. — Deixe-me contar todos os segredos mais embaraçosos do meu irmão, para que possa usá-los contra ele à vontade.

Serafina não pôde deixar de rir também, mesmo que tentasse não olhar para Rafe. No momento, ela não confiava em si mesma para não revelar muito se ousasse encontrar os olhos azuis dele.



Algumas horas depois, com a barriga cheia e a mente tranquila pelo jantar que dividira com a família de Rafe, Serafina o seguiu pelas portas francesas para um amplo terraço de pedra com vista para os jardins abaixo. O ar do verão a atingiu e ela respirou sua frescura antes de lançar um olhar de lado para o noivo.

— Sua família é... eles são *maravilhosos*, ─ disse ela.

Ele pegou sua mão inesperadamente e puxou-a para a frente através do terraço, levando-a para a parede e longe das janelas que lhes concediam luz e algum tipo de sugestão de companhia das pessoas dentro da casa.

Imediatamente, o coração de Serafina começou a bater forte.

— Obrigado, ─ ele disse finalmente. — Eu concordo.

— Sua mãe tem o mais doce caráter e ela realmente parecia querer saber sobre mim, ─ continuou Serafina. — Sua irmã tem uma mente brilhante - posso ver por que a fez agir como advogada, revendo os documentos de noivado.

— Annabelle é muitas vezes, inteligente demais para o seu próprio bem, ─ Rafe disse com uma risada.

Antes, esse tipo de comentário poderia ter afetado Serafina e feito com que questionasse o caráter de seu noivo, mas ela viu a interação de Rafe com a irmã durante a noite. Ficou claro que os dois se adoravam, mesmo com todas as suas brincadeiras.

— E o que acha de Crispin? ─ Rafe perguntou.

Serafina apertou os lábios. — Eu acho que ele é o mais reservado do grupo, ─ ela admitiu. — E não acho que tenha se decidido ainda sobre mim. Apesar disso, foi totalmente educado e vi o charme que os comentários rotulam para os dois.

— Como eu disse antes, Crispin é meu melhor amigo e também meu irmão, ─ Rafe disse. — Então espero que não sinta nenhuma hesitação contra ele. Não acho que seja pessoal.

— Não, eu também não. ─ Ela encolheu os ombros. — Ele quer protegê-lo, isso é tão claro quanto o nariz em seu rosto. Deve frustrá-lo que não possa salvá-lo desta situação.

Rafe recuou, como se surpreso que ela tivesse chegado a essa conclusão sobre seu irmão. Então sorriu. — Com o tempo, se conhecerão melhor e ele ficará mais confortável.

Serafina virou-se totalmente para ele. — *Vamos* nos conhecer? ─ Ela perguntou. — Como nós não pretendemos ter um casamento real, ele realmente terá mais algum relacionamento comigo do que o que temos agora?

Rafe piscou. — Serafina, no final teremos filhos - faz parte de nossa barganha. Não tenho intenção de abandoná-los. Vamos *todos* ter um relacionamento, mesmo que não sejamos marido e mulher. Espero que possamos nos tornar... amigos.

Serafina engoliu em seco. Amigos. O homem diante dela, assomando frente a ela, todo calor, charme e beleza masculina, não parecia do tipo que fazia *amizade* com mulheres. As fofocas o rotulavam de sedutor, embora não um canalha.

Ela se virou para não ter que tratar desse assunto. — Tudo o que eu quis dizer é que eles são diferentes do que eu esperava. Acolhedores e gentis, e aprecio muito isso.

— Presumo que isso signifique que minha tia Hesper não tenha sido igualmente acolhedora ─ Rafe disse suavemente.

Serafina ficou tensa. Ela não tinha a intenção de revelar esse detalhe

para ele. Mas ele havia alcançado mesmo assim.

— Ela nunca gostou muito de mim. O contrato foi feito entre o pai de Cyril e o meu, e nunca tive a impressão de que ela teve alguma participação nisso. Ela certamente sempre deixou claro que não me aprovava como companheira de seu único filho.

Rafe balançou a cabeça. — Se isso ajuda, ninguém da minha família também passou na inspeção. Mesmo no funeral de Cyril, ela me acusou de atacar como um abutre para recolher os espólios da morte prematura do seu amado filho. Mulher desagradável.

Serafina olhou para ele. Aqui estava outra coisa que ela tinha em comum com o homem. Parecia que havia várias.

Ele se mexeu quando ela olhou, e de repente ele se aproximou. — Sera... posso te chamar de Sera?

Ela piscou. Ninguém nunca havia lhe dado um apelido antes. Certamente nenhum homem que a perturbasse totalmente. Parecia muito *íntimo*.

— Eu não sei, ─ ela sussurrou.

Ele riu. — Por que não experimentamos e vemos se gostamos, ─ ele sugeriu. — Sera, estive pensando na tarde de ontem desde que nos separamos no vestíbulo de seu pai.

Ela engoliu em seco. — Sobre... sobre nossas negociações?

Ele balançou a cabeça devagar. — Não. Sobre beijá-la.

Ela deu um passo para trás, mas a parede do terraço não permitia que fugisse do corpo duro de Rafe ou de sua própria mente. Na verdade, ela pensara nos beijos dele também, tanto no faeton quanto no hall de entrada. Eram pensamentos vergonhosos, acalorados que ela estava tentando desesperadamente reprimir.

— Eu gostaria de beijá-la agora, ─ ele revelou, estendendo a mão para deslizar as costas da mão pela curva do braço nu dela. Embora a noite estivesse quente, ela estremeceu e ele sorriu levemente com a reação. — Me deixará beijá-la?

A primeira reação de sua mente foi dizer não, mas, para sua surpresa, ela se viu assentindo, como se seu corpo estivesse desconectado de seu intelecto. Porque seu corpo queria muito beijá-lo novamente.

Ele se aproximou ainda mais e passou um braço forte em volta da sua cintura. O abraço foi gentil, não aprisionava, e ela relaxou enquanto ele segurava seu queixo e inclinava o rosto para cima para lhe dar acesso aos

lábios.

Era difícil encontrar sua respiração quando a boca dele desceu, desceu e, finalmente, roçou os lábios nos dela em outra carícia leve. Ficou parada sob os avanços dele por um momento, mas então começou a beijá-lo de volta. Parecia que estavam juntos há bastante tempo, mas não poderia ter passado tanto tempo assim. A única coisa que perturbou o momento perfeito foi quando ele abriu os lábios sobre os dela e suavemente os sondou com sua língua.

Ela endureceu com a pressão insistente, a ansiedade aumentando em seu peito. Mas ele não era exigente, não era duro ou áspero, e ela se viu abrindo-os lentamente para ele.

Ele soltou um gemido pequeno e dolorido antes que sua língua se movesse dentro dela, provando e provocando suavemente e transformando suas pernas em geleia e sua mente em mingau. Ela chegou a ficar na ponta dos pés para se aproximar, inclinou a cabeça para obter melhor acesso e se perdeu nesse toque, nessa necessidade que nunca havia sentido antes.

Ele estava ofegante quando interrompeu o beijo, seus olhos claros brilhando ao luar.

— Eu *gosto* de beijá-la, Sera, ─ ele sussurrou, sua respiração aquecendo mais suas bochechas já quentes.

Ela engoliu em seco, forçando-se a não o seguir quando ele deu um longo passo para trás. Agora que não estava em seus braços, percebeu a posição precária em que ela estava. Na borda escura do terraço, ele poderia ter feito qualquer coisa com ela.

E, no entanto, não tinha feito.

— Eu... ─ Se afastou dele, suas mãos estavam tremendo. — Eu deveria ir para casa.

— Suponho que está na hora, ─ disse ele, dando a volta para que ela tivesse que olhá-lo. Ele explorou seu rosto e ela viu sua preocupação, sua hesitação. As perguntas que ela não queria responder.

As respostas que daria seriam muito humilhantes.

— Sera, ─ ele começou.

Ela quase fechou os olhos com esse nome vindo dos lábios dele. Parecia muito íntimo ter essa coisinha particular que eles compartilhavam. E não tão desagradável quanto deveria ter sido. Como o beijo dele.

— Eu gostaria de dizer adeus à sua família, ─ ela interrompeu, movendo-se em direção à sala onde os outros ainda estavam reunidos.

Se ele queria discutir ou questioná-la ainda mais, não o fez. Apenas a levou para dentro e aceitou o que ela pediu.

Só podia esperar que suas ações solícitas continuassem depois que se casassem em apenas dois dias.

Capítulo 6



Rafe estava casado.

Até recentemente, essa não era uma frase que ele pensaria dizer naquele sábado ensolarado. Não que ele nunca tivesse pensado em se casar, mas imaginou isso como algo em um futuro distante com uma noiva sem rosto que ainda não conhecera.

Mas, enquanto olhava para o outro lado da sala, Serafina, ao lado de sua melhor amiga Emma e sua irmã Annabelle, percebeu pela décima vez nas últimas três horas que estava encarando sua esposa.

Ela era uma noiva linda também. Seu vestido caro combinava perfeitamente com ela, a cor cremosa acentuava sua pele de porcelana, o véu pousava nos cachos macios de seus cabelos loiros. Os olhos azuis dela voaram na sua direção, ousando parar no rosto dele por apenas um momento antes de voltarem para suas companheiras.

Então ele ainda a deixava nervosa. Era algo que tinha que remediar com o tempo, apesar de quão fascinante ela era quando a cor rosada inundava suas bochechas. Queria fazer com que essa cor se espalhasse por todo aquele corpo exuberante.

— Estamos com os últimos retardatários, ─ disse Crispin enquanto trazia uma taça de champanhe.

Rafe pegou e assentiu enquanto olhava para a ralé deixada para trás. A família ainda se misturava sim, mas também alguns senhores e damas meio bêbados. Uns que ele não conhecera antes do casamento, é claro. Os amigos haviam saído há muito tempo por respeito ao novo casal em suas estranhas circunstâncias.

— Os retardatários que não querem deixar sobrar nem um lanche ou bebida. ─ Ele suspirou. — Pode me ajudar a dispensá-los? Acho que está na hora de ficar sozinho com minha nova esposa. ─ Crispin assentiu, mas não se moveu para executar aquilo com o que havia concordado. Rafe inclinou a cabeça interrogativamente. — O que foi?

Seu irmão o encarou, se mexendo com óbvio desconforto. — Queria te

dizer o quanto sinto, Rafe. O fato de ter tido que herdar esses encargos é injusto. E eu o ajudarei, se puder.

Rafe sorriu, uma onda de amor por Crispin surgindo nele. — Tenho sua espada, então? ─ Perguntou, tentando difundir a seriedade daquilo.

Crispin devolveu o sorriso. — Sempre. E vou usá-la agora para limpar a sala como exigiu.

Ele bateu a mão no ombro de Rafe e foi em direção aos convidados restantes, falando em voz baixa com eles enquanto os manobrava em direção à saída.

Serafina levou alguns momentos para perceber o que estava sendo feito. Quando notou, seu olhar se dirigiu para Rafe novamente antes de abraçar sua amiga Emma e se despedir do marido dela. Rafe sorriu quando Annabelle também abraçou sua nova esposa. Em poucos dias, as mulheres pareceram se unir e o fez feliz saber que sua esposa e sua irmã estariam em bons termos.

Annabelle pegou o braço de nossa mãe e as duas mulheres se aproximaram dele. Sua mãe fungou, como havia feito o dia todo.

— Foi uma cerimônia bonita, por mais apressada que possa ter sido, ─ disse ela enquanto apertava a mão dele.

Ele apertou os dedos dela em resposta. — Foi mamãe. Obrigado por tudo o que fez nos últimos dias, tanto para me aconselhar quanto para fazer Serafina se sentir bem-vinda em nossa família.

Ela olhou por cima do ombro para sua primeira nora. — Eu gosto dela, Rafe ─ disse com um sorriso suave e reflexivo. — Espero que sejam felizes.

Ele quase hesitou. Sua pobre mãe havia sofrido bastante ao longo dos anos entre dois filhos selvagens que se saciavam demais e um marido que havia sido apenas marginalmente melhor antes de sua morte prematura. Se ela soubesse que ele e Serafina haviam negociado um casamento falso impulsionado apenas pela concepção de herdeiros... Bem, ela reviraria os olhos e diria o nome dele naquele tom que mostrava sua decepção.

— Obrigado, mamãe, ─ disse ele, beijando brevemente sua bochecha e depois a da irmã. — Boa noite.

As duas repetiram o adeus e foram para o vestíbulo com seu irmão logo atrás. Rafe endireitou os ombros e foi para a noiva do outro lado da sala subitamente vazia.

— Olá, esposa, ─ disse ele com um sorriso que esperava tranquilizá-la.

Em vez disso, ela ficara rígida como uma prancha. — Sua Graça.

— *Sua* Graça, ─ ele corrigiu com uma risada. — Duquesa Hartholm - como soa depois de todos esses anos?

Ela não sorriu e seu olhar foi longe. — Como o sonho realizado de alguém.

Rafe balançou a cabeça. — Falando nisso, onde está seu pai?

Ela apertou os lábios. — Deve ter ido se vangloriar e se gabar no clube. Ele saiu há uma hora, tão rápido quanto possível. Não lhe disse nada?

— Não, ─ Rafe admitiu.

Suas bochechas ficaram vermelhas. — Péssima jogada, papai ─ ela murmurou baixinho.

Rafe se inclinou. — Não estou ofendido ─ ele a tranquilizou. — E é muito bom que tenha ido. ─ Rafe ofereceu-lhe um braço. — Acho que estamos prontos para ficar sozinhos.

Ela arregalou um pouco os olhos, embora não tenha resistido quando a levou da sala para o quarto, que havia assumido apenas um dia antes. Ainda continha os restos da vida de Cyril, até as roupas no armário, mas a cama era grande e confortável e, de repente, isso era tudo o que importava para Rafe.

Soltou Serafina e fechou a porta atrás deles. Ela foi para o meio do quarto e olhou para a cama, as bochechas pálidas e as mãos fechadas atrás dela.

Ele rangeu os dentes. Teria que ser lento e gentil com ela, pois era inocente. Essa não era a sua indulgência normal. Mas ele queria que Serafina gostasse do que fariam, que não continuasse considerando um dever terrível, como ela descrevera apenas alguns dias antes.

Moveu-se para ficar em frente a ela e viu que todo o seu corpo vibrava como uma folha ao vento forte. Franziu a testa e estendeu a mão para pegar uma das mãos frias dela.

— Eu lhe juro que não tem nada a temer.

Ela virou o rosto pálido, a testa franzida dizendo que não acreditava nele. — Este é seu direito, Rafe. ─ Sua voz era suave, mas forte. — Não tenho intenção de pará-lo.

Ele balançou a cabeça. Ela permanecia tão relutante, como se alguém lhe tivesse dito que sexo era um ato para se temer. Isso o fez querer dobrar seus esforços para tornar essa noite em algo que ela não esqueceria tão cedo.

Estendeu a mão e passou-a pela clavícula desnuda. Sua pele era como cetim, e quase gemeu com a sensação. Ele queria provar aquela pele, senti-la

pressionada embaixo dele, contorcendo-se sobre ele, arqueando-se para suas carícias.

E logo estaria.

Vou desabotoar o seu vestido, ─ ele avisou, focando nos olhos dela quando encontrou a linha de botões de pérola que fechava o vestido de noiva na frente.

Ela ficou parada, sua linha de visão disparando para longe, as bochechas ficando rosadas enquanto ele abria os botões, um por um. O vestido se abriu, revelando as roupas elaboradas que haviam sido projetadas para seu dia especial.

Geralmente, o motivo pelo qual ele gostava das modas do dia era que elas permitiam um acesso tão fácil. Mas enquanto empurrava o vestido ao redor dos quadris dela, prendeu a respiração ao ver Serafina parada apenas com um espartilho de renda com uma pequena diferença. Suas meias estavam presas ao espartilho.

Ele queria arrancar as roupas. Queria prendê-la na parede com as mãos dela acima da cabeça e entrar nela como um animal fora de controle. Queria reivindicá-la até que ela se contorcesse em êxtase e esquecesse tudo, menos ele.

Em vez disso, inclinou a cabeça e gentilmente roçou os lábios no ombro dela. Beijou a lateral exposta do seu pescoço, sem provar, apenas provocando.

Ela ficou ainda mais tensa debaixo dele, sua respiração ficando dura e rápida quando ele passava os braços em volta da cintura dela e a puxava contra ele. Seu corpo moldou-se ao dele, suas curvas se ajustaram a ele como se fossem feitas para fazê-lo, e ele soltou um gemido profundo e gutural de prazer que não podia controlar.

— Por Deus, é deliciosa, ─ ele sussurrou contra a orelha dela enquanto uma mão deslizava do quadril até o estômago, depois para cima e para cima até que roçou os dedos no vale entre os seios dela. Ela deu um pequeno gemido com o toque, e ele sorriu e deixou a mão voltar ao estômago, quadril e coxa. Lá, ele desengatou primeiro uma meia, depois a outra.

Caiu de joelhos diante dela e começou a rolar a seda para longe das pernas macias, sobre o joelho, a panturrilha e levantou o pé para removê-la junto com o chinelo, de uma só vez. Ele repetiu a ação na outra perna e depois se inclinou para beijar seu joelho nu.

Olhou para o corpo dela e a encontrou pálida com os olhos arregalados,

observando todos os seus movimentos. Sua expressão era difícil de identificar, mas sua respiração era rápida e difícil, ecoando no silêncio do quarto.

— Sera, ─ ele sussurrou quando se levantou. — Querida, doce Sera.

Ela assentiu.

— Quero fazê-la se sentir muito bem, ─ ele prometeu, baixando os lábios nos dela para outro beijo profundo.

Ela relaxou finalmente, colocando os braços em volta do pescoço dele, agarrando-se a ele quando se abriu ao seu toque. Ele sorriu contra os lábios dela.

Quando ela estava quase mole com o beijo, ele foi trabalhar em seu espartilho, desatando as costas, afrouxando os laços de seda até que caísse entre eles.

Interrompeu o beijo e recuou para puxar o espartilho. Serafina ofegou, como se estivesse surpresa por ele tê-la despido sem o seu conhecimento. Bom, isso significava que ela se perdera momentaneamente no prazer. Ele queria mantê-la assim.

Jogou o espartilho de lado e a encarou. Sua camisa rosada de seda era a única coisa que a cobria agora. Um pedaço frágil de tecido com alças finas e que mal roçava suas coxas delgadas.

Com um grunhido possessivo, a abraçou novamente, mas desta vez deixou suas mãos deslizarem pela espinha dela, empurrando o tecido para cima, envolvendo seu traseiro nu enquanto a beijava mais uma vez.

Ela deixou escapar um suspiro de surpresa quando a levantou. Ele a levou para a cama e a deitou contra os travesseiros. Ela piscou quando ele se deitou ao lado dela e descansou uma mão levemente em suas coxas unidas.

— Sua pele envergonha a melhor seda, ─ disse, massageando os músculos tensos de suas pernas com uma mão.

Ela desviou o rosto, mas suas bochechas vermelhas falavam muito de sua vergonha. Esse era um sentimento que ele queria apagar completamente.

— Seu corpo, ─ disse ele, inclinando-se para mais perto, pressionando um beijo em sua clavícula, — deve ser idolatrado, Sera. ─ Ele beijou mais embaixo, logo acima de onde a camisa dela cobria seus seios. — Ser adorado. E farei isso essa noite.

Então, mergulhou os dedos abaixo da borda da camisa e acariciou gentilmente o mamilo já duro. Ela ofegou e arqueou sob o toque dele. Ele sorriu satisfeito. Começava a substituir o medo pela sensação, pelo

desejo. E havia muito mais por vir.

— Farei com que trema, ─ continuou, e pressionou a boca na crista dura do mamilo, delineada sob o pano de seda. Chupou até o tecido ficar quase transparente e ela deu um grito estrangulado.

Farei com que goze, ─ rosnou, empurrando a camisa para que ele pudesse finalmente ver seus seios nus.

Eles eram pequenos, mas perfeitos, com as pontas de um tom rosa escuro que estavam duras com o crescente desejo. Segurou os dois, amando a sensação deles em suas mãos. Abaixou a boca e começou a lamber entre eles, beliscando os mamilos até que ela emitiu um som confuso de prazer e levantou as mãos para enroscá-las em seus cabelos e atraí-lo para mais perto.

Ele riu contra a carne dela, mas seguiu sua ordem silenciosa. Escolheu o seio direito e começou a mamar, gentilmente a princípio, com lambidas provocantes, depois mais duras e com maior objetivo. Assim que ela começou a gritar de prazer, mudou para o seio oposto e repetiu a ação.

Os quadris dela se ergueram sob os ombros dele, pedindo o que ela não sabia pedir com os lábios. E queria lhe dar o que ela desejava. Mas não até que estivesse pronta.

Continuou a chupar o mamilo, massageando suavemente o peito com uma mão e com a outra, traçou o comprimento do corpo, parando apenas quando cobriu o sexo dela com os dedos.

Ela resistiu embaixo dele e o encarou com olhos arregalados e selvagens.

— Shhh, ─ a acalmou, mal tocando o mamilo com o polegar oposto.

Ela não respondeu, mas o observou abraçá-la, acariciando o sexo exterior, sentindo a umidade que começava a crescer dentro dela, ameaçando transbordar.

Ela estava quase pronta.

Lambeu o mamilo enquanto espalhava suavemente os lábios externos de seu sexo. Ele a lambeu novamente enquanto deixava seu polegar grosso traçar sua entrada. Ela estava tão quente, tão molhada. Pressionou contra o clitóris e ela gritou acima dele, as mãos apertando punhados de colcha.

Ele se afastou com um gemido e rapidamente tirou a camisa e as calças. Ela o olhou quando estava nu e seus olhos azuis arregalaram ainda mais.

— Não se preocupe, ─ a acalmou quando se estabeleceu sobre ela. Alisou o cabelo dela para trás do rosto, enquanto gentilmente se

acomodava entre suas pernas. A cabeça de seu membro encontrou a entrada dela como se fossem feitos para se encaixar e ele lutou para não apenas deslizar para dentro, reivindicá-la com força e rapidez.

— Me encaixarei dentro de ti, ─ explicou suavemente enquanto se posicionava. — Doerá por um momento, mas farei com que goste, prometo.

Ela sugou o ar quando ele avançou lentamente.

— Rafe... ─ ela começou, seu tom repentinamente afiado.

Mas ela foi silenciada quando ele avançou.

Ele deslizou com um impulso suave e a olhou. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas, mas não eram lágrimas de dor. Ele não sentiu a barreira de seu hímen, nem ela exibiu os sinais de que havia entregado sua virgindade a ele.

Porque não tinha. Isso ficou evidente no trecho acolhedor de seu corpo e na expressão de culpa em seu rosto.

Ela não estava intocada quando se casou com ela.

— Sera, ─ ele sussurrou enquanto relutantemente puxava sua bainha e se afastava dela.

— Sinto muito, ─ ela disse, rolando para o lado dela e se encolhendo. — Eu sinto muito.

Ele estendeu a mão para tocar seu quadril, acariciando seus dedos sobre a pele dela. Sim, ficou desapontado. Não tinha percebido até aquele momento, o quanto queria ser o único a apresentá-la aos prazeres da carne.

— Não deveria se desculpar, ─ a acalmou suavemente. — Não estou bravo.

Ela se virou e olhou para ele. — Como pode não estar? Não sou a noiva que pensou estar recebendo.

— Claro que sim, ─ disse, franzindo a testa. — Sua inocência foi uma reivindicação passageira, Serafina. Eu não aceitei me casar, apenas para poder obtê-la.

Ela piscou para ele, incrédula. — Então não me odeia?

Ele balançou sua cabeça. — Claro que não. Certamente não posso julgá-la. Quando duas pessoas têm carinho uma pela outra, as coisas estão ligadas...

Ela soltou uma gargalhada feia e sentou-se abruptamente. — *Carinho*? Por Cyril, é o que quis dizer?

Ele assentiu. — Claro. Depois um noivado de tanto tempo, não é surpreendente que tenham ido tão longe.

— Oh, mas eu não tive carinho. E ele *certamente também* não, Rafe.

Ele olhou para ela, observando-a despedaçar-se ainda mais. — Eu... o que está querendo dizer?

Ela engoliu em seco mostrando no pulso que flutuava em seu pescoço. — Rafe... eu ... Cyril... ele... ele me *forçou*. Ele me forçou mais de uma vez.

Capítulo 7



Rafe recuou diante de sua confissão e Serafina sentiu as lágrimas que ela lutara para que não caíssem, começarem a deslizar por suas bochechas. Não queria dizer a verdade sobre as ações de Cyril.

Claro, *pretendia* revelar que não era intocada, antes que ele a reivindicasse, mas então ele a beijou, acariciou e provocou com tanta delicadeza. Tinha sido tão confuso. Seu corpo se revoltava ao ser tocado, e isso despertava nela um medo profundo e poderoso. E, no entanto, quando Rafe a tocou, houve momentos em que sua ansiedade foi substituída por algo muito melhor. Prazer. Era notável e seus sentimentos, suas reações inesperadas a ele, haviam sobrecarregado sua razão e de repente já era tarde demais.

E agora, que havia lhe dito a verdade, outra pessoa no mundo além dela sabia. Até Emma só ouvira a versão mais gentil dos fatos horríveis.

— Rafe? ─ Ela sussurrou em face ao seu contínuo silêncio.

Ele a encarou, mas ela não conseguiu ler seus pensamentos.

— Conte-me tudo o que aconteceu, ─ ele finalmente exigiu, sua voz plana e dura como ela nunca tinha ouvido antes.

Ela engoliu em seco. *Tudo*. Essa era uma ordem difícil. Mas Rafe não era como Cyril - o fato de ter se retirado dela no momento em que percebeu que não era inocente e que não a atacara por sua omissão da verdade, provava isso.

Ele disse uma vez que poderiam ser amigos e não acreditou nele. Agora sentia um desejo estranho de fazer exatamente o que ele exigia. Iria contar sua história e torcer para que ele entendesse e a protegesse no final.

Ela limpou a garganta. — Meu pai e o pai de Cyril eram velhos amigos e os dois fizeram um acordo conjugal quando eu tinha apenas seis anos. Viu os documentos, sabe como era a família do Cyril. Na opinião deles, todos ganhariam com o nosso casamento. A família de Cyril teria meu generoso dinheiro do dote, meu pai estaria ligado ao que já foi um dos títulos de maior prestígio em todo o Império.

Rafe assentiu. — E?

— Eu não conheci Cyril até os dez anos e ele quinze.

Rafe recuou mais uma vez. — Querido Deus, ele não... ─ ele começou.

Ela balançou a cabeça rapidamente. — Não! Não, ele não me tocou então. ─ Ela estremeceu. — Mas fiquei menos do que impressionada com ele. Ele tinha a cara cheia de espinhas e expressão maliciosa. Eu também pensei que ele era incomumente estúpido quando zombava de mim por eu ler. Ele me disse que eu pararia com isso quando fosse sua esposa.

Rafe apertou os lábios. — Ele sempre foi charmoso.

— E só ficou mais charmoso com o tempo. Todos os anos depois disso, nossos pais nos obrigavam a nos encontrar, para que nos conhecêssemos um pouco antes que chegasse a hora do casamento. Suponho que fosse uma gentileza, mas à medida que envelheci, a atitude de Cyril ficou cada vez pior. Ele tinha uma longa lista de coisas que eu faria e que não faria como esposa dele. ─ Ela respirou fundo, tentando manter o controle enquanto continuava: — Com o tempo, ele começou a me comer com os olhos, e depois me apalpava quando estavamos sozinhos.

Rafe apertou a mandíbula. — Deve ter contado ao seu pai.

Ela virou o rosto. — Não contei a *ninguém*. Meu pai deixou claro que esse casamento aconteceria independentemente dos meus sentimentos. A única vez que ventilei algo sobre o assunto, que Cyril talvez não fosse amável comigo, meu pai me deu um tapa tão forte que meus ouvidos zuniram. Portanto, *nunca mais* lidei com o assunto.

Rafe levantou e começou a andar pela sala, completamente nu e sem parecer se importar.

Serafina corou apesar do assunto delicado que estava abordando e puxou lentamente os lençóis para se cobrir. O que ia dizer a seguir deixava seu espírito exposto o suficiente, para que não quisesse que seu corpo fosse revelado ao mesmo tempo.

— Eu tinha dezoito anos na primeira vez que Cyril... ─ Ela se interrompeu, enquanto relembrava as imagens da noite que estava prestes a descrever. Mãos ásperas, lábios mais ásperos, rasgando tecidos, dor.

— Shhh! ─ Rafe disse, voltando para ela. Ele se inclinou sobre a beira da cama e pegou as suas mãos. — Está tudo bem.

Ela piscou pela preocupação no rosto dele, depois olhou para baixo e percebeu que estava tremendo.

— Consegue continuar? ─ Ele perguntou, sua voz nada além de gentil.

Encarou aquele homem que inesperadamente, fora forçado a esta situação ainda mais do que ela, e ainda assim não era nada além de decente quando estava com ela. E ela assentiu, embora não quisesse expressar a verdade. Rafe merecia saber tudo.

— Na noite em que saí na Sociedade, meu pai insistiu que assistíssemos ao baile com Cyril e sua família. Nos encontramos na propriedade deles para irmos juntos e ele me levou para o terraço. Ele falou sobre do quão bonita eu era e de repente estava sozinho... comigo. Me pressionando contra a parede, me segurando com muita força. Sua boca estava em toda parte, suas mãos estavam em toda parte e então ele...

Ela ofegou, tentando não reviver tudo, tentando não ser varrida pelas lembranças que ela mantinha tão cuidadosamente afastadas em sua vida cotidiana.

— Ele a violou, ─ Rafe disse suavemente.

Ela assentiu, aliviada por ele poder dizer o que ela não podia. — Sim. E então me levou para dentro, explicou meu vestido rasgado culpando uma amoreira silvestre na beira do terraço e fomos ao meu baile, juntos como se nada tivesse acontecido.

— Meu Deus, ─ Rafe rosnou baixinho.

— Cyril dançou comigo, sorrindo o tempo todo, e antes de nos separarmos naquela noite, ele me disse que eu era verdadeiramente dele agora e que nunca haveria uma fuga porque ele me reivindicou. ─ Ela limpou as lágrimas que acompanhavam as recordações indesejadas. — Nenhum outro homem iria me querer, mesmo que eu pudesse convencer meu pai a desfazer o noivado.

— Como sobreviveu na noite seguinte ao que ele fez? ─ Rafe respirou.

Ela encolheu os ombros. — Eu mal me lembro. É tudo um borrão. Eu segui os movimentos da minha vida, suponho, sem sentir ou ver o que estava ao meu redor. ─ Ela balançou a cabeça. — Acho que esse se tornou meu modo de sobrevivência. Tinha que ser, porque Cyril não parou.

Rafe se encolheu. — Sim, disse-me que ele fez isso mais de uma vez.

— Depois disso, ele voltou à sua rotina habitual de intimidar e tatear, ─ disse ela. — Mas de vez em quando ele ia mais longe. Eu tinha medo de vê-lo porque nunca sabia se aquela seria uma das vezes em que ele "*exerceria seus direitos de marido*", como ele justificava. Eu só disse à minha amiga Emma, a qual conheceu hoje.

Rafe assentiu. — Sim, uma mulher adorável, embora um pouco

impassível comigo. Posso entender o porquê agora.

— Ela é protetora, ─ explicou Serafina, balançando a cabeça. — Ela só soube uns poucos detalhes. Uma vez ela me incentivou a contar ao meu pai.

— E? ─ Rafe pressionou.

— Claro que não pude. Eu já disse o porquê.

— Bastardo! ─ Rafe retrucou.

— Meu pai ou Cyril? ─ Ela perguntou suavemente.

Ele se virou para ela. — Ambos, ─ ele rosnou, seus olhos azuis brilhando com indignação, raiva. Tudo por ela. Era uma coisa estranha. Ela nunca teve um herói antes.

Descobriu que gostava bastante.

— Foi assim por dois anos, ─ ela disse com um encolher de ombros que não refletia o emaranhado de dor no coração. — Nós deveríamos nos casar depois que eu fizesse vinte anos, mas o pai de Cyril morreu e sua mãe quase teve um colapso, então foi adiado. Eu senti como se a porta da prisão tivesse quebrado um pouco, mas era uma falsa liberdade. Isso apenas atrasou o inevitável. E agora, dois anos depois, eu me casaria com ele hoje. Até que ele, muito gentilmente, morreu.

— Só que ainda não estava livre ─ Rafe disse suavemente.

Ela olhou para ele. Ele permanecia nu e de alguma forma isso a confortou. Ela estava emocionalmente exposta e ele fisicamente. Era como se isso os colocasse em um terreno mais igualitário.

— Mas é um guarda muito diferente, Rafe, ─ ela disse. — E até agora, não provou ser cruel.

— Espero nunca ser, ─ ele se virou e andou pela sala mais uma vez. — Eu fui tão idiota. Eu interpretei toda a sua hesitação como sentimentos residuais por Cyril, apesar de quão louco fosse para mim que pudesse gostar de um sapo como meu primo. E o tempo todo era essa verdade horrível que afetava todas as suas ações.

Ela assentiu. — Sim. É por isso que eu queria negociar o meu futuro depois do nosso casamento. É por isso que estou feliz em lhe dar a liberdade. É por isso que odeio este quarto.

Rafe congelou e olhou em volta. — Grande Deus, esta é a antiga câmara de Cyril . Ele... ele…?

Ela assentiu. — Depois que ele assumiu a posição de duque, às vezes me obrigava a vir aqui para se divertir.

Rafe olhou para ela, olhos estreitados, expressão sombria e

perigosa. Então ele fez sinal para ela se levantar. — Venha, vamos embora.

Ela franziu a testa em confusão. — Eu... o quê?

— Certamente não vamos ficar neste quarto horrível ou nesta casa horrível nem mais um maldito instante, agora que sei o que sofreu. Levante-se, a ajudarei a se vestir e partiremos imediatamente.

Ele pegou as calças e as puxou sobre os quadris em um movimento suave, depois olhou em volta em busca de sua camisa. Todo o tempo, Serafina observou-o, incerta sobre o que seu novo marido estava falando.

— Quer fugir desta casa no meio da noite? ─ Ela perguntou.

— Com certeza, ─ disse, enganchando botões com impressionante velocidade.

— Para onde iremos? ─ Ela perguntou.

Ele parou de se vestir e olhou para ela, com o rosto exibindo uma suave compaixão. — Para minha casa, Sera. Vamos para minha casa, a apenas três quilômetros de distância. Agora levante-se. Chamarei a carruagem e virei ajudá-la a se vestir.

Serafina ficou olhando enquanto ele tocava a sineta. Ela não se mexeu, mesmo quando uma criada bateu e seu novo marido abriu a porta apenas o suficiente para dizer algumas palavras suaves para a pessoa invisível. Quando ele voltou, sorriu para ela e caminhou de volta para a cama, apenas parando para pegar seu vestido de noiva agora enrugado.

Ele a ergueu e ela saiu lentamente da cama como se estivesse sonhando. Colocou a camisa por cima da cabeça antes de entrar no vestido e vê-lo fechando-o. Não tinha ideia do que Rafe havia planejado ou por que a estava levando embora no meio da noite.

Mas percebeu que, pela primeira vez em anos, não estava exatamente com medo.



Serafina lutou contra o desejo de se esconder atrás do Rafe, quando a porta da bela casa se abriu e revelou um mordomo de libré esperando por eles.

— Boa noite, Lathem, ─ Rafe disse dando um tapa bem-humorado no ombro do homem. — Muito obrigado por acordar tão tarde e preparar tudo

para nós.

O rosto severo do mordomo se contraiu em um breve sorriso. — Claro. Foi um prazer, Vossa Graça.

Rafe se encolheu. — Droga, suponho que precise me chamar assim, não é?

O mordomo inclinou a cabeça. — Receio que sim, Vossa Graça.

— Pelo menos na minha frente, pelo menos, ─ Rafe riu, e para surpresa de Serafina, o mordomo deu uma risada calorosa também. Rafe virou-se para ela. — Posso apresentar minha esposa? Serafina, a duquesa de Hartholm.

Serafina ficou tensa. Ela havia passado quase duas décadas infernais se preparando para ser a duquesa Hartholm, mas ouvir-se ser chamada assim pelo Rafe solidificou que finalmente chegara o momento. E era tão diferente de sua imaginação quanto poderia ter sido.

— Sua Graça, ─ disse o mordomo com um arco rígido. — Bem-vinda.

— Descobrimos que não gostamos da casa ducal, Lathem, por isso pretendemos ficar algumas semanas aqui. Precisamos providenciar as roupas de Sua Graça que foram levadas para a outra casa, para que sejam transferidas para cá, assim como qualquer coisa que meu valete tenha levado para mim. Sua Graça também precisará de uma nova criada, se tiver alguma sugestão, pode ser aqui da equipe ou de fora de casa. ─ Rafe disparou essas declarações rápidas antes de se voltar para ela. — Está com fome, Sera?

Ela sacudiu com a pergunta imprevista e encontrou os dois homens olhando-a com expectativa. — N-não, ─ ela gaguejou. — Só cansada.

Rafe tocou seu braço brevemente. — Claro que está. Lathem, vamos nos retirar.

O mordomo assentiu. — Sim milorde. Cuidarei de todas essas coisas antes que se levante amanhã, e me assegurarei de que a senhora Lathem prepare sua refeição favorita pela manhã.

Rafe soltou um gemido estridente que parecia ser de prazer. — Isso parece divino. Boa noite.

Ele pegou o braço de Serafina e ela o seguiu pelas escadas e pelos corredores sinuosos até chegarem a porta aberta de um quarto. Quando ele a incentivou a entrar, ela parou.

— Seu quarto? ─ Ela perguntou, olhando para ele por cima do ombro.

— Sim, e receio que seja o único atualmente pronto para uso. Estávamos fechando a casa, já que presumi que ficaria na casa ducal por um tempo.

Ela o encarou. — Mas haverá outro quarto para mim até que decidamos onde irei morar permanentemente?

Ela ficou tensa, rezando para que ele se lembrasse da barganha, para que cumprisse sua promessa de lhe proporcionar um lugar para morar fora da casa ducal, longe de suas memórias ... longe *dele*.

Sua expressão suavizou, mas não era pena em seus olhos. Ela apreciou muito isso.

— Se quiser um quarto separado, prepararei amanhã o quarto que se conecta a este através da área de estar, mas tem uma fechadura e será privado. Quanto à sua própria casa...

Ela apertou as mãos atrás das costas.

— Levará pelo menos algumas semanas para organizar, mas eu lhe prometi, Serafina, e descobrirá que não volto atrás em minha palavra, apesar da minha reputação de canalha.

Ela engoliu em seco. Era estranho. Um canalha era exatamente o que ela esperava encontrar em Raphael Flynn, mas esse homem continuava a surpreendê-la a cada momento.

O olhar dela disparou para a cama, quase contra sua vontade. Parecia muito mais confortável que a de Cyril.

— Deve estar exausta, ─ disse, aproximando-se dela.

Ela deu um grande passo para trás por hábito e ele congelou no lugar. — Só quero ajudá-la com seu vestido, ─ explicou. — Pode dormir com sua camisa. Pela manhã, suas roupas terão chegado. Dormirei de calça.

Ela olhou novamente para a cama. — Juntos?

— A menos que queira me relegar ao sofá mais bonito e desconfortável do país, ─ disse, apontando para um sofá de veludo no lado oposto da sala.

Ela se mexeu. — Eu…

Ele se aproximou mais uma vez, e desta vez ela se forçou a ficar no lugar. — Nós apenas dormiremos, eu prometo, ─ ele disse suavemente.

Ela olhou para ele por um longo momento, examinando seu belo rosto, vendo uma expressão estranhamente sincera em seus olhos.

— Muito bem, ─ ela sussurrou. Ela corou, virando o rosto quando ele começou a despi-la pela segunda vez naquela noite.

Ele executou o ato lentamente, sem qualquer tentativa de sedução. No entanto, saber que ele estava apenas a um passo na sua frente, sentindo as mãos roçarem sobre o seio ou o estômago dela enquanto ele fazia seu trabalho, enviava arrepios estranhos através dela.

Quando terminou de abrir o vestido, ele se afastou, deixando-a removê-lo por conta própria. Ela lhe deu as costas, subitamente envergonhada por estar em tal estado, mesmo que tendo ficado completamente nua uma hora antes.

Quando finalmente encontrou coragem para enfrentá-lo, ele tirou a camisa e sentou-se para tirar as botas. Ela o observou pelo canto do olho, admirando, apesar de tudo, como seus músculos ondulavam quando puxava os calçados.

Finalmente ele se libertou e levantou-se para apontar para a cama. — Milady.

Ela se sentou na cama e deslizou sob os lençóis limpos e frios com um suspiro que não pôde reprimir. Ele se juntou a ela e se acomodou contra os travesseiros.

Mais uma vez, não pôde deixar de olhá-lo. À luz da vela, ele parecia... *bronzeado* contra o branco dos lençóis de algodão. Como se passasse um tempo do lado de fora sem camisa.

Uma emoção estranha e indesejada passou por ela, a qual tentou desesperadamente ignorar.

— Boa noite, ─ ela sussurrou, virando as costas para ele.

Ela o ouviu apagar a vela antes de dizer: — Boa noite.

Mas mesmo enquanto estavam lá em silêncio juntos, a exaustão nublando sua mente já revolta, ela sabia que não dormiria tão cedo.

Capítulo 8



Rafe estava acordado desde que os primeiros sinais da luz do sol começaram a aparecer através das cortinas. Agora a luz iluminava a câmara, permitindo que finalmente conseguisse ver Serafina completamente. Ela estava deitada de costas, com o rosto bonito e relaxado durante o sono. Desde que a conhecera, nunca a tinha visto tão em paz.

E agora ele sabia o motivo. Também sabia por que ela endureceu com seu beijo, por que as suas mãos no corpo dela, a fizeram respirar com medo.

E, no entanto, ontem à noite, antes que ela confessasse a terrível verdade dos maus-tratos que sofreu nas mãos de seu primo perverso, também sentiu a receptividade dela. Mesmo com tudo o que ela havia suportado, seu corpo ainda ansiava por prazer.

Ela deu um suave suspiro e seus cílios começaram a tremer contra as bochechas quando acordou. Seus braços estavam embaixo dos lençóis e ela os puxou livres, estendendo as mãos acima da cabeça.

Rafe engoliu em seco. Quando ela fez isso, revelou a curva suave na lateral do seio. Ao qual ele queria explorar com as mãos e a boca. Desde que se retirou de seu corpo molhado, seu pênis estava latejando, enviando-lhe lembretes constantes de que o prazer havia sido impedido para ambos.

Os olhos dela se abriram completamente e ela respirou surpresa, ao lembrar que ele estava ao seu lado na cama.

— Bom dia, ─ disse, sorrindo para ela na esperança de tranquilizá-la. — Ou o que resta dele.

Ela se sentou parcialmente e olhou em volta do quarto dele. — Que horas são?

— Passa das onze, ─ ele explicou.

Ela se jogou no travesseiro com um suspiro. — Eu não dormia tão bem há ... deve ser anos.

Rafe contraiu os lábios com raiva por ela não ter dormido bem por tanto tempo por causa do medo.

— Se Cyril já não estivesse morto, eu o mataria, ─ ele disse suavemente.

Ela arregalou os olhos um pouco e ponderou a declaração dele por um momento. — Se Cyril não estivesse morto, nós não estaríamos aqui. Não saberia nada sobre mim, exceto que eu era sua nova prima por casamento. E já que não teve um relacionamento real com o homem, provavelmente nunca teríamos nos conhecido.

Rafe pensou nesses excelentes pontos por um momento. O que ela deixou de fora foi que, se Cyril não estivesse morto, ele também não seria forçado a ser um duque, forçado a ser um marido. Ele estaria livre como um pássaro, livre como sempre esteve.

E, no entanto, voltar no tempo, mudá-lo para que Cyril vivesse, não parecia tão atraente no momento. Certamente não tão atraente quanto a dama atualmente em sua cama.

Ele rolou para o lado, aproximando-se dela. Ela ficou tensa e se afastou um pouco. Ele congelou em seu lugar, permitindo que fugisse e ganhasse qualquer distância que a deixasse confortável. Quando ela corou e olhou para as mãos cerradas no colo, ele respirou fundo.

— Gostaria de renegociar os termos do nosso acordo, Sera.

Ela separou os lábios e ele viu o pânico acender em seu rosto. Ela começou a se afastar ainda mais, mas agora ele a segurava gentilmente.

— Espere, espere, ─ ele acalmou. — Me ouça.

Ela olhou para a mão dele em volta do seu braço e ele a soltou imediatamente.

— Por favor, ─ acrescentou.

Seus olhos dispararam para a porta do outro lado do quarto, como se ela estivesse pensando em correr, apesar de estar vestida apenas com a camisa. Então ela olhou para ele e suspirou.

— Muito bem.

— Quando abrimos nossa discussão sobre o que a nossa vida como marido e mulher implicaria, eu não conhecia todos os fatos do seu passado ─ ele começou.

Ela ficou rígida. — Eu já disse, pretendia confessar a verdade antes...

— Sera ─ a interrompeu. — Eu *não a* estou difamando. Não consigo nem imaginar a profunda dor de sua situação. Se nunca tivesse a intenção de me dizer, mas apenas esperasse que eu não adivinhasse a verdade, não poderia culpá-la nem por isso.

— Pensou que estava se casando com uma inocente, ─ ela sussurrou.

Ele estendeu a mão, incapaz de parar de arrastar um dedo pela bochecha

dela. — E eu me casei com uma.

Ela balançou a cabeça. — Sabe que isso não é verdade.

— Eu acho que é. A descrição de uma inocente não envolve apenas um corpo que nunca foi violado. Uma inocente nunca foi apresentada ao prazer e acho que nós dois sabemos que essa descrição ainda permanece.

Ela hesitou, suas bochechas ficando rosa escuro. — Sim, está certo. Não tive prazer quando *ele* colocou as mãos em mim.

Ele balançou a cabeça uma vez, tentando manter sua raiva fervente à distância. Não ajudaria em nada nessa situação.

— Então esse é o foco da minha renegociação, Sera. Veja bem, não quero tirar nada do que concordamos que lhe darei, uma casa própria, uma renda que não posso ditar, paz depois de criarmos meu herdeiro e um sobressalente... na verdade, gostaria que *adicionasse* algo ao que eu darei.

Ela balançou a cabeça. — O que?

— Prazer, ─ disse suavemente, inclinando-se mais uma vez, invadindo seu espaço com cuidado.

Ela se afastou e sua carranca se aprofundou. — Não acho que isso seja possível, Rafe.

— Posso ver como acredita nisso, mas não acho que seja verdade. Afinal, gosta de me beijar, não é? Eu a senti enrijecer, se afastar na primeira vez que nos beijamos, mas eventualmente esse ato se tornou algo que gosta, não é?

Ela assentiu. — Sim. Eu ... eu gosto de beijá-lo.

Ele sorriu com a admissão suave, do jeito que suas bochechas arderam novamente quando a fez. — Então, por favor, confie que eu posso e farei o resto dos atos físicos que poderíamos vir a compartilhar, da mesma forma.

Ela afundou os dentes no lábio e olhou para ele com incerteza. Ele se inclinou para mais perto, deslizando os dedos em seus cabelos despenteados na cama, aproximando-a.

— Por enquanto, vamos continuar apenas beijando, ─ ele a tranquilizou.

Ela soltou um breve suspiro antes da boca dele cobrir a dela. Quase imediatamente, ela relaxou nele, seus braços passando pelo pescoço dele, seus lábios se abrindo para ele em boas-vindas.

Pegou o que ela oferecia com uma fome que o surpreendeu. Mergulhou em sua boca com a língua, provando, testando, provocando. Depois de uma hesitação, ela ficou mais ousada retornando seu beijo, explorando sua boca e

acendendo um fogo intenso dentro dele que ameaçava explodir fora de controle.

Foi apenas o foco dele no que ela já havia suportado que o impediu de simplesmente deslizar sua camisa ao redor do estômago e levá-la para lá e para cá, consumando a união e reivindicando-a como sua.

Se afastou do beijo dela depois de muito tempo. Estava sem fôlego quando disse: — Eu a tocarei, Serafina.

Ela imediatamente ficou rígida embaixo dele e ele balançou a cabeça. — Não a possuirei. Prometo que não farei, não importa o quanto eu queime.

Sua respiração era rápida e difícil e não havia prazer em seu rosto quando ela o olhou.

— Pararei caso venha a me pedir, ─ prometeu.

Ela o observou por um longo tempo, um coelho cauteloso diante de uma raposa faminta. Mas finalmente acenou trêmula. — Tudo certo. Confio em ti.

Essas três palavras, que ele sabia que eram difíceis para ela, o colocaram de volta e a encarou por um longo momento. Os olhos dela estavam arregalados, dilatados pelo medo e pelos restos de prazer daqueles beijos. Ele queria apagar o primeiro e intensificar o último. Queria fazê-la implorar por ele, não ter medo de que seu toque se transformasse em veneno.

Ele voltou a boca para a dela, suavizando seu beijo enquanto segurava seu seio. Ela ofegou em sua boca e mais uma vez o fogo em seus lombos foi atiçado a alturas desconfortáveis.

Ele começou a circundar o mamilo devagar, lentamente, amando como se apertava ao seu toque, subindo para encontrá-lo. Serafina virou o rosto, quebrando o beijo. Sua respiração permaneceu áspera e irregular.

— F-fez isso ontem à noite, ─ ela ofegou, não olhando para o rosto dele, mas para a mão ainda trabalhando em seu corpo.

Ele assentiu. — Fiz. E gostou?

Ela estremeceu. — Não sei. Havia tantas sensações, pensamentos, medos.

Ele riu da sinceridade dela. — Bem, hoje não precisa temer. Conheço o seu segredo. Juro guardá-lo bem. Também prometo ajudá-la a criar novas lembranças do toque de um homem em sua pele. Assim como fiz com o beijo.

Ela pareceu refletir sobre essa afirmação por um momento, e então soltou um longo suspiro. — O que devo fazer?

— Hoje, tudo o que precisa fazer é permitir que as sensações a levem

embora. Para que possa me dizer o que é bom e o que não gosta.

Ela arqueou uma sobrancelha e agora olhou para ele. — Admite que há coisas das quais não vou gostar?

Ele assentiu. — Cada pessoa é diferente quanto aos atos que os despertam e os atos não são confortáveis. Por exemplo... ─ Ele puxou o mamilo um pouco mais forte agora. — Gosta disso?

Ela ofegou. — Sim, ─ disse com um gemido truncado.

Ele sorriu antes de puxar o tecido fino da camisa dela para além do seio e colocar a língua para fora para girar em torno do bico túrgido.

— E disso? ─ Ele perguntou.

— Sim, ─ ela repetiu.

Suas coxas estavam começando a se contrair em um ritmo que ela provavelmente não entendia, mas ele sabia perfeitamente. Ainda chupando o seio levemente, passeou a mão dele por seu corpo, por cima da barriga lisa, do quadril, até que colocou os dedos entre as pernas dela.

Ela sacudiu com o toque íntimo e virou o rosto para ele. — Rafe, ─ ela murmurou, a meio caminho entre uma maldição e um apelo.

— Confie em mim, ─ ele repetiu como antes. — Vou parar qualquer caso não goste.

Ela emitiu um pequeno som com a garganta e assentiu.

Provocou apenas a entrada do sexo dela primeiro, alisando os dedos sobre os lábios melindrados, ocasionalmente acariciando o clitóris com o polegar. Ela ofegou com o contato, o rosto vermelho brilhante enquanto olhava para o teto acima.

— Isso está bom ou ruim? ─ Ele perguntou. — Olhe para mim, Sera.

Ela engoliu algumas vezes, depois olhou para ele. — Estranho, ─ ela engasgou. — Mas..., mas não doloroso ou desagradável.

— Hmmm, teremos que fazer melhor do que “não ser desagradável”, ─ ele ronronou, e abriu os lábios externos gentilmente.

Agora que seu sexo estava exposto, Serafina apertou os punhos contra a colcha, com os olhos fechados.

— Pare-me se quiser, ─ ele a lembrou, enquanto concentrava sua atenção em seu clitóris.

O pequeno broto inchou sob seus dedos, sucos de seu sexo fluindo para aliviar o atrito de seu toque. Ele observou o rosto dela quando a tocou, vendo-a relaxar com o prazer construído dentro dela. Ela soltou um gemido profundo e gutural.

— Bom ou ruim? ─ Ele perguntou, embora pudesse ver a resposta em seu rosto. Ainda assim, ele queria que ela sentisse seu controle, saber que ela poderia parar com isso, se quisesse.

— Bom, ─ ela ofegou. — Bom. Sinto que... não tenho... é...

Ela parou de falar quando ele aumentou a pressão dos dedos contra o clitóris. Ela arqueou e depois soltou um gemido de prazer. Seu sexo apertou no nada enquanto seus quadris se erguiam contra os dedos dele. Ele continuou a tocá-la, prolongando sua libertação até que ela ficou totalmente flácida na cama, seus suspiros soando no ar.

Deitou-se ao lado dela, observando a expressão de admiração e amor que ele tinha colocado no rosto dela.

— Eu... eu... ─ ela gaguejou, finalmente olhando para ele com os olhos arregalados. — Isso nunca aconteceu antes.

Ele sorriu. — Isso se chama orgasmo. Os franceses também gostam de dizer *le petit mort*, a pequena morte.

Ela torceu o rosto. — Por quê? Não parecia a morte para mim. Mais como voar.

— Bom. É assim que deve ser. Seu corpo atinge uma altura de excitação e o prazer toma conta, rouba seu controle, faz com que esqueça todo o resto por um momento. ─ Passou os dedos sobre o braço nu dela. — E isso é só o começo. Pode ser ainda melhor, Sera.

— Eu mal posso acreditar nisso, ─ disse ela balançando a cabeça.

— Me lisonjeia. ─ Ele riu. — Mas se confiar em mim, se souber que nunca faria nada para forçá-la, machucá-la, fazê-la se sentir envergonhada, eu poderia fazer o que acabou de acontecer, ocorrer de novo e de novo. Se quiser, se meu primo não lhe estragou essas intimidades.

Ele prendeu a respiração enquanto esperava a resposta dela. Ela olhou para ele de perto enquanto pensava no que havia dito. Não sabia dizer como ela se sentia.

— Eu lhe juro, não havia nada íntimo no toque do seu primo, ─ disse ela suavemente. — E quando me toca, realmente não consigo me lembrar dele.

Ele deu um suspiro de alívio antes de perguntar: — Então me permitirá lhe dar prazer pelas primeiras semanas do nosso casamento? Pelo menos até que sua nova casa seja comprada e esteja pronta, até que o intenso foco sobre nossa união desapareça? Confia em mim para educá-la, para satisfazê-la como acabei de fazer?

Ela assentiu devagar. — Não me mostrou nada além de bondade, Rafe,

nada além de carinho e gentileza. E confio que continuará a se comportar dessa maneira nas próximas semanas. Admito, estou ansiosa para criar boas lembranças sobre ser tocada por um homem. ─ Ela se mexeu e sentou-se, encarando-o de uma maneira que ele não esperava. — Mas o resto do nosso acordo deve permanecer. Eu *não* quero um casamento além de um apenas no nome.

— Claro. Não tirarei nada da nossa barganha original. Quando a sua casa estiver pronta, nos separaremos, exceto a reunião ocasional para gerar filhos.

Ele disse as palavras, quis dizê-las, mas de alguma forma não se sentiu satisfeito com elas quando a encarou, o rosto ainda vermelho de prazer, o corpo mal coberto pela camisa.

Afastou esses pensamentos e estendeu a mão para segurar sua bochecha. Ela se apoiou na palma da mão dele, ainda o encarando como se estivesse tentando ler as suas intenções, tentando ler o futuro nelas. Ele não pôde deixar de se perguntar a que conclusões ela finalmente chegara.

— Venha, meus servos devem ter cumprido seu dever desde a noite passada. Aposto que seus vestidos a esperam no quarto de vestir adjacente. Escolha um e a ajudarei a se vestir.

Ela se afastou surpresa. — Vestir? Porquê? Pensei...?

Ela olhou para a cama em que estavam sentados, e ele percebeu, com um sobressalto, que ela acreditava que ficariam aqui o dia todo, com ele começando aquelas lições tão poderosas de desejo.

Seu membro doía, mas conseguiu manter a força de sua voz enquanto dizia: — Haverá tempo suficiente para isso, minha querida. No momento, acho que nós dois precisamos de sustento. Vamos descer e ver o que a melhor cozinheira de Londres preparou para compartilharmos neste primeiro dia inteiro como marido e mulher.

Capítulo 9



Serafina ria enquanto observava Rafe retornar ao aparador para recarregar seu prato, repetindo tudo o que estava disponível. Quando ele voltou para o seu lugar na cabeceira da mesa ao lado dela, tinha um sorriso largo no rosto que o tornava mais bonito do que nunca. E, apesar de tudo, seu coração palpitava terrivelmente.

Ela fez uma careta. Não queria vibrar por seu marido. Seu casamento era de contrato, nada mais. Não podia esquecer disso, mesmo que sua gentileza, sua aceitação, seu toque indutor de prazer turvassem a questão.

Seu corpo estava apenas confuso. Essa era a única explicação. Apesar de ter continuado rígida com as imagens de Cyril em cima dela, quando Rafe a acariciou gentilmente, essas lembranças começaram a desaparecer. Ainda formigava com as explorações íntimas e isso fazia tudo entre eles parecer mais nítido, mais concentrado, mais intenso. Depois que compartilhassem mais dos prazeres que ele prometeu, certamente a maravilha do ato desapareceria.

— Parece muito séria no momento, ─ disse ele entre garfadas de comida.

O sorriso dela retornou ao ver o prazer voraz de seu café da manhã. — E *o senhor* parece um gato que entrou na gaiola. Sempre come tão vigorosamente?

— Não, ─ ele admitiu com um sorriso largo. — Estou sem a fantástica comida da sra. Lathem desde que me mudei para a casa ducal, dois dias atrás. E antes disso, não tive exatamente muito apetite. Agora não consigo ter o suficiente.

O bom humor que Serafina sentira desapareceu com a declaração dele sobre falta de apetite. Estava tão concentrada em seus próprios problemas desde a morte de Cyril, que não havia pensado muito em como Rafe deveria estar se sentindo. Afinal, ele havia sido arrastado para um título *e* um casamento que não queria e não esperava.

— A comida não é do seu agrado? ─ Perguntou enquanto apontava para

o prato meio cheio dela.

— Oh não, tudo está delicioso. Eu estava simplesmente perdida em pensamentos. ─ Pegou o garfo e espetou uma fatia de linguiça.

Quando a colocou na boca, Rafe assentiu. — Sim, eu a vejo fazer isso de vez em quando. Perder-se em pensamentos.

Ela encolheu os ombros. — Suponho que faço isso de tempos em tempos. Ultimamente, temos tido pensamentos suficientes para nós dois.

— Verdade. Mas nunca fui muito interessado e preocupado. É mais a tática do meu irmão do que a minha.

Ela inclinou a cabeça com essa afirmação. — Tem sorte, então. A maioria das pessoas não tem escolha em suas preocupações.

Ele franziu a testa. — Claro que sim. O que quer que aconteça acontecerá se eu perder o sono ou não. Faço o meu melhor para me preparar e me comportar de uma maneira que limite os problemas que encontrar...

Ela riu apesar da seriedade da conversa. — Não foi isso que ouvi.

Ele sorriu. — Tudo bem, admito que muitas vezes não olho antes de pular, então talvez exagere. Mas qual é a graça da vida, a menos que suba no penhasco e veja se consegue voar? Muitas vezes descobrirá que pode fazer exatamente isso.

— E quando não pode? ─ Ela perguntou.

Ele acenou com os braços. — O que está feito está feito. Está fora do meu alcance.

— Mas deve sobrecarregar seus pensamentos sobre *algumas* coisas, ─ ela pressionou, inclinando-se para procurar seu rosto. — Não pode estar *realmente* tão separado da dor que a realidade pode trazer.

O sorriso dele alargou. — Bem, sabe que fui totalmente protegido por minha riqueza, meu belo rosto e minha reputação notória. Não é isso que eles dizem?

Ela balançou a cabeça por seu tom brincalhão e recostou-se na cadeira. — Alguns deles, sim.

O sorriso dele desapareceu. — Acha que eu estou sendo irreverente.

Ela hesitou. Se o desafiasse, sua aceitação e gentileza com ela desapareceriam? Achava que não, mas sempre havia uma chance.

Ainda assim, se viu dizendo: — Talvez um pouquinho. Embora eu admita que o invejo por poder ser tão desapegado. Não é uma característica que compartilhamos.

Ele se mexeu e, por um momento, pareceu considerar o que poderia dizer em seguida. — É claro que eu me preocupo de vez em quando, ─ ele admitiu lentamente. — Sobre minha mãe, minha irmã, até Crispin, embora Deus saiba que o homem pode cuidar de si mesmo.

— Cuida daqueles de quem gosta, ─ disse ela, ainda o examinando. — É uma boa característica.

— E agora essa proteção se estende a ti, ─ disse ele, tomando um longo gole de café.

— Claro que não. Protege aqueles de quem gosta e já sabemos que não serei um deles. Faz parte do nosso acordo que não entrelace seus sentimentos comigo e eu certamente não entrelaçarei os meus contigo.

Ele a olhou com firmeza. — Se delicia em me colocar no meu lugar. Sabe que existem mulheres que teriam feito quase qualquer coisa para se casar comigo e então ficariam em cima de mim para que eu declarasse até mesmo o meu sentimento mais íntimo por elas.

Ela arqueou a sobrancelha, sentindo a provocação dele. A leveza de seu humor foi uma mudança feliz. Esteve cercada pela escuridão por tanto tempo que parecia quase uma tábua de salvação estar com ele.

— Teria se entediado com esse tipo de mulher num instante, ─ ela brincou de volta. — Precisa de um desafio.

— Provavelmente seja verdade, ─ ele concordou. — Mas, independentemente desse fato, diz que não a protegerei, mas *não foi com isso* que concordei.

Seu coração teimoso pulou novamente e ela se endireitou imediatamente. — O que?

— Espero que ao longo dos anos nos tornemos... ─ Ele hesitou, como se procurasse o termo certo. — Que nos tornaremos muito bons amigos.

Ela o olhou. Era a segunda vez que lhe dizia isso. Que seriam amigos. Era um pensamento tão estranho agora como antes de se casarem. E especialmente estranho, considerando que há pouco mais de uma semana ela pensara nos méritos de fugir para os bordéis, a fim de escapar de um casamento com Cyril.

— Eu gostaria de ser sua amiga, ─ admitiu suavemente. — Acho que é uma boa pessoa, apesar do pouco que o conheço.

Ele encolheu os ombros. — Eu tento.

— Mas, como sua amiga, devo lhe perguntar - não está preocupado de alguma maneira, com o desempenho de suas funções como Duque?

Ele parecia genuinamente confuso com a pergunta. — O que está querendo dizer?

Ela balançou a cabeça. — Há décadas os homens desde muito novos são treinados por seus próprios pais para assumir um papel no qual foi colocado quase da noite para o dia. Terá uma cadeira no Parlamento, propriedades para administrar adequadamente, expectativas sobre o apoio a seus arrendatários e outras pessoas sob seus cuidados. Pessoas o procurarão com perguntas e assumirão que tenha respostas.

Ele franziu a testa e, por um momento, ela viu um lampejo de ansiedade nos olhos dele. Então ele colocou outra garfada na boca e resmungou: — Aprenderei.

Ela não teve chance de responder antes de Lathem entrar na sala com um pigarro silencioso. Rafe assentiu. — Sim, Lathem, o que foi?

O mordomo estendeu uma bandeja com vários envelopes empilhados no alto. — Estes vieram para o senhor.

Rafe ficou olhando. — O que são?

— Convites, é claro, ─ disse Serafina, balançando a cabeça. — Certamente, mesmo um patife que evita a sociedade deve reconhecê-los.

Ele riu. — Um patife que evita a sociedade. Acho que terei isso gravado na minha lápide. Mas sim, jovem atrevida, recebi um convite ou dois no meu tempo. Só não... quantos tem aí, Lathem? Cinco?

O mordomo nem mesmo olhou para baixo. — Oito, Sua Graça.

Ele estremeceu. — Oito de uma vez. Bom Deus! Bem, responda em massa com um retumbante não, Lathem.

Serafina arregalou os olhos para a rejeição imediata e muito firme, do dever que tinham acabado de discutir. — Não pode estar falando sério.

— Mas estou. Não quero ir a uma festa abafada onde serei *Sua Graça* até minha cabeça doer. Lathem com o seu Sua Graça, para mim é o suficiente.

Ela lançou um olhar ao mordomo. — Poderia me trazer os convites, Lathem?

— Claro, Vossa Graça. ─ O mordomo entrou e colocou a bandeja ao lado dela, fora do alcance de Rafe. — Há mais alguma coisa, milady?

Rafe olhou para o aparador com uma expressão desamparada. — Sua esposa fez algum de seus famosos hash esta manhã?

Lathem hesitou e, por um momento, ficou pálido. — Bem...

Rafe deve ter sentido a mesma aflição que Serafina, pois se inclinou

para mais perto. — O que foi?

— Eu teria mencionado isso mais tarde, senhor, mas veja... houve um incidente na cozinha pouco antes de trazermos os itens do café da manhã para servir.

— Um incidente? ─ Serafina perguntou, observando o mordomo torcer as mãos.

— Um... um incêndio, ─ esclareceu Lathem.

Rafe ficou de pé. — Fogo!

— Sim. ─ Lathem deu um passo mais perto. — Era pequeno, mas começou em uma área de armazenamento de cozinha que raramente é usada e tivemos muita sorte que um lacaio, Feddington, notou antes que não tivesse controle.

Serafina levou a mão ao peito para cobrir o coração palpitante. — Sorte mesmo.

— Alguém se machucou? ─ Rafe perguntou.

Serafina olhou para ele sorrindo. É claro que ele ficaria preocupado com os criados. Realmente não era nada como seu primo.

— Felizmente, não, ─ disse o mordomo. — E a brisa pelas janelas da cozinha parecia atrair a maior parte da fumaça para fora, e é por isso que o cheiro não chegou ao resto da casa. Mas obviamente interrompeu os preparativos. A senhora Lathem disse para avisá-lo que o hash estará no cardápio amanhã.

Rafe acenou com a mão para descartar essa declaração. — Bom Deus, diga a ela que essa é a menor das minhas preocupações. E, por favor, informe-a que descerei mais tarde para avaliar os danos e liberar fundos para qualquer limpeza ou reparo.

Lathem assentiu. — Muito bem. Há algo mais que eu possa fazer pelos dois?

— Não, ─ Rafe disse com um sorriso tranquilizador.

Depois que o criado se foi, Serafina estremeceu. — Que aterrorizante.

— Sim, ─ disse ele, afundando-se na cadeira com uma expressão sombria. — Um incêndio poderia ter saído rapidamente do controle e ameaçado muitos. Nós somos realmente afortunados.

Serafina olhou para a porta da sala de jantar pela qual Lathem se afastara. — Lathem parece ser uma boa pessoa.

Rafe sorriu. — Ele é. Embora eu estive tão distraído com as notícias do incêndio que acabei de perceber que ele seguiu a *sua* ordem sobre os

convites, e não a minha. Bastardo atrevido.

— Acho que isso prova que é um sujeito exigente. Ele sabe quando uma pessoa está sendo irracional.

Rafe balançou a cabeça. — Como estou sendo irracional?

— Recusar oito convites seria irracional, ─ disse ela com um suspiro.

— Oh, Sera, ─ ele gemeu.

Ela estendeu a mão para cobrir a mão dele com a dela. — Um momento atrás me disse que aprenderia a ser duque, não é? Bem, permita-me ensiná-lo.

— Me ensinar? ─ Ele repetiu, olhando para a mão dela sobre a dele, depois de volta para o rosto dela.

Ela se afastou, o calor subindo pelas bochechas enquanto assentia. — Sim. Me ensinaram os meandros de ser duquesa por anos enquanto esperava meu casamento com seu primo. Quem melhor para ensiná-lo do que eu?

Ele ponderou isso por um momento. — Suponho que seja verdade. Mas não é obrigada...

— Não é uma obrigação. Eu simplesmente gostaria de ajudar ─ ela disse suavemente. — Poderia ter feito desses últimos dias um sofrimento, mas não o fez. Além disso, se alterou nossa barganha para incluir uma tutela no prazer, por que não devo alterá-la igualmente?

— Toma lá, dá cá? ─ Ele disse, sua voz repentinamente tensa.

Ela balançou a cabeça. Parecia que ela não estava se explicando bem o suficiente. — Não. Por favor, posso ajudá-lo?

Lentamente, ele assentiu. — Muito bem. E sua primeira lição é que não posso recusar convites.

Ela riu. — Não, minha primeira lição é que existem *certas pessoas que* não poderá recusar.

Ele soltou um suspiro pesado. — Eu não poderia ser excêntrico?

— Não se quiser sobreviver, Rafe.

Ele apertou os lábios e acenou em direção à pilha de convites. — Aceito dois.

— Três, pelo menos ─ ela corrigiu. — Isso será suficiente para deixar claro que não está evitando toda a *Ton*, mas que não está desesperado para aceitar tantos quanto apareçam.

Ele descansou a cabeça na beira da mesa. — Odiarei isso, ─ disse em tom abafado.

— Possivelmente, ─ ela disse em um tom tranquilizador, embora pudesse oferecer pouco alívio. Folheou os convites. — Lorde e Lady

Aldridge são um bom exemplo. Ele é um conde importante.

— Mas sou um duque, não o supero? ─ Perguntou. — Ou tenho sido extremamente desinformado todos esses anos?

Ela não pôde deixar de rir da provocação implacável dele. — No ranking, sim, é claro que está acima dele. Mas seu ducado, se por acaso se lembra, estava até recentemente em ruína financeira. Foi por isso que meu pai conseguiu convencer o pai de Cyril a organizar nosso compromisso. Esse fato era do conhecimento geral, e até que mostre a eles que não deixará mais que o título fique em frangalhos, o julgarão por isso.

— E que tipo de sujeito é Aldridge? ─ Perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça. — É um pouco mais novo que ele, mas não muito. Encontrei com ele e a esposa algumas vezes e parecem pessoas sólidas. Inteligentes o suficiente, sem o janotismo de alguns dos piores nobres.

Rafe deu de ombros. — Tudo bem, responda de forma positiva a Aldridge. E escolha mais dois desses convites para responder positivamente. Pode me ensinar tudo sobre os convidados a caminho dos eventos.

Serafina olhou para a pilha de convites e de volta para ele. — Não quer controlar?

— Por Deus, não! Confio que tomará as decisões corretas no assunto e prometo que não reclamarei. *Muito*.

Olhou para ele. Em todos os anos em que esteve ligada a Cyril, ele deixou claro que não haveria nenhuma decisão, nem pequena, nem grande, em sua casa que não fosse estritamente supervisionada por ele. Ter controle de qualquer parte de sua vida com Rafe era bastante…

Emocionante.

— Farei o meu melhor para escolher anfitriões dos quais gostará, ─ disse ela.

— Excelente. ─ Ele se levantou. — Bem, todo esse planejamento me deixou entediado. Gostaria de fazer um tour pela casa?

Ela piscou não apenas com a rápida mudança de assunto, mas com a maneira como se inclinou, oferecendo a mão para ela. Ele sorria e ela se viu incapaz de fazer qualquer coisa, exceto pegar sua mão e se levantar.

— Certamente, ─ ela conseguiu chiar enquanto eles estavam, cara a cara, olhos nos olhos. Queria beijá-la, isso estava claro. Surpreendentemente, queria que ele fizesse exatamente isso, na sala de jantar onde qualquer um

poderia ver.

Era estranho que ele pudesse tocá-la em sua cama, despertá-la para o prazer e, ainda assim, ter uma conversa na mesa do café da manhã, segurando sua mão na sala de jantar... essas coisas pareciam muito íntimas. E se havia uma coisa que ela sabia, era que não *queria* uma conexão íntima ou emocional com aquele homem.

Ela queria sua liberdade, então teria cuidado.



— O que acha? ─ Rafe perguntou uma hora depois de terem percorrido a casa inteira, exceto a cozinha danificada. Ele havia deixado sua biblioteca para o final, e agora ela estava entre os livros, olhando em volta com os olhos arregalados de admiração.

— É magnífica, ─ ela respirou.

Ele riu. — A casa ou a biblioteca?

— Ambas. ─ Ela sorriu em troca.

Esses sorrisos estavam se tornando mais comuns agora e mais reais. Serafina era sem dúvida uma das mulheres mais bonitas que ele já havia encontrado. Mas quando ela sorria e seu rosto se iluminava... bem, não havia "uma das". Era simplesmente a criatura mais requintada que já havia andado na terra. E ela era dele.

Pelo menos no nome.

Encontrou-se perdendo o próprio sorriso. — Claro, qualquer área da casa é sua para explorar ou utilizar. Todos os servos já foram informados de que é a dona da casa e a tratarão de acordo.

— Provavelmente por isso Lathem *me* ouviu esta manhã, ─ disse ela com um brilho perverso nos olhos.

Rafe fingiu uma careta. — Sim. Aparentemente, ele pensa que a dona da casa governa o poleiro.

Ele viu uma sombra cruzar seu rosto com aquele comentário e franziu a testa. O abuso de Cyril e a crença de seu pai de que ela só valia a pena como ponto de barganha obviamente a assustavam.

Ele ouviu Lathem pigarreando na porta e olhou por cima do ombro. O mordomo assentiu levemente, Rafe sorriu e devolveu o movimento. Lathem, como sempre, entendeu e se afastou.

— Tem alguém que eu gostaria que conhecesse, ─ Rafe disse, voltando-se para encontrar Serafina, que se aproximava da estante de livros e estava olhando atentamente para os títulos, às vezes deixava a ponta de seus dedos percorrerem as lombadas desgastadas de seus favoritos.

— Conhecer? ─ Ela perguntou, abandonando os livros para olhá-lo.

— A criada de Annabelle tem uma irmã no serviço. Ela a treinou para atender a uma dama, mas não conseguiu encontrar trabalho e estava em outra propriedade. Eu a trouxe aqui para um teste apenas como sua criada, já que não tem uma. Se gostar dela, ótimo. Caso contrário, diremos a ela que não dará certo.

Serafina franziu a testa. — Mas se ela deixou sua posição atual, esse período de teste não resultaria em seu desemprego? Eu não me sentiria bem em colocá-la na rua.

Rafe sorriu com sua atenção para a situação dos outros. Em sua vida, viu muitas mulheres de posição e privilégio que não pensaram duas vezes sobre as que estavam a seu serviço. Certamente Serafina não fora ensinada pelo pai a cuidar de outras pessoas. Parecia ser simplesmente da natureza dela.

—Irei recomendá-la a um amigo que procura uma criada e não será pior para ela a experiência, prometo, ─ a tranquilizou.

Ela assentiu. — Então vamos conhecer a jovem.

Ele apontou para a porta, e ela o seguiu pelo corredor e de volta até o vestíbulo. Uma jovem esperava lá com Lathem, uma pequena mala aos seus pés.

— Suas Graças, posso apresentar Bridget King? ─ Lathem disse com um aceno de cabeça para a criada.

Serafina deu um passo à frente. Quando as duas mulheres começaram a conversar, Rafe observou sua esposa, em vez de ouvir. A expressão amável e aberta em seu rosto obviamente deixou a nervosa criada à vontade.

Era engraçado. Menos de dez dias atrás, não tinha planejado se casar, mas aqui estava ele com uma esposa e *gostava* dela. Sem mencionar que a queria. Seu corpo estava no limite por horas e agora queria prosseguir para a próxima lição de prazer e pecado.

Ele avançou quando houve uma pausa na conversa entre as mulheres. — Tomaram alguma decisão?

Serafina olhou para ele. — Distraído, não é? ─ Ela brincou.

Ele riu. — Terrivelmente.

— Então deixe-me esclarecer sobre o que perdeu, ─ disse. — Bridget

vai se acalmar e depois vai descompactar minhas coisas no quarto feminino.

— Excelente ─ disse, pegando o braço da esposa com um leve aceno de cabeça para a nova criada. — Não se apresse com isso, Bridget.

A criada sorriu. — Claro, Sua Graça.

Quando Rafe guiou Serafina até as escadas, ela o olhou. — O que diabos está fazendo?

— Acho que gostaria muito que ficássemos sozinhos ─ ele disse suavemente, perto de sua orelha.

Ela não resistiu, mas ele viu seus olhos arregalarem e ouviu a falha em sua respiração que era tanto de susto quanto de antecipação.

— É o meio do dia, Rafe ─ disse como seu primeiro e único protesto.

Ele abriu a porta do quarto e eles entraram juntos antes que ele dissesse: — Sim. E não há nada melhor do que um prazer lânguido com o sol atravessando as cortinas e lançando o brilho mais bonito na pele de uma mulher.

Ele fechou a porta enquanto falava, guiando-a lentamente até as costas dela estarem contra a parede. Ele a abraçou e viu um lampejo de terror nos olhos dela.

— Serafina, ─ disse suavemente.

Ela balançou a cabeça, o lábio inferior tremendo levemente. Quando respirou fundo algumas vezes, conseguiu falar.

— Estou tentando não pensar nele, ─ disse com a voz embargada.

Ele recuou imediatamente, concedendo a ela o espaço que obviamente precisava. Ela se inclinou, com as mãos apoiadas nos joelhos enquanto sugava o ar. Desejava tocá-la naquele momento sombrio, tomá-la em seus braços.

Mas não fez isso. Não apenas por não ter certeza de que ela iria querer isso, mas também porque ainda não havia conquistado esse direito. Talvez nunca o conquistasse, considerando o artifício do seu casamento.

— Não tenha pressa, ─ disse, oferecendo-lhe o maior conforto que pôde em seu tom. — Respire.

Ela o fez e, depois de alguns instantes, levantou-se, o rosto rosado de tristeza e vergonha e os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Sinto muito, ─ sussurrou. — Mas quando me segurou lá...

Ela parou e Rafe preencheu a lacuna. — Se sentiu presa.

Ela assentiu sem falar ou encontrar seu olhar.

— E isso fez com que se lembrasse dele. Algo que ele lhe fez.

Ela ofegou, o som doloroso no quarto silencioso. Virou o rosto ao ouvi-la, ao fato de que ele a fez se sentir assim, mesmo sem querer fazê-lo.

— Eu *nunca* a segurarei assim novamente, ─ prometeu, finalmente estendendo a mão para tocar seu rosto.

O olhar dela disparou para o rosto dele, revelando seu choque total. — Não vai?

— Não, ─ ele disse. — Foi isso que eu quis dizer ao pedir que me falasse quando não estivesse gostando. Eu nunca iria querer lhe causar mais dor.

— Obrigada.

— Venha, podemos voltar lá para baixo.

Ela recuou uma fração. — Não quer continuar?

Ele abriu a boca com a pergunta dela. — Não pode me desejar depois disso.

Ela endireitou os ombros e olhou para ele. — Gostaria de tentar, Rafe. Eu quero tentar.

Ele a encarou com total descrença. Serafina pode ter essas labaredas de pavor, um maldito medo que aumentou ao longo dos anos, mas ela lutava contra ele admiravelmente. Tinha uma alma corajosa - isso estava ficando claro a cada momento que passava com ela.

— Tem certeza?

— Sim, ─ disse ela, e sua voz era mais forte.

— Então lembre-se da minha promessa, Sera, ─ sussurrou enquanto se inclinava e roçava os lábios nos dela até que ela relaxou contra ele. — Apenas prazer, sem dor.

Ela assentiu quando ele pegou a mão dela e não resistiu enquanto a puxava em direção à cama e às intimidades que pretendia que compartilhassem ali. Intimidades que esperava que ajudassem a curá-la, em vez de inspirar memórias mais dolorosas.

Capítulo 10



Serafina mal conseguia respirar. No início causado pelas memórias que a cercaram, mas agora que esses pensamentos horríveis haviam desaparecido, o aperto em sua garganta e sua frequência cardíaca elevada eram por outro motivo.

Rafe. Rafe e o desejo que inspirava. Rafe e a segurança que oferecia.

Ele desabotoou lentamente seu vestido. O olhar nunca deixando o dela, mesmo quando seus dedos trabalharam ao longo de suas costas. Quando abriu o vestido e deslizou as mãos sob o tecido, ela soltou um suspiro suave. Ele arregalou os olhos.

— Está tudo bem?

Ela assentiu, apanhada mais uma vez, em sua gentileza para com ela.

— Bom ou ruim? ─ Ele perguntou, embora não tenha retirado as mãos de sua carne.

— Bom, ─ ela admitiu com um rubor. — Suas mãos estão quentes.

Ele sorriu, mas seus olhos ficaram escuros pelo desejo. Uma necessidade que ela percebeu que ele ainda não havia saciado.

Faria isso agora? A tomaria afinal?

Seu corpo ficou tenso com o pensamento, não porque temesse a *ele* e seu toque, mas sim pelo tipo de lembranças produzidas quando a prendera contra a porta. E porque não conseguia acreditar que aquilo que Rafe oferecera com seus dedos fosse algo que poderia sentir com seu grande corpo esticando o dela. E se não gostasse? Ou se entrasse em pânico?

— Pare de se aterrorizar, ─ ele sussurrou.

Ela começou. — Meus pensamentos são tão transparentes?

Ele passou as mãos pelas costas dela e, em seguida, empurrou o vestido para que deslizasse de seus ombros até à cintura.

— Não consigo lê-los exatamente, ─ disse com a voz muito suave e rítmica. — Mas posso ver que eles não lhe trazem felicidade.

— Sinto muito, ─ disse ela, os ombros rolando para a frente uma segunda vez em mais vergonha e derrota. — Tento não lembrar, tento não

pensar em como era antes.

Ele pressionou a mão sob o queixo dela e inclinou o rosto na direção dele. — *Nunca* deve se desculpar pelos atos vis cometidos contra si, Sera, ─ disse ele, seu olhar passando do desejo para a raiva em um instante. — Só lhe peço que tente lembrar que está comigo neste momento, não com ele.

Ela estremeceu, olhando para ele. Rafe com seu corpo lindamente esculpido; Rafe com seu sorriso fácil e sua alegre visão de mundo; Rafe que era gentil e terno com ela.

— Não há comparação entre os dois, garanto. ─ Ela sussurrou enquanto estendia o braço e pressionava a palma da mão contra o peito dele.

Ele respirou fundo, repentinamente, e suas pupilas dilataram com seu toque. Uma emoção a percorreu, apesar de seus pensamentos emaranhados. Tocá-lo o fez querê-la ainda mais. *Ela*, uma mulher com quem foi forçado a ficar pelas loucas circunstâncias. *Ela*, uma mulher cujo passado deixou tímida quando se tratava de atos que ele provavelmente poderia ter realizado de bom grado com uma dúzia de outras mulheres.

E ainda assim ele ainda *a* queria .

— Rafe, ─ ela sussurrou.

Ele empurrou o vestido para baixo e atingiu o chão ao redor de seus pés com um movimento de tecido delicado.

— Sim?

Ela engoliu em seco. — Não quero decepcioná-lo, ─ ela admitiu, suas bochechas em chamas com o rubor. — Sei que existem muitas outras mulheres que não hesitariam. Mulheres que já teriam lhe dado muito prazer.

Sua testa franziu. — Acha que não senti prazer antes? Observando-a amolecer ao meu toque, observando seu orgasmo pela primeira vez, juro que houve uma grande gratificação nisso.

— Mas não encontrou sua liberação, ─ ela disse, se mexendo desconfortável com o assunto. — Cyril me disse...

Ele levantou uma mão para cobrir delicadamente sua boca.

— Cyril era um completo imbecil, ─ disse. — Perdoe minha escolha grosseira de palavras, mas é verdade. Sim, eu adoraria entrar dentro de ti, Sera. Para que liberasse minha paixão com o tremor do seu corpo. Mas temos todo o tempo do mundo agora que estamos casados. Isso *acontecerá*. E até lá, estarei me divertindo muito explorando o que a faz tremer.

Ela estremeceu com essas promessas eróticas, e ele sorriu com a reação dela. Então, seu sorriso vacilou quando prendeu os dedos nas duas tiras da

camisa dela e as abaixou ao mesmo tempo, expondo seu corpo polegada por polegada até que a roupa de baixo de seda se unisse ao vestido a seus pés. Ele olhou de cima a baixo seu corpo agora nu, com uma fome possessiva nos olhos que fez com que seu estômago revirasse com um desejo que ela nunca esperou sentir.

Era errado querê-lo assim? Era errado querer que este homem a tocasse e esperar que ele pudesse apagar as suas lembranças sórdidas?

Se era, Rafe não a fizera se sentir assim. Seu sorriso retornou quando ele a abraçou, beijou-a, levantou-a em seus braços para carregá-la para sua cama. Ele a colocou no limite e recostou-se para remover as meias e os chinelos.

As mãos dele deslizaram sobre as coxas, o joelho, a panturrilha, e ela tremeu quando o toque enviou calor elétrico que se estabeleceu entre suas coxas. Ela não tinha ideia do que ele faria em seguida, mas ficou chocada ao descobrir que queria, o que quer que fosse. Ela queria a *ele*.

Ele se afastou e pegou as costas de uma das cadeiras ao lado do fogo. Sem desviar o olhar dela, ele o arrastou para a beira da cama e se acomodou na almofada. Ela olhou para ele, confusa com o seu posicionamento estranho.

— O que está fazendo? ─ Ela perguntou.

Ele colocou a mão em seu joelho nu e ela respirou fundo.

— Abra suas pernas, Serafina, ─ pediu em seu tom baixo e hipnótico.

Ela corou. Pela maneira como eles estavam posicionados, se ela fizesse o que lhe pedia, suas áreas mais privadas estariam bem diante dele. Não haveria como esconder.

Os dedos dele deslizaram por sua coxa e ele a massageou suavemente.

— Serafina, ─ sussurrou. — Abra suas pernas.

Ela tremeu ao seguir sua diretriz, tentando se lembrar de que aquele homem havia se mostrado confiável, pelo menos quando se tratava de seu corpo.

Ele praticamente ronronou quando ela se abriu para ele e se aproximou, passando cada uma das pernas dela por cima dos ombros dele. Olhou para ele com as bochechas queimando enquanto o observava examiná-la.

— Tão bonita, ─ ele sussurrou. — Tão tentadora.

Ele olhou para o corpo dela com uma maldade que só intensificara o ardor entre suas coxas. Ele apertou os quadris dela com as duas mãos e pressionou-a para a frente, de modo que suas costas quase caíram da

cama. Ela caiu nos cotovelos gritando com o movimento inesperado. Antes que ela pudesse expressar qualquer tipo de protesto, ele passou um dedo pelo seu sexo.

Seu corpo se contorceu com a lembrança do que ele havia feito com aqueles dedos mágicos no início do dia.

— Rafe... ─ começou, sua voz trêmula e quebrada.

— Bom ou ruim? ─ Ele perguntou.

— Por favor, ─ ela murmurou, incerta do que estava pedindo.

Ele sorriu. — Tão bom assim?

Não disse mais nada, mas a observou enquanto abaixava a boca, mais e mais. Ela arregalou os olhos. Ele não podia querer...

Seus lábios a tocaram apenas como uma leve pincelada. A carícia inesperada a fez arquear um pouco, aproximando seu sexo. Ele riu, as vibrações se movendo através de sua carne sensível e provocando um gemido em seus lábios que ela não pretendia expressar.

Ele a esfregou com a boca pela segunda vez, mordiscando suavemente os lábios inchados do corpo dela. Ela apertou os punhos contra a colcha com um gemido áspero, depois olhou para baixo do corpo para ver o que ele faria em seguida.

Ele estava olhando para o corpo dela, examinando suas áreas mais privadas como se fossem uma bela obra de arte. Ou doces, ela supôs, já que estava colocando a boca nela várias vezes. Ele gentilmente a abriu, depois se aproximou.

Ficou tensa quando o hálito quente dele fumegou sobre sua carne macia, tornando-a ultra consciente de cada dobra e fenda de seu sexo. Estavam todos vivos ao seu toque, formigando e doendo por algo que ela apenas começara a entender.

— Por favor, ─ ela murmurou uma segunda vez.

Ele olhou para ela, seus olhos escuros de desejo e cheios de maldade e curiosidade.

— Como queira. ─ Sem outra palavra, ele levou a boca firmemente contra seu corpo.

Desta vez, foi um beijo de boca aberta que ele deu às suas dobras sensíveis e escorregadias. Sua língua disparou e ele lambeu sua entrada primeiro suavemente, depois com mais força. Ela agarrou as cobertas com mais força, varrida pela repentina intensidade das sensações. Os dedos dele eram mágicos, mas a boca? Isso era outra coisa.

Era como se estivesse inteiramente suspensa na água, deixando-a sem peso e incapaz de controlar como seu corpo se movia sob os cuidados de Rafe. Ela arqueou e estremeceu quando a língua dele se moveu sobre ela, sua respiração ficando curta e se transformando em gemidos e gritos que enchiam a sala.

E, no entanto, ele não lhe deu trégua. Sua boca a provou implacavelmente, e finalmente ele deslizou para lamber o pequeno feixe de nervos no topo de seu sexo. O lugar em que ele havia tocado antes para destruí-la com prazer.

A boca dele apenas intensificou esse sentimento e ela sentiu o orgasmo - como Rafe chamava isso - se construindo dentro dela. Arqueou-se para tentar alcançá-lo, e ele riu contra sua pele enquanto pressionava contra seu quadril com uma mão, segurando-a firme.

— Não se apresse, Sera ─ ele murmurou, acariciando-a gentilmente. — A levarei lá no devido tempo.

Ela deu um gemido confuso que provavelmente deixou Rafe com poucas dúvidas sobre seu desespero. Mas ele não parecia querer torturá-la, pois começou a lamber com mais força, mais rápido, e ela queimou embaixo dele.

Foi só quando pensou que não podia aguentar mais, quando estava fraca e pronta para implorar, para lhe oferecer qualquer coisa em troca de liberação, que ele deslizou um dedo em seu corpo. Não esperava a invasão, mas não se enrijeceu porque era muito bom tê-lo dentro dela. Ele apertou os lábios contra ela, sugando com força enquanto entrava e saía com o dedo em um ritmo enlouquecedor.

Ao contrário do começo do dia, quando seu orgasmo a atingiu repentinamente e sem entender o que aquilo significava, dessa vez a liberação foi lenta e constante, aumentando cada vez mais quando ela gritou e se debateu embaixo dele. Ele continuou, não a libertando da prisão de prazer até que ficou esgotada pelo desejo e caiu fracamente contra o colchão.

Só então ele se levantou da cadeira, lambeu os sucos que restavam nos dedos e a recolocou nos travesseiros. Mas não fez nenhum movimento para se despir, para tomá-la. Mais uma vez, simplesmente reivindicou um lugar ao lado dela em sua cama e a colocou contra ele. Abraçou-a enquanto o coração voltava ao normal e ela recuperava o fôlego.

— Eu provei estar certo? ─ Ele perguntou de cima dela.

Ela se inclinou para olhá-lo. — Certo?

— Não te prometi que poderia lhe dar um prazer cada vez mais intenso?

Ela bateu nele levemente. — É, de longe, o homem mais arrogante e satisfeito que já conheci. Tão orgulhoso de si mesmo.

Ele sorriu. — Tomo isso como um sim, então.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro e o abraçou. — Tome como quiser, Raphael Flynn. Não ganhará nada de mim.

Ele se inclinou um pouco e sussurrou: — Isso parece um desafio, Sua Graça. E um que pretendo conhecer.

Ela riu da piada dele, mas seu estômago revirou tão loucamente com as promessas quanto o toque dele. Era dolorosamente óbvio ver que poderia se perder facilmente nele se permitisse isso.

E não iria, *não poderia* deixar isso acontecer.

Capítulo 11



Rafe trincou os dentes, enquanto outro nobre se aglomerava em seu espaço pessoal e apertava sua mão até que seus dentes estremecessem.

— Sua Graça, Sua Graça, ─ o homem irrompeu. — Deve ser muito bom ser chamado assim agora, hein?

Rafe retirou sua mão e tentou não fazer uma careta que mostrasse o quão errado esse homem estava.

— Nessas circunstâncias, mal posso comemorar, ─ ele disse com uma careta. — Me recorde novamente do seu nome?

O entusiasmo do cavalheiro diminuiu uma fração. — Visconde Eames, Vossa Graça.

— Hmmm, ─ Rafe disse.

Ele sabia muito bem que esqueceria novamente em um momento, exatamente como aconteceria com cada pessoa que conhecera e com quem esteve a noite toda. Havia uma coisa que sabia: tinha razão em ter evitado esse tipo de sociedade por todos esses anos. Não havia nada aqui para tentá-lo. Exceto…

Seu olhar atravessou a sala para onde Serafina estava com um pequeno grupo de damas. Sua esposa estava com o vestido mais bonito, que realçava seus olhos brilhantes e fazia sua pele parecer quase porcelana. Era ametista, marcado apenas pelo fato de ser uma cor destinada a sinalizar seu "luto" pela morte de Cyril.

O vestira naquela noite com muita dignidade, sem dizer uma palavra sobre o fato de que usá-lo a incomodasse, mesmo que ele soubesse muito bem que ela tinha desprezado seu noivo.

Felizmente, a sociedade agora só o julgava como um primo dela por casamento, que havia morrido. Ambos seriam capazes de derramar as falsas pretensões de luto dentro de algumas semanas.

Ela inclinou a cabeça enquanto ouvia a história de sua companheira e sorria, e ele estava quase desfeito.

— Circunstâncias à parte, ─ continuou seu próprio companheiro, como

um cachorro que não podia largar um osso. — Deve estar emocionado por se elevar tão alto. Especialmente considerando a reputação da sua família no passado.

Rafe olhou para o cavalheiro irritante. O homem não podia ser mais do que três anos mais velho do que ele, mas uma vida mimada em excesso o tornara mole, gordo e envelhecido antes do tempo pela ociosidade.

— Não sei o que está querendo dizer.

O visconde abriu e fechou a boca algumas vezes. — Ora, o jogo excessivo, Vossa Graça. O... ─ diminuiu a voz. —As mulheres. E Sua Graça e seu irmão não fizeram uma corrida pelo Hyde Park que quase derrubou o príncipe regente do cavalo?

Rafe apertou os lábios. Ele esperava que todos esquecessem essa última parte. O próprio príncipe havia sido persuadido por uma garrafa de porto absurdamente cara, a vê-lo como uma boa diversão que dera um pouco errado. Mas Rafe sabia que ele e Crispin apenas haviam evitado um duelo de honra com a realeza.

— De qualquer forma, ─ Eames disse, preenchendo o silêncio quando Rafe não respondeu. — Não venha me dizer que intimamente não está encantado.

— Nem todo mundo se esforça para ser um duque, ─ Rafe disse suavemente.

O homem ergueu as sobrancelhas como se não pudesse acreditar. — Está dizendo *que* foi por isso que sua senhoria e sua nova esposa abandonaram a casa ducal?

— Quem disse isso? ─ Rafe perguntou, surpreso que esse assunto fosse algo que qualquer um soubesse, e muito menos se importassem em repetir.

Ele conhecia um escândalo quando via um, e as ações que tomou para proteger Serafina do passado não chegaram a esse nível. Exceto que em geral, ele e sua nova esposa eram todo o assunto das conversas.

Ele suprimiu um gemido.

— *Todo mundo* está falando sobre isso, ─ disse o visconde com um encolher de ombros, embora seus olhos estivessem brilhantes e focados com regozijo na resposta de Rafe.

Os olhos de Rafe se estreitaram. Percebia agora o que esse homem queria. Eames esperava ser o líder em algum tipo de história obscena. Ter as respostas para a pergunta, de alguma forma, o tornaria importante.

— Bem, se todo mundo está falando sobre o fato, ─ Rafe disse, pegando

uma taça da bandeja de um criado que passava, — então eles já devem saber que é da minha natureza fazer o inesperado.

Seu companheiro estava prestes a dizer mais, mas foi interrompido pela chegada de seu anfitrião, o conde de Aldridge que sorria para os dois.

— Boa noite, milordes. Estão se divertindo?

O visconde começou a acenar com a cabeça como se ela estivesse em uma mola, mas Rafe mal conseguia evitar fazer uma careta mesmo enquanto dizia: — É claro. Obrigado novamente por nos convidar.

— Sabe, Eames, acredito que o marquês de Waterbury estava procurando-o, ─ disse Aldridge. — Na sala de bilhar.

Os olhos de Eames se iluminaram. — Estava? Seria rude fazê-lo esperar. Se me derem licença.

Ele disparou entre a multidão. Depois que se foi, Aldridge suspirou. — Esse homem pode ser o maior idiota da sociedade. O que é dizer muito.

Rafe quase engasgou com a bebida com o comentário inesperado. Ele olhou atentamente para o conde. Assim que o conheceu no início da noite, percebeu que estivera em Eton com o homem, o que parecia uma vida atrás. Lembrou-se de não ter brigado com Aldridge, mas não fazia ideia da personalidade do conde agora, décadas depois.

— Então por que convidá-lo? ─ Ele perguntou, observando a resposta com cuidado.

Aldridge soltou um longo suspiro de brincadeira. — Ele tem uma relação com minha querida esposa. Primo em terceiro grau, ou algo nesse sentido. E costuma vir às festas mesmo que não tenha sido convidado. Descobrirá isso em breve.

Rafe torceu o nariz. — Não tenho intenção de organizar festas.

— Como duque, será esperado que o faça.

Rafe gemeu. — Bom Deus. Ser um nobre é entediante.

Aldridge virou para a multidão com um olhar distante no rosto. — Pode ser, eu concordo. Mas pode igualmente ser de grande benefício para suas causas e as pessoas de quem cuida.

Rafe recuou uma fração. Ele nunca considerou isso antes. Embora seu irmão pudesse se importar menos com a Sociedade, sua irmã poderia estar interessada em vir a este mundo, em "*se casar bem*", como ela dizia.

— Não tenho certeza de que tenho causas, ─ disse ele com um sorriso.

Aldridge retornou a expressão. — Eu tenho algumas. Venha me visitar em alguns dias e posso convencê-lo a levá-las também. Com nossas finanças

e influência combinadas, talvez possamos mudar um pouco o mundo.

Rafe olhou para o homem. Aldridge não parecia estar brincando, então assentiu. — Certamente.

— E agora vejo que minha adorável esposa está sozinha pela primeira vez desde que a festa começou. Devo aproveitar a oportunidade para dançar com ela. ─ Aldridge inclinou a cabeça. — Vejo-o em breve, Hartholm.

Rafe murmurou algum tipo de adeus, embora sua atenção tenha sido atraída novamente para sua própria esposa. Apesar de que ela não estivesse sozinha como Lady Aldridge, Serafina o atraia como uma mariposa para sua chama brilhante e bonita.

Ele se aproximou dela, seu olhar nunca vacilando de seu rosto requintado. Quando estava a alguns metros, ela finalmente pareceu sentir sua aproximação, pois lançou um olhar pelo canto do olho. Suas bochechas escureceram em um rubor que o fez querer levá-la para longe, onde pudesse representar toda a fantasia que ela inspirava.

Em vez disso, deu um sorriso arrojado às mulheres de seu pequeno grupo e disse: — Boa noite, miladies.

Ele viu Serafina trocar um breve olhar com sua melhor amiga Emma Richards, e então ela conseguiu dar-lhe outro olhar lateral e se juntou aos outros em seus boas noites.

— Se importariam muito se eu roubasse minha esposa? Não dançamos esta noite.

Apesar de sua esposa estar ao seu lado, algumas das mulheres olhavam-no de cima a baixo. Sentiu como lhe lançavam olhares de flerte, mas ele nunca desviara o seu olhar de Serafina. Ninguém mais tinha nem uma fração do seu interesse comparado a ela.

— Ficaria feliz em dançar com Sua Graça, ─ disse Serafina finalmente. — Com licença, senhoras.

Ele trancou a mão dela na dobra do cotovelo e a levou para a pista de dança.

— Eles estão todos olhando para nós, ─ ela disse com um sorriso apertado.

Olhou à sua volta para descobrir que ela estava certa. Parecia que quase toda a sala havia cessado o que estavam fazendo, a fim de assistir o casal na pista de dança.

—*Não* sabe dançar, não é? ─ Ela perguntou em voz baixa.

Ele riu. — Eu disse que não sei como ser um duque, minha querida, não

um homem.

A música começou naquele momento. Como a orquestra tocava uma valsa, ele a puxou para mais perto e a arrastou para os degraus, guiando-a gentilmente.

Ela arregalou os olhos quando ficou claro que ele era proficiente nesse ato.

— Eu não deveria ter duvidado, ─ disse ela com uma risada que limpou a preocupação de seu rosto.

— Não, ─ brincou. — Não deveria. ─ Ele olhou em volta e encontrou a multidão ainda apaixonada. — Embora certamente nunca tenha tido uma audiência como essa.

Ela balançou a cabeça. — Todos querem saber sobre o novo Duque, mas também sobre *nós*. Não é tão frequente um homem herdar um título e uma noiva em um ato. Especialmente um com tanto escândalo quanto a morte de Cyril.

Rafe franziu a testa. Pela sua expressão muito tensa, parecia que ela sabia mais sobre a verdade do acidente de Cyril do que lhe dera crédito.

— O quanto sabe? ─ Ele perguntou.

Ela encolheu os ombros enquanto giravam sem esforço. — O suficiente para reconhecer que os homens ainda estão falando sobre isso. Que eu era, em termos masculinos, uma corna. Na verdade, não ligo. Gostaria que Cyril tivesse ficado com suas prostitutas. Embora eu sinta pena da pobre moça que morreu com ele em... ─ ela pigarreou e torceu o nariz — …serviço.

— É uma mulher verdadeiramente notável.

— Oh, pare, ─ ela disse abaixando a cabeça com um rubor, tropeçando em seus passos por um breve momento.

— Estou falando sério, — ele continuou. — Tem tanta dignidade diante de uma situação dolorosa e humilhante. Eu a admiro muito, Serafina.

Ela inclinou o rosto para olhá-lo e depois assentiu levemente. — Obrigada, ─ sussurrou.

Ele a examinou mais de perto, tão bonita, tão forte, tão inteligente e sensual. E mais do que qualquer coisa no mundo, ele queria tocá-la.

— Vamos para casa? ─ Ele perguntou.

Ela não respondeu, mas ele viu o olhar dela deslizar para a multidão na beira da pista de dança.

— Certamente, aparecemos o suficiente para satisfazer os curiosos, ─ disse ele enquanto apertava os dedos em volta da cintura dela. Ela respirou

fundo com a ação e ele sorriu em triunfo. — Quero ficar a sós contigo.

— Sim, ─ ela disse suavemente.

Seus olhos arregalaram, pois ele imaginou que teria que ser mais convincente do que isso. — Sim? ─ Ele repetiu.

Ela assentiu. — Depois de dizermos boa noite aos nossos anfitriões, podemos voltar para casa.

A música começou a desacelerar e Rafe se sentiu relutante em soltá-la, mas finalmente se rendeu, e ela fez uma bela reverência antes de pegar o braço dele e deixá-lo levá-la embora através da multidão e diretamente em direção a Lorde e Lady Aldridge.

Porque depois de dois dias de brincadeira, estava pronto para levar sua paixão por Serafina para o próximo nível. E não podia esperar nem mais um momento para fazê-lo.



Serafina havia sentido o calor da paixão de Rafe antes, notara que ele a desejava. Mas quando a colocou sentada em seu colo na carruagem, beijando-a com abandono selvagem, ela percebeu que isso era algo diferente.

No passado, mesmo recente, esse ardor a assustaria, faria com que pensasse nas coisas que Cyril fizera ou a forçara a fazer.

Mas Raphael não era Cyril, e ela rapidamente percebeu isso. Não, com os braços em volta do pescoço dele, aninhada em seu corpo, a boca aberta e sua língua emaranhada com a dele, a única coisa que sentia quando pensava no que viria a seguir era ... ansiedade. Se estivesse certa sobre seu crescente fervor quando se tratava dela, então esta noite seria finalmente reivindicada como dele em todos os aspectos físicos possíveis.

Mesmo que fosse um presente fugaz, ela queria possuí-lo.

A carruagem diminuiu e Rafe a soltou com um gemido gutural que falava de seu desejo tanto quanto a crista dura de sua ereção que vinha crescendo nos últimos quinze minutos.

— Estou decepcionado por deixá-la ir, ─ ele murmurou, — e muito animado por termos chegado em casa.

Um criado apareceu para abrir a porta e ajudá-los a sair do veículo, mas Rafe acenou para o homem se afastar. Em vez disso, saiu e se virou para ajudá-la. A mão firme dele demorou demais no seu quadril para ser adequada

e ela reprimiu um arrepio quando pegou no braço dele.

— Lá em cima, ─ disse ele, mas ela não tinha certeza se era uma sugestão ou um pedido. Mesmo assim assentiu, e ele a levou ao quarto deles, sem permitir que ninguém sequer pegasse seus casacos.

Uma vez lá dentro, assim que a porta foi fechada e trancada, ele se recostou no batente e simplesmente a *olhou*.

— Durante toda a noite sonhei em ficarmos sozinhos, ─ disse suavemente. — E aqui estamos nós, e quase não sei por onde começar.

Ela mordeu o lábio. Nunca foi ousada. Não era exatamente de sua natureza, e com Cyril vivera para desencorajar, não assumir o controle. Mas aqui com este homem neste momento, não estava com medo. Estava apenas... *pronta*. Pronta para ele. Pronta para o que haviam começado na noite de núpcias e tinha sido interrompido. Pronta para tudo.

— Por que não começamos nos desembrulhando? ─ Ela sugeriu suavemente enquanto desabotoava seu pesado casaco, jogando-o de lado sem se importar com o local onde caiu. — E seu sobretudo.

Ele concordou fazendo o mesmo. Ela começou a trabalhar em seu vestido, que felizmente era fechado na frente, e ele prendeu a respiração enquanto a observava se despir. Seus dedos vacilavam de vez em quando, em parte porque ela raramente se despia e em parte porque mal conseguia respirar e seus dedos pareciam grossos e inúteis com ele a observando tão de perto. Finalmente conseguiu e deixou o vestido cair, chutando-o de lado.

— Vai tirar outra coisa ou novamente serei a única a estar nua? ─ Ela perguntou.

Ele sorriu enquanto se desfazia rapidamente de sua jaqueta formal e quase rasgava a gravata ao meio enquanto a desamarrava.

— Se eu me permitisse ficar nu em nossa noite de núpcias, ─ ele explicou enquanto desabotoava a camisa e a puxava sobre a cabeça, — então não teria sido capaz de me controlar como nos últimos dias.

— E por que o fez? ─ Ela perguntou, olhando descaradamente para sua forma sem camisa. Ah, ela o viu assim na noite de núpcias, é claro, mas estava tão ansiosa e com medo que precisamente não gostou do que viu.

Agora observava devagar. Ele era perfeitamente formado. Magro com braços, peito e estômago musculosos, e quadris afilados. E, Deus, ele estava bronzeado, provando que era muito malvado quando não estava em Londres, andando pelo campo com roupas muito menos que apropriadas.

— Por que fiz o quê? ─ Ele perguntou, trazendo-a de volta ao momento.

Ela piscou. Quase tinha esquecido de que havia feito uma pergunta. — Por que... por que exerceu esse controle?

Ele inclinou a cabeça. — Por ti. Porque precisava disso, ─ disse. — Porque tinha que fazê-la acreditar que eu não sou o bruto que meu primo tinha sido.

Ela o encarou por um momento, depois se aproximou lentamente dele. Levantou a mão e acariciou seu rosto. Não acredito nisso, Rafe. Eu sei disso.

O rosto dele suavizou um pouco antes que se abaixasse e a beijasse profundamente. Qualquer hesitação que pudesse ter sentido, qualquer medo, derreteram com aquele beijo e ela estendeu a mão para agarrar seus braços nus quando ele a guiou para a cama.

A deitou sobre os travesseiros, depois se afastou para tirar as botas e calças. Ela virou o rosto, ainda desconfortável com a visão do seu membro aumentado. Estava curiosa, sim, mas olhá-lo continuava difícil.

Se ele notou sua hesitação, não fez nenhum comentário, mas se juntou a ela na cama, onde retornou àqueles beijos apaixonados. O abraçou, relaxando no prazer que ele criava com a boca e as mãos, enquanto as guiava até a camisa dela e abaixava as tiras. Quando não pôde avançar mais, se afastou e se libertou dos braços dela para despi-la completamente.

Uma vez que tirou sua roupa de baixo, enrolou e jogou-a para se juntar aos outros emaranhados remanescentes de sua noite muito apropriada no baile, sem romper o contato visual.

Pensou que ele voltaria para beijá-la, mas, em vez disso, a olhou lentamente, todo seu corpo, de cima a baixo, com os olhos enevoados e agradecidos.

— Apenas prazer, ─ a lembrou.

Ela sorriu. — Sempre prazer, ─ o corrigiu.

Segurou o peito dela e começou a acariciar o polegar sobre o mamilo distendido, esfregando num ritmo suave e hipnótico, o pico sensível. Ela soltou um suspiro trêmulo com a atenção e fechou os olhos para poder saborear apenas a sensação do seu toque.

Não os abriu, mesmo quando ele trocou a mão por sua boca quente. Chupou o mamilo, girando a língua em círculo ao redor, lambendo-a como um homem faminto.

Ela não conseguia parar de gemer. E não tentou fazê-lo, mas soltou-os quando um intenso prazer a cercou, construindo a parede familiar do orgasmo

que logo se quebraria dentro dela.

A mão dele se moveu para baixo, roçando sedutoramente seu estômago, passando pela cintura e quadril como havia feito no início da noite, embora desta vez fosse pele na pele, nua e, oh, tão sedutora.

Ele deixou a mão massagear sua coxa e, finalmente, chegou ao seu sexo como na primeira manhã que passaram juntos, quando prometeu a ela o prazer como parte de sua barganha. Ele lhe dera isso desde então, mas agora ela queria *mais*.

Finalmente ela abriu os olhos e viu quando ele a provocou com os dedos, abrindo-a, preparando-a. E o tempo todo, chupando de um mamilo para o outro, tocando-a como um instrumento que fazia parte de uma magnífica orquestra de prazer.

Se afastou dos seios dela e a olhou com um sorriso malicioso. Seus dedos continuavam a tocá-la quando ele se moveu para deslizar o nariz contra o dela. Mas não a beijou. Nem mesmo quando ela levantou o queixo em exigência silenciosa.

— Oh não, ─ ele sussurrou, evitando seu pedido. — Meus olhos não se fecharão quando eu finalmente estiver dentro de ti, Sera.

Ele pressionou suas pernas mais abertas com aquelas mãos insistentes e ela estava impotente agora, com muito desejo para resistir. Então sua mão se foi e ele rolou em cima dela, posicionando-se entre suas pernas, enquanto permanecia fiel à sua palavra e mantinha seu olhar firmemente preso ao dela.

— Está pronta? ─ Ele perguntou.

Tentou recuperar o fôlego, enredada entre medo e vontade, entre o passado e um futuro que nunca imaginara. Um futuro que só poderia ter se o deixasse consumar totalmente a união.

— Sim, ─ ela disse com uma respiração instável.

Se posicionou, seu sexo pulsante contra o dela, e ela prendeu a respiração enquanto ele deslizava lentamente dentro dela. Ao contrário da primeira vez que ele o fez, não estava apavorada e tremeu com a sensação de ser esticada por ele, preenchida por ele, tomada por ele dessa maneira primordial.

Para sua surpresa, houve um intenso prazer no deslize de seus corpos. Nas boas-vindas escorregadias que ele criara e na dura invasão a qual tinha resistido até agora.

Quando estava completamente dentro dela, ele parou de se mover e a olhou.

— Respire, Sera, ─ disse com um sorriso encorajador. — Não se esqueça de respirar.

Ela sorveu ar para os pulmões e se viu relaxando. Foi nesse momento que ele impulsionou pela primeira vez.

Estava pronta para isso, mesmo antes de se casarem. Estava pronta para o desconforto. Estava pronta para desejar que acabasse logo.

Mas *não* foi assim. Quando ele deslizou através dela, quase todo o caminho e depois de novo, seu corpo não se revoltou. Não apertou. Não respondeu com dor ou desconforto.

Em vez disso, o fogo que ele havia criado anteriormente com os dedos, a boca, a sedução, subitamente inflamou. O prazer que passou a esperar deste homem também estava nesse ato. Em cada movimento de seus quadris, em cada impulso de seu corpo pesado.

Ela se arqueou para encontrá-lo nos próximos movimentos, apertando-o em um ritmo que era tão natural quanto a respiração. A represa de prazer se estendeu com a reinvindicação de seu especialista, com a maneira como a observava, como se ela fosse a criatura mais fascinante que já existiu.

Tudo se juntou, e quando ele girou os quadris outra vez, atingindo o local perfeito em seu corpo, o orgasmo a atingiu. E, assim como com as mãos ou a boca, ele não ofereceu uma trégua no balanço. Impulsionou, arrastando-a mais alto com o rápido movimento dos quadris até os tremores de sua libertação enfraquecerem e ela mal poder gemer o nome dele.

— Meu Deus, Serafina, ─ ele ofegou, olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes.

De repente, os movimentos de seu corpo ficaram irregulares e ele soltou um gemido trêmulo antes que ela sentisse a explosão de sua semente profundamente dentro dela. Então caiu sobre ela e a abraçou enquanto seus batimentos cardíacos acalmavam.

Capítulo 12



Serafina suspirou quando Rafe se afastou, separando seus corpos, depois a abraçou. Ela mal podia acreditar como se sentia leve, quente e saciada.

Ela nunca pensou que fazer amor pudesse ser assim. Mas Rafe havia lhe dado esse presente. E muito mais.

— Meu Deus! ─ Ele disse enquanto afastava os cabelos suados do rosto. — É maravilhosa. Absolutamente linda.

Ficou rígida com o elogio. Se ela pensava que não havia deixado claro seu descontentamento, a risada dele provou que estava errada.

— Seu olhar, ─ ele disse, acariciando com o polegar sua bochecha. — Por que odeia tanto?

Ela balançou a cabeça. — Odeio o quê?

Ele riu de novo. — Não seja tímida agora, acho que fomos longe demais para isso. Eu a vi fazer careta toda vez que alguém elogia sua beleza. Sim, às vezes esconde seu aborrecimento melhor do que outros, mas está sempre lá. ─ Ele se aproximou e cutucou a ponta do seu nariz de brincadeira. — Algumas mulheres *gostam de* ser elogiadas por sua aparência. Então, me fascina que o despreze. Gostaria de me dizer por quê?

Serafina rolou de costas, arrastando os lençóis ao redor do peito enquanto pensava no que ele havia dito. Nunca confessara a ninguém seu verdadeiro pensamento sobre sua aparência. Ela nunca tinha considerado. Mas aqui estava Rafe, perguntando a verdade sem nenhum tipo de motivo oculto por trás da pergunta. Dizer o que estava em seu coração era um chamado quase inegável.

Ela suspirou. — O que vou lhe dizer pode fazê-lo pensar que sou arrogante. Pode até gostar menos de mim quando terminar.

— Seu aviso me intriga ainda mais, mas vou lhe dizer que não acredito que possa detestá-la, ─ ele disse, o riso desapareceu de sua voz e de seu rosto enquanto a observava atentamente.

— Eu sei que sou bonita, ─ disse, as bochechas ardendo de vergonha

com a admissão presunçosa. — Empiricamente, é verdade - eu vejo isso no espelho todos os dias. E também ouvi isso quase todos os dias da minha vida.

Ele se afastou uma fração. — Então está terrivelmente entediada com isso, ─ ele brincou gentilmente.

— Estou falando sério, Rafe. Não é que eu esteja cansada de ouvir o mundo louvar meus atributos físicos. É que... isso...

Ela fez uma pausa, parou pelo fato de estar prestes a revelar mais um pedaço de sua alma para um homem que já sabia muito sobre ela. Um homem do qual deveria estar se distanciando, não aproximando ainda mais dos seus segredos.

— Diga-me, ─ ele insistiu, com o rosto sério enquanto suas mãos se moviam para cobrir as dela, cerradas no colo.

Ela soltou um longo suspiro. — Quando eu tinha cinco anos, minha mãe me disse que eu era linda. Suponho que ela tenha me dito isso antes, mas essa foi a primeira vez da qual me lembro. Fiquei satisfeita, é claro. Eu sabia que ser bonita tinha valor. Mas ela continuou com mais e mais elogios à minha aparência física. Enquanto eu crescia, ela era obcecada com meus vestidos, meus cabelos. Eu era sua boneca, a qual podia vestir e exibir, para me mostrar às suas amigas e depois fofocar comigo sobre o quanto as outras meninas eram mais feias.

Rafe assentiu. — Imagino como esse excesso dela a deixava desconfortável.

Ela apertou os lábios com as lembranças que a cercavam. — E foi pior. Ela não estava obcecada apenas com o fato de eu ser uma menina bonita, mas porque eu seria uma mulher bonita. Ela insistia em como eu deveria ser curvilínea. Eu estava magra demais? Estava muito gorda? Como nunca deveria usar amarelo porque *'não combinava comigo'*.

— Quantos anos tinha? ─ Ele perguntou, sua voz cheia de descrença, tingida de horror.

— Foi antes de firmarem meu compromisso com Cyril, então... seis, talvez?

— E depois? Certamente ela deve ter relaxado quando acreditou que seu futuro estava assegurado.

— Pelo contrário, ela ficou ainda mais determinada. Estava emocionada por ter conseguido um futuro duque para mim, é claro, mas temia que ele perdesse o interesse se eu não usasse minha beleza. Esse se tornou seu único mantra. *Use sua beleza, Serafina. Use sua beleza*. Eu tive que roubar livros

porque ela não queria que eu lesse ou estudasse.

— Por quê? ─ Rafe perguntou.

— Eu não precisava ser inteligente ou espirituosa. Precisava ser bonita.

— Isso explica por que ficou surpresa quando eu disse que Annabelle havia revisado o contrato de noivado, ─ Rafe meditou.

Ela assentiu. — Se minha mãe pensasse que eu poderia decifrar um documento como esse, ela provavelmente teria me trancado em meu quarto como punição. Eu tive que esconder meu aprendizado, meu estudo e manter meus pensamentos para mim.

— Que terrível, ─ ele disse balançando a cabeça.

— Ela morreu quando eu tinha onze anos. No final, me chamou ao quarto dela e pediu ao meu pai que nos deixasse sozinhas. Olhei para ela, exaurida por uma doença longa e terrível. Obviamente estava com dor. Eu a amava, e esperava que me dissesse algo significativo. Queria que falasse que me amava ou que se orgulhava de mim. No mínimo, eu esperava alguns conselhos para sobreviver sozinha à vida com meu pai.

— Ela não disse nenhuma dessas coisas?

Ela balançou a cabeça. — Não. Em vez disso, me disse mais uma vez para usar minha beleza. Essas foram suas últimas palavras para mim.

Rafe ficou em silêncio por um momento, como se estivesse deixando esses fatos penetrarem. — Conheci seu pai, então não posso acreditar que ele fosse melhor.

Ela reprimiu uma risada sem humor. — Ele não me dera tantos conselhos sobre beleza, mas certamente só falava da minha aparência quando listava meus atributos. Quando eu tinha quinze anos, me fez terminar uma amizade com uma moça porque ela estava gorda demais. Sempre era sobre aparência. E minha aparência foi a razão de Cyril ser tão horrível.

— O que quer dizer?

Ela inclinou a cabeça. — Certamente deve saber que minha beleza era parte do motivo pelo qual Cyril me queria. Ter-me em seu braço, um troféu, era muito importante para ele, quase tanto quanto o maldito dinheiro do meu dote. Se eu fosse um pouco mais feia, talvez ele não tivesse...

Ela parou. As lembranças do abuso de Cyril começavam a desaparecer um pouco com o toque gentil de Rafe, mas quando falava tão claramente, seu estômago ainda revirava.

— Um homem como Cyril vai vitimar independentemente disso, ─ ele disse suavemente.

Ela encolheu os ombros. — De qualquer forma, deve entender o quão difícil é ser julgada por algo que não tem nada a ver com meu caráter, nem mesmo algo verdadeiramente sob meu controle. Minha aparência desaparecerá com o tempo. Na verdade, sempre ansiei por esse dia. Mas o que me resta? Ninguém nunca pensou ou se interessou por minha inteligência, minha bondade, meu talento ou qualquer outra coisa, exceto quão bonita estou em um vestido.

Ela olhou em direção ao fogo, distraidamente assistindo as chamas dançarem. — Eu só queria que alguém visse além disso.

Ele colocou a mão sob o queixo dela e virou seu rosto para ele novamente.

— Eu vejo mais, ─ ele sussurrou.

Ela arregalou os olhos, não apenas por suas palavras, mas de certa maneira, pela firmeza com que as disse. Ela viu a sinceridade em seu rosto bonito.

— Como pode, quando mal me conhece? ─ perguntou, mais para si mesma do que para ele.

Ele passou o polegar sobre o lábio inferior dela. — Estou começando a conhecê-la, Sera.

Ela engoliu em seco, porque temia que essa afirmação fosse verdadeira demais. *Parecia* que Rafe a conhecia de uma maneira mais profunda e significativa. Apesar de terem se conhecido há menos de duas semanas, apesar de suas hesitações e barreiras, não podia negar que ele realmente parecia *vê-la*.

Mas, felizmente, não teve que responder à reivindicação dele, nem mesmo pensar demais. Ele não permitiu uma resposta quando se inclinou para beijá-la gentilmente.

Ela se derreteu em seus lábios, levantando as mãos trêmulas para colocá-las sobre os ombros dele e se afundar nessa carícia celestial. Não pôde evitar o gemido trêmulo que saiu de sua boca quando ele a abaixou sobre os travesseiros, seu corpo pesado e duro se movendo sobre o dela, prendendo-a na cama, despertando um fogo em seu corpo que nunca imaginou ser possível. .

— Tão cedo? ─ Ela murmurou quando ele começou a beijar seu pescoço.

Ele levantou a cabeça para sorrir para ela. — Está protestando?

— Não, eu simplesmente não achei que as pessoas... *fizessem* isso mais

de uma vez por noite, ─ disse ela, as bochechas flamejando com o assunto.

Ele puxou o lençol para baixo para revelar seus seios nus e chupou suavemente um mamilo até que suas costas se arquearam.

— Enquanto as *pessoas* se divertirem, elas podem fazê-lo quantas vezes quiserem, ─ disse ele enquanto se mexia para provocar o outro seio. — Está se divertindo, Serafina?

Ela mal pode respirar quando ele segurou suas costelas e guiou o lençol mais para baixo, revelando cada vez mais do seu corpo. Tudo formigava. Entre as pernas, ela *latejava*.

— Sera? ─ Ele repetiu.

— Sim, ─ ela disse com um suspiro quebrado. — Eu nunca pensei que iria desejar seu corpo dentro do meu. Nunca pensei que isso pudesse ser outra coisa senão um dever que eu suportaria com dignidade. Mas me colocou em chamas, Rafe. E apenas uma coisa pode apagar esse incêndio.

As pupilas dele dilataram, e pôde ver a surpresa em seu rosto com aquela admissão.

— O que apagará o fogo, Sera? ─ Perguntou sussurrando.

Ela apertou os lábios. Ele queria que dissesse as palavras?

— Diga-me, ─ ele disse, seu tom baixo e tão sedutor que ela sentiu que a estava tocando intimamente.

Ela engoliu em seco. — Rafe, ─ ela sussurrou. — É o único que pode me libertar da prisão que cria com seu próprio toque. Eu preciso de ti, Rafe. Eu preciso disso.

Ela não tinha certeza se a torturaria mais com essa admissão, se usaria o poder que ela lhe dava. Mas ele não fez isso. Sua boca esmagou a dela, quente e faminta e mais fora de controle do que ele jamais esteve quando a tocou.

Seu ardor deveria tê-la assustado, pois continha uma selvageria na qual normalmente não confiaria. Mas não estava com medo. Estava excitada com a paixão dele, pela maneira como ele arrancou o lençol completamente e empurrou as pernas dela com os joelhos. Seu membro estava duro e pronto quando ele se posicionou em sua entrada, e estava ofegando enquanto empurrava, deslizando profundamente dentro de seu corpo à espera com um longo e alto gemido.

— Acho que apagar o seu fogo, ─ ele rosnou, seu rosto muito perto, sua respiração muito quente, seu corpo perfeitamente encaixado no dela, — alimentou o meu. E até entrando em ti, eu queimo, Sera.

Ela arrastou a boca para baixo e o beijou com tudo que havia nela. Todas as coisas que não podia dizer, todos os sentimentos que não podia expressar, toda a necessidade que a despedaçava. Ele começou a investir com força nela, um ritmo diferente de qualquer outro que havia compartilhado com ela. Apesar de sua aspereza, seu corpo palpitava de prazer, arqueado para encontrá-lo, flutuando ao redor de seu membro invasor com apenas a sugestão do orgasmo por vir.

Ele interrompeu o beijo com um grunhido e deslizou as mãos pelo corpo dela, segurando primeiro os quadris e depois suas nádegas nuas. A balançou contra ele em um ritmo árduo e implacável, e de repente mil explosões de estrelas irromperam diante de seus olhos. Ela gritou o nome dele quando ondas e mais ondas de prazer poderoso, rolaram sobre ela.

Era como se o prazer dela fosse sua permissão, e ele gritou em uníssono, derramando sua semente profundamente em seu corpo trêmulo. Ele a puxou ainda mais para perto enquanto enterrava a cabeça no ombro dela, seus braços tremiam. E ele a segurou assim até que ambos caíram no sono.

Capítulo 13



Rafe saiu pela porta do clube com um suspiro. Já *gostara de* visitar o lugar, mas agora sentia que todos o *observavam* e ouviu seu nome sendo sussurrado quando passou. Até velhos amigos o tratavam de maneira diferente.

Era mais um lembrete de que sua vida nunca mais seria a mesma.

Mas ele se ajustaria, é claro. Já estava fazendo isso com Serafina. Os últimos dois dias foram uma experiência celestial de paixão crescente.

Sorria quando sua carruagem foi levada para a frente do clube. Quando o cocheiro começou a descer, ele levantou a mão para detê-lo.

— A casa do meu irmão está tão perto e o tempo está bom. Creio que irei caminhando.

O cocheiro sorriu. — Claro, Vossa Graça. Encontrarei o senhor lá.

A carruagem partiu novamente e Rafe suspirou. Uma caminhada lhe faria bem. Pelo menos, daria a ele tempo para refletir.

Caminhou pela passarela em direção à casa de seu irmão. O sol estava brilhando, os pássaros cantavam. Duas semanas atrás, não tinha qualquer preocupação no mundo. Mas agora se encontrava pensando em sua esposa repetidamente. Em seu corpo, é claro, mas não apenas nisso.

Se casaram há quase uma semana e a cada dia ele se aproximava mais dela. Se interessava mais por ela a cada momento que compartilhavam. Sentia que relaxava em sua presença e lentamente se revelava mais quando conversavam.

Mas *ainda* insistia em que se separassem assim que uma casa pudesse ser comprada para ela. Uma casa que, tinha que admitir, ele nem começara a procurar, apesar de suas promessas.

Franziu o cenho ao se aproximar do cruzamento para o quarteirão da rua de seu irmão. Procurou veículos e motociclistas que se aproximavam e, quando a rua estava limpa, começou a atravessá-la.

Não dera mais do que três passos quando o tremendo trovejar de cascos ecoou em sua direção. Se virou na direção do som e ofegou quando viu uma

carruagem vindo em sua direção a toda velocidade. Houve gritos de outros caminhantes quando, assim que pulou para a frente e rolou na sarjeta, o veículo passou por ele e virou a esquina tão rapidamente que quase tombou.

Rafe rolou para encarar a carruagem, certo de que iria parar e o motorista e o ocupante teriam um pedido de desculpas ou explicações por seu comportamento imprudente, mas o veículo continuou. Atravessou o tráfego na rua seguinte, quase colidindo com outros motoristas quando desapareceu de vista.

— Senhor!

Rafe olhou para cima e viu um homem estendendo a mão para ele. Pegou a mão oferecida em ajuda e ficou de pé.

— O senhor está ferido? ─ Perguntou o homem que o ajudou enquanto Rafe se espanava.

Ele testou os braços e as pernas e não encontrou nenhuma dor séria em nenhum deles. — Um pouco machucado talvez, mas sem ferimentos, ─ assegurou ao Bom Samaritano e aos outros que pararam de boca aberta.

— Maldita sorte ter vindo direto em sua direção, ─ disse o homem, balançando a cabeça. — Era uma bela carruagem para ser conduzida tão descontroladamente.

Rafe olhou novamente na direção em que a carruagem havia escapado. — Sorte que não fui atingido, ─ ele murmurou. — Obrigado novamente pela assistência.

O homem assentiu e se afastou, deixando-o por conta própria. Ele limpou uma sobrancelha repentinamente suada e balançou a cabeça. Nunca esteve tão perto da morte antes e descobriu que o fazia pensar ainda mais sobre sua esposa... e seu futuro.

Apesar do fato de que esses dois assuntos deveriam ser mutuamente exclusivos.



— Por Deus, *está* parecendo assustado, ─ disse Crispin enquanto Rafe entrava em sua sala momentos depois.

Rafe olhou para o irmão e não disse nada enquanto se servia de um copo

de uísque no aparador perto da lareira. Quando tomou um gole, se virou para o irmão que esperava.

— Quase fui morto, ─ disse ele, depois explicou o que acabara de acontecer na rua.

Crispin deu um passo para trás com surpresa quando Rafe terminou sua história. — Meu Deus!

— Realmente ─ Rafe concordou enquanto fazia uma pausa no espelho acima da lareira para se ajeitar. Depois de fazer isso, voltou-se para Crispin. — Mas sobrevivi, então... ─ ele parou com um aceno de mão.

Crispin balançou a cabeça, seu cenho profundo e escuro. — Sempre tão indiferente.

Rafe sorriu, mas por dentro sentia tudo menos indiferença pelos acontecimentos do dia. — Me recuso a pensar no que *poderia* ter acontecido, ─ ele mentiu.

Seu irmão tomou um gole e o examinou de perto. — Muito bem. Então talvez prefira pensar no que tem.

Rafe balançou a cabeça. — O que quer dizer?

— Como acha que ser um duque combina contigo?

Rafe olhou para Crispin por cima do copo de uísque, cujo tom agora estava cheio de sarcasmo e os olhos brilhavam com o mesmo.

— Me convidou para sua casa hoje para se deliciar com a minha dor? ─ Rafe perguntou.

Crispin balançou a cabeça. — Sabe que eu nunca poderia fazer isso, Raphael. Tive muitas noites sem dormir ao imaginá-lo neste caminho infernal.

Rafe franziu a testa. — Pode estar exagerando um pouco, Crispin.

— Acha mesmo? Era livre como cotovia há menos de duas semanas, sem se importar com o mundo. E agora está cercado de bobagens. Quase ter sido derrubado na rua é quase uma metáfora.

— Crispin... ─ Rafe começou.

O irmão dele o ignorou. — Ouvi, via Annabelle e mamãe, que foi convidado para algumas dessas festas ridículas da Sociedade que tomamos muito cuidado para evitar ao longo dos anos. A nova duquesa está te arrastando para lá?

Rafe ficou rígido com a maneira como Crispin se referia a Serafina. — Pensei que gostasse da *'nova duquesa'*. Se não, acho que deveria segurar sua língua. É a minha esposa a quem está se referindo.

A postura rígida de Crispin desmoronou um pouco e ele afundou na cadeira mais próxima com um suspiro. — Sim, gosto dela, tanto quanto a conheço.

Rafe franziu a testa. Ele podia ver a verdadeira preocupação em todo o rosto de Crispin e amava seu irmão por isso. Deixou a bebida de lado e sentou-se ao lado dele.

— Não é tão ruim assim, ─ ele tranquilizou Crispin suavemente. — Ao me instalar, percebo cada vez mais que há uma grande responsabilidade, sim. Tenho a obrigação de reconstruir, graças às decisões totalmente tolas da parte de Cyril nos negócios da família. Eu tenho inquilinos.

— Tinha inquilinos antes, na propriedade de Sussex, ─ suspirou Crispin.

— Sim, ─ Rafe reconheceu, — mas não assim. Provavelmente, há duas vezes mais, se não mais, nas propriedades de Cyril e não foram tratadas particularmente bem ao longo dos anos. Há reparos a serem feitos.

— E o que dizer dos bailes e dos trajes? ─ perguntou Crispin, dando-lhe um olhar uniforme.

— Minha primeira inclinação foi evitar essas coisas, é claro. ─ Rafe balançou a cabeça. — Mas Serafina fez algumas observações muito boas sobre me afastar dos homens que seriam meus colegas. Homens que poderiam me ajudar enquanto eu fazia minha transição para a Câmara dos Lordes.

Seu irmão resmungou com ainda mais insatisfação e Rafe sorriu de novo com o excesso de proteção de Crispin.

— Acho que o irmão mais velho deveria vigiar o mais novo como um falcão, não o contrário, ─ brincou.

Crispin, pela primeira vez, não participou. — Não quero vê-lo forçado a entrar na vida de outra pessoa, Rafe.

Rafe se encolheu. Foi exatamente o que aconteceu desde a morte de Cyril. E no entanto, havia partes que não eram tão terríveis.

Uma breve imagem trêmula de Serafina arqueando sob seu corpo passou por sua mente e se esforçou para fazê-la desaparecer.

— De qualquer forma, Sera não está me arrastando para nada. Mas foi criada e ensinada a ser duquesa quase toda a sua vida. Ela está me oferecendo ajuda para ser o melhor duque que eu possa conseguir ser e aprecio isso. Então também deveria apreciar. Confie em mim, sem um guia, todo o esforço seria muito menos tolerável.

Crispin olhou para ele por um longo tempo.

— O que foi? ─ Rafe finalmente suspirou.

— *Sera*? ─ Repetiu o irmão, um tanto incrédulo.

Rafe revirou os olhos. — É um encurtamento do nome dela, *Cris*, nada mais. O que é que tem?

Crispin sufocou um sorriso pelo antigo apelido com o qual seu irmão o chamava quando criança, mas seu rosto ficou sério novamente. — Nada mesmo. Eu apenas pensei que os dois tivessem concordado que *Sera* seria transferida para sua própria casa após o casamento.

Rafe ficou de pé e se afastou. Ele estava pensando a mesma coisa dez minutos antes.

— Essas coisas levam tempo, Crispin. Estou tentando encontrar para ela a acomodação perfeita. ─ Ele olhou pela janela, pensando nela. — Ela não merece nada menos.

Seu irmão emitiu um som agudo e Rafe se virou para encontrar Crispin de pé, olhando para ele. — Diga-me que não está desenvolvendo sentimentos por Serafina.

Rafe apertou os punhos ao lado do corpo, mas não foi porque Crispin saíra da linha. Mas sim porque ele acabara de abordar um assunto que Rafe estava tentando evitar.

Ele limpou a garganta. — Sentimentos? Suponho que sim.

O rosto de Crispin se contorceu com algo semelhante ao horror.

— Eu *gosto* dela, ─ Rafe explicou. Estou desenvolvendo respeito por ela. Fico constantemente surpreso por ela. Todos esses são *sentimentos*, Crispin.

— Rafe.

— Crispin.

Seu irmão balançou a cabeça lentamente e seu tom foi suave quando disse: — Não se deixe envolver por noções românticas, Raphael. Foram jogados juntos por circunstâncias ridículas, e ela *é* linda. Ninguém poderia negar esse fato.

— Ela é muito mais do que isso, ─ Rafe disse suavemente, pensando na conversa de duas noites antes, quando ela expressou o desejo de ser vista como mais do que sua aparência.

Crispin apertou os lábios. — Talvez ela seja, mas nunca foi *sua* escolha. E nunca foste a dela. Pode mergulhar como um cavaleiro branco em alguma tentativa de deixá-la mais confortável, mas não confunda essa noção com algo mais profundo.

Rafe ficou rígido. Seu irmão estava mais perto da marca do que percebia. Crispin não sabia o que Serafina havia sofrido nas mãos do primo, nem Rafe tinha a intenção de compartilhar o segredo de Sera, mesmo com seu irmão, seumelhor amigo. Mas Crispin ainda estava correto sobre Rafe *querer* dar-lhe tanto para compensar o que ela tinha sofrido. Ela merecia isso e muito mais.

— Está sendo um idiota, ─ ele respirou, tentando não encontrar os olhos de seu irmão.

Crispin encolheu os ombros. — Então sou um idiota. E fará o melhor para todos os envolvidos obtendo a casa que Serafina quer para si mesma. A levará para fora de sua casa. E terá uma amante para aquecer sua cama.

Rafe segurou um punho de lado, mas sua postura tensa não afastou Crispin nem um pouco.

— E aquela viúva... como era o nome dela... Lady Braehold? ─ Crispin sorriu. — Se gostarvam o suficiente.

Rafe fez uma careta. — A viscondessa e eu tivemos uma noite juntos Crispin, há mais de um mês. E, embora certamente fosse agradável, não é algo que desejo repetir.

Na verdade, ele não estava ansioso para repetir nada com qualquer mulher. Exceto Serafina, que continuava em seus pensamentos, tanto que até pode vê-la perfeitamente quando fechou os olhos.

— Então encontre outra pessoa, ─ encorajou Crispin. — Eu poderia fazer perguntas em seu nome.

Rafe arqueou uma sobrancelha ao desespero que atava o tom de seu irmão. — Por que está tão decidido a me encontrar uma amante? Por que não deixa que eu tenha algumas semanas para bancar o marido antes que me jogue nos braços de outra mulher?

Crispin abaixou a cabeça e respirou fundo antes de responder: — Suponho que me preocupo com o fato de ser pego nessa vida ridícula que foi adaptada à sua. Se perderá.

Rafe olhou para ele, observando a testa apertada, o cenho franzido, a preocupação nos seus olhos brilhantes, como os de Rafe. Estendeu a mão e apertou o ombro de Crispin.

— Não tem nada com que se preocupar, eu garanto. As coisas serão diferentes, é claro, agora que essa mudança inesperada aconteceu, mas não tenho intenção de abandoná-lo. O olhar de Crispin voltou-se para ele e Rafe percebeu que havia abordado a questão real. — Nem vou me perder.

Mas, ao fazer essa promessa a seu irmão, Rafe não pôde deixar de se perguntar se poderia cumpri-la. Afinal, quando ouviu as palavras em sua própria voz, reconheceu que eram uma mentira. Ele já estava começando a se perder. Para o título, para o futuro... e para a mulher que havia entrado em sua vida e na sua cama.



Serafina cruzou as mãos no colo e se esforçou muito para fazer com que seu pé direito parasse de bater ansiosamente sob a bainha do vestido.

—Eu não quero ficar aqui, ─ ela murmurou para si mesma enquanto olhava para a porta do outro lado da sala. Mas a fuga era uma ilusão. Como sempre fora ao lidar com Cyril ou sua família.

Como se fosse uma sugestão, a porta da sala se abriu e a mãe de Cyril entrou. A duquesa viúva estava envolta em preto da cabeça aos pés e seu rosto estava pálido e cheio de tristeza.

Naquele momento, Serafina não sentiu nada além de pena de Hesper e levantou-se para oferecer sua ajuda até uma poltrona. Mas, ao se aproximar de sua sogra, a mãe de Cyril recuou, seu olhar enviou uma mensagem perfeitamente clara de seu ódio por Serafina.

— Boa tarde, milady, ─ disse Serafina com uma leve inclinação de cabeça.

— Boa tarde, ─ disse a viúva em um tom gelado, enquanto fazia sinal para Serafina voltar para o seu lugar. Assim que se estabeleceram, Hesper olhou Serafina de cima a baixo com uma fungada alta. — Vestindo cores, pelo que vejo.

Serafina se encolheu com a acusação. — Milady, quando me casei com Rafe, seu filho se tornou meu primo falecido. Sabe que as regras de luto para um primo são diferentes das regras de um cônjuge. Estou usando violeta, é claro, por respeito a Cyril.

Violeta que ela desprezava mais do que qualquer outra cor que já usara. Mal podia esperar para guardar seus vestidos de luto para sempre e usar verdes, azuis e vermelhos alegres novamente. Eles certamente refletiriam melhor seu espírito renovado.

— *Rafe*, ─ disse a viúva, praticamente cuspindo a palavra como se fosse uma maldição. — O chama de Rafe.

Serafina se mexeu. Não tinha percebido que usara o apelido de Rafe tão naturalmente. Era difícil não fazer isso quando sempre pensava nele dessa maneira. Rafe Flynn sempre, independentemente do que a propriedade ditasse.

— Se acha que isso é irreverente, acredito que sabe que quero dizer meu marido, Sua Graça, Duque de ...

De repente, a mãe de Cyril estava de pé. Ela balançou e sua mão se foi à bochecha de Serafina com um tapa forte que a fez virar a cabeça e a deixou com o rosto ardendo. Ela cambaleou e recuou, olhando Lady Hartholm chocada.

A viúva estava ofegante, os olhos brilhando de ódio e violência e as mãos tremendo ao lado.

— *Nunca o* chame assim, ─ alertou a viúva. — Não para mim.

Serafina engoliu em seco, afastando cuidadosamente suas emoções, como sempre fora forçada a praticar com Cyril e sua família.

— Por que me chamou aqui, milady? ─ Ela perguntou, feliz por sua voz não tremer muito.

O rosto de Hesper se contorceu em outra máscara de ódio e dor. — Ouvi dizer que estão desfilando por Londres, exibindo seus benefícios ilícitos em festas.

Serafina balançou a cabeça lentamente. — Garanto-lhe que isso não é verdade. Sim, Rafe...

Ela se interrompeu. Como ela deveria chamar o marido se Lady Hartholm não gostava do apelido ou do título?

— Meu marido e eu, ─ ela começou novamente, — fomos a uma festa e aceitamos convites para dois outros eventos, um hoje à noite e outro domingo à tarde. Mas não ostentamos nada, garanto. Atualmente, somos uma novidade devido à tragédia em torno da morte de Ciryl e ao choque de seu primo herdar um título e uma noiva. Estou certa de que o interesse desaparecerá em breve. Meu marido está apenas tentando manter uma visão digna do título.

— Digna ─ Lady Hartholm zombou enquanto andava até a janela e olhava para o jardim ensolarado. — O que *alguém* com o sobrenome Flynn saberia sobre dignidade? Aquele homem e sua família têm sido uma desgraça para meu marido e filho há décadas. O fato de *ele* possuir o título que meu filho ganhou... me deixa doente.

Serafina apertou os lábios desagradada. Ela queria tanto perguntar a essa mulher como Cyril *ganhou* alguma coisa em sua vida. Sentado em seu

traseiro aristocrático? Abusando de qualquer pessoa que ele considerasse abaixo dele? Por ser um pomposo sabe-tudo quando era possivelmente o homem mais estúpido que ela já teve o desagrado de conhecer?

Em vez disso, respirou fundo e tentou se lembrar de que a mãe dele o amava profundamente. Quase em detrimento dele, pois lhe permitira todos os seus caprichos, o que nunca melhorara sua personalidade.

Mas sua perda claramente destruiu essa mulher.

— Posso imaginar como isso deve ser difícil para a senhora ─ disse ela baixinho, sem encontrar o olhar de lady Hartholm por medo de que seus verdadeiros sentimentos ficassem claros. — Mas não posso mudar o que já aconteceu. Existe algo que meu marido e eu possamos fazer para facilitar essa transição?

Lady Hartholm virou-se e lançou à Serafina um olhar sombrio e raivoso. — Facilitar essa transição? Sim, minha querida, acho que há algo.

Serafina avançou um passo. — Claro, por favor me diga.

— *Morram*, ─ a outra mulher disse. — Podem morrer como meu filho e deixar o título morrer junto. Prefiro-o enterrado do que pertencendo a um Flynn como Raphael ou Crispin. E a senhora ... a senhora matou meu filho e pode apodrecer com seu novo marido.

Serafina recuou com as palavras feias e amargas. — Milady! ─ Ela ofegou. — Eu... eu...

Mas não havia nada a dizer diante de tanto ódio, acidez e loucura. Então ela inclinou a cabeça levemente.

— Sinto muito por sua perda, milady. Vou deixá-la com sua dor.

Ela se afastou da sala, observando como a mãe de Cyril acompanhava cada um de seus movimentos, com os olhos inchados arregalados e selvagens. Foi só no vestíbulo que Serafina lhe deu as costas e exalou o ar que sentiu como se o estivesse segurando há anos.

— Minha carruagem, por favor, ─ ela conseguiu sussurrar para o mordomo da viúva.

Olhou por cima do ombro enquanto esperava, subitamente inquieta pela viúva estar tão perto quando sua raiva era um caldeirão borbulhante que parecia pronto para transbordar.

— Vossa Graça ─ disse o mordomo, retirando-a de seus pensamentos e apontando para a porta da frente e a carruagem que havia parado na entrada.

Ela assentiu e saiu para o ar fresco, que tragou como uma mulher faminta. Seu criado assentiu quando lhe abriu a porta.

— Diga a Waters que eu gostaria de ir à casa da sra. Richards, ─ disse com um calafrio enquanto olhava de volta para a casa da viúva. — Preciso vê-la.

Capítulo 14



— Meu Deus, que desagradável, — disse Emma, com um movimento de cabeça vigoroso para o chá de Serafina que estava esfriando. — Mas essa mulher sempre foi odiosa, assim como seu filho horrível. Está melhor livre deles.

Serafina suspirou. — Mas de certa forma, não sou livre. Ela ainda é a viúva, Emma. E a tia de Rafe. Ela pode pressionar sua influência se optar por fazê-lo. E quando ela disse que deveríamos morrer...

— Está preocupada? — Emma inclinou a cabeça. — Honestamente, parece os delírios de uma mulher enlouquecida pela dor e... bem, simples maldade.

— Talvez, — admitiu Serafina, embora a situação não parecesse tão certa.

Emma deu de ombros. — Ela adorava Cyril. Deve sentir a perda dele profundamente.

— Ela sente, tenho certeza, — concordou Serafina. — E eu estar conseguindo algo de bom com esse acordo a irrita ainda mais.

Agora Emma sorriu. — Sim, vamos ao que interessa e paremos de falar sobre a mãe ainda mais desagradável de Cyril!

O calor inundou as bochechas de Serafina com o olhar conhecedor no rosto da amiga. — Emma!

— Oh, vamos lá. Eu conheci o novo Duque e ele é terrivelmente bonito. Mas a conheço e sei que não gosta de mudanças, então o fato de se mudar para a casa dele em Londres, em vez de continuar morando na propriedade ducal, me faz pensar que ele é *algo mais* do que esperava.

Serafina levantou-se e caminhou para longe da amiga para olhar pela janela da sala. Pensar em Rafe era confuso, e nada parecia torná-lo mais claro.

— Serafina, — Emma disse em um tom quase cantante. — Não pode fugir da minha afirmação.

— Nem estou tentando. Só estou pensando em uma maneira de explicar.

─ Serafina suspirou. — Rafe é diferente do que eu pensava que fosse quando nos conhecemos. Quando o conheci, fiquei desconfiada, tanto por ele ser parente de Cyril quanto por *ser* muito bonito. E ele sabe que é. Então presumi que seria... bem, talvez tão ruim quanto seu primo.

Quando se virou para encarar Emma, sua amiga se inclinou para frente. — Mas?

— Mas, embora seja um libertino, censurável e muito consciente de sua aparência e do poder que ela concede a ele, também é...

Ela hesitou, porque dizer em voz alta as coisas que via no marido, parecia íntimo demais. E aterrorizante. Porque uma vez que fossem ditas em voz alta, não poderia fingir que não as sentia.

— Gosta de me deixar em suspense, ─ Emma bufou, embora seus olhos brilhassem com provocações. — Ou está tentando encontrar as palavras novamente?

Serafina cobriu as bochechas quentes com dedos gelados. — Rafe pode ser muito gentil. Mesmo quando descobriu que eu não estava... *intocada*, nunca foi acusador ou odioso.

O sorriso de Emma caiu e ela se encolheu. — Ele percebeu isso?

Ela assentiu. — Ele tem experiência suficiente, é claro que saberia. Esperei que me julgasse e até que pudesse me desprezar, mas é Cyril quem Rafe despreza porquê... porque eu lhe disse a verdade.

— A verdade? ─ Emma repetiu. — Quer dizer que disse ao seu marido que o primo dele a forçou?

Serafina assentiu devagar.

A boca de Emma caiu aberta. — Mas nunca havia dito...

— A qualquer um, além de ti. ─ Serafina completou a frase em silêncio. — Eu sei. *Por* isso saímos da casa ducal. Rafe não queria que eu tivesse que suportar as memórias deixadas lá. Foi uma bondade inesperada que não precisava ter por mim.

As sobrancelhas de Emma se ergueram. — Entendo.

— Entende? O que quer dizer? ─ Serafina perguntou com um olhar.

— Eu te conheço há quase dez anos, ─ Emma disse suavemente. — Conheço suas expressões. E nunca pareceu tão... *suave*... ao falar de um homem.

— Suave? ─ Serafina soltou, de repente o pânico tomando conta dela.

Emma balançou a cabeça. — Eu só quero dizer que parece que realmente gosta dele. É possível que essa união com Raphael Flynn seja

realmente boa?

Serafina franziu a testa. Mais uma vez, Emma havia abordado um tópico que parecia íntimo demais para responder. Pior, Serafina pensou em coisas que não queria considerar. Como o quanto Rafe a comovera em apenas uma semana de casamento.

— Certamente é melhor do que qualquer vida que tivesse tido com Cyril, ─ ela finalmente admitiu.

Emma arqueou uma sobrancelha. — Não foi isso que eu quis dizer.

Serafina virou o rosto. Sabia disso. Mas não estava disposta a abordar as implicações subjacentes do que Emma perguntara.

— Não sei o que mais poderia querer dizer, ─ disse ela, andando pela sala sem descanso.

— Rafe é um homem gentil, ele valoriza suas necessidades. E é um... um... ─ sua amiga corou. — Um amante atencioso?

Serafina sentiu calor ao pensar no toque dele. Atencioso não era a palavra que ela usaria ao descrever as coisas magníficas que ele fazia com ela, que despertara nela.

— Sim, ─ ela sussurrou, sem vontade de dizer mais.

Emma sorriu suavemente. — Estou feliz. Merece ter algum prazer depois da dor que sofreu. Mas também merece amor.

Com essa palavra, Serafina ficou rígida. — Não seja ridícula, ─ ela retrucou, mais severamente do que a amiga merecia. — Fico muito satisfeita por ter acabado com um marido que não desprezo. No entanto, não serei tão tola a ponto de permitir que qualquer outra coisa se desenvolva entre nós. O amor é uma fraqueza que não posso pagar e não desejo.

Emma balançou a cabeça. — Oh, Serafina.

Serafina avançou. — Eu a adoro por querer o que acha melhor para mim, eu realmente adoro. Mas o que a fez feliz não é a mesma coisa que me fará feliz. ─ Ela olhou para o relógio na lareira. — E agora devo voltar para casa. O Duque e eu concordamos em nos encontrar e discutir alguns de seus deveres depois de nossas visitas esta tarde.

Emma parecia querer dizer mais, mas simplesmente suspirou. — Muito bem. Deixe-me acompanhá-la até o vestíbulo.

Serafina assentiu e, quando Emma se levantou, caminharam lado a lado até a entrada. Enquanto esperavam a carruagem, Serafina se virou para encarar sua melhor amiga.

— Espero que não me ache dura quando se trata do meu marido. Só que

o nosso acordo atual *não* é permanente. ─ Ela disse com firmeza, mas em seu coração não tinha certeza se as palavras eram para o bem de Emma ou dela. Era um lembrete do qual sentia que precisava no momento.

Emma apertou suas mãos suavemente. — Não acho que seja dura, minha amiga mais querida e doce. Mas eu acho que *não* está marcada pelo passado. Só espero que não permita que a espessura de sua pele a impeça de permitir que alguém entre em seu coração.

Serafina respirou fundo com as palavras de Emma e com a pena que via nos olhos de sua amiga. Foi poupada de responder quando sua carruagem chegou. Então apenas beijou a bochecha de Emma, disse adeus e quase fugiu.



Rafe olhou para o relógio novamente e depois girou para atravessar a sala. Passava um quarto de hora da que ele e Serafina haviam concordado em voltar para casa, e se sentiu inquieto enquanto a esperava. Não apenas porque queria vê-la, mas por causa de sua experiência anterior de quase morte. Isso o deixou nervoso, mas também o fez querer estar perto dela.

Enquanto se movia para olhar o relógio mais uma vez, ouviu o som de cascos de cavalos no caminho e seu coração pulou na garganta. Era a mais estranha das sensações, pois nunca sentira tanta expectativa quando se tratava de estar com uma mulher. Não apenas na cama, mas *com* ela.

A porta do vestíbulo abriu e fechou, e Serafina conversou brevemente com Lathem.

— Sua Graça a espera para o chá na sala verde, Sua Graça. ─ Ele ouviu Lathem dizer.

Quando Serafina abriu a porta do salão e entrou, uma visão em seu mais recente vestido violeta, o cabelo loiro emoldurando seu rosto espetacularmente bonito, Rafe estava quase vibrando.

Naquele momento, ele não pôde resistir. Cruzou o espaço entre eles em quatro passos largos, passou os braços em volta dela e a beijou.

Ela se abriu para ele imediatamente, dando um suspiro trêmulo quando ele chupou sua língua, passando a mão pelas costas trêmulas e sentindo-a derreter contra ele.

E, no entanto, muito antes de estar satisfeito, ela de repente interrompeu o beijo e se afastou, os olhos arregalados e a respiração curta.

— Boa tarde, milorde, ─ ela conseguiu falar.

Ele estudou sua expressão de perto. Podia ver o desejo iluminado em

seus olhos, queimando ali como queimava dentro dele, mas como sempre, a hesitação dela também permanecia. Não importa o quanto ela aceitasse, sempre mantinha alguma parte dela longe dele. Não deveria ter importado e, no entanto, importava.

Respirou fundo e não a forçou, mesmo que quisesse se enroscar em seu espaço, envolvê-la contra ele, fazê-la almejá-lo até que a necessidade limpasse a relutância.

— Vamos tomar o chá, ─ disse ele, virando em direção ao conjunto que havia sido colocado sobre uma mesa em frente ao fogo, entre o sofá e uma cadeira.

Ela assentiu e avançou. Foi para o sofá e ele se sentou na cadeira para vê-la servir. Tudo nela era gracioso, desde a maneira que levantava o bule até a forma que inclinava a cabeça para ele. Ela piscou algumas vezes quando sua expressão mudou de serenidade para algo diferente, algo dolorido.

— O que foi? ─ Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. — Estamos casados há quase uma semana e não sei como gosta do seu chá.

— Estivemos ocupados aprendendo outras coisas, um sobre o outro.

Ela mordeu o lábio. — Mas eu deveria saber disso. Depois de tudo o que fez por mim, eu deveria saber uma coisa simples a seu respeito.

Suspirou ao ver como ela parecia estar profundamente chateada por sua falta de conhecimento de uma coisa tão boba. Cobriu a mão dela com a dele e sussurrou: — Existe uma maneira de remediar isso, sabia?

Ela olhou para ele. — E qual seria?

— Me pergunte.

Ela deu um sorriso vacilante, e pôde ver que ela estava se recompondo após a explosão. Finalmente, ela pigarreou e disse: — Como gosta do seu chá, Sua Graça?

Ele se inclinou para trás, levado a provocá-la um pouco, apenas para manter a conversa leve. — Ah, a questão no centro de todo relacionamento no império.

Agora ela riu e a sala iluminou-se com o som. — É de vital importância, eu concordo.

Encontrou os olhos dela, sustentando o olhar por tempo suficiente para que ela se mexesse um pouco e suas pupilas dilatassem.

— Gosto de tudo que seja doce e cremoso na minha vida, ─ ele disse suavemente.

O tom rosado tomou seu rosto com seu duplo sentido, mas, para seu crédito, ela não se virou. — Então é açúcar e creme para o senhor, Sua Graça?

Ele assentiu uma vez. — Muito, dos dois. Duvido que possa haver o suficiente.

Ela engoliu em seco e depois jogou três torrões de açúcar e uma generosa dose de creme no chá dele. Ela mexeu gentilmente antes de lhe entregar a xícara. Ele sorriu quando viu que a mão dela tremia um pouco. Então ela rapidamente preparou sua própria bebida e tomou um gole.

— E agora sabe algo novo sobre mim, ─ disse ele com um sorriso.

Ela assentiu. — Parece que sim. ─ Ela virou o rosto e se mexeu com desconforto. — Temos uma festa hoje à noite, ─ ela correu para adicionar.

Suas palavras foram uma mudança óbvia de assunto em relação ao que ele rondava.

Seu prazer diminuiu e deixou seu chá de lado com um gemido. — Novamente.

Ela balançou a cabeça, mas estava sorrindo. — Sabe, Rafe, ouvi de várias fontes que é *apreciador de* festas.

— Aprecio as festas dos meus amigos. Festas onde o álcool não é diluído em nada. Festas com risadas e conversas genuínas.

— É tão dramático, Sua Graça.

Ele franziu a testa. — Dramático? Acho que não. Estou afirmando qual é a diferença óbvia entre o que eu era antes e o que sou forçado a ser no momento.

— Entendo o conceito de ser forçado a um futuro, Rafe. Verdadeiramente. E sei que ainda está se adaptando a tudo o que aconteceu nas últimas duas semanas.

Ele a observou de perto. Ela poderia facilmente remover seus sentimentos do rosto, mas ainda os ter queimando em seu coração? Escondidos onde teria que enfrentá-los sozinha?

— Acho que também deve estar se ajustando ainda, Sera, ─ ele disse suavemente.

Ela se virou. — Eu deveria me casar com um duque, e me casei com um duque.

Ele franziu a testa. — Espero não ser intercambiável com meu primo.

Ela sacudiu, e seu olhar voltou para ele. — Não, ─ ela sussurrou. — Definitivamente foi uma grande melhoria. ─ Ele abriu a boca para dizer mais,

mas ela não permitiu isso e continuou: — De qualquer forma, prometo que encontrará muitas das coisas que acabou de descrever nas festas em que agora participará.

Ele soltou um suspiro e ela balançou a cabeça com um sorriso. — Eu o desafio a me dizer que não gostou de Lorde Aldridge.

— Concordo, de Aldridge sim. Ele é um sujeito decente.

— Não é o único, ─ insistiu Serafina. — Mas sabe disso. — Estudou com muitos deles. Estou certa de que não desprezou todos eles.

Rafe revirou os olhos. Droga, agora ela usaria lógica contra ele. — Não, admito que não.

Ela o olhou de cima a baixo. — De fato, aposto que seu carisma e charme o tornaram um líder de muitos dos homens que mais tarde assumiram títulos.

— Meu carisma e charme, hein? ─ Ele repetiu com um sorriso e se inclinou para mais perto.

Ela corou mais uma vez, e ele não pôde deixar de pensar nela arqueando embaixo dele no auge de seu prazer, a mesma cor atraente que escurecia sua pele.

— Não finja que não conhece seus pontos fortes, ─ disse ela balançando a cabeça. — E que não os usou no passado para obter o que, e *quem* desejava.

Ele encolheu os ombros. — Suponho que sim.

— Não é como se estivesse saindo das ruas para ser Duque. Já vivia sua vida como um homem de vasta riqueza e poder razoável. Esta é apenas uma mudança nessa dinâmica.

— É tão tedioso, no entanto, ─ ele gemeu.

Ela encontrou seu olhar, e aquele olhar aguçado o envergonhou por seu julgamento subjacente. — Suponho que sua vida como rico ocioso possa ter sido mais divertida. Mas poderia fazer tanto bem se apenas tentasse.

Ele a observou por um longo momento. Embora ela mantivesse aquela expressão serena que era uma parede entre eles, viu uma vibração de desespero em seus olhos azuis.

— Fazendo boas ações com sua ajuda, ─ disse ele. Uma declaração, não uma pergunta.

Ela hesitou e ele pôde ver que lutava para confiar nele para dizer mais. — Sim, ─ ela finalmente admitiu. — Eu sempre soube que seria impossível influenciar Cyril a ser mais do que o bastardo que ele era. Se eu fizesse algo pelos outros, teria que fazê-lo por conta própria, possivelmente

até em segredo, e com meus próprios fundos.

— Isso provavelmente está correto, ─ Rafe disse com uma careta. — Ele sempre foi um burro ganancioso.

Ela assentiu. — Antes me pediu para não o comparar com seu primo, mas deve ver que não posso. Eu acho que é muito mais do que ele, Rafe. E acho que, caso se dedicasse a esse caminho, poderia ser ainda melhor.

Ele suspirou. — Parece que tem um plano.

Os olhos dela brilharam com a pequena rendição. A expressão quase valeu a dor que a causou.

— Eu tenho! ─ Ela admitiu. — Gostaria de lhe dar uma lista daqueles que acho que podem ser os melhores para fazer amizade nessas reuniões. Homens que não estão ociosos, mas envolvidos na melhoria das pessoas ao seu redor. Além disso, homens de boa natureza que acredito que irá *gostar* de conhecer.

— Muito bem. E depois?

— Vamos encontrar uma causa para apoiar, ─ disse ela com um encolher de ombros. — Além disso, precisaremos visitar seus inquilinos. Como bem sabe, Cyril administrou mal e abusou deles. Eles precisam conhecê-lo em breve para garantir que não somos da mesma espécie.

— Nós? ─ Ele disse suavemente.

Ela piscou com a interrupção dele e depois balançou a cabeça. Quero dizer que terá que fazê-lo. *Sozinho*. Obviamente vou ajudá-lo da maneira que puder, mas em breve teremos vidas separadas.

Ele se encolheu com a afirmação contundente dela. Claro que sabia que esse era o desejo dela. Até entendia completamente o porquê. E deveria fazê-lo feliz saber que ele poderia ter tanta liberdade em seu futuro.

E ainda assim não fazia.

— Também deve pensar no futuro. Seus filhos vão agradecer por colocar seu caminho em movimento agora.

— Meus filhos, ─ ele repetiu suavemente. — *Nossos* filhos.

Ela apertou as mãos no colo. — Sim, — ela sussurrou.

Ele se inclinou mais uma vez e traçou levemente a mão dela com o polegar. Ela estremeceu com o contato, e pensou que ela poderia ceder a ele. Ela tremeu um pouco, mas depois ficou de pé e se afastou.

Ele a observou partir, a confusão o cercando. Esta foi a segunda vez que ela se afastou dele, e agora estava começando a se perguntar por que ela

estava tão nervosa.

— Onde foi hoje? ─ Ele perguntou enquanto se recostava na cadeira e a observava parar de andar. Suas costas estavam retas e rígidas antes de se virar para olhá-lo.

— Por que pergunta?

Ele arqueou uma sobrancelha diante da reticência dela em falar com ele. O que ela estava escondendo?

— Porque está nervosa, ─ disse ele, trazendo a questão à tona. — E quero saber o porquê. Para ajudá-la, se eu puder.

Ela mudou, e novamente ele a viu brigando sobre dizer a verdade ou não. Ela ainda não confiava nele. Alguma vez confiaria?

Finalmente ela suspirou. — Fui ver sua tia Hesper, Rafe. E sua raiva era quase esmagadora.

Capítulo 15



Serafina não sabia exatamente quais reações *pensava que* Rafe pudesse ter à sua admissão de ter ido ver sua tia, mas seu encolher de ombros casual não era uma delas.

— Tia Hesper sempre foi uma velha chata, ─ Rafe disse. — Por que foi lá?

Serafina piscou, não totalmente certa de entender a pergunta. — Ela me chamou.

Ele apoiou os cotovelos nos joelhos com uma gargalhada que a fez pular. Cyril está morto e agora é a duquesa, não uma marionete manipulada por ela. Recuse se chamar novamente, especialmente porque ela é desagradável.

Serafina olhou para ele. Rafe sempre fazia o que gostava, quando queria. Sua riqueza e falta de responsabilidades lhe permitiram fazer o que desejasse há muito tempo. E a ideia de que ela pudesse adotar parte dessa atitude de *laissez-faire* provocou uma excitação em todo o corpo.

Mas ele não tinha visto a mãe de Cyril. Não ouvira o veneno em seu tom. Serafina ainda estremecia quando pensava nisso.

— Não parece estar tranquila, ─ disse ele, explorando o rosto dela com aqueles olhos azuis brilhantes que tudo viam.

Ela balançou a cabeça. — Não estou. O que vi hoje na viúva foi mais do que uma mulher que exalava sua dor. Estava diferente. Ela estava... estava...

Ele levantou uma sobrancelha. — Estava?

Ela engoliu em seco. — Enfurecida. Violenta, até.

Isso o fez se endireitar. — Tem medo que ela possa prejudicá-la?

Ela sacudiu com a súbita preocupação no tom de voz dele. Tinha sido desdenhoso até fazer essa pergunta, agora ele estava em alerta máximo. Por ela.

— Não, ─ ela disse. — Tenho mais medo que ela possa prejudicá-*lo*.

Afinal, o veneno de Hesper se concentrava principalmente em Rafe estar destruindo o título de *sua* família. Seus olhos brilhavam de raiva e a maneira

como ela disse que ele deveria morrer ... não parecia uma ameaça ociosa.

Ele sorriu, sua postura tensa retornando à normal relaxada, mas ela viu algo piscar em seus olhos.

— A mim? ─ Ele riu. — Não posso nem imaginar ela tentando uma coisa dessas, Sera.

— Então por que parece estar ponderando alguma coisa secretamente? ─ Ela perguntou.

Ele arregalou os olhos. — O que haveria para refletir?

Ela apertou os lábios. — Não sei exatamente. No entanto, houve alguns acontecimentos preocupantes desde que nos conhecemos.

— Tais como?

Ele não estava facilitando as coisas e ela suspirou.

— O cavalo com o fragmento de metal em seu freio no primeiro dia em que saímos juntos, por exemplo. E o fogo misterioso na cozinha desta casa.

Ele arqueou uma sobrancelha incrédulo, e ela balançou a cabeça com a tolice que deveria lhe parecer. — Eu sei que existem apenas duas ocorrências e...

Ela se interrompeu quando ele virou o rosto levemente.

— O que foi? ─ Ela perguntou. — Por duas vezes me pareceu que se sentiu *culpado*.

Ele limpou a garganta. — No futuro terei que me lembrar dessa sua capacidade de me ler.

Ela cruzou os braços. — *Rafe*.

Ele encontrou o olhar dela. — Quase fui atropelado por uma carruagem hoje.

Serafina cambaleou para trás quando seu coração pareceu se torcer no peito em um doloroso nó de terror.

— Sente-se. Está pálida ─ ele disse, levantando-se rapidamente.

Ela ergueu as mãos para afastá-lo. — Não. Não vou sentar. Rafe, por que não me contou isso assim que cheguei em casa?

Ela deu um passo espontâneo em direção a ele, de repente querendo tocá-lo e se assegurar de que estava inteiro, mas se forçou a ficar quieta.

— Está machucado? ─ Ela perguntou.

— Não, ─ ele disse suavemente. — Estou bem. Serafina, posso ver como pode pensar que essas coisas estão relacionadas, mas é muito mais provável que sejam apenas coincidências inoportunas do que alguma trama mais profunda.

— Apesar do fato de todos terem ocorrido em menos de duas semanas? ─ Ela perguntou, apesar de querer desesperadamente acreditar nele.

Ele franziu a testa. — O incêndio na cozinha provavelmente foi porque minha casa estava sendo fechada. Minha equipe não nos esperava aqui naquela manhã e erros acontecem nessas circunstâncias. Quanto à carruagem hoje, poderia muito bem ter sido um cocheiro inexperiente ou um coitado que havia sido ameaçado por seu empregador para apressar-se.

O que disse ajudou, mas ela não conseguiu afastar completamente sua ansiedade. — Como explica o cavalo com o metal?

Ele balançou sua cabeça. — Meu cavalariço não sabe como isso pode ter acontecido, admito, mas ainda acho que é mais provável que tenha sido um acidente ou uma falha no equipamento, em vez de uma conspiração para me machucar lançada por minha *tia,* entre todas as pessoas.

— Não a viu. Ela estava muito séria em suas palavras e ações ─ Serafina sussurrou, embora não pudesse deixar de se sentir mais à vontade com o quão desdenhoso ele estava com o pensamento.

— Eu juro Sera, que ela discute como nossa família deve ser erradicada da terra há pelo menos uma década. Desde que Crispin seduziu a senhorita Genevieve Kitterich, outrora uma atriz famosa, e isso se espalhou através das colunas sociais por seis meses.

Serafina levantou as duas sobrancelhas. — Quantos anos Crispin tinha? Dezoito?

Ele abriu aquele sorriso bonito, travesso e torto. — Sabe o que dizem. Os notórios Flynn. Por favor, coloque sua mente à vontade. E siga meu conselho - nunca mais precisará vê-la.

Estava se segurando, mas agora ele atravessou a sala em sua direção, seu olhar repentinamente predatório, apesar de seus movimentos tranquilos. Ele era como um gato que tinha o dia todo para brincar com o rato.

Ela estremeceu com o próprio pensamento.

— Mas aprecio sua preocupação comigo, ─ disse ele quando a alcançou.

Ele a pegou pelo cotovelo e avançou até ela se encostar em sua estrutura muscular. Ela mal podia respirar agora - tudo ao seu redor parecia desaparecer e apenas ele importava. Eles. Assim.

Seu sorriso aumentou quando ele abaixou a cabeça para capturar seus lábios nos dele. No início, ela fora capaz de afastá-lo quando pensava na acusação de Emma de que Serafina poderia gostar dele, mas agora?

Estava empolgada demais para não se render. Ela fez isso com um

gemido abafado e levantou os braços em volta do pescoço para atraí-lo ainda mais. Ele a guiou em direção ao sofá que ela abandonara alguns momentos antes. Abaixou as costas dela contra as almofadas gentilmente e depois se levantou para encará-la.

— Eu vou trancar a porta, ─ disse ele, sua voz rouca e baixa dançava pela espinha dela.

Ela o olhou, incapaz de impedir que seus olhos se arregalassem. — Aqui? Agora? ─ ela perguntou, esperando que ele entendesse o que queria dizer.

Seu sorriso crescente disse a ela que sim. — Oh, minha querida, ainda há muito mais para te ensinar, eu posso ver.

Ela corou com suas palavras gentis e olhou enquanto ele atravessava a sala e girava a chave para garantir a privacidade que exigia. Quando voltou, ele começou a tirar o paletó, afrouxar a gravata, e ela sentou-se para vê-lo despojar-se do decoro e tornar-se o amante que ela tinha começado a desejar.

Deseja, mas não toca.

Até agora, seus encontros foram inteiramente dirigidos por ele. Sua tutela tinha sido poderosa, selvagem e gentil, mas ele nunca exigiu que ela desse a ele mais do que sua rendição.

Quando ele tirou a camisa da calça e puxou-a por cima da cabeça para jogá-la no chão, ela quis lhe dar muito mais. Ela se viu querendo *tocá-lo* da maneira que ele a tocava. Não apenas para ter certeza de que não foi ferido pelo acidente que ele descrevera, mas para agradá-lo.

Apesar de suas infelizes lembranças de Cyril roubando o que quisesse, ela ainda tinha a necessidade de presentear esse homem.

Ele se inclinou sobre ela, seu peito nu agora ao alcance da mão e da boca. Ela estendeu os dedos e pressionou a palma da mão na pele nua, e ele sussurrou um som de prazer ao seu toque. Ficou tenso de como se aproximar, e ela empurrou-o por reflexo.

Ele congelou imediatamente. — Não quer isso? ─ Ele perguntou, sua voz tensa.

Ela forçou seu olhar a piscar daquele peito nu para o rosto, e o calor que inundou suas bochechas foi incontrolável.

Eu quero muito estar contigo. Mas eu...

Ela se interrompeu, incapaz de dizer as palavras. Em vez disso, ela olhou para o corpo seminu dele novamente e curvou a mão plana para acariciar as pontas dos dedos contra o músculo peitoral.

Ele limpou a garganta com dificuldade. — Quer explorar?

Ela assentiu. — Eu quero. Isso faz de mim uma devassa aos seus olhos?

Seu rosto se contorceu de desagrado. — Isso a torna humana. Madura e cheia de desejo. Isso *não* é *nada* para se envergonhar, Serafina.

Ele se virou para sentar no sofá ao lado dela, em vez de prendê-la lá com seu peso superior. — Eu sou seu para comandar, ─ disse ele suavemente. — Me submeterei aos seus desejos o quanto puder.

— E quando não puder? ─ Ela perguntou, seu olhar piscando para o dele.

Ele sorriu. — Posso perder o controle em algum momento e precisar estar dentro de ti. Mas garanto que lhe darei mais do que um aviso justo de que o momento está chegando.

Ela estremeceu. Agora que ele havia lhe dado permissão para explorar, ela não tinha certeza do que fazer. Ela nunca teve carta branca - e nem queria - com Cyril. Ele forçava e exigia o modo como ela o tocaria e ela cedia porque a alternativa era muito pior.

Ela nunca se imaginou na situação em que exploraria o corpo de um homem e isso seria ... atraente.

Mas era. Ela deixou o passado de lado, escondeu-o o mais fundo que pôde e concentrou sua atenção de volta em Rafe. Ele era o que importava agora. O que ela queria neste momento.

Ela se abaixou sobre o sofá para encará-lo, inclinando-se até que o calor do seu corpo a contornasse. Ela viu alguns machucados que não havia notado quando ele estava de pé. O roxo se espalhava pelo braço e o lado esquerdo.

— Rafe...

Ele balançou sua cabeça. — Juro que estou bem. Mas se deseja verificar essa afirmação, eu lhe dou permissão, doutora Serafina.

Ela sorriu com a provocação dele, mas sua mão tremia quando a estendeu para pressioná-la, mais uma vez, em seu peito nu. Ela sentiu seus músculos tensos enquanto seus dedos deslizavam sobre sua carne, observava suas bochechas sorverem enquanto ele respirava fundo.

— Por que sua pele é tão bronzeada? — ela sussurrou enquanto traçava as linhas de cada elevação definida ao longo de seu peito e estômago.

Seus olhos arregalaram com a pergunta, mas ele sorriu rapidamente. — Na minha propriedade em Sussex, faço o que gosto. Incluindo cavalgar e trabalhar fora sem os limites de uma camisa. ─ Seu sorriso se alargou. — E ocasionalmente também nado nu no meu lago. O que leva a um pouco de cor

na pele de um homem quando o tempo permite sol.

Serafina abriu a boca em choque com a admissão.

— Eu... nós...

Ele riu, revelando dentes brancos e retos, seus olhos se iluminando com vida e alegria. Ele nunca tinha sido tão atraente, e ela realmente se abalou com o quanto queria se inclinar para ele, se tecer nele... nunca o deixar ir. Era como se ele oferecesse a ela uma fuga dos confins de seu passado, que com ele, ela poderia encontrar uma maneira de ser algo muito maior do que tinha sido forçada a ser até agora.

Mas se ela ficasse, temia que pudesse vir a gostar dele. Essa era uma noção aterrorizante por muitas razões.

— Parece que eu te disse que tenho um elefante, ─ disse ele, arrastando-a de seus pensamentos perturbadores.

Ela balançou a cabeça. — Sinto que ficaria menos surpresa com essa admissão agora. Eu nunca conheci uma pessoa que fosse tão completamente livre assim.

Ele deu de ombros, mas seus olhos brilhantes continuaram segurando os dela sem piedade. — Gostaria de ouvir sobre isso? Ouvir sobre o meu passado?

Ela hesitou. Ela compartilhou seus próprios segredos, em parte por necessidade. Mas se ele contasse a ela, isso os ligaria ainda mais? Complicar um relacionamento que já estava se complicando cada vez mais a cada dia?

Talvez, mas ela se viu querendo as respostas de qualquer maneira.

— Sim, ─ ela sussurrou.

Ele se inclinou até seus rostos ficarem a centímetros de distância. — Vou lhe contar tudo o que queira saber. Mas somente se continuar me tocando. Não posso distraí-la do que tanto deseja.

Ela prendeu o lábio com os dentes por um momento e depois assentiu. — Muito bem.

Na verdade, se suas palavras pudessem distrair os dois um pouco do que ela estaria fazendo com seu corpo. Não tornaria esses atos menos íntimos?

Ela apertou as palmas das mãos contra ele e o empurrou de volta no sofá até que ele se reclinou sobre os travesseiros. Ele sorriu mais uma vez.

— Como bem sabe, meu pai era irmão do pai de Cyril. O segundo filho de um duque. Mas o que muitos esquecem é que eles tiveram mães muito diferentes. A avó do Cyril morreu quando o pai dele era apenas um menino, e muito rapidamente seu avô se casou novamente e teve vários outros filhos

com a nova esposa, incluindo meu pai. O pai de Cyril sempre odiou minha avó. Ele era alguns anos mais velho que seu irmão, então estava fora, na escola. O segundo casamento foi um casamento de amor. Eles foram para o campo, eram felizes. Aparentemente, meu avô era um homem bem diferente de minha avó.

Serafina ouvia, mas olhava para a parte superior do corpo dele, acariciando seus ombros largos, seu peito duro, seu estômago tonificado. Ocasionalmente, sua voz falhava quando ela o tocava de um jeito ou de outro, mas ele não tentou interferir no que ela fazia.

— Isso explicaria o corte entre as duas partes da sua família, ─ disse ela suavemente.

Ele assentiu. O pai de Cyril nos desprezava e ensinou sua esposa e seu filho a fazerem o mesmo. *Meu* pai, por outro lado, estava triste por ele e seu irmão se afastarem, mas concentrou sua vida nos prazeres que ela continha. Ele jogava e bebia, ocasionalmente em excesso e em lugares inadequados. Andava a cavalo e competia com phaetons, sempre rápido demais. Ensinou a meu irmão, minha irmã e eu que a vida era um banquete do qual valia a pena participar.

— Aqueles notórios Flynn, ─ ela meditou com uma risada.

— Muito notórios, ─ ele admitiu. — Existem tantas histórias, Serafina, ficará chocada quando ouvir todas elas. Quanto ao meu pai, havia apenas uma coisa em que ele se recusava a fazer, e era ter outras as mulheres. Ele adorava minha mãe - foi outro casamento por amor.

Serafina levantou a cabeça para olhar para ele. Ele estava olhando para ela, mas parecia não ser porque o estava tocando intimamente.

Ela abaixou a cabeça, determinada a distraí-lo de qualquer pensamento que estivesse em sua cabeça. Gentilmente, passou sua língua sobre a carne salgada dele. Ele enrijeceu embaixo dela e apoiou a mão na sua nuca.

Ela se concentrou agora, saboreando seu ombro, mordiscando ao longo de sua clavícula, e finalmente passou os lábios em torno de seu mamilo liso e chupou suavemente.

Ele grunhiu um som de prazer baixo e carente, e ela sorriu contra sua carne. Havia algo muito poderoso no que estava fazendo. Por esse momento, pelo menos, ele estava à sua mercê.

E ela queria testar o quão longe ele permitiria que fosse antes que ele não pudesse falar, antes que recuperasse o controle e a tomasse.

— Por favor, continue, ─ ela murmurou contra a carne dele.

Sua respiração estava mais pesada agora e ele balançou a cabeça. — Mal consigo me lembrar do que estava falando.

— Seu pai ensinou aos filhos que a vida era um banquete, ─ ela ofereceu antes de voltar os lábios à carne dele e fazer um banquete por conta própria. Ele cheirava tão limpo, tão masculino, e tinha um gosto tão bom.

A voz de Rafe ficou tensa quando disse: — Fomos incentivados a brincar quando crianças, a rir. Comíamos em família e, embora tivéssemos governantas, meus pais nos criaram sem nos separar de suas vidas. Meu pai me ensinou a jogar. Ele levou a mim e meu irmão para as corridas. E quando começamos a ser associados a escândalos, apenas riu. Ele nunca nos ajudou a escapar de nossos problemas – dizia-nos que precisávamos aprender a fazer isso sozinhos, mas nunca viu perigo nos bons momentos. Mesmo um bom momento dando ligeiramente errado.

Serafina levantou a cabeça de sua carne tentadora e o encarou. — Parecia divino.

Ele assentiu. — E era.

Por um momento, ela foi tomada pelo ciúme de sua infância feliz. E com um profundo desejo de dar a seus filhos uma vida tão incondicional e não convencional.

Mas ela e Rafe seriam diferentes. Afinal, o casamento deles não era um casamento por amor. Eles teriam filhos, mas havia uma grande diferença em como seriam criados. Afinal, ela não conseguia imaginá-lo tirando-os dela, tendo direito legal de fazê-lo ou não. Portanto, embora fossem expostos regularmente ao pai, não seria o mesmo.

Ela balançou a cabeça e, em vez disso, voltou a pensar no corpo dele. Ele ainda usava calças, e podia ver sua ereção pressionando contra elas. Ela queria mais dele agora.

Corando, virou o rosto para que ele não visse completamente sua expressão quando disse: — Remova o resto de suas roupas, por favor?

Ele não disse nada e não se mexeu por tanto tempo que ela se forçou a olhá-lo. Ele a observava, um fogo ardia em seus olhos deixando-a ciente de que ele estava prestes a retomar o controle. A possuí-la.

— Rafe? ─ Ela sussurrou.

Ele assentiu devagar. — Claro, Vossa Graça. Seu desejo é uma ordem.

Ela se afastou para permitir que ele se levantasse e observou enquanto tirava as botas, jogando-as para o lado sem quebrar o intenso contato visual que tinha feito com ela. Manteve-o quando começou a desabotoar as calças

devagar, tortuosamente, até que ela quase lambeu os lábios com o desejo de vê-lo completamente nu.

Finalmente, afastou o restante de suas roupas e ficou diante dela, nu e orgulhoso. Ele foi despertado pelo toque anterior e seu membro duro se projetou contra seu estômago. Ela nunca pensou que iria desejar esse órgão, mas oh, como ela o amava.

Não pôde evitar. Ela estendeu a mão e tocou-o com a ponta dos dedos.

Ele respirou fundo com um suspiro que parecia dor, e ela tirou a mão com um rubor.

— Eu o machuquei? ─ Ela perguntou.

Ele balançou sua cabeça. — Deus não. Quando me toca, é tudo menos doloroso. Simplesmente meu pau é sensível.

Ela olhou para ele novamente. — Seu pau?

— Sim. Pode ser considerado um termo vulgar, mas prefiro-o a muitas outras maneiras pelas quais um homem se refere ao pênis.

— Que outras maneiras? ─ Ela perguntou.

Ele deu um sorriso perverso. — Uma vara, um cachimbo de prostituta, a delícia de uma dama, estaca, tampão de rabo. Há mais, mas entendeu, não é?

Ela estremeceu com a conversa franca, mas não conseguia desviar os olhos. Ele estava diante dela, duro como aço, mas envolto em carne de veludo. Sabia o que ele podia fazer com seu *pau*. Sabia que prazer isso poderia trazer.

— Fascinante, ─ ela murmurou quando estendeu a mão para tocá-lo novamente. Apenas traçou o comprimento com a ponta da unha e desta vez não se afastou quando ele respirou fundo.

Ela se lembrou brevemente das coisas que Cyril a obrigara a fazer, desta vez não com um calafrio, mas se perguntando se Rafe gostaria da mesma atenção.

Só havia uma maneira de descobrir. Ela passou a mão em torno dele e o acariciou gentilmente uma vez. Ele endureceu com um gemido baixo, e ela o olhou. Não teve que perguntar se ele gostou do que fez. Sua expressão disse a ela que sim. E o fato de ter lhe dado prazer a fez querer dar-lhe mais.

Ela o acariciou novamente, prestando atenção nos sons que ele emitia, no suor que caía sobre seus lábios, na maneira como seu corpo se agitava em sua direção. Aumentava a velocidade da mão e diminuía de acordo com a reação dele.

Era estranho como seu corpo reagia às coisas que ela fazia com

ele. Embora estivesse completamente vestida, nada estimulada, seu sexo começou a formigar. Seus mamilos endureceram sob o vestido e sua respiração ficou curta. Era emocionante agradá-lo. Havia poder em saber que ela tinha um pequeno controle sobre os sentimentos e reações dele.

Ela queria mais. Sua respiração ficou presa ao considerar o "*mais*" que sabia. Um ato do qual nunca gostou, mas agora, enquanto olhava o pênis inchado de Rafe, não parecia tão repugnante.

Inclinando-se, lambeu os lábios, engoliu em seco e depois fechou a boca ao redor da cabeça do membro dele.

Ele soltou um grito de surpresa que estava distorcido de prazer.

— Serafina! ─ Ele latiu, os dedos mais apertados em seus cabelos emaranhados.

Ela se retirou com cuidado, ainda deslizando a mão sobre ele. — Não quer isso?

Talvez tivesse se enganado ao achar que era um ato que os homens desejavam. Embora quando pensava na boca de Rafe nela tão intimamente, a fizesse estremecer de prazer, não de nojo.

— Não, sua boca é incrível. Mas não precisa fazer isso ─ ele disse, com a voz embargada pela necessidade.

— Eu quero te dar prazer, ─ ela sussurrou. — Nunca senti tanta vontade antes, mas contigo... quero fazer isso.

Ela o viu lutando consigo mesmo. O cavalheiro que queria protegê-la de tudo o que havia sofrido no passado resistia, mas o homem que queria seu toque pedia por mais.

Estava determinada a alcançar o segundo e forçar o primeiro a se retirar por um tempo.

Cobrindo-o com a boca novamente, ela chupou seu membro. Os joelhos dele dobraram uma fração e agarrou o ombro dela para se apoiar. Afagou-o com a boca, provocando-o com a língua, sugando para fazê-lo estremecer, e o tempo todo seu batimento cardíaco aumentando. Percebeu que estava girando os quadris contra o sofá, esfregando para seu próprio prazer enquanto trabalhava em direção ao dele.

De repente, ele se afastou, saindo de sua boca e punho e cambaleou para trás, com o rosto vermelho e os olhos arregalados e selvagens.

— Rafe, ─ ela começou em protesto.

Ele não a deixou terminar. Levantou-a e esmagou sua boca na dela, enquanto suas mãos ásperas vagavam sobre seu corpo. Ele se sentou no sofá

que abandonara e a puxou sobre ele, ajudando-a a abrir as pernas e a subir as saias ao redor dos quadris.

Seus dedos deslizaram na fenda da roupa íntima dela e tocou seu sexo. Ele sorriu.

— Está molhada, ─ ele murmurou. — Bom, tão bom.

Ela mal podia ouvir - estava ocupada demais alcançando entre eles, encontrando a dureza dele e girando para alinhar seus corpos ansiosos. Lentamente, ela se abaixou sobre ele, e suspiraram em conjunto com a união de seus corpos.

— Mova-se sobre mim, ─ ele resmungou, segurando seus quadris através do vestido. — Oh Deus, mexa-se, Serafina.

Ela revirou os quadris, agarrando-se aos ombros nus dele enquanto lutava para encontrar um ritmo que a fizesse gemer. Uma vez que o encontrou, ela arqueou cada vez mais rápido, acariciando seu sexo com o dele, erguendo em direção ao orgasmo que, quando veio, a destruiu completamente.

Não pôde deixar de gritar quando as ondas de prazer a invadiram. Seus quadris saíram de controle, sua libertação pressionada pelo modo como Rafe ergueu seu corpo contra o dela insistentemente. Finalmente, ele soltou um grito e ela o sentiu bombear nela, acalmando sua carne sensível e trazendo um fim aos espasmos de liberação que a mantiveram refém desde os primeiros tremores de seu orgasmo.

Caiu para frente, pressionando a testa na dele, a respiração pesada e o corpo fraco. Ele a abraçou, embalando-a em seus braços, acariciando seus cabelos suados, sussurrando palavras irracionais de prazer e doçura até que ambos pudessem pensar novamente.



— Rafe?

Ele abriu os olhos e olhou para Serafina, ainda enrolada ao seu lado no sofá estreito, com os cabelos arrepiados, as bochechas rosadas, naquele momento mais bonitas do que nunca.

— Sim, ─ ele ronronou, ainda se recuperando de seu poderoso encontro sexual.

— Sente falta do seu pai?

Ele ficou rígido com a pergunta e permitiu que as emoções dolorosas que isso inspirava tomassem conta dele. Às vezes era bom senti-las. Fazia-o saber que estava vivo, que tinha amado.

— Sim, ─ ele respondeu depois que o momento passou. — Todos os dias, sinto falta dele. Nunca mais do que quando Cyril morreu e esse dever passou para mim.

— Porque ele o teria aconselhado?

Ele riu. — Porque ele teria sido o único a herdá-lo, ─ ele brincou.

Ela sorriu. — Posso imaginar como sua mãe ficaria surpresa quando ele se casasse comigo.

A risada dele cresceu com a piada inesperadamente atrevida dela. — Sim, teria sido uma mesa de café da manhã muito embaraçosa. ─ Eles riram juntos e ele a puxou para mais perto, alisando seus cabelos enquanto balançava a cabeça. — Não, claro que é a opinião dele que eu teria valorizado. Embora esteja provando ser uma guia muito melhor sobre o que devo fazer como novo duque do que ele provavelmente teria sido.

Suas bochechas escureceram com um rubor. — Até agora eu só estou arrastando-o para bailes. Não é um começo auspicioso.

— E me lembrando que, com meu novo poder, surge uma responsabilidade inevitável e também uma oportunidade de fazer algo de valor neste mundo. Eu diria que é bastante promissor.

Ela pareceu refletir sobre o que ele havia dito por um momento. — Invejo a infância que descreveu, Rafe. Não pela liberdade que teve, embora isso pareça muito divertido, mas pela família. Eu nunca fiz parte de algo assim. É um pensamento adorável.

Ela virou o rosto, mas ele ainda viu seu perfil. Havia tristeza em seu rosto, arrependimento, mas também força e inteligência. Ele queria lavar os primeiros sentimentos. Queria impedir que ela se sentisse sozinha novamente.

E foi nesse momento que percebeu que começara a fazer exatamente o que prometera nunca fazer.

Ele estava se apaixonando por sua esposa.

Capítulo 16



Rafe encostou a cabeça no vidro da janela da carruagem e a olhou desamparado. — Não quero fazer isso.

Ela riu da cara triste dele. — Disse o mesmo para dois bailes e uma festa de jardim e agora isso!

— E é exatamente *por ser isso* que não quero fazê-lo. Estou exausto dessas pessoas. ─ Ele cruzou os braços em um desafio aberto a ela.

Sua risada cresceu porque essa troca brincalhona parecia ser a norma entre eles. Como se ele fosse o aluno petulante e ela a professora severa obrigada a arrastá-lo através de sua educação.

— Sabe que é apenas sua família que vamos ver ─ ela lembrou.

— Quem é mais exaustivo que minha mãe, irmão e irmã? ─ Ele perguntou.

— Meu pai, ─ ela ofereceu suavemente a provocação enquanto pensava no fato de que seu pai havia sido convidado para a reunião também.

Foi uma gentileza da mãe de Rafe incluí-lo nesse evento familiar, mas a verdade era que ela desejava que a sra. Flynn não tivesse feito isso. Não o tinha visto desde o seu casamento, há quase duas semanas. Infelizmente, não sentira sua falta, apesar do fato de ter sido o tempo mais longo que eles ficaram separados.

— Serafina, ─ Rafe começou suavemente, diminuindo o espaço entre eles.

Ela se forçou a sorrir para aliviar o clima. — Só quero dizer que não tem o que temer, sou *eu* quem deve hesitar sobre esta noite.

Ele segurou o olhar dela por um momento, depois se recostou no banco de couro. Podia ver que ele queria discutir a situação com ela, mas voltou a provocá-la para deixá-la mais confortável.

— Se estiver pensando duas vezes, poderíamos ir para casa. ─ Seu sorriso ficou perverso. — Eu poderia pensar em coisas melhores para fazermos.

Ela corou, como sempre corava quando pensava em fazer amor com ele.

— Mas sempre quer fazer a mesma coisa, ─ disse ela balançando a cabeça. — Nós fizemos essas *coisas* muitas vezes. Criatividade é a chave, Rafe.

Ela esperava que ele sorrisse, mas, em vez disso, o desejo sobre o qual eles estavam zombando na conversa aumentou repentinamente, e não havia uma pitada de brincadeira em seu tom quando ele rosnou: — Não tem ideia da altura da minha imaginação quando se trata de ti.

Ela olhou para o colo porque a intensidade entre eles parecia fogo, e brincar com fogo era algo inegavelmente perigoso. O fato é que poderia dizer que já haviam feito amor o suficiente, mas não sentia que fosse verdade. Para seu total espanto, desde que começou a brincar com ele, tocá-lo, acariciá-lo enquanto Rafe nada fazia além de permitir que tivesse esse poder, seu desejo por ele só aumentara. Serafina tinha desistido de dormir em seu próprio quarto, renunciando à privacidade por noites inebriantes de paixão por ele.

Mas em breve chegaria ao fim. Eles fizeram suas aparições conjuntas para mostrar à *ton* que estavam casados e não sujeitos a contínuos escândalos. Rafe estava procurando uma casa para ela. Não podia imaginar que levaria mais de uma semana ou duas antes que ele encontrasse algo e o preparasse para recebê-la.

E então só teriam amizade entre eles e momentos ocasionais de união apaixonada para criar seus filhos e filhas. Essas primeiras semanas de casamento se tornariam nada além de uma lembrança alegre para ela. Serafina continuaria com sua vida, livre de emoções confusas, livre da obrigação de fazer o que lhe dissessem, livre como sempre quis ser.

Pelo menos, foi o que disse a si mesma quando se permitiu pensar no futuro. Isso não fez com que se sentir melhor.

— Ficou muito séria, ─ disse ele. — Algo fascinante se desenvolveu em seu colo ou sua mente fugiu da minha companhia?

Ela olhou para cima. — Sinto muito. Eu não pretendia flutuar.

— Desde que volte, ─ disse ele, e pegou a mão dela, apertando suavemente antes de soltá-la com um suspiro. — Estamos aumentando a velocidade.

Ela assentiu. — De fato estamos.

— Gostaria de apresentar uma frente unida às famílias? Poderia muito bem ser a nossa melhor chance de sobrevivência.

Ela sorriu e assentiu, mas o comentário dele doeu uma fração. Uma frente unida com Rafe era apenas um sonho. Não duraria.

E isso começara a incomodá-la cada vez mais, apesar de que fora totalmente sua própria escolha.



Rafe se viu acompanhando cada movimento de Serafina enquanto ela estava do outro lado da sala com Crispin. Apesar das hesitações de seu irmão mais novo sobre sua esposa, parecia que ela o havia enfeitiçado.

Assim como ela fez com ele. Rafe percebeu que estava apaixonado pela mulher do outro lado da sala há uma semana e não disse nada sobre isso a ninguém. Talvez esperasse que a emoção intensa desaparecesse, que descobrisse que fora apenas o subproduto do ato de fazer amor.

Mas não foi. Quanto mais ele se distanciava daquela descoberta inicial de seu coração, mais forte o sentimento se tornava. Não havia como negar agora. Ele *estava* apaixonado por Serafina.

E ela não queria nada com amor ou mesmo compartilhar um futuro com ele. Os termos da barganha não mudaram para ela, mesmo que tenham sido alterados irrevogavelmente para ele.

Franziu a testa e se forçou a desviar o olhar de sua esposa. Em vez disso, encontrou o pai dela do outro lado da sala com sua mãe. Jonathon McPhee falava sobre o que parecia ser um fluxo interminável, e sua mãe olhou brevemente através da sala em direção a Rafe. Sua expressão era uma combinação de desculpas e desejo de ser salva de outro momento com o homem.

Ele duvidava que McPhee fosse convidado para mais reuniões familiares. E, no entanto, a raiva de Rafe em relação ao pai de Serafina e sua vontade de negociar com o futuro de sua filha era absoluta. Em algum momento, ele *iria* falar com o homem.

— Com licença, Vossa Graça, viu meu irmão mais velho? Raphael é o nome dele.

Rafe virou-se para a voz que fazia a pergunta e sorriu para sua irmã, Annabelle. Ele podia ver a preocupação em seus olhos castanhos.

— Não me diga que acha que estou tão mudado assim desde que me tornei duque, ─ disse ele, quase feliz por parar de pensar em Sera e seu pai, embora esse novo tópico não fosse mais confortável.

— Não tenho certeza de que ter se tornando duque é o que o está mudando, ─ disse sua irmã suavemente. —Me aproximei e toda a jovialidade desapareceu do seu rosto. Vi um homem muito sério no corpo do meu irmão.

Ele encolheu os ombros. — Não está sempre dizendo para Crispin e eu sermos mais sóbrios? Pararmos de cultivar notoriedade com imprudência pelo nome de nossa família?

Ela franziu a testa e depois assentiu. — Suponho que já tenha dito isso. E quis dizê-lo. Mas não pretendia que perdesse a si mesmo no processo.

Ele deixou seu olhar deslizar para Serafina mais uma vez. Crispin foi reabastecer a bebida e ela ficou sozinha no meio da sala. Era absolutamente linda, completamente irresistível.

— Na verdade, acho que me encontrei, Annabelle, não me perdi.

Annabelle olhou para ele, depois seguiu seu olhar em direção à esposa. Seus olhos arregalaram e de repente ela agarrou o braço dele e começou a arrastá-lo para fora da sala.

— Mamãe, eu vou mostrar a Raphael meu novo piano, ─ ela falou em um tom cantado no qual ninguém no mundo poderia confiar.

A mãe os olhou e no rosto dela ainda aparecia que procurava escapar do companheiro. — Talvez possa...

Annabelle cortou a mãe. — Voltaremos em um momento.

Quando eles saíram da sala, Rafe tentou afastar o agarre extraordinariamente poderoso de sua irmã, mas ela continuou a arrastá-lo para longe.

— Mamãe estava tentando se livrar do péssimo pai de Serafina, ─ ele disse enquanto ela o jogava na sala de música e fechava a porta atrás deles.

— Eu sei o que ela estava tentando fazer, mas não posso ter uma conversa contigo enquanto *esse homem* está na sala. ─ Annabelle ajeitou as saias. — Compensarei isso quando eu voltar e me inserir na conversa deles como alívio.

Rafe olhou em volta. — E sobre o que precisa falar em particular comigo? Porque suponho que saiba que eu não dou a mínima para o seu piano.

Annabelle acenou com a mão. — Nem eu.

Rafe franziu a testa. Sua irmã era muito talentosa em sua música, mas a rejeitava regularmente. Mas isso era assunto para outra conversa.

— O que foi?

— Eu poderia perguntar-*lhe* a mesma coisa. ─ Annabelle cruzou os braços. — Estava olhando Serafina um momento atrás. *Suspirando* Rafe! Nunca o vi fazer uma coisa dessas.

Rafe ficou tenso. Era tão óbvio? Mas não estava disposto a falar sobre

isso com a irmã mais nova.

— Suspirando? Deve estar louca. ─ Ele revirou os olhos.

Ela pegou o braço dele e o sacudiu. — Não minta para mim, Raphael Flynn. Não sou idiota. Eu sei o que vi.

— Ela é uma mulher muito bonita, ─ disse ele, minimizando tudo o que pensava ou sentia sobre Serafina. — E eu a desejo. Talvez seja *isso* que tenha visto.

Annabelle fez uma careta com a menção dele ao desejo, mas não parecia que seria detida pelo tópico que odiava. — Rafe.

Ele se virou e se afastou, passando por todos os instrumentos que sua irmã era tão talentosa tocando. Parou diante do novo pianoforte mencionado e olhou fixamente para sua superfície brilhante.

— Verdadeiramente, está vendo fantasmas.

Ela não disse nada por um momento, e Rafe se atreveu a acreditar que havia sido salvo de sua intrusão. Mas então ela atravessou a sala devagar, virou-o em sua direção e estendeu a mão para segurar suas bochechas.

— Sabe que eu te adoro, apesar de qualquer desejo que eu possa ter sobre acalmar sua natureza selvagem por meus próprios motivos egoístas. ─ Ela sorriu para ele. — Obviamente, há algo acontecendo, e com quem mais conversará? Crispin se destrói todas as noites, criando cenários sobre a sua infelicidade de ter sido forçado a assumir o título e o casamento. E mamãe se intrometerá por desejar o seu bem.

Rafe apertou os lábios. Ambas as afirmações eram totalmente verdadeiras.

— Restou apenas eu ─ Annabelle disse suavemente. — Só quero saber o que está em seu coração agora, para que eu possa ajudá-lo.

─ Não pode me ajudar, ─ ele gemeu.

Ela fez uma careta. — Então permita-me simplesmente ser sua confidente. Não julgarei, nenhum dos dois.

Rafe se afastou de suas mãos gentis e suspirou enquanto a olhava. Annabelle não era como seus irmãos. Enquanto eles foram à loucura, ela tentou cultivar o que achava que deveria para ser uma dama. Às vezes, via um brilho nos olhos dela que falava da natureza indomável dos Flynn, mas muito raramente ela se expressava.

E, no entanto, sabia que ela o amava tão profundamente quanto acabara de afirmar. E desde que era mais ou menos da idade de Serafina e confiável ... ela podia estar certa de que podia ser a melhor pessoa com quem discutir

esse problema espinhoso.

Ele limpou a garganta. — Eu... eu estou apaixonado por minha esposa.

Foi a primeira vez que falou em voz alta e esperou que soasse falso no ar ao seu redor. Isso nunca aconteceu. De fato, nunca pareceu tão verdadeiro.

Ela se inclinou para frente. — Como disse?

— Quer que eu declare novamente? Muito bem. Estou apaixonado por Serafina.

O sorriso dela se alargou. — Oh Rafe, isso é maravilhoso. Te desejo toda felicidade...

— Ela não está apaixonada por mim, ─ ele interrompeu com uma careta. — Na verdade, insiste em que tenhamos vidas separadas assim que eu puder encontrar uma nova casa para ela.

Annabelle olhou para ele com uma expressão ilegível pelo que pareceu uma eternidade. Então o chocou, inclinando a cabeça para trás e soltando uma risada que ecoou na sala, exatamente como a música que normalmente era tocada lá.

Rafe olhou para ela.

— Ficou feliz que minha dor lhe cause tanto prazer, ─ ele grunhiu. — Não tem coração.

Sua irmã estendeu a mão para tocar o braço dele com uma mão enquanto limpava as lágrimas de riso com a outra.

— Não entende. Não encontro diversão na sua dor. ─ Ela tentou recuperar o fôlego. — É só que... isso...

Ela parou de rir e Rafe bufou e se afastou. Ela o seguiu, reunindo sua compostura pelo caminho

— Me desculpe, me desculpe. Só acho engraçado porque que nunca conheci uma mulher que não o olhasse e tivesse pequenas fantasias sobre o futuro como sua amorosa esposa. Todos as minhas amigas tinham até projetos para domá-lo e amá-lo o tempo todo. Durante anos, eu tive que ouvir muitas delas reclamarem sem parar. Era horrível.

Os olhos de Rafe se arregalaram. — O que?

— Ah, sim, domesticar um libertino é uma fantasia muito comum, garanto. E agora encontra alguém e ela não tem nenhum interesse em domá-lo. ─ Outra risada borbulhou de seus lábios. — Não é à toa que ela te atrai - ela realmente é uma criatura singular.

Ele engoliu em seco. — Ela é isso. Mas a reticência dela não é o apelo, garanto. Ela é... ela é...

— Linda, ─ sugeriu sua irmã.

Rafe franziu a testa. — Sim, claro, mas há muito mais nela. Ela tem um fio de força que a atravessa em tudo o que faz. Ela suportou dificuldades com Cyril que...

Ele se interrompeu quando a raiva o invadiu e apertou os punhos ao lado do corpo.

Annabelle empalideceu e todo o seu riso desapareceu em um instante. Sua voz era um mero sussurro quando ela perguntou: — Nosso primo era muito cruel?

— Mais do que jamais poderá imaginar, ─ Rafe conseguiu dizer entre dentes. — Como sua própria família, inclusive. E, no entanto, ela manteve uma luz, um humor, uma inteligência, um desejo de melhorar aqueles que a rodeiam que é admirável em sua essência.

O rosto de Annabelle se suavizou. — Se o que diz é verdade, e não tenho dúvidas de que seja, acho que vou gostar muito da minha cunhada.

— Sim vai, ─ Rafe concordou. — As duas têm muito em comum, na verdade. ─ Ele suspirou. — Poderia ser tão perfeito, exceto que ela não quer uma vida comigo.

— Por quê?

Ele balançou a cabeça. — Essa crueldade de que falamos antes, a assustou por dentro. Ela quer liberdade, não ter que ser forçada a desempenhar um papel, uma vida ou um casamento.

Annabelle assentiu. — Posso entender o desejo dela de escapar do passado e as expectativas que isso implica.

Rafe franziu o cenho ao ouvir essas palavras, como se fossem algo mais que ela tinha em comum com sua esposa, mas ela continuou antes que ele pudesse questioná-la ainda mais.

— Então o que deseja fazer?

Ele respirou fundo. — Quero conquistá-la. Cortejá-la. Dar-lhe uma razão para ficar.

Annabelle piscou para ele. — E realmente pretende amá-la o tempo todo? Isso é algo mais do que uma fantasia passageira por ela ser praticamente inatingível?

Ele assentiu sem hesitar. — Meu amor por ela só cresceu desde que o admiti para mim mesmo. Não penso em ninguém além dela, de uma maneira que nunca experimentei com até mesmo a mais talentosa das am...

Annabelle levantou a mão com um calafrio. — Por favor, não diga

amantes. É demais para uma irmã inocente suportar. Não quero ouvir sobre suas conquistas, as notícias sobre elas circularam para mim ao longo dos anos com mais frequência do que eu gostaria.

— Não haverá mais, garanto, ─ disse ele.

— Bom. Já teve o bastante. ─ Ela franziu a testa.

Ele balançou sua cabeça. — Crispin discordaria.

— Crispin também teve o bastante, ─ Annabelle rosnou. — E deve perceber que ele pode lutar contigo nisso. O fato de ter se estabelecido parecerá uma ameaça para ele, embora, apesar desse sentimento, ele pareça gostar muito de sua esposa.

— Ele quer me proteger. ─ Rafe suspirou.

— Não permita que ele o proteja partindo seu coração, ─ disse ela.

— E esse é o seu único conselho sobre o assunto?

Ela riu. — Não. Sou uma fonte interminável de conselhos sobre todos os tópicos.

Ele revirou os olhos. — Disso, estou plenamente consciente. Vamos começar com este, não é?

— Muito bem. Suponho, com base em suas trocas amigáveis, nas poucas vezes em que os vi juntos, que Serafina não o despreza. Ela apenas resiste a um futuro juntos, graças aos seus medos, certo?

— Está certa. Na verdade, nos damos muito bem.

— Conversam, compartilham mais do que mera conexão física? ─ Sua irmã corou ficando quase roxa.

Ele assentiu. — Sim.

— Então está começando a reconhecer o que ela valoriza, nos outros e o que deseja que seja valorizado nela.

Ele pensou na afirmação dela de que ninguém a via além de sua beleza. — Sim.

— Presenteie-a com essas coisas. Esforce-se para ser um homem que ela possa admirar. E *admire-a* por seus verdadeiros dons, e não pelo que os outros a consideram. Se um homem fizer isso... ─ Ela baixou a cabeça. — Bem, uma mulher não poderá deixar de se apaixonar por ele.

— Na verdade, esse é um conselho muito bom, ─ Rafe disse, examinando de perto o rosto de sua irmã. — É por experiência pessoal?

Annabelle se virou. — Ninguém nunca fez essas coisas por mim. É apenas uma vida vivida como mulher que me dá essa visão.

Ele se inclinou e pegou a mão dela brevemente. — Merece nada menos

do que descreve, sabe.

Ela encolheu os ombros. — Mas essa não é a minha história, Rafe. Concentre-se no seu futuro e eu me concentrarei no meu quando for a hora certa.

Ele franziu a testa. Havia algo no rosto de sua irmã, uma vaga expressão de... *desespero* que o fez querer pressioná-la ainda mais sobre o assunto, mas ela se afastou dele e caminhou em direção à porta sem permitir que ele bisbilhotasse.

— Agora venha comigo. Como sabe, mamãe exige ser salva do terrível pai de Serafina. Não devemos deixá-la esperando mais.

Ele a seguiu em direção à sala onde o resto da festa estava reunida, seus pensamentos estavam uma bagunça, uma confusão entre os conselhos de Annabelle e planos crescentes de como fazer de sua mulher a *sua* esposa.

Capítulo 17

Crispin Flynn riu e Serafina não pôde deixar de olhar. Havia tanta coisa sobre esse homem que a fazia lembrar de seu marido, e ainda assim podia ver as diferenças. Ele era mais duro que o Rafe, tinha uma intensidade mais sombria. E embora não estivesse sendo nada além de educado com ela, estava bem ciente de que ele a analisava, determinado a proteger o irmão.

Não podia odiá-lo por isso. De fato, invejava o fato de o marido ter tantas pessoas em sua vida que se importavam tanto com ele.

— E como acha que meu irmão tem aceitado o fato de ser duque? ─ Crispin perguntou.

Ela sentiu o espinho em seu tom e endireitou-se com um reflexo protetor. — Acho que ele está se adaptando bem o suficiente, embora nunca irá amar sua posição.

— E pretende mudar isso? ─ Crispin perguntou suavemente. — Para seduzi-lo a abraçar esse novo futuro?

Ela piscou com o duplo significado da pergunta. — Duvido que tenha o poder de seduzir um homem tão inteligente e forte quanto Raphael em qualquer coisa, ─ ela respondeu uniformemente. — Mas se eu tiver a possibilidade de facilitar a transição para ele, certamente farei tudo o que puder para ajudar.

— As festas parecem ser o principal objetivo do plano.

Ela sabia que era uma repreensão sutil, mas deu de ombros. — Não são sempre? É incrível a quantidade de negócios que são feitos em um salão de baile. No momento, Rafe deve mostrar seu rosto para a *Ton*. Deve reivindicar o que foi colocado em seus ombros e se comportar como se lhe fosse confortável.

— Até que realmente seja? ─ Crispin perguntou.

Ela inclinou a cabeça. — Se comporta como se o fato de que seu irmão possa vir a aceitar o inevitável seja algo ruim.

— Ele foi forçado a uma vida que não era dele, ─ disse Crispin, seus olhos escurecendo. — Não posso deixar de odiar esse fato.

Ela estendeu a mão e tocou brevemente o braço dele. — É um bom irmão e não consigo imaginar o quão difícil está sendo para sua família ficar de lado e assistir o Rafe ser sugado por essa mudança indesejada. Mas não seria melhor ajudá-lo aceitando alguns dos convites direcionados a ele do que ficar se remoendo com isso?

Ele ficou rígido, e ela se apressou em explicar. — Várias damas disseram-me que toda sua família era convidada desde que o Rafe recebeu a herança.

Ele assentiu. — Ao longo dos anos, nossa família teve dinheiro e influência suficientes, e ocasionalmente fomos convidados às festas dos nobres. Meu pai odiava essa podridão e nunca fomos.

Serafina sorriu. — Sim, Rafe me falou um pouco sobre seu pai. Eu gostaria de ter tido a chance de conhecê-lo.

O olhar de Crispin se estreitou. — Meu irmão teve confiança para lhe falar sobre o nosso pai?

Ela assentiu.

Ele pareceu refletir sobre esse fato por um longo momento com uma expressão perturbada que finalmente enxugou. — Está certa em relação aos convites para esse tipo de coisa estarem começando a chegar novamente.

— Eu sei que não quer fazer isso, que talvez até vá contra a sua natureza, mas pode ajudar ao Rafe tê-lo alí presente.

As sobrancelhas dele se ergueram. — Para mostrar nossa aceitação a essa loucura?

Ela balançou a cabeça lentamente. — Não. Eu quis dizer que seria mais para confortá-lo. Ele está cercado por aqueles que, na melhor das hipóteses, vagamente conhece. Sei que ele ama a família profundamente e sua presença ao seu lado pode simplesmente deixá-lo mais confortável.

Crispin recuou no que parecia ser surpresa com essa afirmação. Então ele reuniu sua compostura. — Considerarei a questão.

— Bom, ─ disse ela sorrindo.

Ele a encarou ainda mais perto. — És realmente inesperada, como ele disse.

— Inesperada?

— É um elogio, lhe garanto, ─ disse Crispin com uma risada.

Ela queria lhe pedir que elucidasse, mas antes que pudesse, sentiu um toque em seu ombro. Quando se virou, seu pai estava ao seu lado. Seu coração afundou. Embora ele não tivesse interagido muito com ela esta noite,

sua presença tinha sido como uma batida constante na parte de trás de sua cabeça. Irritante e preocupante.

— Pai, ─ disse ela com um tom falsamente brilhante. — Está se divertindo?

Ele assentiu como se sua cabeça estivesse em uma mola. — Oh sim, muito mesmo. Sr. Flynn, sua mãe é uma anfitriã maravilhosa.

Crispin forçou um sorriso, não muito crível. — Obrigado. Todos gostam dela.

O olhar de seu pai voltou-se para Serafina novamente. — Pode nos dar licença? Eu gostaria de falar com minha filha em particular por um momento.

Serafina fez o possível para manter o batimento cardíaco baixo, mas essas palavras a agarraram como nada mais poderia. Não havia como escapar sem causar uma cena. Rafe havia saído da sala com Annabelle alguns momentos antes e ninguém mais sabia o quanto ela temia a presença de seu pai.

Ela sorriu se desculpando para Crispin. — Espero que possamos conversar novamente mais tarde.

Ele inclinou a cabeça levemente. — Tenho certeza que sim.

Seu pai a pegou pelo braço e a afastou de Crispin. Quando ele caminhou em direção à porta, ela puxou de volta uma fração.

— O que está fazendo?

Os lábios dele afinaram. — Eu queria lhe falar em particular, Serafina. A sra. Flynn me disse que poderíamos usar a sala do outro lado do corredor.

Serafina mal conteve o desejo de fugir, mas permitiu que o pai a levasse para a sala oposta. Quando entraram, ele a soltou e foi até a lareira.

Ela tentou se acalmar com uma respiração profunda e depois disse: — Sobre o que precisa discutir que exige privacidade?

Ele a olhou. — Não entrou em contato comigo desde o seu casamento. Quero saber como estão as coisas em seu relacionamento com o novo duque.

Ela alisou as saias. — Tão bem quanto se pode esperar, ─ ela começou. — Somos parecidos em mais questões do que eu pensava que seríamos. Ele é gentil, inteligente e...

O pai a cortou com um aceno de mão. — Acha que me importo com isso?

Ela balançou a cabeça, lutando contra a onda de tristeza que

acompanhava a rejeição dele. Agora esperava por isso, mas oh, como continuava doendo. Especialmente quando confrontados com a família de Rafe e seu forte vínculo. A mãe, a irmã e até o irmão só se importavam com ele. Sua felicidade era primordial para todos eles.

E aqui estava o seu pai, inclinando-se, os olhos brilhando com seus próprios desejos.

— Então o que quer saber? ─ Ela perguntou suavemente. — Se meu contentamento atual significa tão pouco, como sempre.

O pai dela franziu a testa e havia um flash de desespero em seus olhos. — Quando noivou com Cyril, ele era estabelecido e respeitado. Nossa barganha me beneficiara tanto quanto a ele. Mas com Flynn, é diferente. Então, diga-me, ele está sendo aceito? Está interessado na influência que acompanha seu título? Ou é tão frívolo quanto as fofocas dizem?

Ela cruzou os braços, subitamente na defensiva por Rafe. — Ele é tudo menos frívolo. Na verdade, eu diria que Cyril era um navio muito mais vazio que Raphael.

— Responda a minha pergunta.

— Rafe é carismático e bonito, além de rico. Quando ele entra em uma sala, comanda isso naturalmente, então ele desperta muito interesse, mais do que provavelmente deseja. Mas conhece a responsabilidade que lhe foi imposta e não tenho dúvida de que ele prosperará como duque. Não precisa se preocupar com a influência futura dele.

O pai deu um longo passo em sua direção. — Bom. Eu odiaria pensar que havia perdido algo nessa barganha.

— A barganha que *o senhor* insistiu que realizássemos, apesar do nosso protesto mútuo, ─ disse ela suavemente.

Ele apontou o rosto para o dela. — Modere seu tom. E já que falamos sobre essas coisas, precisam voltar para a propriedade ducal. Londres está falando sem parar sobre o fato dos dois ficarem na casa de solteiro de Flynn. Isso não ajuda a negar a notória reputação de Hartholm.

Serafina sacudiu a cabeça. Seu pai provavelmente estava correto nessa avaliação, mas ela não podia imaginar que Rafe se importasse. Ele não tinha vergonha do seu passado. E sempre a incentivou a não se envergonhar do dela também.

— Quando estiver onde pertence, ─ continuou o pai dela — fará um baile e convidará toda a nata da sociedade. E eu.

Serafina se afastou do pai e atravessou a sala. — Não duvido que, em algum momento, Rafe vá morar na casa ducal. Mas não vou estar com ele.

— O quê?

— Sua Graça e eu chegamos a nossos próprios arranjos, pai. Não vou morar com ele. É claro que lhe darei herdeiros; eu não faria nada para humilhá-lo ou diminuir a maneira como ele ou o título são vistos. Mas esse casamento não era algo que ambos queríamos e já determinamos que não nos destruiremos fingindo o contrário.

Ela disse as palavras, mas elas não soaram tão verdadeiras quanto antes, quando fez essa barganha com Rafe. Afinal, ele era muito mais do que ela jamais pensou que pudesse ser. Ela *gostava* dele. E, no entanto, era *assim*.

Olhou para o pai por cima do ombro, surpresa por ele não ter respondido ao seu chocante anúncio. Seu rosto estava vermelho como uma rosa vibrante e suas narinas dilataram.

— Não pode estar falando sério sobre essa afirmação tola, ─ ele finalmente disse, seu tom repleto de raiva e traição. Era como se ela estivesse fazendo algo contra *ele*.

— Eu certamente estou, ─ disse ela, desejando que sua voz não tremesse diante da raiva óbvia dele. — E no que diz respeito a uma festa na casa ducal, não vejo isso acontecendo tão cedo. Não quero organizar e duvido que Rafe se sinta diferente.

Seu pai atravessou a sala a uma velocidade surpreendente e fechou a mão sobre o braço dela como um agarre de aço. Ele a sacudiu uma vez, cravando os dedos em sua carne nua enquanto sibilava: — Acha que pode me negar só porque não está mais na minha casa? Eu sou seu pai, Serafina, e não serei privado do pequeno benefício que a criação que lhe dei proporciona.

Ela fechou os olhos com força, tentando controlar a respiração, tentando pensar em algum tipo de resposta diante de sua raiva e ameaças.

Mas não precisara dizer nada. De repente, ouviu-se um pigarro na porta e ela abriu os olhos para ver Rafe parado na entrada, seu olhar fixo nela e no pai.

— McPhee, eu sugiro que retire suas mãos da minha esposa, ─ disse ele, seu tom baixo, mas cheio de uma ameaça inegavelmente perigosa.

Era óbvio que o pai dela também ouviu, pois ele a soltou imediatamente e girou para encarar Rafe. — Eu mereço...

— *O senhor* foi pago integralmente, ─ Rafe disse, seu semblante não mudava, mas seus olhos ardiam com um fogo cada vez mais alto e perigoso.

— Ela é *minha* filha ─ seu pai choramingou.

Rafe arqueou uma sobrancelha. — Ela é minha esposa. Qualquer que seja a reivindicação que tenha tido sobre ela, perdeu no momento em que nos casamos. Agora, sugiro que pegue suas coisas junto a meu mordomo e saia dessa reunião mais cedo.

— E por que eu deveria fazer isso? ─ O pai dela tentou zombar e, no entanto, o tom de sua voz mostrou a Serafina seu medo. Ela não disse nada, mas seu coração inchou com esse som incomum.

Rafe deu um longo passo na sala. — Porque se não for embora, sofrerá verdadeiramente a dor de cabeça que contarei à minha família que está enfrentando como uma desculpa para sua partida.

Está me ameaçando?

Rafe se inclinou para frente. — Eu *garanto*. Fui claro?

— Cristalino, ─ seu pai disse suavemente.

Ele lançou um olhar para ela antes de caminhar em direção à porta. Se afastou para o lado, desviando de Rafe, quando saiu da sala e entrou no vestíbulo, onde Serafina o ouviu pedir seu cavalo.

Não ouviu mais nada, pois Rafe silenciosamente fechou a porta atrás de si e se aproximou.

— Seu braço está machucado? ─ Ele perguntou.

Ela o levantou para olhar. Havia algumas marcas vermelhas dos dedos tensos de seu pai. — Ainda não.

Ele apertou os lábios. — Eu deveria segui-lo e bater nele até que sangre.

Ela avançou e rapidamente pegou nas mãos dele. — Não, ─ ela sussurrou. — Rafe, já fez o suficiente.

De repente, ela percebeu o quão próximos estavam, o quão quente ele estava, o quanto queria abraçá-lo e lhe mostrar o quanto significara o fato de a ter defendido.

— Eu não fiz nada, ─ disse ele, mas seu olhar disparou para os lábios dela, como se compartilhasse seus pensamentos apaixonados.

Ela quase riu. — É a primeira vez que me defendem de suas demandas e ataques, Rafe.

Sua testa franziu e ele balançou a cabeça lentamente. — Como sobreviveu a ele? Como sobreviveu a isso?

Os lábios dela se separaram. — Eu... eu... ─ Ela engoliu em seco. — Eu sempre tive uma pequena esperança na qual me agarrei com as duas mãos. Talvez uma parte de mim soubesse que estava vindo e que me salvaria

do futuro que eles planejavam para mim.

Ele segurou seu queixo com uma mão grande e inclinou o rosto dela na direção dele. — Se precisar ser salva, eu sempre estarei lá.

Sua boca cobriu a dela que se rendeu ao que desejava. Ela ergueu os braços em volta do seu pescoço e se derreteu contra ele, suspirando enquanto ele traçava seus lábios com a língua, então delicadamente mergulhou-a em sua boca e provou-a como se ela fosse algum tipo saboroso de vinho.

Depois do que pareceu um tempo muito curto, a soltou e recuou, seus olhos vidrados com um desejo correspondido.

— Serafina, ─ ele disse, sua voz rouca. — Acho que deveria afastá-lo da sua vida.

Ela piscou, ainda sob o feitiço de seu beijo. Levou um momento para perceber o que ele havia falado.

— Meu pai? ─ Ela murmurou.

Ele assentiu. — Se puder chamá-lo assim. Na minha opinião, um pai é um confidente, um professor, um guia em um caminho complicado e até um amigo. Certamente ele deveria, pelo menos, se importar com a felicidade e o bem-estar de seus filhos.

Ela balançou a cabeça. — Nem todos temos a mesma sorte que teve com seu pai.

O rosto dele ficou triste. — De fato, isso é verdade.

Ela deslizou a mão na dele. — Eu o entendo por desejar que eu me afaste, mas Rafe, se eu fizer isso, não terei família. Ninguém.

Ele se encolheu como se essa afirmação o cortasse e então apertou a mão dela suavemente. — Isso não é verdade. Vai compartilhar minha família.

Seu coração deu um pulo e ela o olhou surpresa. — Eu...

— Eu sei que não me quer, ─ continuou ele. — Mas como minha esposa, não pode negá-los. Eles irão amá-la e aceitá-la.

Ela se recostou. — Eles conhecem nossos planos de vivermos separados?

Ele hesitou o suficiente para que ela soubesse a resposta antes de que respondesse: — Meu irmão sabe. E acabei de contar para minha irmã. Mas não fará diferença, Sera.

Ela corou e se afastou. — Como pode dizer isso? Só posso imaginar o que sua mãe pensará, o que *todos* eles realmente pensarão quando perceberem que estou morando em minha própria casa. O escândalo...

Ele a interrompeu com uma explosão de risadas. — Minha querida,

garanto que entendemos de escândalos na minha família. *Isso* não será classificado nem entre os cinco primeiros.

Ela apertou os lábios. — Mas eles ainda podem não querer que eu faça parte de suas vidas quando a verdade vier à tona.

Ele arqueou uma sobrancelha, pegou a mão dela e antes que ela pudesse protestar, levou-a para fora da sala. — Por que não descobrimos?



— Rafe ─ Serafina sussurrou enquanto puxava a mão dele.

Ele ignorou seus protestos e entrou na sala onde estava sua família.

— Lamento dizer que o Sr. McPhee foi atingido por uma súbita dor de cabeça e precisou nos deixar, ─ disse ele.

Pelas expressões nos rostos de toda a família, não conseguiu ver nenhum deles acreditando nisso, mas, pelo bem de Serafina, ninguém disse uma palavra, exceto a mãe, que se adiantou.

— Sinto muito por ouvir isso. Enviarei uma nota para ele mais tarde. Mas pelo menos teremos um pouco de tempo juntos esta noite.

Serafina olhou para ele, sua expressão implorando para que não revelasse o que ela considerava o "*segredo*" deles, mas a ignorou. Enquanto ela não entendesse a verdadeira aceitação, ele não teria chance de fazê-la se apaixonar e ver que uma vida com ele tinha valor.

— Na verdade, há algo mais que gostaria de discutir. Annabelle e Crispin, estão cientes disso, mas acho melhor se falarmos sobre isso em público, como uma família.

A mãe inclinou a cabeça. — Oh céus. O que é agora?

— Por favor, não ─ disse Serafina baixinho, os olhos se dirigindo a suas sapatilhas e a voz trêmula.

— Todos sabem que Sera e eu fomos forçados a esse acordo devido a circunstâncias fora de nosso controle. ─ Ele limpou a garganta. — E como Serafina é uma mulher sábia, ela se aproximou de mim com a proposta de nos casarmos, fornecermos herdeiros ao título, mas não sermos forçados a viver uma mentira.

A mãe dele piscou e seu olhar se voltou para Serafina. Sua esposa não olhou para cima e ele se encolheu quando viu que uma lágrima escapou dos seus olhos e deslizou por sua bochecha.

— O que está dizendo? ─ Sua mãe perguntou suavemente.

— Serafina terá sua própria casa e seu próprio dinheiro, e não viveremos juntos como marido e mulher. ─ Ele apertou a mão de Serafina com delicadeza e a achou muito fria e rígida. Ele sorriu para tranquilizá-la. — Acredito que ela teme que isso faça com que todos a desprezem, que não terá lugar nesta família se conhecerem nosso pequeno plano desesperado. Então os deixo resolver esse problema.

Claro que foi Crispin quem deu o primeiro passo. — Não entendo por que gostaríamos menos de ti, Serafina, ─ disse, sorrindo para ela. — Não posso desculpar ninguém que vive na miséria se puder escolher outra coisa. Felizmente vou reivindicá-la como minha irmã, não importa o que aconteça.

— Como eu, ─ Annabelle disse com um aceno de cabeça. — Eu acho que foi forçada o suficiente a uma vida que não queria. Se ter o seu próprio lar, viver sua própria vida, é o que deseja, apenas parece justo que faça o que quiser.

Serafina olhou para os dois, e ele pôde ver a profundidade de sua descrença. E por que não duvidaria dessa gentileza? Ela experimentara tão pouco disso ao longo de sua vida.

Ela voltou sua atenção para a mãe dele, que se moveu lentamente pela sala para pegar suas duas mãos.

— Serafina, casei-me com um ladino e vi meus filhos... e até ocasionalmente minha filha... se envolverem em disparates que não pode nem imaginar. Rafe colocou fogo no vestido favorito da duquesa de Waterburg uma vez. Enquanto ela estava nele. E essa é a *menor* das excentricidades de nossa família.

Quando os olhos de Serafina se arregalaram, Rafe deu um passo à frente. — Bem, então, isso foi um acidente e ela escapou ilesa.

— E em suas roupas de baixo ─ acrescentou Crispin quase baixinho.

— No lago, ─ Annabelle disse com uma risada.

— Para ser justo, ─ Rafe disse, virando-se para Serafina. — Esta *não* foi uma ocorrência recente. Eu tinha oito anos.

— Mas isso não é uma transgressão infantil, ─ disse Serafina suavemente, segurando o olhar de sua mãe. — As pessoas falarão, pode ser solicitado a dar explicações...

— As pessoas falam desde o início dos tempos, se der um assunto a elas ou se elas inventarem alguma coisa. ─ Sua mãe pegou a mão de Serafina e a

levou ao peito gentilmente. — E minha única explicação será que essa é a decisão que deixa meu filho e minha nora mais felizes. *Isso* a faz feliz?

Sua mãe olhou-o e ele viu um lampejo de preocupação nos olhos dela. Como se ela de alguma forma lesse seu coração sem que ele dissesse a ela.

Serafina suspirou. — Acho que será o melhor para nós dois.

Rafe olhou para ela. Serafina não disse que viver separados como ela insistia, a deixava *feliz*. O que lhe deu um fio delgado de esperança.

— Então é o que fará e nenhum de nós pensará menos de você por isso, ─ insistiu sua mãe antes de puxar Serafina para um breve abraço.

Ela ficou rígida no começo, mas depois a abraçou de volta. Quando se separaram, as duas mulheres estavam enxugando as lágrimas.

— Agora, se não se importa, eu gostaria de ouvir mais sobre o vestido da duquesa, ─ disse Serafina rindo.

— Oh, é a melhor história, ─ disse a mãe de Rafe, puxando-a para o sofá.

Crispin as seguiu, gritando: — Não se esqueça que tudo começou quando nós libertamos os cães de caça por ordem de papai.

— Como eu poderia esquecer? ─ Sua mãe suspirou.

Rafe se moveu para segui-los, mas Annabelle o pegou pelo braço e o segurou no lugar.

— O que está fazendo? ─ Sua irmã perguntou baixinho, para que o resto não pudesse ouvir.

— O que quer dizer?

— Me disse que a amava, ─ disse Annabelle. — E então anuncia ao mundo que não irão morar juntos. Como isso pode ser um cortejo?

Ele olhou do outro lado da sala para a esposa, enfiada no sofá entre a mãe e o irmão, a boca escancarada e os olhos cheios de riso pelas histórias de sua infância imprudente. Ela estava iluminada por dentro e ele a amava mais do que nunca.

— Me disse para dar a ela o que ela sempre quis. Bem, ela nunca teve a escolha de viver como quisesse. Ela nunca teve nenhum tipo de liberdade. Acho que se eu lhe der essas coisas, ela será mais receptiva a mim do que se eu exigir que ela faça exatamente o que afirma não querer.

Annabelle franziu a testa. — Está assumindo um risco.

— Estou. Mas se ela realmente não quiser uma vida comigo, não terei escolha a não ser deixá-la ir, em vez de forçá-la a algo que não deseja.

Sua irmã piscou. — Realmente a ama.

Ele assentiu. — Sim, amo.

— Bem, então espero que não seja preciso amá-la o suficiente para deixá-la ir.

Ela apertou o braço dele e foi até o sofá para adicionar sua parte à história. Rafe suspirou.

— Eu também.

Capítulo 18



Serafina ergueu os olhos do livro e ficou sem fôlego quando Rafe entrou na sala de estar. Seu marido era realmente o homem mais bonito que conhecera. Ele era como uma luz quando entrava em qualquer sala, tornando-a um lugar melhor.

E se fosse apenas a aparência física dele que a atraísse, talvez não tivesse feito seu estômago revirar. Mas não era. Quanto mais o conhecia, mais percebia que seu coração e alma combinavam com a aparência externa.

Mas não queria gostar dele. Ela não *queria* gostar de ninguém. No final, isso não levaria à felicidade, mas ao desespero, decepção e uma vida da qual não teria controle.

— Parece um gato que acabou de encontrar uma maneira de abrir a gaiola, ─ disse ela, deixando o livro de lado e rezando para que seu tom soasse igual e não afetado pela aparência dele.

Ele sorriu, mas havia um nervosismo em sua expressão. Na verdade, era o mesmo nervosismo que exibia desde o encontro com a família, alguns dias antes.

O que havia mudado desde então para torná-lo tão... *estranho* perto dela?

— Eu tenho algo para ti, ─ disse ele.

Ela engoliu em seco. — Algo?

— Um presente. Está no seu quarto de vestir - virá comigo?

Ela se levantou devagar e olhou para ele. — Está tentando me seduzir, Sua Graça?

Brincou, mas o fato era que a conexão física entre eles era algo que ela realmente desejava. Muitas vezes se encontraram no meio do dia ou no meio da manhã, a meia-noite ou a qualquer hora que quisessem - e ele a empolgava com paixão. Ela amara cada minuto. Isso, pelo menos, podia admitir.

Ele sorriu. — Essa é uma ideia maravilhosa, Sua Graça, mas talvez possamos guardá-la para *depois* do presente.

Ele estendeu a mão e ela a pegou. Durante todo o caminho, o

observou. Ela nunca o tinha visto assim antes, quase vibrando de excitação que tentava esconder. Qualquer que fosse o presente, isso significava algo para ele. E ele pensou que também significaria algo para ela.

De repente, se sentiu exposta, nervosa, e quando chegaram à porta do quarto de vestir, ela hesitou.

— Sabe que não precisa me dar presentes, não sabe? ─ Ela sussurrou, chamando a atenção dele. — Não faz parte da nossa barganha.

Um pouco da luz em seus olhos diminuiu com a declaração dela e a tensão apertou sua mandíbula por um breve momento. Então ele deu de ombros e abriu a porta.

— Faço porque eu gosto de fazê-lo.

Ela se virou em direção ao quarto de vestir e perdeu o fôlego com o que viu. Uma silhueta foi colocada no meio da sala, e nela estava o vestido mais bonito que ela já vira. Era um vestido de baile para lisonjear seu corpo esbelto e para acentuar os atributos que ela sabia que Rafe mais gostava.

Mas, além de todas essas coisas, havia algo mais que tornava o vestido especial. Ou pelo menos especial para ela. Foi feito em um lindo tecido amarelo-ouro decorado com flores feitas à mão, mais brilhantes ao longo da sobreposição.

Se virou para ele, a boca ligeiramente aberta em choque.

— Disse que sua mãe lhe falou para não usar amarelo, ─ ele disse suavemente. — E acho que já passou da hora das vozes dela, do seu pai e de Cyril, deixarem sua mente. Para que faça o que quiser, sem medo de recriminação.

Ela sentiu o lábio começar a tremer de emoção e se virou para não revelar muito do quanto o presente dele significara para ela.

— É lindo, ─ ela conseguiu sussurrar sem cair em lágrimas.

Sentiu os dedos dele fecharem em volta do seu ombro, o calor nas suas costas, acenando para que se inclinasse para ele, confiasse nele, render-se mais do que apenas com seu corpo a ele. E ela queria muito fazer isso.

Mas seu medo palpitava, enchendo seus ouvidos com o pulsar de seu sangue, fazendo suas mãos tremerem. Dar-se inteiramente a qualquer outra pessoa era um pensamento muito aterrorizante.

Respirando fundo, se afastou dele e foi para a sala para examinar o vestido. Ficava ainda mais bonito à medida que se aproximava. Quando o tocou, a seda deslizou por seus dedos como água.

— Como posso retribuí-lo? ─ Ela perguntou, virando-se para ele, mais

corajosa agora que havia distância entre eles.

Ele franziu a testa. — Não foi dado com a esperança de algum tipo de contrapartida, ─ disse ele. — Se usá-lo e apreciá-lo, será o suficiente para mim.

— Rafe..., ─ ela sussurrou.

— Por favor, não diga o que está em seus lábios.

Ela parou. ─ O que quer dizer?

— Apenas ouça, ─ ele continuou. — Deixou claro o que quer, e eu não lhe negarei isso. Mas espero que não *me* negue nenhuma tentativa de fazê-la mudar de ideia.

Seus olhos arregalaram quando o choque daquela frase a congelou em seu lugar. — Por que quer me fazer mudar de ideia? ─ Ela finalmente perguntou, com a voz trêmula.

Ele se aproximou dela lentamente. — É uma mulher muito inteligente, Sera. Estou certo de que descobrirá isso sozinha.

Ele parou na frente dela e estendeu a mão para segurar seu queixo. Lentamente, inclinou seu rosto na direção dele, procurando seus olhos como se pudesse ver sua alma. Ela queria se afastar, calá-lo, mas a atração dele era poderosa demais. Ela se viu encostada nele, desejando que sua boca baixasse sobre a dela.

Ele seguiu sua exigência silenciosa, pressionando um beijo em seus lábios que pareceu tornar a sala mais quente e o ar ao redor deles mais espesso em um instante. Ela agarrou seus braços, segurando a jaqueta dele com os dedos. Ela o queria.

Mas também queria que a conexão física que eles compartilhassem silenciasse sua tentativa inesperada de criar um vínculo emocional mais profundo. Algo que a assustava e a fazia querer correr.

Se ele sentiu seu desespero, não pareceu infeliz com isso. Ele gemeu seu nome contra seus lábios e colocou os braços em volta dela, segurando suas costas com as duas mãos e pressionando-a contra a crista dura da ereção que já empurrava contra a frente da calça.

Ela gemeu ao sentir o membro tentador dele e tudo o que prometia lhe dar. Seu medo desapareceu, sua ansiedade desapareceu, até que tudo o que restara foi ele, ela, e o que estava prestes a ocorrer entre eles.

— Depressa, ─ ela sussurrou enquanto acariciava uma mão entre eles para pressionar contra o comprimento necessitado de seu pênis.

Ele grunhiu de prazer, mas seu sorriso era perverso quando a olhou. —

Por que se apressar? Eu tenho o dia todo.

Ela ofegou, mas suas palavras foram cortadas quando ele baixou a boca na dela novamente e a guiou de volta pelo quarto de vestir até seu dormitório.

Uma vez dentro do quarto, assim que fechou e trancou todas as portas para impedir que qualquer intruso pudesse interromper o prazer, ele caminhou em sua direção. Segurou o olhar dela com firmeza enquanto a despia, se deleitando com cada botão, cada gancho, cada pedaço de tecido.

Quando tentou ajudá-lo, ele afastou as mãos dela. Quando tentou falar, ele a silenciou com beijos até que finalmente ficou nua diante dele.

Há um mês, esse estado a teria aterrorizado. Mas agora ela quase se envaideceu quando ele passou o olhar quente sobre seu corpo. Ela sabia o que sua aparência fazia com ele agora. Ela *gostava de* poder controlar um homem que era incontrolável.

Mais do que isso, ela gostava que fossem iguais em seu prazer. E ela podia dar tanto quanto recebia.

— Já terminou comigo, ─ ela sussurrou. — Por que não aproveita a sua vez?

— Acha que terminei? ─ Ele rosnou enquanto ignorava o pedido dela e, em vez disso, segurou seu traseiro novamente.

Desta vez, seus dedos quentes pressionado em sua carne nua ocasionando ricochetes de prazer que eram quase muito para suportar.

— Rafe! ─ Ela gritou.

Ele a jogou na cama, pairando sobre ela com a promessa cintilando em seus brilhantes olhos azuis.

— Oh sim, amor, diga meu nome. Grite meu nome. Suspire meu nome. Porque não me apressarei. Levarei o meu tempo contigo como merece e como *eu* desejo.

Ela olhou para ele, emocionada com suas palavras, seu corpo doendo por ele antes mesmo de que realmente a tocasse. Ela não precisou esperar muito. Ele subiu na cama com ela, as mãos quentes cobrindo os tornozelos nus, depois deslizando lentamente pelas panturrilhas e joelhos. Ela estremeceu sob seu toque, suas costas arqueando quase contra sua vontade enquanto ele a acariciava, pele sobre pele.

Quando ele alcançou suas coxas, empurrou-as gentilmente, exortando-as a se abrirem para ele, revelando seu sexo, mostrando-lhe que ela já estava molhada e pronta para ele.

Ela o fez sem hesitar, sem nem uma pitada da vergonha ou medo que

uma vez sentiu quando os olhos dele queimaram nela ou com as mãos sobre ela. Agora não sentia nada além de um desejo que se curvava em seu estômago, formigava através de cada centímetro de sua carne, despertando todos os nervos que possuía.

Nisso, pelo menos, ela pertencia a ele, e amava cada momento quente que eles compartilhavam.

Ele a abriu e a olhou com um sorriso malicioso no rosto bonito.

— Tantas coisas que posso fazer contigo ─ ele murmurou, tanto para si quanto para ela.

Ela estremeceu. — O que fará?

Ele levantou uma sobrancelha e lentamente levantou o olhar para o rosto dela. — Prová-la até que trema e implore, depois farei amor contigo até que nós dois fiquemos fracos.

Sua declaração foi direta e a atingiu no estômago, mas foram seus olhos nos dela que realmente a congelaram em seu lugar. Ele estava falando de sedução e prazer, mas ali, em seu olhar, ela viu algo mais. Algo quente, algo gentil, algo tingido com as emoções que ela nunca desejou sentir.

Quando ele baixou a cabeça, não pôde mais ver as evidências, mas seu nervosismo permaneceu. Ele *poderia* sentir algo por ela?

Ela não teve tempo para refletir mais, porque Rafe arrancou todo pensamento racional de sua mente quando pressionou a boca em seu sexo úmido e sensível. A sensação elétrica imediatamente percorreu seu corpo e ela gritou com o prazer instantâneo que parecia acendê-la em chamas.

— Tão sensível, ─ ele murmurou, suas palavras vibrando contra sua carne macia e fazendo-a apertar seu sexo contra o nada.

— Por favor, ─ ela sussurrou, sua voz mal saindo porque sua respiração se fora.

Ele sorriu para ela. — Agradá-la? Oh, pretendo fazer exatamente isso.

Ele roçou os lábios sobre ela uma segunda vez, provocações leves que fizeram pouco para libertá-la da prisão de seu toque. Ela apertou os punhos contra a colcha, tentando pegar algo que não poderia ter sem a ajuda dele.

Ele sorriu de novo, e então disparou sua língua e traçou o sexo dela de baixo para cima, parando no monte latejante de nervos que lhe dava tanto prazer.

— Sabe como isso se chama? ─ Ele perguntou antes de acariciá-lo com a língua, e ela gritar quando um choque de prazer percorreu seu corpo inteiro.

—N-não, ─ ela murmurou.

— Seu clitóris, ─ ele explicou, acariciando-o novamente. — Se eu o estimular o suficiente, terá um orgasmo.

— Por favor, faça isso, ─ ela quase chorou.

— Eu irei, ─ ele a tranquilizou com outra risada e uma lambida que provocou, em vez de aliviar. — Mas primeiro…

Ele parou quando passou os dedos sobre ela. Ele a abriu, revelando-a completamente e então, sem preâmbulos, gentilmente empurrou dois dedos grossos profundamente dentro de seu núcleo. Ela se apertou ao redor da invasão, amando como se esforçava para acomodá-lo.

— Aí dentro, ─ ele sussurrou, sua boca ainda a uma polegada de distância de seu dolorido clitóris, — é outro lugar onde posso fazê-la gozar. Certo... ─ Ele manobrou os dedos e os enrolou gentilmente.

Ela quase se levantou dos travesseiros quando um profundo prazer pareceu florescer dentro dela, não totalmente uma liberação, mas algo próximo a essa sensação.

— Bem ali, ─ ele disse com um sorriso. — Então, o que acha que aconteceria se eu te tocasse nos dois lugares ao mesmo tempo?

Ela olhou para ele, incapaz de esconder a necessidade selvagem de sua voz enquanto murmurava: — Mostre-me.

As pupilas dele se dilataram com o pedido ofegante dela, e ela viu uma mudança nele de amante provocador para um homem levado a possuí-la da maneira mais primitiva possível. O poder cresceu dentro dela, sabendo que ela podia inspirar sua necessidade, mesmo quando ele a atentava e provocava tão docemente.

— Cuidado com o que deseja, Vossa Graça, ─ disse ele, em um tom tenso.

Ele deixou cair a boca de volta para ela e chupou o clitóris entre os lábios. Quando começou a lavá-la com a língua, seus dedos trabalharam profundamente dentro dela, acariciando e enrolando, provocando e tocando, até que finalmente encontrou um ritmo que a deixou louca. Em um golpe, ele enrolava os dedos dentro dela, no próximo, lambia seu clitóris, de um lado para o outro até que seus quadris se arquearam impotentes e seu sexo apertou em torno de um prazer tão intenso que beirava a dor.

E justamente quando ela pensou que possivelmente morreria da tensão que ele criara, o orgasmo a atingiu.

Ela gozara antes, mas nunca tinha sido assim. Enquanto Rafe continuava a estimulá-la com aquela cadência implacável, seu corpo começou a tremer,

os tremores se transformaram em abalos e os abalos em espasmos que pareciam se mover por todo o seu ser. Ela ergueu-se contra ele, gritando porque não conseguia controlar a voz, agarrando-se às cobertas da cama porque suas mãos estavam fora de controle.

Ele continuou observando-a ao sair de sua posição entre as pernas dela, seus olhos escuros cheios de um desejo que ameaçava consumir os dois.

Foi somente quando as explosões de prazer diminuíram um pouco, quando os espasmos se tornaram contrações ocasionais, que ele retirou os dedos e a língua e empurrou para se levantar.

Ela o alcançou enquanto ele passava, fazendo um som silencioso de necessidade que o fez balançar uma fração.

— Eu não vou embora, ─ ele a tranquilizou. — Preciso me despir.

Ela se ergueu nos cotovelos para vê-lo fazer exatamente isso, um desejo preguiçoso aumentando enquanto ele se despojava de tudo o que usava pouco a pouco.

Seu corpo, sempre um atrativo para ela, era ainda mais atraente neste momento. Ela queria se envolver em torno dele, passar as mãos e os dentes sobre ele, senti-lo pulsar dentro dela enquanto ele perdia o controle como ela havia perdido.

Quando ele estava nu, se moveu para cobri-la, apoiando seu peso nas mãos. Ela se abriu mais para ele, permitindo que se acomodasse entre suas pernas, seu pau duro cutucando seu sexo.

— Meu Deus, ─ ele rosnou quando a penetrou, possuindo-a polegada por polegada até que estava completamente enterrado nela.

Seu corpo já estava ultra sensibilizado pela liberação e a invasão apenas intensificou as sensações. Ela já flutuava ao redor dele, à beira de um segundo orgasmo. Ergueu-se e empurrou para encontrar esse prazer uma segunda vez, apesar do quanto ela continuava exausta.

— É uma sirigaita, ─ ele gemeu com seus movimentos agressivos. — Mas é minha hoje, minha para controlar.

Ela olhou para ele, sem saber o que ele queria dizer. Então ele circulou lentamente seus quadris e ela fechou os olhos com um suspiro trêmulo.

— Olhe para mim, ─ ele sussurrou, sua voz quebrada enquanto a tomava com movimentos lentos e constantes. — Olhe para mim, Serafina.

Ela abriu os olhos com a segunda ordem mais intensa e observou o rosto dele. Estava tenso pelo afã, as veias no pescoço esticadas e as bochechas vermelhas pelo esforço. Seus olhos travaram nos dela, e era como se a tivesse

colocado em uma prisão, só que era um lugar bonito do qual ela não queria escapar.

Naquele momento, com o corpo dele acariciando o dela repetidamente, os olhares travados, se sentira completamente conectada a ele, como nunca antes. Tão perdida nele. Unida a ele.

Era aterrorizante, mas não podia se afastar. Não apenas por causa do prazer que se construía nela novamente, mas também porque essa conexão era absolutamente magnífica.

O segundo orgasmo a envolveu naquele momento, e sussurrou o nome dele enquanto seu sexo o ordenhava. Ele rangeu os dentes e gemeu quando derramou sua semente nela.

Ele pressionou beijos ao longo do seu pescoço enquanto desabava ao lado dela e a arrastava para a dobra do corpo dele, então estavam deitados com a frente dele nas costas dela, embalados como colheres. Ele não disse nada, mas continuou a beijar sua carne, os braços em volta dela em calor e conforto.

Depois de algum tempo, ela sentiu o corpo dele relaxar e percebeu, com um sobressalto, que ele realmente havia adormecido. Lentamente, se virou para olhá-lo, capaz de explorar seu rosto sem que ele soubesse.

Relaxado no sono, ele parecia mais jovem, e ela não pôde deixar de estender a mão para traçar suavemente os lábios dele com a ponta do dedo. Ele sorriu, mas não se mexeu.

Ela suspirou ao pensar no vestido que ele tinha mandado fazer para ela, esperando por ela em seu quarto de vestir. Ele alegou que esse era o presente que tinha para ela naquele dia, mas agora ela se questionava.

O presente maior não era a conexão que eles compartilharam ao fazer amor? Qual era o mais assustador? O presente que mostrava que ele a conhecia bem ou a conexão que provava que ele sabia, apesar das tentativas desesperadas de mantê-lo à distância?

De qualquer maneira, sentiu a mudança entre eles e não tinha certeza de que estava pronta para enfrentar o que isso significava para o futuro.

Capítulo 19



— Acho que ele está me cortejando, – Serafina sussurrou enquanto olhava através da sala lotada em direção a Rafe.

Ele estava de pé com o irmão. Crispin parecia muito desconfortável, mas Serafina não pôde deixar de ficar satisfeita por ele ter atendido sua sugestão e ter vindo oferecer apoio a Rafe. Não importava o que ela sentia no momento, queria que seu marido estivesse feliz e em paz. Mesmo que não pudesse ser com ela.

Emma sorriu alegremente ao seu lado, inconsciente dos pensamentos de Serafina. —Bom. Ninguém é mais merecedora.

Ela olhou para a amiga. — Eu não *quero* ser cortejada.

— Claro que quer, – disse Emma com um aceno de mão. — Todas as mulheres querem.

— Não, eu *não*.

Emma soltou um grande suspiro. — E porque não?

— Sabe o porquê – Serafina sussurrou, enquanto oferecia um sorriso fraco para a marquesa que lhe dizia olá enquanto passava.

Quando a mulher estava fora do alcance da voz, Emma continuou: — Porque se recusa a ter sentimentos ternos por um homem. Isso fazia sentido quando era o horrível Cyril, mas o Rafe é diferente.

— Eu sei, o que torna minha reticência ainda mais razoável, – ela disse balançando a cabeça.

— Receio que precise explicar essa lógica – Emma disse com uma risada.

— Rafe é um libertino que foi forçado a essa posição. Ele pode ter um pouco... – Serafina lutou por uma palavra que expressasse as mudanças que ela estava tão desesperada para ignorar. — Ele pode ter alguns sentimentos ternos em relação a mim, mas eu realmente quero um carinho por pena do meu passado ou por gratidão por minha ajuda em sua transição para ser duque?

— Realmente acredita que essa é a única motivação para

comportamento dele?

Serafina podia ouvir a descrença na voz de Emma, mas ignorou. — O que mais poderia ser? Nos conhecemos há menos de um mês e, embora eu admita que nossa conexão física seja...

Ela parou quando outra senhora hesitou em frente a elas. — Sua Graça, ─ a mulher murmurou. — Esse amarelo lhe cai divinamente.

Serafina concordou enquanto olhava para o vestido que Rafe havia pedido para ela. Ela adorou e nunca se sentira tão bonita, por dentro *e por* fora, como quando sua criada a ajudou nessa noite. Os oohs e ahhs de Bridget só exacerbaram seus sentimentos sobre o vestido.

— Oh, muito obrigada, milady, ─ Serafina conseguiu dizer.

A mulher apertou a mão dela e se afastou.

— Quem era aquela? ─ Emma perguntou.

— Não sei ─ Serafina sussurrou. — *Isto* é o quão distraída estou - não posso nem reconhecer um par do reino quando fui forçada a memorizar nomes, títulos e muitas vezes as circunstâncias de todos ao meu redor por anos.

— Isso parece horrível, ─ disse Emma, balançando a cabeça.

— E foi, ─ concordou Serafina.

— Então talvez seja melhor que seu marido a distraia tanto que não consiga se lembrar dessas coisas. Ele não *espera que* os conheça.

— Mas *deveria*. Ele precisa que eu os conheça mais do que Cyril já conheceu. ─ Serafina suspirou. — Meu foco deve ser ajudar meu marido a ser aceito e se sentir confortável como duque. E me mudar para uma nova casa e começar minha vida.

— Eu acho que já a tem, — Emma disse suavemente, seu olhar se movendo em direção a Rafe.

— Bem, não posso fazer *isso*, não entende? ─ Serafina balançou a cabeça. — Ele descobriu que eu gostava de vinho Madeira, por isso mandou enviar os melhores de Portugal. Eu tenho uma *caixa* de Madeira, Emma. O que eu faço com isso?

Ela riu. — Beba. Embora não de uma só vez, eu acho.

Serafina olhou para a amiga. Como Emma podia ser tão desdenhosa? Ela não via como a situação era desesperadora?

— Há flores no meu quarto de vestir todos os dias.

— Toda mulher gosta de flores, ─disse Emma.

Com a frustração crescente, Serafina disse: — Ele me comprou este

vestido que estou usando agora.

— E nunca pareceu tão adorável. A cor combina contigo em todos os sentidos.

Serafina soltou um suspiro. — Dois dias atrás, chegou um novo livro da loja e uma escova de cabelos decorada com o que sinceramente espero que sejam safiras falsas, porque elas o lembraram dos meus olhos.

O rosto de Emma se suavizou. — Tudo o que está me dizendo é tão romântico.

Serafina estreitou os olhos. — Não está me ajudando.

— Não sei como posso ajudá-la, ─ disse a amiga. — Não quer o que ele está tentando oferecer, embora eu pense que é uma tola por não aceitar.

— O que, joias e enfeites?

Agora foi Emma quem apertou os lábios para expressar sua frustração. — *Amor*. ─ Serafina se encolheu, mas não interrompeu enquanto Emma continuou: — Ele a está observando agora, minha querida.

Serafina balançou a cabeça para olhar e descobriu que Emma estava certa. Rafe acompanhava cada movimento dela e quando ele encontrou seus olhos, sorriu para ela de uma maneira que fez seu coração quase pular uma batida.

— Vou lhe dizer que a expressão que vejo no rosto dele não é de piedade ou gratidão, mas de amor, ─ continuou a amiga.

Serafina balançou um pouco e agarrou o ombro de Emma para não desmoronar com a afirmação que vinha tentando evitar há dias.

— Ele não pode me amar, ─ ela sussurrou.

Emma a firmou ainda mais. — Não, receio que isso não seja verdade. Pode não querer que ele a ame, mas ele definitivamente *pode amá-la* - e acho que ama.

— Bem, eu não o amo, ─ sussurrou Serafina, e odiava o quão falsas as palavras soavam quando as quis dizer tão profundamente.

— Tem certeza? ─ Emma hesitou quando um cavalheiro passou por elas com um breve alô que as duas responderam em uníssono. Com uma careta, Emma pegou a mão dela e levou Serafina para um canto mais quieto do salão de baile. — Tem certeza de que não sente nada pelo homem? ─ ela repetiu suavemente.

— Claro! Como pode me perguntar isso? ─ Serafina sussurrou com um suspiro quebrado.

— Eu pergunto porque quando está com ele, há uma luz em você que

nunca vi antes. Qualquer pessoa a menos de três metros pode sentir a conexão dos dois. E não é apenas uma atração física, mas algo mais profundo e mais importante.

— Isso não é verdade, ─ disse Serafina.

Emma arqueou uma sobrancelha. — Muito bem. Então talvez eu não acredite que esteja imune ao seu considerável charme, porque queria muito ter sua própria casa e ainda assim continua morando na casa dele com ele.

Serafina congelou. — Ele... ele está procurando uma nova casa para mim. Até que ele tenha alguma coisa...

— Ele está? ─ Emma interrompeu. — Falou com ele sobre isso recentemente? Ele perguntou sua opinião sobre algum lugar que ele viu ou levou-a para ver se gostaria de morar lá?

Ela respirou fundo. Ela estava tão envolvida em... bem, *nele* que não teve uma conversa franca sobre a situação de sua procura à casa. Ele mencionou isso para sua família quase uma semana antes, mas Emma estava totalmente certa de que o assunto havia sido suspenso, sem ser abordado, entre eles desde então.

— Falarei com ele sobre isso, ─ disse ela, de repente entorpecida enquanto olhava para ele novamente através da sala.

Rafe continuou a conversar com seu irmão, mas ocasionalmente a olhava pelo canto do olho. Ela sentiu cada olhar como uma facada em sua alma.

Emma pegou sua mão. — Por favor, não seja precipitada, Serafina, ─ ela sussurrou. — Entendo seus medos, eu realmente entendo, mas jogar fora o amor... *se arrependerá*.

Lentamente, Serafina retirou a mão da amiga e balançou a cabeça. Emma não podia estar certa. Ela não queria amá-lo ou que ele a amasse. Ela queria sua liberdade, sua independência. Não é?

A situação estava confusa, mas tinha que se lembrar de todas as boas razões para manter sua vida separada da dele. Ela não podia deixar a sedução física fazê-la acreditar em um futuro bobo que nunca poderia acontecer.

— Não Emma. Me arrependerei se me permitir acreditar que um conto de fadas pode ser tornar verdade. É melhor abraçar a realidade agora e salvar todo mundo depois. Desculpe.

Ela se virou e começou a caminhar em direção ao marido. Ouviu Emma chamando suavemente seu nome, mas ignorou, concentrando-se em Rafe e no que diria quando o alcançasse. Ela mal conseguia pensar, mal respirava, e

havia um nó em sua garganta no qual não desejava pensar enquanto lutava por forças diante de um desejo inesperado.

Como isso pôde ter acontecido? Como chegaram a isso quando planejaram um casamento sem amor com tanto cuidado?

— Boa noite, Serafina, ─ disse Crispin quando os alcançou.

Ela tentou forçar um sorriso para o cunhado, mas dificilmente conseguia controlá-lo quando seu olhar deslizou para Rafe. — Olá, Crispin, estou tão feliz em vê-lo aqui, ─ ela gaguejou.

Rafe inclinou a cabeça e examinou seu rosto de perto. — Está bem?

Ela assentiu. — Sim, claro. Eu só queria falar contigo a sós por um momento, se pudermos. Talvez possamos encontrar privacidade no terraço?

O rosto de Rafe se iluminou de prazer, mas ela viu Crispin franzir a testa pelo canto do olho. Era como se o cunhado soubesse que ela era forçada a recusar quaisquer avanços que Rafe tivesse feito recentemente.

E apesar de toda a aceitação que a família de Rafe havia prometido, não podia imaginar que eles continuariam gostando ou apoiando-a se... quando... ela o machucasse.

— Claro ─ disse Rafe, oferecendo-lhe um braço. — Pode nos dar licença, Crispin?

Seu irmão murmurou algo apropriado, mas Serafina mal ouviu as palavras. Ela apenas sentiu o olhar dele quando Rafe a acompanhou pelo salão e pelas portas duplas ao terraço. Quando a soltou e fechou as portas atrás deles, ela respirou profundamente.

— Admito que gosto muito que deseje ficar sozinha comigo, Serafina ─ ele disse, aproximando-se dela com preguiçosa sedução no olhar.

Ela o olhou. Crispin obviamente sentira seu desconforto, a destruição iminente de seu pedido, e Rafe ainda estava inconscientemente feliz. O que tornava essa situação ainda pior.

— Rafe, ─ ela disse, afastando-se para que ele não pudesse tê-la ao alcance do braço. Se a tocasse, ela poderia se convencer de que essa conversa poderia esperar.

E não podia. Pelo menos, sentiu tão fortemente que não podia até esse momento em que o medo e o arrependimento a dominavam.

Ele parou de se mover e franziu o cenho. — O que foi?

Ela limpou a garganta. — Eu queria discutir como estamos em relação a nossas casas separadas.

A testa dele enrugou e o desejo desapareceu uma fração. — Me trouxe

para o terraço no meio de um baile para discutir sua casa?

Ela assentiu, embora, quando ele colocou dessa maneira, parecesse estranho. — Ao conversar com Emma, percebi que não analisamos o assunto há algum tempo. Achei melhor abordá-lo imediatamente.

Os lábios dele se contraíram levemente. — Percebo.

Houve um longo silêncio entre eles que fez Serafina se mexer com desconforto. — Então, qual é a sua resposta?

— Eu tenho um agente procurando casas em meu nome, ─ disse ele, descartando o assunto.

— E? ─ Serafina insistiu quando parecia que essa seria sua palavra final sobre o assunto.

Rafe soltou um suspiro e caminhou passando por ela até a mureta do terraço. Ele olhou para o jardim e não para ela, enquanto dizia: — Até agora, nenhuma das opções disponíveis se adequavam, tanto ao agente quanto a mim.

— Então, *já* olhou algumas casas, ─ disse ela.

Ele engoliu em seco, e a maneira como a olhou pelo canto do olho contou a história. — Não.

Ela agarrou os punhos ao lado do corpo. O pânico começou a apertar seu peito.

— Então talvez eu deva procurar. Afinal, esta casa será minha. Não é justo que precise determinar o que melhor se adequa ao meu gosto e necessidades.

— Eu não fiz tão mal até agora, não é? ─ Ele perguntou, olhando incisivamente para o vestido dela.

Ela sentiu o calor subir por suas bochechas e virou o rosto. — Foi mais gentil do que eu jamais poderia ter esperado, ─ ela admitiu. — Mas...

Ele se aproximou dela um passo. — Mas o que? Por que correr para uma nova casa, Serafina? Não estamos nos dando bem?

Ela prendeu a respiração. — Claro. Damo-nos bem, Rafe. Mas nós tínhamos um acordo.

— Feito antes de nos conhecermos, ─ ele disse suavemente. — Antes de conversarmos sobre algo importante ou compartilharmos uma cama. Não acha que a situação mudou entre nós?

Serafina fechou os olhos com força. Ela não podia olhar para ele porque viu que ele havia se convencido de que se importava com ela. E por mais fascinante que fosse esse conceito, ela não podia permitir. Se o fizesse, cairia

de cabeça em todas as emoções que não queria sentir. Ela se perderia completamente. Só haveria dor naquele caminho. Talvez para os dois.

— Não quero renegociar, ─ ela disse suavemente.

— Serafina, ─ ele disse com a voz áspera e dolorida.

Ela se virou para ele, endireitando a coluna enquanto lhe dava o respeito que ele conquistou ao trata-la gentilmente no mês passado.

— Não negarei que o casamento que compartilhamos até agora não é uma união desagradável, ─ ela disse, mantendo o seu tom de voz desligado e tão desinteressado quanto possível. — Eu te gosto, Rafe, eu realmente gosto. Mas não há nada mais nos meus sentimentos do que isso. Portanto, não vejo razão para não continuar exatamente como planejamos inicialmente. Me mudarei para minha casa e poderá voltar para o que quer que seja... ─ Ela hesitou antes de se forçar a continuar. — Para todas as atividades nas quais se envolvia.

Seu rosto parecia ter endurecido, pois ele não se mexera nem um pouco desde que ela começou a falar. Agora ele cruzou os braços. — E não há mais nada a dizer sobre isso?

Ela conseguiu assentir uma vez. — Eu acho que não.

— Então permita-me falar, ─ disse ele. — Serafina, eu sou...

Ela ofegou e correu para ele, cobrindo seus lábios com os dedos enquanto as lágrimas que ela estava tentando controlar enchiam seus olhos. — Por favor não diga. Não diga isso.

Agora o rosto dele estava amassado, mas quando ela afastou a mão, ele não falou.

— A última coisa que eu quero fazer é lhe trazer dor, ─ ela sussurrou, desejando tocar seu rosto, beijá-lo, de alguma forma tornar aquilo melhor. Mas isso apenas confundiria a questão. — Mas eu *não posso* fazer o que quer.

Sua mandíbula se apertou. — E essa é sua palavra final sobre esse assunto também?

Ela assentiu. Ele deu um passo atrás e ela sentiu a perda de sua presença tão profundamente como se tivessem arrancado uma parte dela.

— Então acho que devo agradecer sua honestidade, Serafina. Tomarei as providências para que fale com o agente sobre as casas amanhã. Como bem disse, não devo me envolver no seu futuro, pois não farei parte disso além das diretrizes pré-estabelecidas.

Ela engoliu em seco agora. A característica sombria em seus olhos

mostrava o volume de sua dor, mas ele nunca mais compartilharia com ela.

E mesmo sendo isso o que disse a ele, e a si mesma, que queria... parecia uma facada no âmago de sua alma.

— Eu quero voltar, ─ ela sussurrou. — Voltar para casa... para sua casa.

Ele arqueou uma sobrancelha e ficou em silêncio por um momento.

— É claro, ─ ele finalmente disse naquele tom totalmente impessoal que parecia cortá-la até os ossos. Acho que ficarei mais um pouco. Ainda gostaria de falar com algumas pessoas. Sinta-se livre para dormir em seu próprio quarto hoje à noite, para que eu não a acorde quando voltar.

Ele a encarou, esperando que ela dissesse alguma coisa. Talvez desafiando-a a fazê-lo. Mas tudo o que ela pôde fazer foi assentir.

— Claro. Isso faz todo o sentido.

Seus lábios afinaram novamente. — Vou entrar e mandar trazerem a carruagem. Encontro-a quando estiver pronta.

Ele não esperou a resposta dela. Simplesmente se virou e voltou para o salão, deixando-a sozinha no terraço, observando-o pelas janelas.

Sozinha como ela alegou desejar.

Sozinha como nunca havia se sentido antes.

Capítulo 20



Rafe mal pode ver a multidão agitada ao seu redor ou ouvir os sons de suas conversas quando cambaleou de volta para o salão de baile. Pedira sua carruagem para Serafina, mas mal conseguia se lembrar de tê-lo feito. Sua mente estava muito confusa com as palavras desdenhosas que ouvira dela no terraço.

Ela nem quis ouvi-lo. Ele nunca teve uma chance.

De repente, sentiu uma grande palmada em seu ombro, se virou e viu Crispin. Seu irmão tinha um sorriso no rosto, mas podia ver a preocupação nos olhos de Crispin. Ele obviamente tinha visto o que Rafe não pode. Crispin sabia que amar Serafina não poderia terminar bem.

— Ficou lá fora por um tempo, ─ disse Crispin, seu tom enganosamente neutro.

Rafe lutou para encontrar palavras. — Sim. Minha esposa tinha muito a dizer.

Crispin se inclinou para mais perto. — Tal como?

— Precisa que eu diga? ─ Rafe perguntou.

— Precisa dizer isso a alguém que se importa apenas com a sua felicidade? ─ Seu irmão respondeu calmamente.

— Ela não me quer, ─ Rafe sussurrou, as palavras queimando quando deixaram seus lábios. — Ela não quer o meu amor.

Crispin ficou rígido. — E seu amor foi algo que ela ganhou?

— Sim.

Crispin assentiu e deu um aperto suave no ombro de Rafe. — Eu realmente sinto muito, Raphael.

— Como eu.

— Mas talvez isso torne o que eu vim aqui discutir contigo ainda mais pertinente.

Rafe piscou. — O que veio discutir?

Crispin assentiu. — Sim. Depois que me deixaram, eu estava vagando e em quem tropecei senão na nossa querida amiga, Viscondessa Braehold?

Rafe congelou com o nome que saiu tão facilmente dos lábios de Crispin. Antes do casamento, ele se entregou a uma breve noite de paixão com a viúva, Lady Braehold. E seu irmão sabia muito bem disso.

— Crispin, ─ ele rosnou. — Que diabos está fazendo?

— Ajudando-o, espero ─ disse Crispin e começou a se mover por cima do ombro de Rafe, como se quisesse chamar alguém para participar de sua festa.

Rafe ficou rígido quando se virou e viu Lady Braehold atravessar o salão com passos largos. Seus cabelos escuros estavam presos, seus olhos igualmente escuros focados em Rafe quando fez sua aproximação. Ela era muito bonita, sim, e ele sabia exatamente por que tinha sido atraído por ela.

Mas ela não representava nada para ele agora.

Ele olhou fixamente para o irmão por colocá-lo nessa posição.

— Caro Rafe, ─ disse Lady Braehold quando o alcançou e pegou suas duas mãos. —Ou suponho que eu deva dizer Sua Graça agora, não devo?

Ele extraiu as mãos gentilmente e forçou um sorriso para a mulher. Certamente não era culpa dela que Crispin estivesse tentando acalmar uma ferida dessa maneira totalmente inadequada.

— Sim, as últimas semanas foram um choque, ─ Rafe disse.

— Eu posso imaginar. Em um momento é um cavalheiro despreocupado e no outro um duque. E casado. ─ Lady Braehold sacudiu a cabeça escura e os cachos em volta do rosto dançaram lindamente. — Certamente teve um mês muito interessante.

— Com licença, ─ disse Crispin com um sorriso para os dois. — Vou deixá-los para que voltem a se familiarizar

Rafe o olhou zangado enquanto Crispin se afastava, mas sua expressão não pareceu comover seu irmão. Com relutância, ele se concentrou em sua companhia.

— Como encontra a vida de casado? ─ A Lady perguntou.

Ele podia ver no brilho dos olhos dela a verdadeira pergunta. Ela queria saber se ele pretendia ter uma amante. E se essa amante poderia ser ela. Na verdade, há um mês, quando fez o acordo com Serafina, ele poderia ter respondido a essas perguntas com um retumbante sim. A dama diante dele era talentosa e discreta.

Agora sua resposta foi muito diferente.

— Receio que meu irmão possa tê-la procurado sob falsos pretextos, ─ ele disse se desculpando.

— E esses são? ─ Ela pressionou.

Ele olhou em volta para ter certeza de que ninguém ouviria. Então ele se inclinou e falou suavemente: — Nós compartilhamos uma noite notável, minha senhora.

—Nós fizemos isso, ─ ela concordou. — E eu sinto haver um *"mas"* chegando.

— Mas agora estou apaixonado por outra pessoa, ─ ele admitiu. — E até que eu possa convencê-la a se permitir sentir o mesmo ou, de alguma forma libertar meu coração dela, eu não poderia ter uma amante.

Lady Braehold olhou para ele. — Suponho que esteja dizendo que está apaixonado por sua esposa.

Ele assentiu. — Eu estou.

Ela ficou em silêncio por um longo momento, mas depois sorriu. — Então a dama tem muita sorte mesmo.

Rafe suspirou. Serafina não se sentia exatamente assim, ao que parecia.

— Sorte e... partindo ─ Lady Braehold disse, apontando para a porta do salão.

Rafe girou para encontrar Serafina apressando-se através da multidão. Na porta, ela parou e ele viu seu irmão se aproximar dela. Eles falaram por um momento e ela lançou um rápido olhar por cima do ombro em direção a Rafe e Lady Braehold, juntos.

Então ela pegou o braço que Crispin ofereceu e permitiu que ele a levasse da sala.

— Eu deveria acompanhá-la, ─ Rafe disse. — Eu sinto muito.

— Vá, ─ sua companhia disse. — Não são necessárias desculpas.

Ele queria desesperadamente se apressar atrás de sua esposa e irmão, mas a multidão estava muito junta. Ele teve que lutar fisicamente, ignorando as pessoas que chamavam seu nome, que já o conheciam ou que queriam conhecê-lo, e tentando o seu melhor para não dar uma cotovelada no rosto das damas com a pressa.

No momento em que entrou no corredor e correu para o vestíbulo, ele estava sem fôlego e ansioso. Apesar da rejeição de Serafina, ele não gostou da ideia de que ela escapasse do salão de baile. Esse ato parecia muito com um final para ele.

Ela não estava no vestíbulo com os a multidão de criados, mas a porta de entrada estava aberta para permitir a circulação de ar e dos convidados. Virou-se para olhar para fora, mas naquele momento, seu irmão

entrava na casa. Ambos pararam com o olhar travado, um no outro.

— O que está fazendo no hall de entrada? ─ perguntou Crispin, franzindo a testa com uma confusão aparentemente genuína.

Rafe se aproximou dele. — Estou procurando minha esposa, seu idiota. Onde ela está?

Crispin olhou para ele. — Ela foi para casa.

Rafe passou por ele e viu sua carruagem retumbar pelo caminho e virar para a rua em direção a sua casa. Seu estômago revirou com o conhecimento de que Serafina estava dentro daquele veículo. Sozinha. Deixando-o.

Ele girou de volta para o irmão. — Por que interferiu?

Crispin olhou em volta para os criados que estavam todos sutilmente inclinados agora, obviamente interessados neste confronto entre os irmãos infames. Sem dúvida, eles se reportariam aos seus vários senhores.

Sem uma palavra, Crispin agarrou o braço de Rafe, arrastou-o para a sala mais próxima e bateu a porta.

— Não precisa de um escândalo, *Sua Graça*, ─ disse seu irmão.

Rafe sacudiu a mão e olhou para ele. — Responda à porra da minha pergunta.

Crispin deu um passo atrás. — Que tom de voz é *esse*?

— Ouviu o que eu disse. Por que interferiu?

Crispin apertou os lábios. — Porque eu fiz isso? Quando esbarrei em Serafina, ela me disse que já haviam combinado que ela sairia cedo e ficarias para trás. Como estava ocupado, me ofereci para acompanhá-la até a carruagem.

— Estava ocupado, ─ Rafe repetiu em uma gargalhada que era tudo menos divertida. Ele se afastou de Crispin, pelo menos para não dar um soco em seu melhor amigo. "Outro momento que me *providenciou*.

Crispin balançou a cabeça. — Garanto-lhe, não foi. Eu realmente me deparei com a viscondessa na aglomeração e conversamos por um momento. Se pensei que meu irmão deveria vê-la? Claro que sim.

— Porque acredita que eu deveria tomar a mulher como minha amante e esquecer Serafina, ─ Rafe disse.

Seu irmão inclinou a cabeça e havia um desagradável lampejo de pena em seu olhar. — Não foi isso que sua esposa *disse* que fizesse?

Os ombros de Rafe rolaram para frente quando a derrota o invadiu. — Bem, podes me dizer, ela pode me dizer, qualquer um pode me dizer. Não posso mudar meu coração e não tenho lugar na minha vida para uma amante

no momento.

A carranca de Crispin se aprofundou. — Foi isso o que disse a Lady Braehold?

Rafe passou a mão pelo rosto. — Algo nesse sentido.

Ele se aproximou da cadeira mais próxima e afundou nela, colocando a mão sobre os olhos enquanto tentava não pensar em Serafina se afastando dele e na vida que sabia que eles poderiam ter juntos.

— Rafe, ─ seu irmão disse suavemente. — O que quer fazer?

— Eu não sei, ─ ele admitiu. — Não sei o que posso fazer. ─ Pensou em como Serafina o olhara por cima do ombro antes de sair do salão. — Ela disse alguma coisa sobre mim antes de sair?

Ele olhou para cima a tempo de ver Crispin se mexer com desconforto, com o rosto tenso. Rafe se endireitou na cadeira.

— O que? Por que está parecendo culpado?

Crispin encolheu os ombros. — Eu odeio que meu melhor amigo seja meu irmão. É muito desconcertante ser lido de cima a baixo.

— O que fez? ─ Rafe sussurrou.

Crispin suspirou e se sentou à sua frente. — Sua esposa disse que queria sair e que não sabia se a carruagem havia sido solicitada. Ofereci-me para acompanhá-la até o vestíbulo. Enquanto estávamos andando, ela me perguntou quem estava contigo.

Rafe fechou os olhos com força. — Por favor, diga-me que não disse uma antiga amante com quem esperava que eu me reconectasse.

Crispin balançou a cabeça. — Claro que não. Sou um malandro, não um canalha. Mas…

— Mas?

— Eu disse que ela era uma velha amiga sua. E tenho certeza de que Serafina sabia que *amizade* significava mais do que mera conversa.

Rafe olhou para o teto com um gemido.

— Isso é uma coisa boa, Rafe. ─ Seu irmão tentou convencê-lo.

— Como? Eu praticamente declarei meu amor por ela e então a deixou acreditar que eu estava me encontrando com uma velha amante, nem dez minutos depois?

Crispin se inclinou. — Quase declarou seu amor, mas ela *recusou*. Se ela pensar que está disposto a seguir em frente, na pior das hipóteses, isso recuperará um pouco da sua dignidade.

Rafe olhou para ele. — E na melhor das hipóteses?

— Talvez Sua Graça sinta uma pontada de ciúmes e determine que perdê-lo não é interessante, afinal.

Rafe olhou lentamente para o irmão novamente. Crispin cruzou os braços e estava olhando fixamente para ele. — Está tentando me dizer que espera deixar minha esposa com *ciúme* na tentativa de forçá-la a ver meu valor?

Crispin deu de ombros, mas não disse nada.

— Mas não quer que eu esteja casado. Quer que eu volte a ser o homem que eu era antes da morte de Cyril.

Crispin suspirou. — Eu quero que seja feliz. Tem que decidir sozinho como será. Mas se Serafina fizer parte da sua felicidade, eu mudarei montanhas para garantir que receba o que seu coração deseja.

Rafe olhou para o irmão, incapaz de falar. Então ele se levantou. Crispin o seguiu na ação com olhar cauteloso.

Sem dizer uma palavra, Rafe passou os braços em volta de Crispin e o abraçou como não fazia há anos. Crispin riu quando devolveu o abraço com um tapa desajeitado nas costas de Rafe.

— Não banque o mole comigo, ─ avisou seu irmão quando se soltaram. — Nosso pai amava a esposa e não se tornou um chato. Não espero nada menos do seu comportamento.

Rafe riu. — Um objetivo elevado, de fato. E farei o meu melhor, supondo, é claro, que seu plano não saia pela culatra e deixe minha esposa mais determinada do que nunca a separar sua vida da minha.

Crispin enrugou as sobrancelhas, e parecia refletir sobre isso por um momento. — Bem, se ela fizer isso, suponho que simplesmente teremos que apresentar um novo plano para conquistá-la.

— Nós? ─ Rafe riu.

— E Annabelle. E tenho certeza de que mamãe poderia inventar algo desonesto. Ela finge ser a mais sã do grupo, mas tem seu próprio jeito selvagem. Nós somos os Flynns, nada pode nos parar.

Rafe riu junto com Crispin e sentiu alegria em seu coração ao pensar em sua família ao seu lado enquanto lutava pelo coração de Serafina.

Mas ele não tinha certeza de que isso seria tão fácil quanto seu irmão acreditava. Rafe certamente não tinha certeza se era uma guerra na qual ele reivindicaria a vitória no final, não importa o tipo de reforços que apareceriam para ajudá-lo a ganhar o dia.

Capítulo 21



Serafina andava de um lado para o outro na sala de Emma, seus olhos mal viam o salão da amiga porque sua mente estava vagando sem parar para outros tópicos. Um em particular. Um tema perturbador e frustrante.

A porta da sala se abriu e Emma entrou, os olhos pesados de sono e os cabelos simplesmente presos para trás, em vez de elaborados. Serafina corou ao ver sua amiga sonolenta.

— É cedo, eu sei.

Emma balançou a cabeça e abafou um bocejo. — É sempre bem-vinda, sabe disso, não importa a hora.

— Tenho certeza de que seu marido não pensa assim quando é arrastada para fora da cama a essa hora.

— Adrian está bem, ─ Emma tranquilizou-a suavemente. — Embora espero que o perdoe se ele não descer.

— Como eu poderia esperar que ele descesse? ─ Serafina suspirou. ─ Na verdade, é contigo que eu gostaria de falar, não com ele.

— Então sente-se, deixe-me pedir um chá e depois me diga por que saiu pela cidade às nove da manhã para se encontrar comigo.

Serafina afundou no sofá e viu a amiga chamar um criado. Após uma conversa silenciosa, Emma voltou a se sentar em uma cadeira ao lado do sofá e sorriu.

— Eles trarão refrescos para nós em alguns instantes. Por que não começa sua história? Acho que mal posso esperar para ouvir, agora que veio até aqui.

Serafina suspirou, endureceu sua coluna e sua determinação, e contou a Emma sobre sua conversa com Rafe no terraço na noite anterior.

Emma olhou para ela, sem interrompê-la enquanto ela repassava tudo, desde as tentativas de Rafe de admitir seus sentimentos à sua demanda por um lar para si mesma. A única coisa que ela não conseguia dizer era que o marido tinha quase imediatamente encontrado Lady Braehold, que ela só poderia supor ser uma ex-amante, se o modo como eles estavam tão perto e a

desajeitada descrição de Crispin sobre eles fossem precisas.

Quando ela terminou o relato inicial, a porta se abriu e uma criada apareceu com uma bandeja. Na verdade, Serafina estava feliz com a interrupção. Enquanto contava a história, seu batimento cardíaco começou a acelerar e ela reviveu aquela noite terrível e seus sentimentos complicados sobre o assunto.

Emma lançou um olhar para ela e depois disse a criada: — Apenas coloque no aparador. Eu servirei.

A criada obedeceu e saiu da sala. Quando Emma foi até o aparador para servir o chá, ela soltou um suspiro profundo.

— Procurei-a depois que se aproximou dele, ─ disse Emma. — Mas era uma aglomeração tão grande que nunca mais te encontrei.

— Parti logo após o nosso encontro, é claro, ─ sussurrou Serafina.

Emma estalou a língua. — Rafe deve ter ficado profundamente magoado por sua exigência de que ele cumprisse sua barganha original. Se ele estivera tentando declarar seu amor, essa rejeição deve tê-lo atingido até o osso.

Serafina se encolheu ao pensar na expressão de dor de Rafe e em sua voz tensa. — Sim, pensei que o tinha machucado e me senti mal. Mas...

Ela se interrompeu, mais uma vez hesitante em compartilhar a última parte de sua história, mesmo com sua melhor amiga. É claro que foi a última parte que a manteve acordada a noite toda e a trouxera aqui a essa hora ímpia.

— Mas o quê? ─ Emma perguntou, seus olhos se arregalando. — O que não está me dizendo?

Ela limpou a garganta e concentrou a atenção em seu colo porque não conseguia olhar para Emma quando falava. — Ele me deixou para chamar a carruagem e eu me separei no terraço tentando recuperar o fôlego, tentando parar de *sentir* qualquer coisa. Pude vê-lo sair da sala e depois voltar, e me perguntei se deveria ir até ele, tentar falar com ele novamente. Eu poderia ter feito, exceto que ele, ele encontrou *outra* companhia.

— Outra companhia?

Serafina assentiu, mas o movimento foi instável. — Ele estava voltando para a sala quando seu irmão se aproximou dele. E uma dama. Pode ser que a conheça, Lady Braehold? Ela é uma viscondessa. O visconde faleceu há um ano ou mais, talvez.

— Acho que posso tê-la visto, ─ disse Emma, seu tom incerto.

— A reconheceria se a visse ─ sussurrou Serafina. — Ela é morena, exótica e simplesmente ... simplesmente linda.

As sobrancelhas de Emma se levantaram. — Entendo.

O pé de Serafina começou a bater embaixo do vestido e ela apertou as mãos no colo. — Sabe como sempre conseguiu perceber o quanto duas pessoas se conhecem quando as vê juntas? E suponho que, à medida que ganho mais, er..., experiência também consigo ver quando duas pessoas estão mais *intimamente* ligadas.

Emma ficou boquiaberta. — Acha que essa mulher e seu marido foram para a cama juntos?

Ela assentiu. — E Crispin quase confirmou quando me acompanhou até a carruagem.

— Por que o irmão de Rafe a levou até a carruagem? ─ Emma perguntou.

Serafina inclinou a cabeça. — Porque meu marido estava muito ocupado.

Emma não respondeu fisicamente ao tom áspero de Serafina. Ela apenas balançou a cabeça antes de continuar: — Então viu Rafe e essa mulher juntos - e simplesmente *saiu*?

Serafina suspirou. — E como deveria agir? Correr até lá e fazer uma reivindicação?

— Essa teria sido uma opção.

— Tinha acabado de dizer ao meu marido que me deixasse ir, e suponho que tenha sido mais fácil para ele do que fingiu que seria. O que mais havia a dizer? Saí para manter os últimos fragmentos de minha dignidade.

— E foi para casa, ─ Emma disse lentamente.

— Fui para casa, ─ repetiu Serafina, cobrindo os olhos com os dedos por um momento. — Fui ao meu quarto, tranquei minhas portas e fingi que ia dormir.

— Mas não dormiu.

— Eu *não pude*! ─ Ela esclareceu. — Tudo o que eu conseguia pensar era no rosto de Rafe no terraço quando ele tentou me dizer sobre seus sentimentos e seu rosto quando estava conversando com *ela*.

— O que aconteceu quando ele voltou para casa? ─ Emma pressionou.

— Eu o ouvi na minha porta uma hora depois e achei que ele poderia bater, mas... mas ele não bateu. Ele ficou do lado de fora por um tempo e depois foi para a cama.

— E esta manhã?

Serafina corou. — Ele ainda estava na cama quando minha criada me

ajudou a me arrumar e vir para cá. Não *pude* encará-lo.

Por um tempo, Emma ficou em silêncio, parecendo refletir sobre tudo o que Serafina havia lhe dito. A cada segundo que passava, o silêncio a deixava louca e, finalmente, ela levantou as mãos.

— Por favor diga-me o que pensa!

Emma suspirou. — Pode não gostar do que penso, Serafina, e hesito em lhe dizer por esse motivo.

Seu coração afundou. — Não, eu vim aqui para aconselhamento e quero, não importa o que seja. Confio que será o mais honesta e o mais gentil possível.

— Passou um mês com esse homem, alegando que não quer ter nada com ele no futuro, ─ começou Emma. — Relutou em seu vínculo físico e eu entendi o porquê. E, de alguma forma, superou essas hesitações e sinto que gosta de estar na cama dele agora.

Ainda era difícil admitir isso para alguém de fora, mas ela assentiu. — Sim.

— Quando essa mudança aconteceu, eu esperava que permitisse o mesmo para o seu coração. Suas dúvidas foram razoáveis a princípio, mas eu orei para que se abrisse. E ainda assim não aconteceu. Se recusa a permitir que esse homem cuide de você, mesmo que ele esteja na sua frente e ofereça algo mais do que jamais poderia ter esperado.

Serafina se mexeu. — Eu não posso.

Emma levantou a mão. — Espere. ─ Com uma careta, Serafina permitiu que a amiga continuasse. — Então, ontem à noite, ele tentou lhe contar seus sentimentos e o afastou, exigindo que ele voltasse à vida antiga como se nunca tivessem se casado. E, no entanto, quando ele faz exatamente o que pediu, fica com ciúme e não consegue dormir.

Serafina quis calar a boca, mas não conseguiu. — Tudo o que diz é verdade, ─ ela sussurrou.

— Claro que sim! ─ Emma riu. Queria que fizesse isso! Então agora tem duas opções. Pode parar de ficar com ciúme e permitir ao seu marido a liberdade que alega que deseja que ele exerça.

— Ou?

— Ou pode ir buscá-lo de volta, ─ Emma disse suavemente. — Se ele quis lhe contar seus sentimentos ontem à noite, eu quase garanto que ele não mudou de ideia em quinze minutos. E desde que ele voltou para sua casa depois de uma hora da última vez em que o viu, isso também implica que ele

não fez nada desagradável com essa mulher, mesmo que compartilhem algum tipo de história antes do seu casamento.

Serafina apertou os lábios. Supôs que isso era verdade. Afinal, ela sabia, por experiência própria, que Rafe era o tipo de homem que tratava sua amante com cuidado, dedicando um tempo para seu prazer.

Ela se encolheu com a ideia de que ele já houvesse feito tanto por Lady Braehold.

— Olhe para você, se corroendo por este homem. ─ Emma sorriu. — Já está perdida, Serafina. Apenas não admitiu ainda. E eu odiaria vê-la jogar fora algo bonito para se proteger. Especialmente porque acho que já descobriu que afastar o amor não faz exatamente os sentimentos mudarem.

Serafina sacudiu a cabeça. — Não tenho sentimentos por ele. Não *posso* ter sentimentos por ele.

O sorriso de Emma se fechou. — Se continuar se dizendo isso, perderá tudo. Espero que não seja tão tola.

Serafina levantou-se e olhou em direção à porta. — Então o que sugere é que eu vá para casa... para a casa dele... para... para a *nossa* casa, e diga a ele o que? Que estou com ciúme e confusa e que sou uma atrapalhada?

— Suponho que isso seria um começo.

Serafina sacudiu a cabeça. — Por que ele tinha que ser *ele*?

A amiga dela riu. — Porque o merece. Agora vá. E conte-me tudo quando terminar.

Serafina mal conseguia respirar quando saiu da casa da amiga e fez a longa viagem de carruagem de volta à casa de Rafe. A cada retumbar estridente dos cascos dos cavalos, seu coração respondia da mesma maneira, e procurava dentro dela uma resposta sobre o que diria a Rafe quando o visse.

Rafe ergueu os olhos de uma folha de contabilidade na qual não estava concentrado o suficiente para ler e forçou um sorriso para o mordomo. — O que foi, Lathem?

O criado olhou para trás. — É sua esposa, Sua Graça. Ela gostaria de lhe falar.

O coração de Rafe prontamente se alojou na garganta. Ele não via Serafina desde a noite anterior. Quando a procurou, disseram-lhe que tinha saído para ver Emma. Sem nem mesmo lhe dizer bom dia. Isso o assombrou por horas. Mas agora ela estava aqui.

Ele deixou escapar um longo suspiro antes de se permitiu falar. — Chame-a. Estou feliz em discutir qualquer coisa que ela queira.

Lathem foi para o corredor e Serafina apareceu ao lado dele na porta. Seu rosto estava pálido e havia sinais escuros sob seus olhos. Bom. Pelo menos ele não foi o único sem dormir na noite anterior.

— Entre, ─ ele insistiu, levantando-se enquanto assentia para Lathem. O mordomo fechou a porta gentilmente atrás de Serafina, e Rafe não pôde deixar de notar o jeito que ela saltou ligeiramente quando o fez.

O que não o deixou confiante sobre o que ela queria lhe dizer.

— Não precisa jamais ser tão formal a ponto de exigir que um criado solicite um encontro comigo. Não nesta casa ─ ele falou apontando para as cadeiras perto da mesa. Ela o ignorou e continuou a atravessar a sala, brincando com um fio solto na manga.

— Eu não tinha certeza de como se sentia depois da nossa conversa na noite passada, ─ ela admitiu. — Então eu pensei que era melhor abordar com cautela, caso não desejasse me ver.

Ele deu a volta na mesa. — Eu sempre vou querer vê-la.

Essas palavras a forçaram a olhá-lo, e sua expressão acendeu uma luz trêmula de esperança dentro dele. Ela ainda hesitava, sim, mas havia algo em seus olhos que nunca havia mostrado a ele antes. Um desejo que ia além do físico, um desejo pela conexão da qual ela sempre se distanciara.

— Serafina, ─ disse ele, dando outro passo em sua direção. — Sobre o que precisa falar comigo?

Ela respirou fundo e depois balançou a cabeça como se quisesse limpá-la. — Poderíamos dar um passeio no parque? O ar me faria bem, eu acho.

Esse pedido foi inesperado e Rafe se inclinou para trás para examinar seu rosto de um ângulo diferente. Ela esperava, expectante, com medo, e ele finalmente assentiu.

— Claro. Será que o que fica ao virar da esquina serve, apesar de não ser tão popular quanto o Hyde Park ou St. James?

Ela assentiu. — Eu não vou para ser vista, Rafe. Vou para falar contigo. Desde que tenha ar e grama, estarei satisfeita.

— Muito bem. ─ Ele a alcançou e ficou feliz quando ela não se encolheu quando a pegou pelo braço.

Atravessaram a casa e saíram pela porta da frente. Ela ficou em silêncio enquanto se moviam pelas ruas, cumprimentando os vizinhos e parando na esquina para deixar passar as carruagens. De fato, ela não disse nada até que

passaram pelos portões do pequeno parque próximo.

Ela suspirou e soltou o braço dele enquanto olhava para o céu. O sol refletia em sua pele de porcelana.

Ela era absoluta perfeição.

— Eu pensei muito sobre a nossa conversa na noite passada, ─ disse ela, finalmente olhando para ele.

Ele lhe mostrou a trilha, e eles caminharam juntos em direção ao centro do parque. Havia poucas pessoas por ali e poderiam conversar abertamente.

— Como eu, ─ ele admitiu. — Suas palavras pesaram em minha mente a noite toda.

Ela mordeu os lábios, chamando a atenção dele. Como ele queria tocá-la. Beijá-la. De alguma forma, marcá-la como dele para que, mesmo que ela fugisse, não pudesse escapar completamente das mudanças que ele havia feito nela.

— Pensou em mim mesmo quando estava com Lady Braehold? ─ Ela perguntou suavemente, seu olhar repentinamente focado no chão.

Rafe esperou um momento para responder porque ficou surpreso com essa pergunta. Ele julgara o irmão um tolo ao tentar provocar o ciúme de Serafina com outra mulher. E, no entanto, ciúme foi exatamente o que ouviu na voz de sua esposa, mesmo depois de tê-lo dispensado no terraço.

— Na verdade, sim ─ ele admitiu. — Mas é óbvio que tem perguntas sobre a dama. Gostaria de me perguntar?

Ela congelou. — Seria indecente.

Ele riu. — O que é um pouco de indecência entre cônjuges?

Ela o olhou, e ele percebeu que ela não tinha certeza se sorria com sua piada ou o encarava pelo mesmo motivo. Ela não fez nenhum dos dois, mas se mexeu desconfortavelmente.

— Eu não... quando foi... ela é...? ─ Ela se interrompeu com um suspiro frustrado. — Crispin disse que eram *'velhos amigos*'. O que isso significa?

Rafe inclinou a cabeça. — Suponho que queira saber se ela é minha amante?

Ela respirou fundo com a resposta direta dele à sua pergunta sinuosa, e suas bochechas brilharam até o vermelho. Ele se odiara um pouco por fazer isso, pois normalmente não falava com uma dama do jeito que estava falando com ela. Mas essas não eram circunstâncias normais. Tudo estava em jogo agora e ele não podia ser tão tolo a ponto de fingir o contrário.

— Sim, ─ ela sussurrou quando ele continuou esperando sua

resposta. — Isso *é* o que eu quero saber.

Ele hesitou. Contar a verdade era um risco, mas ele lhe devia sua honestidade. Esse era o único caminho a seguir, por mais difícil que fosse. Ele se endireitou.

— Ela foi.

O rosto de Serafina saltou na direção dele, e houve um breve momento em que a traição cortou suas feições. Então ela cobriu suas emoções com uma graça praticada há muito tempo que ele realmente admirava. Essa habilidade a ajudou a sobreviver ao primo.

Mas ele não a queria usando com ele.

— Entendo, ─ ela sussurrou.

— Não, não entende, ─ ele disse com um encolher de ombros que descartava qualquer coisa que tivesse compartilhado com a viscondessa, porque isso não significava nada para ele. — Lady Braehold *era* minha amante. Uma vez. Antes de nós nos conhecermos e nos casarmos.

Os olhos dela se estreitaram. — Uma vez?

Ele riu. — É possível, sabe?

— Então por que estava falando com ela ontem à noite? ─ Ela perguntou.

— Porque Crispin nos reintroduziu. Porque seria rude recusar-me a falar com uma dama no meio de um salão de baile, onde outros podiam ver e julgar a nós dois com severidade.

— Não estava interessado em reacender o que compartilhou uma vez? ─ Ela sussurrou.

Ele parou no caminho e se inclinou para ela, ocupando seu espaço de propósito, forçando-a a reagir inclinando-se para trás. — Está dizendo que se importa, milady? Porque pelo que me lembro ontem à noite me disse que não. Que não se *importava*. E que queria cumprir o trato que uma vez fizemos para viver vidas separadas.

Ela apertou as mãos ao lado do corpo, as bochechas mais escuras do que estavam antes e os olhos desfocados. — Vai me fazer dizer isso? ─ Ela finalmente disse, com a voz embargada.

Ele pegou a mão dela e a levou lentamente ao coração. — Deve, Sera. *Deve* dizê-lo agora.

— Eu odiei vê-lo com aquela mulher, sabendo que estava implícito que eram amantes, ─ ela bufou em um suspiro. — Ela era tão linda, Rafe, e

quando os vi, eu apenas...

Ele sorriu e puxou-a contra ele antes de deixar sua boca cair na dela ali no meio do parque. Ela ofegou contra os lábios dele, mas então seus braços o envolveram pelo pescoço e derreteu contra ele, devolvendo o beijo com tanta paixão, calor e desespero quanto ele.

E por mais que desejasse deitá-la e fazer amor com ela com o sol beijando sua pele, isso não era apenas muito imprudente, mas eles estavam longe de terminar de discutir o assunto.

Ele a colocou de lado gentilmente e sorriu para ela. — Me ouça, Serafina. Está me ouvindo, realmente ouvindo?

Ela assentiu.

— Eu nunca mentirei para você. Houve mulheres antes, como Lady Braehold. Mas significaram muito pouco para mim e eu provavelmente signifiquei muito pouco para elas.

Serafina engoliu em seco. — É injusto da minha parte sentir essas coisas, eu sei. Fui eu quem te disse que deveria voltar a sua vida, e sei que a realização disso, em última análise significa alguma outra mulher aquecer sua cama.

Ele balançou sua cabeça. — Não entende? Não tenho intenção de ter nenhuma outra amante, então seu ciúme é em vão. Mas acho que nós precisamos discutir o *por que* de ter sentido ciúme.

Os lábios dela se separaram. — Está certo, ─ ela admitiu, e seus ombros rolaram para frente. — Está certo, Rafe.

— Então me diga, ─ ele insistiu, apontando para um banco que estava rodeado por roseiras que estavam em plena floração.

Ela se sentou e ele tomou o lugar ao seu lado. Por mais que desejasse, ele não a tocou. Por sua hesitação, sabia que ela precisava de seu espaço, seu próprio caminho para chegar à conclusão que ele precisava desesperadamente que ela chegasse.

— Conhece o meu passado, ─ ela começou suavemente. — Provavelmente é o único que conhece a profundidade disso.

— Ainda mais que Emma? ─ Ele perguntou, verdadeiramente surpreso com a admissão.

Ela assentiu. — Eu a poupei de alguns dos piores detalhes, mas a você não.

Ele recuou. O que ela disse significava muito. Isso significava *tudo*. — Se eu ganhei esse tipo de confiança, estou profundamente feliz por isso, ─ ele

disse suavemente.

Ela sorriu para ele, a mão tremulando no colo, como se quisesse tocá-lo, mas não o fez. — Sim, Rafe. Mas deve ver como esse passado me destruiu, não fisicamente, mas de qualquer outra maneira. Sabe por que eu queria que vivêssemos vidas separadas?

— Porque na época em que fizemos o trato, mal nos conhecíamos, ─ disse ele. — Por que não gostaria de se comprometer em uma vida com alguém com quem se casaria três dias após o encontro?

Ela balançou a cabeça. — É claro que isso fazia parte, e que eu querer um pouco de liberdade depois de uma vida de prisão também fazia parte do meu raciocínio. Mas também não queria arriscar uma vida com outra pessoa. Quando uma mulher sente coisas, isso a torna vulnerável. Vi isso, senti isso, aprendi isso. Isso me define mais do que qualquer outra coisa sobre mim.

Ele balançou a cabeça. — Não precisa.

Ela apertou os lábios. — Eu gostaria que isso fosse verdade, mas essas coisas, esses medos, eles já guiam minhas ações contigo.

Ele olhou para ela. — Está me dizendo que se importa comigo?

Ele prendeu a respiração enquanto ela lutava pela resposta, lutava para dizer coisas que ele sabia que a aterrorizavam profundamente. Lutou para superar seu passado e dar a ambos um futuro que ele tanto desejava.

— Rafe, ─ ela sussurrou, virando um pouco para que ela o encarasse. — Eu...

Ela não conseguiu terminar as palavras. De repente, houve o estrondo alto de um rifle vindo de algum lugar distante. Tudo parecia diminuir para metade do tempo quando Serafina gritou.

Rafe pegou sua mão e a arrastou para fora do banco e contornou-o, esperando que a superfície da pedra os protegesse do que estava acontecendo no parque.

— Está machucada? ─ Ele sussurrou enquanto a segurava contra ele na poeira atrás do banco.

Ela balançou a cabeça. — Eu não. Mas Rafe, *você* está sangrando.

Capítulo 22



Serafina mal podia respirar enquanto observava um pequeno círculo de sangue começar a se espalhar rapidamente pelo ombro direito de Rafe.

— Deixe-me ajudá-lo, ─ disse enquanto se inclinava sobre ele.

Ele a puxou de volta. — Não, ─ ele sussurrou. — O banco é tudo o que está nos abrigando. Se levantar, pode muito bem ser um alvo.

Os olhos dela se arregalaram. — Não acha que esse tiro foi um acidente?

Ele balançou a cabeça. — Se estivéssemos na área arborizada, talvez fosse alguém caçando sua ceia onde não deveria estar. Mas no meio do parque? Eu apostaria que *não* foi um acidente.

Seus olhos se encontraram, e ela podia ver que ambos estavam pensando em sua conversa, não muito tempo atrás, sobre todos os acidentes que haviam acontecido com eles. Agora estavam sendo atingidos... e de repente, seus medos foram muito mais fundamentados na verdade.

Os lábios dela se separaram. — Se formos os alvos, quem fez isso provavelmente virá em busca de mais.

Ele assentiu. — Acredito que isso é certo. Alcance minha bota, se puder. Eu carrego uma pistola lá.

Ela olhou para ele, mas não hesitou em fazer o que havia sugerido. De fato, havia uma pistola de bolso delgada e de cano único, escondida ao lado de sua musculosa panturrilha. Ela a removeu e estendeu para ele, mas ele levantou a mão em recusa.

— Segure para sua proteção. Suponho que já tenha disparado uma pistola antes.

Ela balançou a cabeça. — Meu pai disse que, se Cyril quisesse caçar, ele poderia me ensinar a atirar ele mesmo. E não o fez.

— Bem, é inteligente, então pode fazê-lo, ─ disse ele.

Seu coração inchou, mas ela não estava tão certa. — Diga-me como.

— A arma está carregada. Agora puxe totalmente o martelo.

Ela assentiu e fez o que foi mandado.

— Está pronto agora, mas só terá uma chance, então não a desperdice, ─ disse ele enquanto se acalmava. Ela o viu estremecer de dor com o movimento, e seu coração ficou preso.

— Rafe.

— Shhh. Deixe-me olhar. ─ Ele espiou por cima do banco e imediatamente se abaixou. — Não vejo nada, mas quem atirou em nós provavelmente está recarregando sua arma. Eles terão apenas uma chance, assim como você.

— Deveria pegar a arma, ─ ela sussurrou, suas mãos e voz tremendo com a importância do que ele estava pedindo para ela fazer. — É mais provável que você acerte em quem está nos perseguindo.

Ele balançou sua cabeça. — Eu fui atingido no lado direito. ─ Ele fez uma tentativa de girar o braço e grunhiu de dor. — Não, eu atiro com mão direita, Sera. Não sei se conseguiria. Eu dependo de você.

Seus lábios se separaram com essa afirmação. Depender *dela*.

— Então não vou decepcioná-lo, ─ ela murmurou.

Ele segurou o rosto dela com a mão esquerda e sorriu. — Nunca poderia me decepcionar.

— Rafe... ─ ela começou.

— Não que eu não queira ouvir o que tem a dizer, mas quero que me diga quando estivermos seguros. ─ Ele deu um sorriso para ela, apesar da ansiedade em seu olhar. Ele estava tentando ser forte por ela. — Então temos que nos mover.

— Para onde? ─ Ela olhou ao redor do parque. — Estaremos expostos até saímos do caminho e entrarmos naquele bosque de árvores.

Ela apontou para as árvores ao longe, e Rafe balançou a cabeça.

— Isso será um problema. Tenho certeza de que nosso amiguinho está escondido lá. E estamos ficando sem tempo se ele estiver recarregando, então vamos nos levantar e correr. Ele se levantou um pouco para olhar em direção à saída do parque. — Corra em direção ao portão. Em direção à rua.

— Mas...

Ele se levantou e a arrastou de pé. — Corra!

Ela fez o que ele pediu, levantando a ponta da saia e correndo o mais rápido e o máximo que as pernas permitiam. A pistola estava pesada em suas mãos e ela mal conseguia recuperar o fôlego para fazer o que ele havia pedido.

— Socorro! Alguém nos ajude! ─ ela gritou.

Enquanto ela dizia essas palavras, ela espiou por cima do ombro quando eles deixaram o centro do parque. Rafe estava atrás dela alguns passos, com a mão dentro do casaco para estancar a ferida. Ele estava pálido e suado.

Ela diminuiu o passo. — Rafe, ─ ela ofegou.

Ele puxou a mão livre. Estava coberto de sangue escuro e ela ofegou horrorizada. Ele não permitiu que ela dissesse nada. Apenas pressionou a mão nas costas dela e a empurrou.

— Vai!

O portão estava logo à frente deles, e ela correu para a rua tranquila. Ela se virou e recuou. Ali, atrás do pilar da entrada, estava a mãe de Cyril. Ela estava vestida de preto do luto, com um véu formal sobre ela como se fosse uma noiva da morte. Na mão havia um rifle de caça, que ela segurava pelo cano.

Quando Rafe passou pelo portão, ela girou a arma como um taco de críquete e conectou a coronha da arma diretamente com a cabeça dele. Sua carne na testa se partiu com a força do golpe, e o sangue do corte começou a escorrer por seu rosto, seu pescoço e se fundir com o sangue da bala no ombro.

Ele cambaleou, os olhos arregalados quando olhou primeiro para sua tia e depois para Serafina.

— Sinto muito, Serafina. Corra ─ ele gemeu e depois desmoronou na entrada do parque, doentio e quieto.

— Rafe! ─ Serafina gritou e deu um passo à frente.

— Pare ─ disse Hesper, girando o rifle para apontar para Rafe corretamente.

Serafina congelou em seu lugar. Que escolha ela tinha? Hesper poderia disparar seu rifle e, com o cano quase pressionado no crânio dele, estaria morto antes que Serafina pudesse respirar fundo para gritar.

A pistola estava pesando na sua mão, entre as dobras do vestido, e ela olhou para Hesper. A mãe de Cyril tinha visto a arma? Era possível que não tivesse, pois estava claramente mais focada em assassinar Rafe do que Serafina no momento. E quando ela passou correndo, a arma estava do lado esquerdo, longe da mulher que estava agora sobre o marido.

Se ela pudesse distrair Hesper, poderia ter uma chance de salvá-lo.

— Sua Graça, ─ ela falou afundando a arma mais profundamente em sua saia para escondê-la. — Por favor, pare com essa loucura.

— Loucura? ─ Hesper olhou-a pelo canto do olho. — Isso não é

loucura, menina.

Ela não afastou a arma da forma propensa de Rafe, apesar de Serafina distraí-la. E até que Hesper não a afastasse, ela não poderia tirar vantagem de sua própria arma.

Então, como ela a faria parar de mirar em Rafe?

A única maneira era fazer a mãe de Cyril apontar a arma para *ela*. Serafina engoliu em seco e não se moveu para a frente, mas para o lado, de modo a ficar dentro da linha de visão de Hesper. Ela olhou em volta enquanto fazia isso. Ninguém estava na rua no momento, ninguém por perto para ajudá-la.

Então teria que fazer o que Rafe havia dito antes e depender de si mesma. Era a única maneira de salvar os dois.

— Isso não vai lhe render nada, Hesper, ─ Serafina disse suavemente. — Nada vai mudar o que já aconteceu.

— Não, mas esse moleque, essa mancha horrível no nome da minha família, não terá o título do *meu* filho.

Serafina prendeu a respiração, tentando manter a fachada de calma que tinha que apresentar para combater a insanidade de Hesper.

— Isso é verdade, ─ disse ela. — Se matar Rafe hoje, ele não será mais o duque. Mas será enterrado como um duque, provavelmente no jazigo de Hartholm, com o total respeito devido a esse posto.

O rosto de Hesper se contorceu. Claramente, esse esquema dela podia ser bem planejado, mas não bem pensado. O que deu a Serafina a esperança de que ela pudesse injetar razão suficiente na situação para que terminasse sem assassinato e destruição adicional.

— Eu não me importo onde eles o enterrarão, ─ disse Hesper, balançando a cabeça. —Contanto que esteja morto e desaparecido.

Serafina se encolheu quando olhou o Rafe brevemente. Ele ainda sangrava o suficiente para que ela temesse que Hesper já tivesse atingido seu desejo. Ele estava perdendo muito sangue e ela não tinha ideia do quão ruim eram seus ferimentos.

Ela queria se jogar contra ele, prestar ajuda e trazê-lo de volta à vida. Mas isso não ajudaria nenhum deles agora.

Tudo o que podia fazer era ser forte. Forte como tinha sido durante os anos de tormento com Cyril. Forte como Rafe disse que ela era, disse que ele admirava.

Ela devia isso a ele.

— Muito bem, então meu marido estará morto. Mas seu irmão herdará o título dele, então a linha Flynn continuará levando o ducado de Cyril no futuro.

Os lábios de Hesper se apertaram. — Sim, um pensamento preocupante. O irmão mais novo é tão ruim quanto o mais velho. Talvez eu tenha que vê-lo morto também.

— Mas eles são os últimos a herdar. ─ Serafina sacudiu a cabeça. — Se eles se forem sem herdeiros entre eles, o título reverterá para a coroa. Vai morrer com eles.

— Graças a Deus, ─ disse Hesper com um sorriso.

Era uma expressão quase angelical, como se o pensamento lhe desse um enorme prazer que não poderia ser totalmente expresso com palavras. Era um olhar assustador, pois revelava o quão longe a mãe de Cyril estava. Como ela não podia ser trazida de volta desse plano que possivelmente formulou quando seu filho morreu e ficou claro que Rafe herdaria.

— A senhora fez essas coisas, ─ ela sussurrou.

Hesper inclinou a cabeça. — Coisas? Suponho que esteja falando de todos os *'acidentes'* que sofreram desde que conheceu seu marido?

Serafina assentiu. O sorriso da viúva se alargou e Serafina soube a resposta.

Hesper tinha assegurado que os cavalos de Rafe enlouquecessem em seu primeiro passeio juntos. Ela providenciou a carruagem que quase o atropelou. Planejara o incêndio na cozinha dele. A necessidade dessa louca de destruir o que não podia ter, como uma criança petulante, quase matara os dois.

Agora, deixava Rafe amontoado na calçada.

Serafina sempre foi boa em controlar suas emoções. Era algo que se forçara a fazer ao longo dos anos. E, no entanto, agora um conjunto de sentimentos se apossou dela que não pode controlar. Ela ficou *furiosa* ao encarar Hesper.

E se conseguisse que aquela maldita mulher apontasse a arma para ela, ao invés de Rafe, teria uma chance de acabar com isso. E também a chance de dizer tudo o que sempre quis dizer a Hesper, a Cyril, a seu pai...

— Graças a Deus? ─ Ela forçou um sorriso. — Talvez. Exceto que, se Rafe morrer com um herdeiro, seu plano será muito mais complicado. Afinal, teria que matar Rafe, Crispin, a mim e meu filho.

Os olhos de Hesper se arregalaram. — Está grávida? *O* filho *dele*?

Serafina engoliu em seco. Embora ela e Rafe tivessem feito amor tantas vezes que não podia contá-las, não tinha indicação de que tinha um filho crescendo dentro dela. Mas a ideia dessa criança, formada na paixão e no amor que sentia por Rafe, tinha um poder que era impressionante.

Amor. Nesse momento, ela soube que isso era verdade. Amava o homem caído no chão. Ela o amava completamente.

E faria *qualquer coisa* para salvá-lo e construir com ele, a vida que havia lhe oferecido - e ela tentara estupidamente afastar.

Ela deslizou a mão que não continha a pistola escondida sobre a barriga e sorriu para Hesper. — Terá que esperar e ver, se acabar com Rafe. Quanto tempo leva para recarregar a arma? Tempo suficiente para eu escapar.

As mãos de Hesper tremiam e Serafina mal conseguia respirar. Se o dedo dela apertasse o gatilho, Rafe desapareceria em um instante e tudo isso teria sido para nada.

— Vou encontrá-la. Encontrarei o irmão dele ─ disse Hesper, quase com um grunhido feroz.

Serafina sacudiu a cabeça. — Mas eu sei a verdade. Eu sei que estará atrás de todos nós. As precauções que nossa família tomará para proteger o filho de meu marido serão ilimitadas. E *a senhora* provavelmente será presa e colocada em Bedlam depois disso.

— Então contratarei alguém ─ disse a mãe de Cyril, mas seu tom estava se tornando menos certo.

Serafina sacudiu a cabeça. — Certamente a senhora não seria capaz de pagar por isso. Afinal, a razão pela qual Cyril estava se casando comigo era para obter minha herança. Poderia *pagar* pelos assassinatos de todos nós?

Hesper balançou a cabeça. — Está tentando me distrair, mas isso não importa. Este estará morto e será destruído. O resto se seguirá.

Ela colocou a arma com mais força no ombro e Serafina deu um passo à frente.

— Seu filho era um bastardo! ─ Ela gritou. — Um idiota abusivo, e eu comemorei sua morte. Ele não era metade do homem que Raphael Flynn é.

O resultado de sua acusação foi exatamente como ela esperava. Hesper soltou um som primitivo e gutural e balançou a arma para cima e para longe de Rafe.

— Vou matá-la! ─ Ela gritou.

Quando Hesper começou a apertar o gatilho de seu rifle, Serafina puxou a pistola das dobras da saia e apontou para o peito da mulher.

Ela ouviu a enorme explosão de ambas as armas disparando a tempo e fechou os olhos com força. Ela se preparou para ser atingida pelo calor e pela dor da bola redonda que rasgaria sua carne e encurtaria seu futuro sem piedade.

Mas não houve nada. Ouviu o som de um ricochete na parede atrás dela. Lentamente, abriu os olhos.

Hesper estava deitada de costas, olhos abertos e vidrados. A bala de Serafina a atingiu diretamente no peito. O rifle estava ao seu lado, fumegando por ter sido disparado. Mas a razão pela qual o projétil não a atingiu foi que a mão de Rafe estava firmemente enrolada no tornozelo da outra mulher. Ele a havia desequilibrado quando ela atirou e a fez disparar loucamente.

Ele levantou a cabeça. Seu rosto estava uma bagunça de sangue seco e pálido quando a olhou.

— Está machucada? ─ Ele perguntou, seu tom tenso.

— Não, ─ ela ofegou. — Rafe...

— Bom, ─ ele gemeu e depois caiu de volta contra a passarela pavimentada.

— Rafe! ─ Ela repetiu, desta vez em um grito. Caiu de joelhos e lutou para virá-lo de costas. Embalou a cabeça sangrando em seu colo e rasgou a camisa dele para fazer algo para estancar o ferimento no ombro.

Atrás dela, do outro lado da rua, ouviu portas se abrirem, pessoas correndo agora que os tiros haviam terminado.

— Alguém correu para a Guarda após o primeiro tiro, ─ disse um homem enquanto se movia para olhar Hesper e depois para Rafe. — Por que estavam brigando?

Serafina o ignorou enquanto passava a mão pela bochecha de Rafe. — Rafe, eu te amo. Eu te amo. Por favor me ouça. Por favor não me deixe. Eu te amo. Eu não posso te perder. Por favor.

Mas ele não disse nada, não fez nada e não se mexeu nem um centímetro.

Capítulo 23



A sala de estar ao pé da escada estava lotada para dizer o mínimo, mas não era barulhenta. De fato, o silêncio parecia sinistro e antinatural para Serafina. Ela andava pelo cômodo e a cada passo, sentia cinco pares de olhos nela.

Annabelle e a mãe estavam sentadas no sofá, ignorando o chá e o monte de biscoitos que os criados haviam colocado ali como uma espécie de oferenda de consolo e solidariedade. O pai de Serafina estava junto à lareira, alternando entre olhar as chamas e observá-la.

E Crispin estava na porta com o inspetor da guarda, um homem magro e direto chamado Simpson que havia interrogado Serafina sobre a morte da duquesa viúva de Hartholm.

Mal conseguia se lembrar do que dissera ao homem, mas agradeceu ao cunhado incomumente pálido por assumir o dever de lidar com a Guarda e seus representantes.

Por um momento eles falavam muito baixo para ela ouvir, e então o inspetor atravessou a sala até ela.

— Sua Graça, a deixarei agora. Podem haver algumas perguntas mais tarde e terei certeza de chamá-la se surgirem.

Ela olhou para ele, pois demorou muito tempo para que as palavras dele afundassem na névoa de sua preocupação. — Vai me prender, então?

Naquele momento, ela não se importava se seria levada em custódia, mas queria que isso acontecesse depois que soubesse que Rafe, que estava no andar de cima com o médico, sobreviveria a seus ferimentos.

O jovem balançou a cabeça e realmente pareceu surpreso com a pergunta dela. — Não, milady. As declarações daqueles do outro lado do parque que viram a briga de suas janelas, juntamente com a sua explicação, deixam claro: o que aconteceu foi uma autodefesa inevitável. O assunto será encerrado assim que eu arquivar meu relatório.

Ela poderia ter sentido alívio nessa declaração, mas não havia alívio no momento. Não haveria até o médico retornar.

— Espero que seu marido se recupere, Vossa Graça. ─O oficial inclinou o chapéu para ela. — Bom dia.

Ela assentiu, embora mal notando ele se afastar. Virou-se para a janela e olhou o jardim sem vê-lo.

— Serafina?

Ela sacudiu com o toque repentino de uma mão em seu cotovelo e se virou para encontrar o pai ao seu lado. Ela respirou fundo. — Sinto muito pai, mas não consigo enfrentar discussões no momento.

Seus olhos brilharam, como se com culpa. — Não. Não, essa não é minha intenção. Eu queria dizer... dizer que sinto muito.

Ela piscou. — Desculpe?

— Fui eu quem a empurrou em direção a Cyril e a mãe. Eu só queria lhe dar uma vida melhor.

— O senhor queria se dar uma vida melhor.

Ele hesitou, mas não a rebateu como poderia ter feito um dia antes. Ele apenas suspirou. — Sim. Eu queria promover meus próprios desejos. Mas sinto muito que tenha acabado assim.

Ela desviou o olhar para ele. — Acabado? Ainda não acabou.

Ele pegou sua mão e ela olhou para os dedos entrelaçados. Foi a primeira vez que percebeu que seu vestido ainda estava coberto de sangue. O sangue de Rafe.

Ela mal podia respirar enquanto retirava a mão. — Ele *vai viver*, ─ ela disse com firmeza.

O pai dela assentiu. — Tenho certeza de que tem razão.

Ele se afastou dela e agora era Crispin quem se aproximava para tomar seu lugar.

— Deveria mudar de roupa, ─ ele disse suavemente. — Sua criada está pronta para ajudá-la a lavar e...

— Não posso ir me despir, ─ ela sussurrou, — ele pode precisar de mim a qualquer momento.

Crispin inclinou a cabeça quando a olhou. — Ama meu irmão.

Ela assentiu, mas agora as lágrimas caíam de seus olhos. — Acha que ele sabe? Acha que ele me ouviu dizer a ele?

Ele engoliu em seco, e ela viu as lágrimas brilharem nos olhos dele também. — Acredito que sim. Isso daria a ele um motivo para lutar.

Eles se entreolharam, silenciosos em sua dor e apoio, até serem interrompidos pelo som de uma garganta pigarreando na porta. Quando

Serafina viu que era o médico, ela avançou com um grito.

— O que foi? ─ Ela perguntou, tentando ler a expressão dele, mas incapaz.

— Eu costurei sua ferida na cabeça. Quanto ao ombro dele, temos sorte de que a bala atravessou direto e não danificou seus ossos, ─ disse o homem.

— Mas ele vai viver? ─ Ela perguntou, prendendo a respiração.

Ele assentiu. — Sim.

Ela não ouviu mais nada, deixando o resto da família para trás enquanto corria pelas escadas e pelo corredor até o quarto que haviam compartilhado por mais de um mês. A porta estava aberta e ela quase se jogou sobre o criado de Rafe enquanto deslizava para dentro. O criado sorriu fracamente e depois saiu, fechando a porta atrás dele.

Rafe estava apoiado nos travesseiros, com os olhos fechados. Ele não estava mais com suas roupas ensanguentadas, mas de peito nu com o lençol puxado para cobrir seu estômago. Seu ombro estava enfaixado e o braço pressionado contra o peito em uma tipoia.

— Vai ficar aí o dia todo ou virá se sentar comigo? ─ Ele perguntou.

Ela sacudiu com a voz dele, pois o considerava ainda inconsciente. Mas o som era como música para seus ouvidos, e correu em sua direção quando ele abriu os olhos azuis e sorriu para ela.

O sorriso murchou quando ele viu seu vestido. — Se machucou? ─ Ele perguntou, sentando-se e depois estremecendo.

Ela tocou a mão dele e o incentivou a voltar. — Não, não, o sangue é seu. Eu não queria ir me trocar com medo de que o médico tivesse notícias antes de eu terminar e não conseguiria... para...

Ela parou quando as lágrimas que estava segurando começaram a escorrer pelo rosto.

Ele a puxou para a cama ao lado dele e passou o braço bom em volta dela. — Shhh, shhh, amor. Estou bem. Eu estarei bem. Embora talvez um pouco marcado.

Ela olhou para os pontos na cabeça dele com uma careta. — Ouvi que algumas mulheres acham cicatrizes charmosas, ─ ela conseguiu brincar.

Ele sorriu. — Você?

— Em você? Definitivamente. ─ Ela não podia acreditar que estava rindo com ele quando os dois quase foram assassinados poucas horas antes.

— Então vou usá-la com orgulho, ─ disse ele. Depois de um momento, seu riso desapareceu. — Salvou minha vida. Dizendo à minha tia o quanto

realmente odiava o filho dela.

Ela assentiu. — Pelo menos tinha que compartilhar esse fato antes que ela deixasse esta terra. E isso a fez desviar a arma de você. Mas também me salvou. Agarrar seu tornozelo a fez falhar.

Ele acariciou sua bochecha. — Disse algo mais para ela também, Serafina. Mesmo através do meu nevoeiro, eu ouvi. Disse que estava grávida. Isso é verdade?

Ela olhou para ele e mais uma vez foi atingida por uma pontada de desejo de transformar o que havia sido uma mentira em uma verdade absoluta.

— Não, ─ ela sussurrou. — Pelo menos, não que eu saiba. Eu só queria que ela desviasse seu ódio para mim. Eu teria dito ou feito *qualquer coisa* para salvá-lo.

— Incluindo se sacrificar, ─ disse ele, com o rosto franzido. — Mesmo que eu tenha dito para que fugisse.

— Teria fugido e me deixado se nossos papéis fossem invertidos?

Ele sorriu. — Não. Mas nós somos diferentes, sabe. Eu a amo, Serafina, e por você eu morreria.

— Quase fez isso, ─ disse ela com um calafrio. — Mas não somos tão diferentes.

Ela o sentiu tenso contra ela, embora o movimento suave da mão dele sobre sua bochecha não tenha mudado. — Não somos? ─ Ele perguntou, sua voz tensa de esperança e medo.

Ela se sentou e o olhou diretamente. — Está dizendo que não ouviu o que eu lhe disse depois que desmaiou pela segunda vez?

Ele balançou sua cabeça. — Foi apenas escuridão depois que eu soube que estava segura.

Ela se inclinou, quase o beijando, mas não completamente. Sustentou seu olhar solidamente enquanto dizia: — Eu implorei para que não me deixasse, Rafe. Eu disse que te amava.

Ele inclinou a cabeça, aproximando-se ainda mais dela. Ela sentiu a respiração dele em sua pele, sentiu seu calor e sua vida. Por estar tão perto de perdê-lo, ela se deleitou em sua proximidade.

— Estava falando a sério? ─ Ele murmurou.

Ela segurou as bochechas dele gentilmente e encontrou seus olhos. — Eu quis dizer cada palavra, Raphael Flynn. Te amo com todo meu coração, e isso me emociona e me assusta. Mas já que quase o perdi, não suporto pensar

em perdê-lo de novo. Prefiro lhe entregar meu coração e espero que o mantenha seguro a resistir ao que já me ofereceu e vivermos afastados.

Seu olhar se iluminou, cheio do amor que ele já havia declarado e com a promessa de tudo o que ela uma vez desejara e pensara que poderia viver sem. Viu nos olhos dele os filhos que teriam, a casa que formariam, os risos que compartilhariam, a paixão que os atormentaria nos próximos anos, décadas. Viu tudo, e ela não podia mais resistir a se inclinar para o beijo com o qual ambos se provocavam.

O braço bom dele a envolveu, abraçando-a enquanto suas bocas se enredavam em uma união desesperada que falava de medo, desespero e amor, sempre amor.

Quando se separaram, ela sorriu enquanto traçava as linhas do rosto dele com as pontas dos dedos mais uma vez.

— Bem, isso está resolvido, ─ disse ela.

Ele riu. — O que está resolvido?

— Nós nos amamos e seremos felizes juntos - espero que nesta casa, e não na casa ducal - pelo resto de nossos dias.

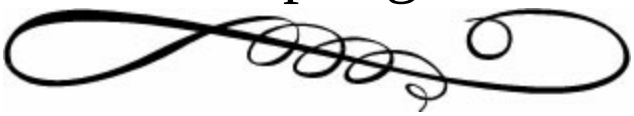
Ele se recostou nos travesseiros com um grande suspiro. — Sim, isso está resolvido.

— Então provavelmente devemos permitir que sua família entre. Eu sei que eles ficaram tão aterrorizados quanto eu, enquanto esperávamos o médico. Não tenho dúvida de que estão amontoados sobre a sua porta esperando a vez deles de verem que está inteiro e ileso.

Ele a pegou pelo cotovelo e a puxou pelo corpo. Seus dedos entrelaçaram nos cabelos dela e, pouco antes de beijá-la novamente, ele sussurrou: — Deixe-os esperar um pouco mais, Sera. Deixe-os esperar.

E ele a beijou.

Epílogo



Seis meses depois

Rafe entrou na sala e sorriu ao ver Serafina lendo no sofá com os pés dobrados sob ela. Toda vez que entrava e tinha essa visão, emocionava-se além da razão.

Ela olhou para cima com o sorriso que iluminava sua vida diariamente e se moveu para se levantar, mas ele foi até ela e sentou-se para mantê-la em seu lugar.

— *Deve* ficar descansando, ─ ele disse com um olhar divertido e severo enquanto colocava a mão sobre o ligeiro inchaço de sua barriga.

Aos quatro meses, ela apenas começara a mostrar sua condição, e agora que ele podia ver a verdadeira evidência do bebê dentro dela, queria adorá-la de uma forma que fizesse o seu velho e atrevido eu, revirar os olhos.

Ela sorriu quando ele roçou um breve beijo em seus lábios. — Estou bem. Se preocupa como uma mamãe galinha.

Ele riu. — Te mostrarei que eu não sou nada como uma mamãe galinha.

— O Galo desse galinheiro é mais parecido, ─ disse ela, rindo.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Moça atrevida.

— Então, por que sua irmã queria vê-lo?

Ele se inclinou para a frente, serviu um pouco de chá e pegou um biscoito do prato dela. Ela arqueou uma sobrancelha para ele, mas não disse nada quando ele engoliu metade em uma mordida. — Annabelle anunciou que gostaria de uma temporada.

— Uma temporada, tipo, conosco como acompanhantes? ─ Ela perguntou, piscando em descrença para ele.

Ele riu. — *Comigo* como acompanhante. Você estará redonda e pronta para o parto até lá.

— Não tenho certeza de que ela obterá muita ajuda de nenhum de nós, ─ disse Serafina. — A *sociedade* ainda vibra sobre o ataque e a morte subsequente de sua tia. Somos um escândalo de proporções épicas.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Verdade ou não, isso não diminuiu os convites que recebemos. Annabelle sabe por experiência que essa família tende a viver em constante estado de notoriedade, então suponho que ela acredite que quanto antes, melhor - antes que Crispin decida declarar publicamente seu amor por um cavalo ou que mamãe comece a andar nas pranchas.

— Eu acho que sua mãe seria uma ótima atriz, ─ brincou Serafina.

Ele sorriu de novo. Os últimos seis meses juntos pareceram acalmar todos os seus medos. E estava mais apaixonado por ela do que jamais estivera. Um fato que pôs em prática colocando o prato de lado e aproximando a si mesmo sobre ela.

Ela o abraçou sem hesitar e sorriu para ele. Ele viu o olhar dela permanecer na cicatriz na testa, mas não estremecia mais como havia feito tantas semanas depois do ataque que quase matara os dois.

— E você? ─ Ele sussurrou.

— Como atriz? ─ Ela brincou baixinho. — Oh não, nunca mais precisarei fingir, Sua Graça. Meus sentimentos são perfeitamente verdadeiros.

— E eles são? ─ Ele pressionou.

Ela o puxou, cada vez mais perto, até que seus lábios roçaram os dele. — Que eu te amo mais do que tudo. E gostaria de mostrar o quanto neste exato momento.

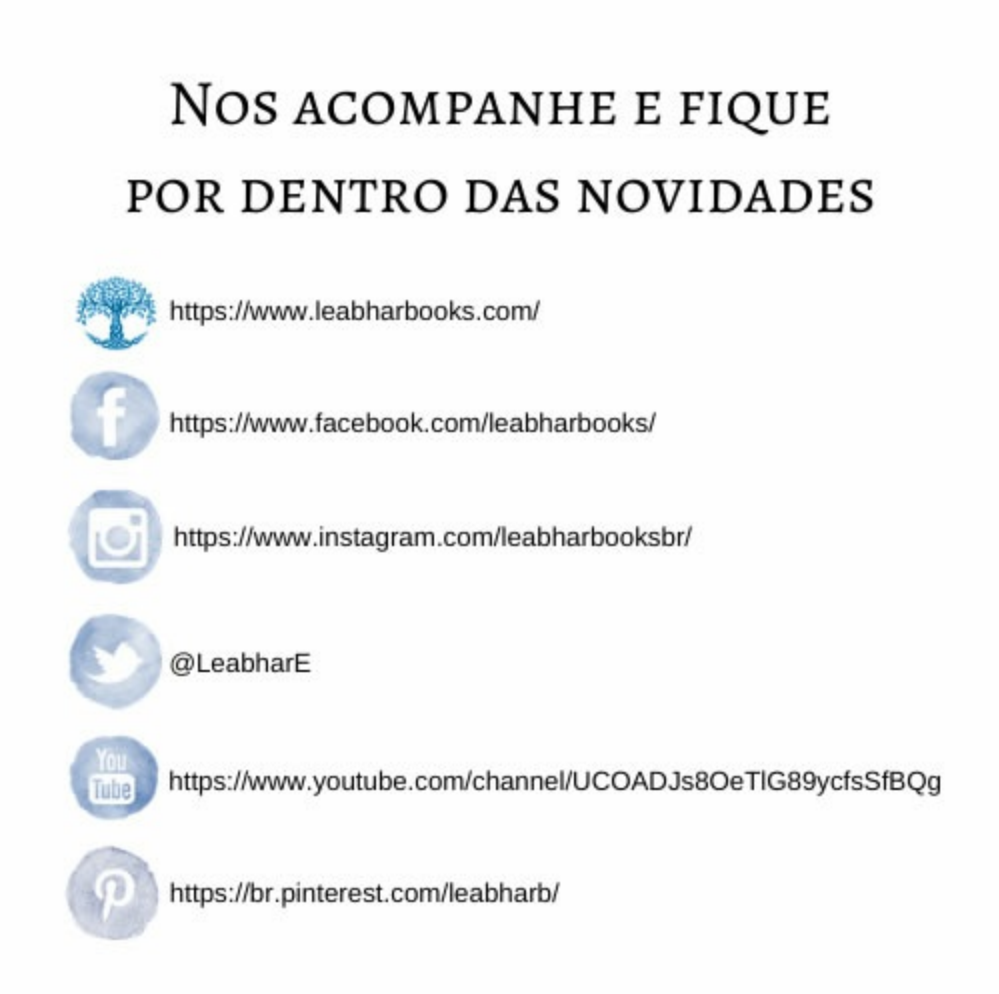
Ele não disse mais nada. Não exigiu mais nada. Simplesmente se derreteu em seu beijo e mostrou a ela o quanto seu amor era apreciado e recíproco.

Sobre a Autora

A autora best-seller do USA Today, Jess Michaels, gosta de coisas nerds, Vanilla Coke Zero, qualquer coisa de coco, queijo, gatos fofos, gatos macios, gatos, muitos gatos, muitos cães e pessoas que se preocupem com o bem-estar de seus semelhantes. Ela teve a sorte de se casar com sua pessoa favorita no mundo e viver no coração de Dallas, TX, onde está tentando comer toda a comida incrível da cidade.

Quando ela não está obsessivamente checando seus passos no Fitbit ou experimentando novos sabores de iogurte grego, ela escreve romances históricos com machos alfa quentes e mulheres atrevidas que fazem tudo, menos esperar para conseguir o que querem. Ela escreveu para numerosas editoras e agora é quase totalmente independente e ama cada momento (bem, quase todo momento).

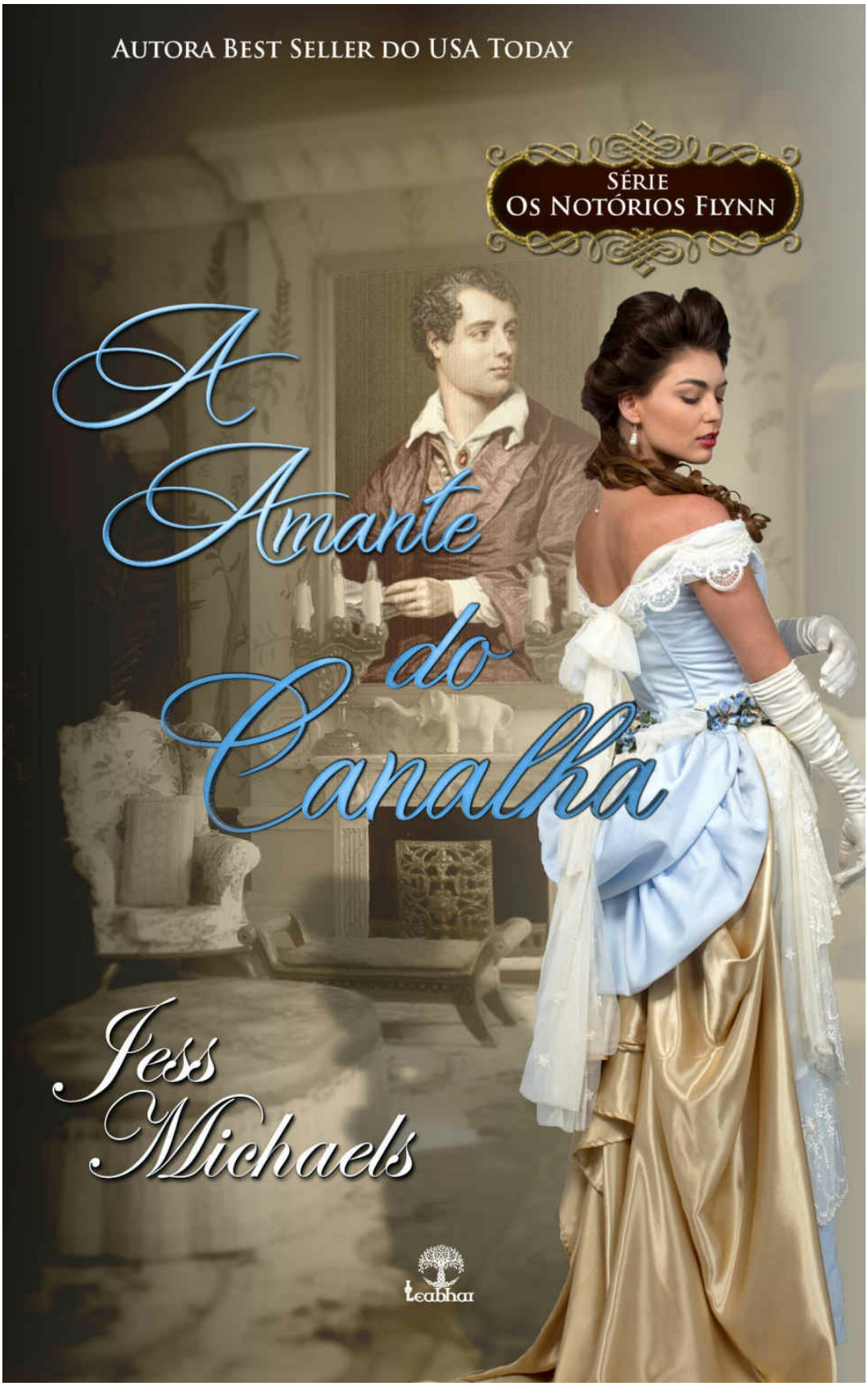
Informações Leabhar Books®



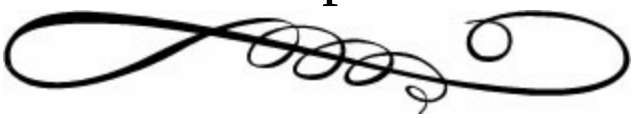
Quer receber marcador de O Outro Duque gratuitamente? Envie o print da compra para o e-mail: leabharbooks@leabharbooks.com.br

Próximo Lançamento da série

Livro 2 de Os Notórios Flynn:


AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY
SÉRIE
OS NOTÓRIOS FLYNN
A Amante do Canalha
Jess Michaels
Leabhar

Capítulo 1



Abril de 1814

A chuva deslizava pela vidraça como lágrimas no rosto de uma mulher e Annabelle Flynn se virou com um estremecimento. Não queria pensar em chorar no momento. Também não queria pensar em desgosto, fracasso ou humilhação. Não na véspera de sua primeira temporada na mais alta sociedade. Em vez disso, ela sorriu para seu irmão Rafe e sua esposa há menos de um ano, Serafina.

Era difícil não sorrir para eles, de pé do outro lado da sala, as cabeças juntas, a mão de seu irmão outrora libertino, descansando protetoramente no volume da barriga grávida de sua esposa enquanto esperavam o filho ou a filha chutar novamente. Eles eram a imagem da felicidade doméstica e do amor verdadeiro e apaixonado.

Coisas que Annabelle não queria, nem esperava, enquanto se preparava para mergulhar nas águas profundas da *ton*.

— Serafina, tem algum conselho para o baile de amanhã? ─ Ela perguntou.

A cunhada corou quando levantou os olhos da barriga. Mas foi o irmão dela que riu.

— Não pergunta para mim? ─ Ele brincou enquanto conseguia se afastar do lado de sua esposa. — O duque? Seu acompanhante?

Annabelle revirou os olhos. — Seu título só é bom para ganhar dinheiro, meu querido irmão. Mas é duque nem há um ano, então o que saberia?

Ele cambaleou para trás, segurando o peito com as duas mãos como se tivesse levado um tiro. Annabelle viu Serafina se encolher um pouco com seu ato lúdico. Seu irmão havia sido baleado há pouco tempo e sua esposa ainda pensava naquele dia, como ela dissera a Annabelle várias vezes.

— Me machucou, ─ ele brincou. Então deu de ombros e caminhou até o aparador para pegar um copo de vinho do porto. — Mas está certa. Minha esposa é certamente a melhor guia que poderá ter.

Serafina se aproximou de Annabelle, pegando suas mãos

suavemente. Annabelle sorriu. Se apaixonara profundamente pela esposa de Rafe ao longo dos meses. Elas se tornaram amigas e irmãs de coração, assim como pelo casamento. Foi uma sorte, sem dúvida, pois Annabelle tinha muitas amigas que desprezavam as companheiras de seus irmãos.

— Nós duas examinamos as regras e expectativas muitas vezes desde que anunciou seu interesse em uma temporada, as conhece como a sua própria mão, ─ assegurou Serafina. — Seja essa mesma mulher adorável acima dessas regras e ninguém ousará fazer nada além de adorá-la.

Annabelle manteve um sorriso estampado no rosto, mas dentro de seu coração afundou. Ser ela mesma. Ah não. Essa era a última coisa que ela seria. A última coisa que ela mostraria a alguém.

Ela mesma era uma criatura muito perigosa. Era melhor mantê-la escondida.

— Eu gostaria que você pudesse estar lá, ─ ela suspirou.

Serafina tocou sua barriga novamente. — Estou mostrando demais senão eu iria. ─ Ela sorriu para Rafe. — Mas o seu irmão foi constantemente lembrado por se comportar bem. E você se tornou amiga de Lady Georgina. Ela não vai enganá-la.

Annabelle assentiu. Ela conhecera Georgina em uma das reuniões de Serafina há alguns meses. Embora alguns anos mais nova que Annabelle, a filha do marquês de Willowbath era bem versada em tudo que era da sociedade. Tornaram-se uma espécie de amigas.

Então ela não estaria sozinha. Mesmo que às vezes parecesse assim.

Annabelle sacudiu seus pensamentos quando pegou Serafina a observando atentamente. Não seria necessário preocupar a cunhada.

— Mamãe lamentou muito que não pudesse vir comigo esta noite, ─ disse ela como uma maneira de mudar de assunto. — Ela não está dormindo bem e está cansada demais.

O sorriso de Rafe caiu com essa afirmação. — Sim, ela parecia cansada da última vez que a visitamos. O que a mantém acordada?

Annabelle arqueou uma sobrancelha. — Gostaria de arriscar um palpite?

Rafe deixou escapar um longo suspiro. — Crispin?

Ela assentiu devagar. — Os problemas de nosso irmão parecem aumentar a cada dia. Eu nunca o vi tão selvagem.

Serafina baixou a cabeça. — Desde que nos casamos, ele parece afrontar.

Rafe se virou para a esposa e balançou a cabeça. — As decisões de

Crispin são dele, não se responsabilize por elas, meu amor.

— É verdade, ─ Annabelle tentou tranquilizá-la estendendo a mão para apertar a dela. — Nosso irmão está à deriva há algum tempo, seu casamento não mudou isso.

— Apenas ampliou, ─ disse Serafina suavemente.

Rafe deu de ombros. — Ele vai superar isso, sempre superou.

Annabelle ficou tensa. Era o que Rafe vinha dizendo há meses, e ainda assim ela não sentia que Crispin estivesse superando nada.

— Como podemos ajudá-lo? O que devemos fazer? ─ Annabelle perguntou.

Rafe arqueou uma sobrancelha para ela. — Não há nada que possamos fazer. Se Crispin quiser se arruinar, tudo o que podemos fazer é esperar que ele volte a si.

Ele se afastou e os ombros de Annabelle rolaram para frente. Ela já conversara com Rafe, Serafina e sua mãe várias vezes para saber que o irmão não mudaria de ideia. Rafe sempre esteve tão próximo de Crispin que Annabelle temia que ele estivesse cego para a verdade.

Que o irmão deles estava fora de controle, em detrimento dele, mas também potencialmente por ela. A frágil incursão de sua família na aceitação social foi baseada no novo título de Rafe, herdado no ano anterior de seu primo podre.

Mas a chance de Annabelle em ter um bom partido e um futuro calmo e comum dependia tanto de comportamento quanto de posição. Seus dois irmãos haviam posto em perigo sua posição antes e Crispin poderia fazê-lo novamente se suas palhaçadas ficassem fora de controle.

Ela não queria ver nenhum deles ferido por seus problemas atuais.

Serafina passou um braço em volta dela e a puxou de volta ao presente.

— Vai ficar conosco esta noite?

Annabelle sorriu. Tornou-se uma ocorrência comum para ela dormir na casa de Rafe e Serafina, conversando metade da noite e desfrutando de longas manhãs ao lado de Serafina.

— É claro, ─ ela disse com um sorriso. — Ouvi Rafe falar que terminaram agora com o berçário.

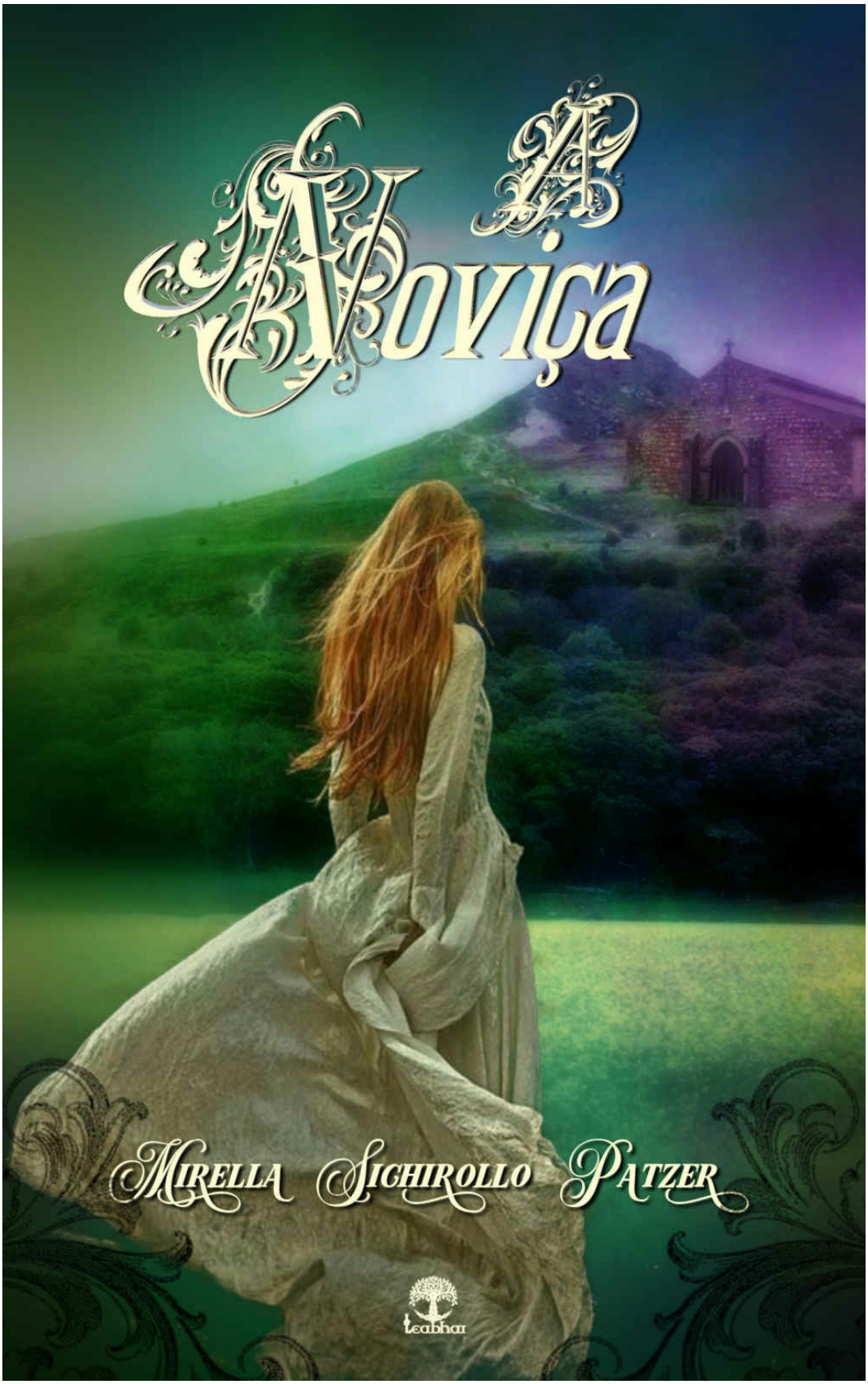
O rosto de Serafina se iluminou e sua beleza, que sempre esteve no nível mais alto, era quase demais para se olhar. — Nós terminamos.

— Bem, eu adoraria vê-lo, ─ disse Annabelle enquanto pegava o braço da cunhada e a abraçava.

— Venha então, ─ disse Serafina enquanto a conduzia da sala com Rafe atrás delas. — Eu adoraria sua opinião sobre as cores.

Mas, quando Annabelle sorriu e acenou com a cabeça para as alegres descrições de Serafina do futuro quarto de seu futuro filho, ela não pôde deixar de ter seus pensamentos vagando de novo. E novamente eles pousaram em medos profundos e constantes de que sua estreia na temporada seria apenas um fracasso e seu futuro seria destruído com uma ampla pincelada...

Conheça outros Títulos


A Noviça
Mirella Sichirollo Patzer
Teabhar

Mirella Sichirollo Patzer
9786580754021
Adquira Aqui

Uma mulher prestes a fazer seus votos religiosos.
Uma fuga desesperada de um massacre assassino.
Um homem vem em seu socorro.
Outro se torna seu inimigo e captor.
E uma busca mortal para se reunir com seu único amor verdadeiro.

No século X em Nápoles, os sarracenos correm desenfreados, aniquilando aldeias, assassinando mulheres e crianças. Morte e desespero estão por toda parte. Sozinha no mundo, Sara é uma jovem noviça atormentada com dúvidas sobre os votos finais para se tornar freira. Quando seu convento é atacado, ela foge para salvar sua vida caindo direto nos braços de um grupo de sarracenos que a deixam para morrer sozinha na floresta.

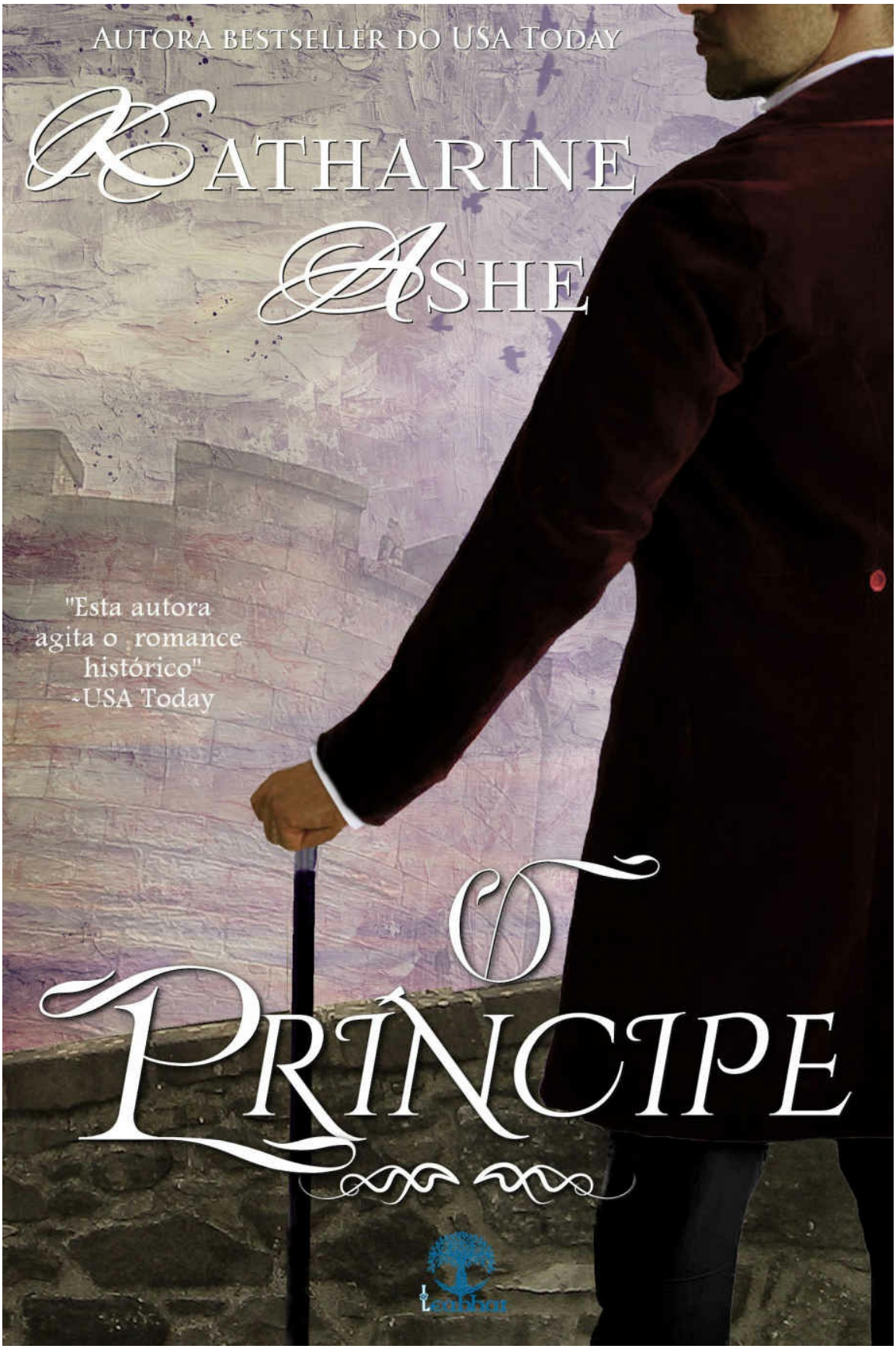
Um Cavaleiro honorável chamado Nicolo vem em seu socorro e se oferece para levá-la em segurança para Nápoles. Enquanto viajam juntos, são irresistivelmente atraídos um pelo outro. Acreditando que Sara é freira, o honorável Nicolo está dividido entre o amor e o dever de respeitar seus votos. Desolado, ele faz o que a honra exige e a liberta antes que ela possa lhe dizer a verdade, de que ela não é freira.

Em sua busca de se reunir com Nicolo, ela encontra Umberto, um homem sombrio e perigoso que tem obsessão por possuí-la. Com seu intelecto afiado e seu coração, Sara deve confiar em sua própria coragem e força para escapar de seu agressor e encontrar o único homem que ela amará.

Uma história que brilha com intensidade, intriga e paixão.

Da autora do romance Órfã da Oliveira, grande sucesso internacional e nosso futuro lançamento

Adquira Aqui


AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY
KATHARINE ASHE
"Esta autora agita o romance histórico"
-USA Today
O PRÍNCIPE

Katharine Ashe
9786580754014

Adquira aqui

A tentação de seus lábios...

Libby Shaw se recusa a aceitar os ditames da sociedade.

Ela está determinada a se tornar um membro do Royal College de Cirurgiões – uma Academia exclusivamente masculina de Edimburgo.

Disfarçando-se de homem, ela frequenta a sala de cirurgia e engana a todos - exceto o homem que nunca esqueceu a forma de seus lábios deliciosamente sensuais.

...fará um príncipe dizer sim a todos os seus desejos.

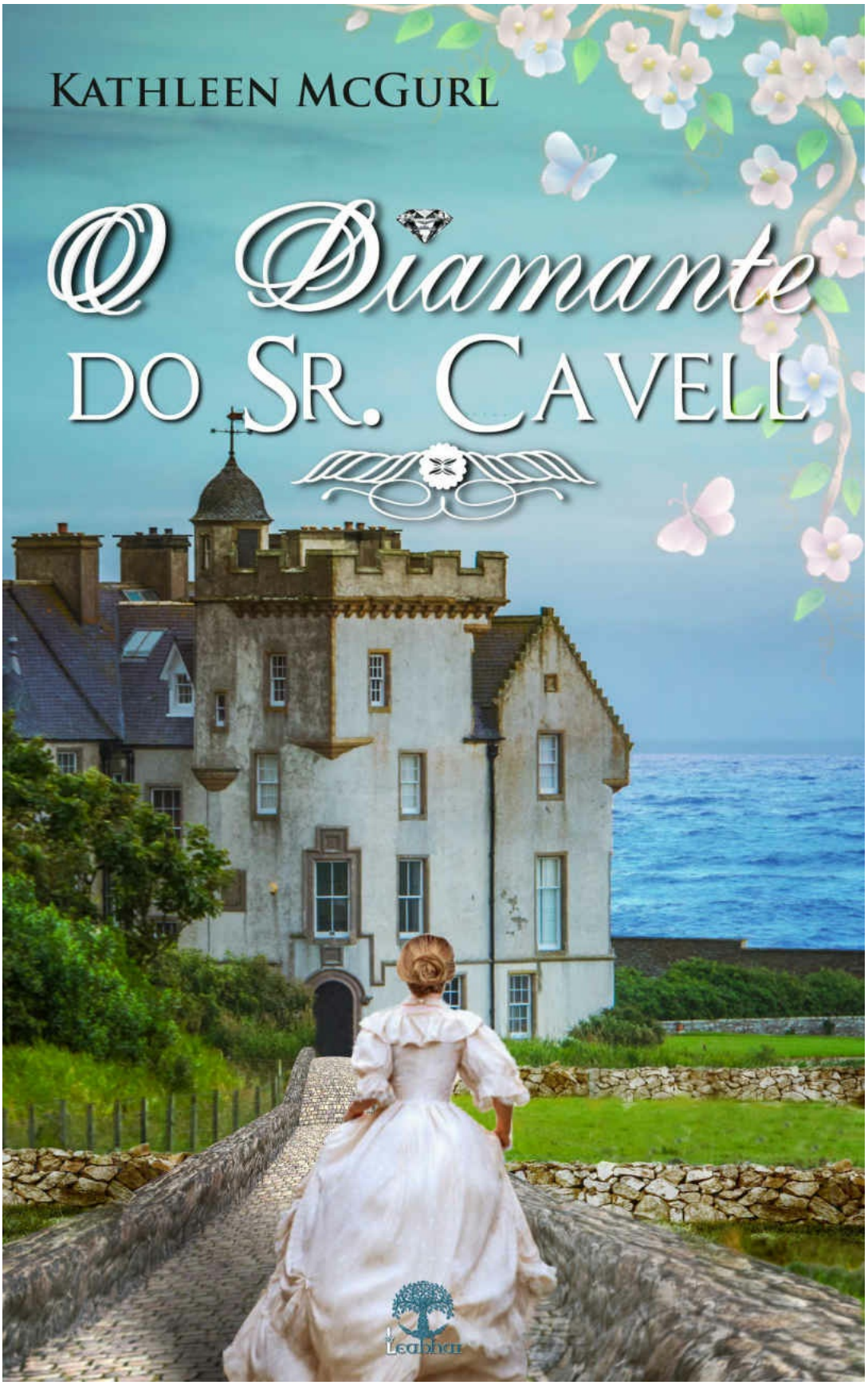
Forçado a deixar sua casa quando menino, o famoso retratista Ziyaeddin é secretamente o príncipe exilado de um reino distante.

Desde que conheceu Libby, memorizou todos os detalhes de seu rosto e desenhou-a. Mas seus lábios perfeitos deram trabalho a ele - aqueles mesmos lábios que agora deseja beijar.

Quando Libby pede sua ajuda para esconder sua identidade feminina do mundo, Ziyaeddin concorda com uma condição: Deveria posar para que ele a pintasse - como uma mulher.

Mas esse esquema ousado poderia fazer com que ambos fossem arremessados ao perigo... e a um amor inigualável.

Adquira aqui


KATHLEEN MCGURL
O Diamante
DO SR. CAVELL
Leabhar

Kathleen McGurl
9876580754007

Adquira aqui

1829

O belo e bem-sucedido Henry Cavell, acaba de retornar à Inglaterra depois de servir ao exército na Índia, se instala na cidade de Worthing, em frente ao mar. Ele está de posse de um grande diamante, dado a ele na Índia, que promete dar à mulher que ama - quando encontrá-la.

Jemima Brown, uma jovem de dezesseis anos e de bom coração, passa a trabalhar para ele como criada de serviços gerais. Quando o Sr. Cavell a defende das atenções indesejadas de alguns trabalhadores que prestavam serviços em sua casa, percebe imediatamente o quanto ele é íntegro e respeitável.

Mas foi Caroline Simpson, filha de um desses trabalhadores de Henry, quem chamou a atenção dele. Podia ser socialmente inferior, mas era bonita, sabia flertar e como usar seus encantos. Ela manipula Henry para que se case com ela, e apenas a fiel Jemima sabe que ele fora enganado.

Como Jemima poderia lutar contra seus sentimentos crescentes pelo Sr. Cavell, manter sua moral e permanecer no emprego, apesar do comportamento cada vez mais errático de sua patroa?

Adquira aqui